

A Saga Otori



CHRONICLES

LIAN HEARN

Em sua fortaleza de muralhas escuras, o senhor e assassino Iida Sadamu observa seu famoso piso-rouxinol. Construído com grande perícia, esse piso canta a cada passo de quem tente atravessá-lo. Nenhum ser humano consegue passar por ele sem ser ouvido.

Mas, num remoto povoado das montanhas, na parte alta das terras vastas e antigas dos Três Países, mora um menino fora do comum. Ele ainda está por descobrir sua verdadeira identidade e o grande mistério que lhe confere o poder de destruir as ambições assassinas de Iida.

Criado entre os Ocultos, povo isolado e voltado para o desenvolvimento da mente, Takeo conhece apenas os caminhos da paz. No entanto, ele tem os dons sobrenaturais da Tribo — uma audição extraordinária, a capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo, o poder de se tornar invisível.

Quando sua vida é salva pelo misterioso Senhor Otori Shigeru, Takeo inicia a jornada que o levará ao encontro de seu destino, no interior das muralhas de Inuyama. Em seu trajeto ele irá conhecer vingança e traição, honra e lealdade, beleza e magia, além da avassaladora paixão amorosa.

O piso-rouxinol, o primeiro livro da trilogia A saga Otori, é uma história vigorosa, uma extraordinária obra de ficção, de magnitude épica e de brilhante imaginação. O mundo mítico dos Otori é inesquecível.

"Passei sem hesitar, com os pés sabendo onde pisar e com quanta pressão. Os pássaros permaneceram em silêncio. Senti o profundo prazer, em que nada havia de euforia, provocado pela aquisição das habilidades da Tribo. Ouvi uma respiração. Voltei-me e dei com o Senhor Shigeru, que me observava.

— O senhor me ouviu — disse eu, decepcionado.

— Não, eu já estava acordado. Pode fazer de novo?

Por um momento, permaneci agachado onde estava, recolhendo-me para dentro de mim, como se faz na Tribo, deixando tudo escoar de mim, com exceção da minha percepção dos ruídos da noite. Então, voltei a atravessar correndo o piso-rouxinol. Os pássaros continuaram dormindo."



CLĀ
OTORI



CLĀ
MARUYAMA



CLĀ
SEISHUU



CLĀ
SHIRAKAWA



CLĀ
TOHAN

Lian Hearn

A SAGA OTORI

Primeira parte O PISO-ROUXINOL

Martins Fontes

São Paulo 2002

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título

OTORI TRILOGY: ACROSS THE NIGHTINGALE-FLOOR

Por Hodder Headline Australia Pty Limited, Austrália.

Lian Hearn, 2002.

Citação retirada do Manyoshu. vol. 9, nº 1790, de "The Country of the Eight Islands" de Hiroaki Sato e Burton Watson — 1986 Columbia University Press.

Reimpresso com a permissão do editor.

1ª edição *Outubro de 2002*

Tradução *WALDÉA BARCELLOS*

Revisão da tradução e texto final *Monica Stahel*

Revisão gráfica *Luzia Aparecida dos Santos e Renato da Rocha Carlos*

Produção gráfica *Geraldo Alves*

Paginação/Fotolitos *Studio 3 Desenvolvimento Editorial*

Para E

O enredo dos livros que compõem *A saga Otori* transcorre num país imaginário, num período feudal. Não se pretendeu que a ambientação ou a época correspondesse a uma era histórica verídica, embora se encontrem traços de muitos costumes e tradições japonesas, e a paisagem bem como as estações sejam as do Japão. Pisos-rouxinol (*uguisubari*) são invenções reais e eram construídos em torno de várias residências e templos. Os exemplos mais famosos podem ser vistos em Kioto, no Castelo Nijo e em Chion'in. Usei nomes japoneses para lugares, mas esses têm pouca ligação com lugares reais, com exceção de Hagi e Matsue, que estão mais ou menos em sua localização geográfica verdadeira. Quanto às personagens, são todas inventadas, exceto o pintor Sesshu, de quem pareceu impossível fazer uma réplica.

Espero que os puristas me perdoem as liberdades que tomei. Minha única desculpa é que esta é uma obra da imaginação.

LIAN HEARN

天平五年癸酉、遣唐使の船、難波
 を発ちて海に入る時に、親母の、子に
 贈る歌一首 短歌と并せたり

秋萩を妻問ふ度こそ 独子に

子持てりといへ 度見じものわが

独子の草枕 旅に（行けぬ

竹珠を いじに貫き重なり 齋気

本綿取り垂でて 齋ひつゝ わが

思ふ吾子 真幸くありしこそ

万葉集、卷九

一七九の
 七九一



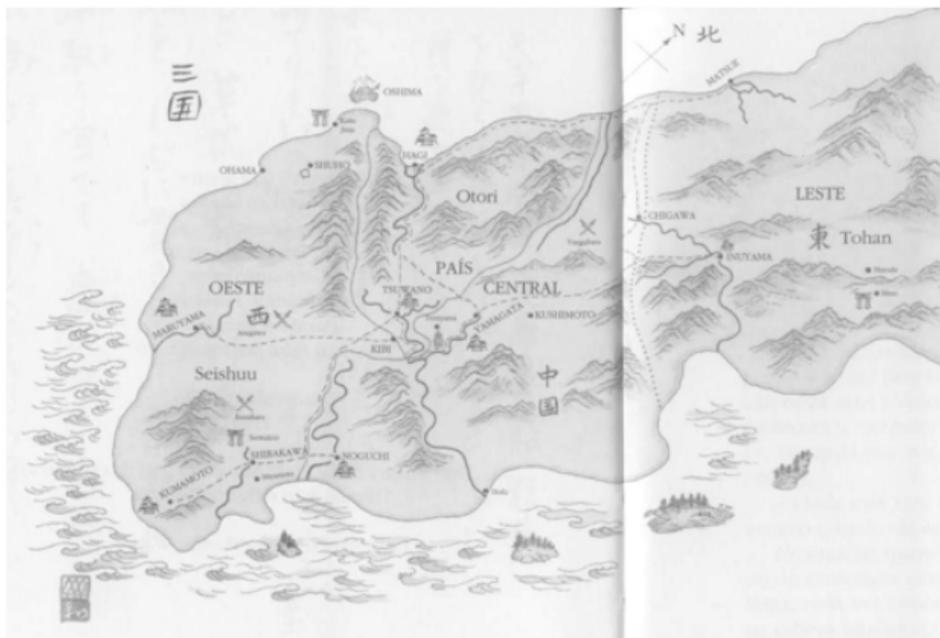
*O cervo que se une
Ao trevo do outono
Dizem
Gera um corço único
E este corço meu
Este menino solitário
Parte em jornada
Tendo a relva por travesseiro*
(Manyoshu vol. 9 N° 1790)

De *The Country of the Eight Islands* [O país das oito ilhas]

Hiroaki Sato e Burton Watson

Trad. para o inglês: Burton Watson

OS TRÊS PAÍSES



———— fronteiras dos feudos

..... fronteiras dos feudos
antes de Yaegabara

----- estrada principal



campos de batalha



cidade fortificada



santuário



templo

1.

Minha mãe costumava ameaçar de me cortar em oito pedaços se eu derrubasse o balde de água ou fingisse não ouvir seus chamados para voltar para casa quando começava a escurecer e o chiado das cigarras aumentava. Eu ouvia sua voz, dura e feroz, ecoando pelo vale isolado.

— Onde está esse desgraçado? Vou despedaçar esse menino quando ele aparecer.

No entanto, quando eu realmente aparecia, enlameado de escorregar morro abaixo, machucado de alguma briga, certa vez com sangue jorrando por um ferimento na cabeça causado por uma pedra (ainda tenho a cicatriz, como uma unha prateada de dedo polegar), encontrava o fogo aceso, o aroma da sopa e os braços da minha mãe, não me despedaçando, mas tentando me abraçar, limpar meu rosto ou ajeitar meu cabelo enquanto eu me contorcía como um lagarto para escapar. Ela era forte, por causa do trabalho duro e interminável, e não era velha. Quando nasci, minha mãe ainda não tinha dezessete anos; e, quando ela me segurava, dava para eu ver que tínhamos a mesma pele, embora sob outros aspectos não fôssemos muito parecidos. Ela tinha as feições largas e plácidas, enquanto as minhas, ao que me diziam (pois não tínhamos espelho no remoto povoado de Mino, nas montanhas), eram mais finas, como as de um falcão. A luta geralmente terminava com a vitória de minha mãe, sendo seu prêmio o abraço do qual eu não conseguia escapar. E sua voz murmurava nos meus ouvidos as palavras da bênção dos Ocultos, enquanto meu padrasto resmungava brandamente que ela me mimava; e as meninas, minhas meias-irmãs, pulavam à nossa volta para compartilhar o abraço e a bênção.

Por isso, eu achava que aquilo era só um jeito de falar. Mino era um lugar tranqüilo, muito afastado para ser atingido pelas violentas batalhas dos clãs. Eu nunca havia imaginado que homens e mulheres pudessem de fato ser cortados em oito pedaços, tendo seus membros fortes, da cor do mel, arrancados das articulações para serem jogados aos cães que aguardavam. Criado entre os Ocultos, com toda a sua mansidão, eu não sabia que os homens faziam esse tipo de coisa uns com os outros.

Fiz quinze anos, e minha mãe começou a perder nossas lutas. Cresci quinze centímetros num ano; e, ao completar dezesseis anos, já estava mais alto que meu padrasto. Ele reclamava com mais frequência: que eu deveria criar juízo, parar de perambular pela montanha como um macaco selvagem, casar com alguém de uma das famílias do povoado. Não me incomodava a idéia de me casar com uma das meninas com quem havia crescido, e naquele verão trabalhei mais ao seu lado, pronto para assumir meu lugar entre os homens do povoado. Mas de quando em quando eu não conseguia resistir à atração da montanha; e, no final do dia, escapulia, passava pelo bambuzal com seus troncos altos e lisos e a luz verde e oblíqua, subia pela trilha rochosa que passava pelo santuário do deus da montanha, onde os moradores do povoado deixavam oferendas de painço e laranjas, e entrava na floresta de bétulas e cedros em que o cuco e o rouxinol chamavam, convidativos, e eu observava raposas e cervos e ouvia o grito melancólico dos milhafres lá no alto.

Naquela noite eu tinha ido até o outro lado da montanha, a um lugar onde cresciam os melhores cogumelos. Trazia um pano cheio deles, os brancos, pequenos como fios, e os escuros, cor-de-laranja, em forma de leques. Imaginava como minha mãe ficaria satisfeita e como os cogumelos abrandariam a repreensão do meu padrasto. Eu já sentia o sabor na minha língua. Enquanto atravessava correndo o bambuzal e saía para os arrozais onde os lírios vermelhos do outono já estavam em flor, tinha a impressão de sentir o cheiro de comida no vento.

Os cachorros do povoado estavam latindo, como costumavam latir no final do dia. O cheiro ficou mais forte e se tornou penetrante. Eu não sentia medo, não naquela hora, mas algum pressentimento fez meu coração começar a bater mais depressa. Havia um incêndio um pouco adiante.

Era comum acontecerem incêndios no povoado: quase tudo o que possuíamos era de madeira ou palha. Mas eu não ouvia nenhum grito, nenhum som dos baldes passando de mão em mão, nada das exclamações e maldições de costume. As cigarras chiavam com a mesma força de sempre; as rãs chamavam lá dos arrozais. Ao longe, trovões reverberavam nas montanhas. O ar estava pesado e úmido.

Eu estava suando, mas o suor começava a esfriar na minha testa. Pulei por cima da vala do último campo em terraço e olhei para baixo, para onde minha casa sempre estivera. A casa desaparecera.

Cheguei mais perto. As labaredas ainda se insinuavam e lambiam as vigas enegrecidas. Não havia sinal da minha mãe ou das minhas irmãs. Tentei chamar, mas minha língua de repente se tornara grande demais para minha boca, e a fumaça me sufocava e me enchia os olhos de água. O povoado inteiro estava em chamas, mas onde estava todo o mundo?

Então começaram os gritos.

Vinham da direção do santuário, em torno do qual a maioria das casas se apinhava. Eram como o som de um cachorro uivando de dor, só que aquele cachorro sabia falar palavras humanas e as berrava em sua agonia. Tive a impressão de reconhecer as preces dos Ocultos, e todos os pêlos se arrepiaram em minha nuca e meus braços. Passando sorrateiro como um fantasma entre as casas que ardiam, fui na direção do som.

O povoado estava deserto. Eu não podia imaginar aonde todos tinham ido. Disse a mim mesmo que haviam fugido: que minha mãe levava minhas irmãs para a segurança da floresta. Iria procurá-las assim que descobrisse quem estava berrando. Mas, quando saí de uma ruela para a rua principal, vi dois homens deitados no chão. Uma chuva suave caía desde o final da tarde, e eles pareciam surpresos, como se não fizessem a menor idéia do motivo pelo qual estavam ali. Nunca mais se levantariam, e não importava que suas roupas estivessem se encharcando.

Um deles era meu padrasto.

Naquele instante, o mundo mudou para mim. Uma espécie de nevoeiro ergueu-se diante dos meus olhos; e, quando se dissipou, nada parecia real. Eu tinha a impressão de ter passado para o outro mundo, aquele mundo paralelo ao nosso, que visitamos nos sonhos. Meu padrasto estava usando sua melhor roupa. O tecido cor de anil escurecera com a chuva e com o sangue. Fiquei com pena pelo estrago: ele tinha tanto orgulho daquela roupa...

Passsei pelos corpos, pelos portões e entrei no santuário. A chuva refrescava meu rosto. Os gritos pararam abruptamente.

No recinto do santuário havia homens que eu não conhecia. Pareciam estar realizando algum ritual para um festival. Tinham panos atados às cabeças, haviam tirado as vestes, e seus braços reluziam com o suor e a chuva. Arquejavam e grunhiam, mostrando os dentes brancos, como se matar desse tanto trabalho quanto recolher a safra de arroz.

Escorria um filete de água da pia na qual lavávamos as mãos e a boca para nos purificarmos ao entrar no santuário. Antes, quando o mundo era normal, alguém devia ter acendido incenso no grande caldeirão. Um último vestígio de seu perfume pairava sobre o pátio, encobrindo o cheiro acre de sangue e morte.

O homem que havia sido esquartejado jazia nas pedras molhadas. Quase não consegui discernir as feições na cabeça decapitada. Era Isao, o líder dos Ocultos. Sua boca ainda estava aberta, imobilizada numa última contorção de dor.

Os assassinos haviam deixado as vestes empilhadas com cuidado junto a uma coluna. Pude ver com nitidez o emblema das três folhas de carvalho. Eram homens do povo Tohan, da capital do clã de Inuyama. Lembrei-me de um viajante que havia passado pelo povoado no final do sétimo mês. Hospedou-se na nossa casa, e, quando minha mãe rezou antes da refeição, ele tentou fazer com que ela se calasse. "Você não sabe que os Tohan odeiam os Ocultos e planejam nos atacar? O Senhor Iida jurou acabar com todos nós", murmurou ele. No dia seguinte, meus pais procuraram Isao para lhe contar aquilo, mas ninguém acreditou. Estávamos longe da capital, e as lutas de poder dos clãs nunca nos disseram respeito. No nosso povoado, os Ocultos moravam lado a lado com todos os outros, tinham a mesma aparência e agiam da mesma forma; a única diferença eram nossas preces. Por que alguém iria querer nos fazer mal? Parecia inimaginável.

E ainda era o que me parecia, enquanto eu permanecia ali, petrificado, junto à pia. A água escorria sem parar, e eu queria pegar um pouco para limpar o sangue do rosto de Isao e fechar sua boca com cuidado, mas não conseguia me mexer. Sabia que a qualquer momento os homens do clã Tohan se virariam, seu olhar cairia sobre mim, e eles me esquartejariam. Não teriam dó nem piedade. Já estavam contaminados pela morte, tinham matado um homem dentro do próprio santuário.

Ao longe, eu ouvia com perfeita nitidez o tamborejar de um cavalo a galope. À medida que os cascos se aproximavam, tive a sensação de lembrança do futuro que às vezes nos vem em sonhos. Eu sabia quem ia ver, emoldurado pelos portões do santuário. Nunca o vira antes, mas minha mãe o descrevera para nós como uma espécie de bicho-papão, para nos forçar a

obedecer pelo medo: *não vão longe na montanha, não brinquem à beira do rio, senão Iida vai pegar vocês!* Reconheci-o de imediato. Iida Sadamu, senhor do clã Tohan.

O cavalo empinou e relinchou, ao sentir o cheiro de sangue. Iida continuava firme, como se fosse feito de ferro. Trajava uma armadura negra, da cabeça aos pés, com o capacete coroadado por chifres. Tinha uma curta barba negra abaixo da boca cruel. Seus olhos brilhavam, como os de um homem na caça ao cervo.

Aqueles olhos brilhantes encontraram os meus. De imediato, eu soube duas coisas a seu respeito: a primeira, que ele não tinha medo de nada entre o céu e a terra; a segunda, que adorava matar por matar. Agora que ele me vira, já não restava esperança.

Ele estava com a espada na mão. O que me salvou foi a relutância do cavalo em passar pelo portão. Ele voltou a recuar, empinando alto. Iida gritou. Os homens que já estavam dentro do santuário se voltaram e me viram, protestando com seu rude sotaque de Tohan. Agarrei o último pedaço de incenso, mal percebendo como ele me queimava a mão, e saí correndo pelos portões. Quando o cavalo avançou em mim, finquei o pedaço de incenso no seu flanco. Ele empinou, com as patas enormes passando velozes junto ao meu rosto. Ouvi o silvo da espada que descia no ar. Tinha consciência dos Tohan em toda a minha volta. Parecia impossível que não me acertassem, mas eu me sentia como que dividido em dois. Vi a espada de Iida cair sobre mim, e mesmo assim ela não me atingiu. Voltei a investir contra o cavalo. Ele resfolegou de dor e deu uma série de coices enlouquecidos. Iida, desequilibrado pelo golpe da espada que de algum modo não havia acertado o alvo, caiu para a frente sobre o pescoço do cavalo e escorregou pesadamente para o chão.

Fui dominado pelo horror, e em seguida pelo pânico. Eu derrubara da sua montaria o senhor dos Tohan. Não haveria limites para a tortura e a dor necessárias para reparar um semelhante ato. Deveria ter me lançado ao chão e pedido a morte. Mas sabia que não queria morrer. Algo se agitava no meu sangue e me dizia que eu não morreria antes de Iida. Eu o veria morrer primeiro.

Eu nada sabia das guerras dos clãs, nada sabia dos seus rígidos códigos e inimizades. Havia passado minha vida inteira entre os Ocultos, que são proibidos de matar e aprendem a perdoar uns aos outros. Mas naquele momento a Vingança me adotou como discípulo. Eu a reconheci imediatamente e aprendi rápido suas lições. Era o que eu desejava, ela me salvaria da sensação de ser um fantasma vivo. Naquele átimo, eu a acolhi no meu coração. Dei um chute no homem mais próximo, acertando-o entre as pernas; finquei os dentes na mão que agarrava meu pulso; safei-me deles e corri na direção da floresta.

Três deles vieram atrás de mim. Eram maiores que eu e corriam mais rápido, mas eu conhecia o terreno, e a noite estava caindo. Caía também a chuva, agora mais pesada, tornando as trilhas íngremes da montanha mais escorregadias e traiçoeiras. Dois dos homens não paravam de gritar por mim, dizendo-me o que adorariam fazer comigo, xingando-me com palavras cujo significado eu apenas adivinhava, mas o terceiro corria em silêncio, e era desse que eu tinha medo. Os outros dois poderiam dar meia-volta dali a algum tempo, retornar para sua bebida fermentada de cereais, ou qualquer que fosse a infusão repugnante com que os

Tohan se embriagavam, e alegar que tinham me perdido na montanha; mas esse outro nunca desistiria. Ele me perseguiria para sempre, até me matar.

Quando a trilha se tornou mais íngreme, perto da cascata, os dois barulhentos ficaram um pouco para trás, mas o terceiro apressou o passo, como faz um animal ao correr morro acima. Passamos pelo santuário. Um pássaro que ciscava o painço levantou vôo com um lampejo de verde e branco nas asas. A trilha fazia uma pequena curva em torno do tronco de um cedro enorme; e, quando eu passava pela árvore com minhas pernas de pedra e a respiração ofegante, alguém surgiu da sombra e bloqueou o caminho diante de mim.

Choquei-me de frente com ele. O homem grunhiu como se eu lhe tivesse tirado o fôlego, mas imediatamente me segurou. Olhou para meu rosto, e vi algo cintilar nos seus olhos: surpresa, reconhecimento. Fosse o que fosse, fez com que ele me segurasse mais forte. Dessa vez, não havia como escapar. Ouvi o homem Tohan parar; depois os passos pesados dos outros dois chegando atrás dele.

— Perdão, senhor — disse, com voz firme, o homem que eu temia. — O senhor capturou o criminoso que estávamos perseguindo. Muito obrigado.

O homem que me segurava fez com que eu me virasse para encarar os que me seguiam. Senti vontade de apelar para ele, de implorar, mas sabia que de nada adiantaria. Eu sentia como o tecido das suas roupas era macio, como suas mãos eram lisas. Sem dúvida era um senhor, exatamente como Iida. Eram todos farinha do mesmo saco. Não faria nada para me ajudar. Continuei calado, pensei nas preces que minha mãe me ensinara, pensei rapidamente no pássaro.

— O que fez esse criminoso? — perguntou o senhor.

O homem diante de mim tinha o rosto comprido como o de um lobo.

— Perdão — disse ele novamente, com menos cortesia. — Isso não é da sua conta. São assuntos apenas de Iida Sadamu e do clã Tohan.

— Hã! — resmungou o cavaleiro. — É mesmo? E quem você pensa que é para me dizer o que é da minha conta e o que não é?

— Basta que o entregue — rosou o homem-lobo, já sem nenhuma cortesia.

No instante em que ele deu um passo adiante, eu soube de repente que o cavaleiro não me entregaria. Com um movimento hábil, ele me passou para suas costas e me soltou. Pela segunda vez na minha vida, ouvi o silvo da espada do guerreiro quando ela ganha vida. O homem-lobo sacou um punhal. Os outros dois tinham bastões. O cavaleiro ergueu a espada com as duas mãos, desviou-se de um dos bastões, decapitou o homem que o segurava, voltou-se contra o homem-lobo e decepcionou-lhe o braço, que ainda segurava o punhal.

Tudo aconteceu num instante, no entanto demorou uma eternidade. Aconteceu quando a luz estava se acabando, no meio da chuva; mas, quando fecho os olhos, ainda vejo todos os detalhes.

O corpo sem cabeça caiu com um baque e um jorro de sangue, enquanto a cabeça rolava pela encosta. O terceiro homem largou o bastão e fugiu correndo, aos gritos de socorro. O homem-lobo estava de joelhos, tentando estancar o sangue do toco de braço à altura do cotovelo. Não gemia nem falava.

O cavalheiro limpou a espada e a pôs de volta na bainha que trazia na cintura.

— Vamos — disse-me ele.

Fiquei ali, trêmulo, sem conseguir me mexer. Aquele homem tinha surgido de lugar nenhum. Matara diante dos meus próprios olhos para salvar minha vida. Joguei-me ao chão diante dele, procurando as palavras para agradecer.

— Levante-se — disse ele. — Os outros estarão em nosso encalço num instante.

— Não posso ir embora — consegui dizer. — Preciso encontrar minha mãe.

— Agora não. Agora está na hora de fugirmos daqui! — ele me puxou para que eu ficasse em pé e começou a me apressar para subir a encosta. — O que aconteceu lá embaixo?

— Queimaram o povoado, e mataram... — a lembrança do meu padrasto voltou-me à cabeça, e não consegui continuar.

— Os Ocultos?

— Sim — murmurei.

— Está acontecendo por todos os cantos do feudo. Iida está instigando o ódio contra eles por toda parte. Imagino que você seja um deles.

— Sou.

Eu tremia. Embora ainda estivéssemos no final do verão e a chuva fosse quente, nunca havia sentido tanto frio.

— Mas não era só por isso que estavam atrás de mim. Derrubei o Senhor Iida do cavalo.

Para meu espanto, o cavalheiro começou a ofegar de tanto rir.

— Teria valido a pena ver a cena! Mas isso representa o dobro de perigo para você. Trata-se de um insulto que ele terá de extirpar. Mesmo assim, agora você está sob minha proteção. Não vou deixar Iida tirá-lo de mim.

— O senhor salvou minha vida — disse eu. — De hoje em diante ela lhe pertence.

Por algum motivo, isso o fez rir de novo.

— Temos uma longa caminhada, e estamos de estômago vazio e roupas molhadas. Precisamos chegar ao outro lado do espinhaço antes do amanhecer, quando eles virão atrás de nós.

Ele partiu veloz, e eu fui correndo atrás, decidido a não deixar que minhas pernas tremessem, a não bater os dentes. Eu nem sequer sabia seu nome, mas queria que ele tivesse orgulho de mim, que nunca se arrependesse de ter salvado minha vida.

— Sou Otori Shigeru — disse ele, quando começamos a escalada. — Do clã Otori, de Hagi. Mas, enquanto estou viajando, não uso esse nome; por isso você também não vai usá-lo.

Hagi era para mim um lugar tão distante quanto a lua. E, embora tivesse ouvido falar dos Otori, nada sabia deles, além de que haviam sido derrotados pelos Tohan numa importante batalha, dez anos antes, na planície de Yaegahara.

— Como você se chama, menino?

— Tomasu.

— Esse é um nome comum entre os Ocultos. Melhor livrar-se dele.

Ficou sem dizer nada por um tempo e então falou rápido, no meio da escuridão:

— Você pode se chamar Takeo.

E assim, entre a cascata e o alto da montanha, perdi meu nome, tornei-me outra pessoa e uni meu destino ao dos Otori.

O alvorecer encontrou-nos, com frio e com fome, no povoado de Hinode, famoso por suas fontes de águas quentes. Nunca na minha vida eu tinha estado tão longe de casa. Tudo o que sabia de Hinode era o que os meninos no meu povoado diziam: que os homens de lá eram vigaristas e as mulheres eram tão quentes quanto as águas quentes, pois se deitavam com quem lhes pagasse o preço de um copo de vinho. Não tive oportunidade de descobrir se isso era verdade. Ninguém ousou enganar o Senhor Otori, e a única mulher que vi foi a do estalajadeiro, que nos serviu a refeição.

Senti vergonha da minha aparência, vestido com aquelas roupas velhas, que minha mãe tinha remendado tantas vezes que era impossível saber qual sua cor original e que, além do mais, estavam imundas, manchadas de sangue. Não me passou pela cabeça que o cavalheiro pudesse estar esperando que eu fosse dormir dentro da estalagem, com ele. Achei que ficaria na estrebaria. Mas pelo jeito ele não queria me deixar muito tempo longe de seus olhos. Pediu que a mulher lavasse minha roupa e me mandou para a fonte de água termal para me esfregar bem. Quando voltei, quase dormindo por efeito da água morna depois da noite

insone, a refeição da manhã tinha sido servida no quarto, e ele já estava comendo. Fez um gesto para que eu o acompanhasse. Ajoelhei-me no chão e disse as preces que sempre dizíamos antes da primeira refeição do dia.

— Isso você já não pode fazer — disse o Senhor Otori, com a boca cheia de arroz e picles. — Nem mesmo quando estiver sozinho. Se quiser viver, terá de se esquecer dessa parte da sua vida. Ela está encerrada para sempre — ele engoliu e pôs mais comida na boca. — Há coisas melhores pelas quais vale a pena morrer.

Imagino que um verdadeiro fiel teria insistido nas preces, apesar de tudo. Perguntei-me se os mortos do meu povoado teriam feito isso. Lembrei-me de seus olhos ao mesmo tempo vazios e surpresos. Parei de fazer as preces. Meu apetite desapareceu.

— Coma — disse o cavaleiro, sem grosseria. — Não quero carregá-lo pelo caminho até Hagi.

Forcei-me a comer um pouco para ele não me desprezar. E então ele me mandou dizer à mulher que fizesse as camas. Senti-me embaraçado em dar ordens a ela, não só por achar que iria rir de mim e me perguntar se eu tinha perdido o uso das mãos, mas também porque alguma coisa estava acontecendo com minha voz. Eu a sentia escoar-se de mim, como se as palavras fossem fracas demais para articular o que meus olhos tinham visto. De todo modo, ao compreender o que eu queria, a mulher me fez uma reverência quase tão profunda quanto a que fizera diante do Senhor Otori e saiu apressada para cumprir as ordens.

O Senhor Otori deitou-se e fechou os olhos. Era como se tivesse adormecido imediatamente.

Achei que eu também iria adormecer logo, mas minha mente não parava de se agitar, abalada e exausta. Minha mão queimada latejava, e eu conseguia ouvir tudo ao meu redor com uma clareza extraordinária e ligeiramente alarmante. Ouvia cada palavra pronunciada nas cozinhas, cada som da cidadezinha. Meus pensamentos voltavam sempre de novo para minha mãe e as meninas. Dizia a mim mesmo que na verdade eu não as tinha visto mortas. Era provável que tivessem fugido. Deviam estar a salvo. Todos no nosso povoado gostavam de minha mãe. Ela não teria escolhido a morte. Embora tivesse nascido entre os Ocultos, não era fanática. Queimava incenso no santuário e levava oferendas ao deus da montanha. Sem dúvida minha mãe, com seu rosto largo, as mãos ásperas e a pele da cor do mel, não estava morta, não jazia em algum lugar a céu aberto, com os olhos argutos vazios e surpresos e as filhas a seu lado!

Meus olhos, por sua vez, não estavam vazios. Estavam vergonhosamente cheios de lágrimas. Enterrei o rosto no colchão e tentei fazer as lágrimas sumirem. Não consegui impedir que meus ombros se sacudissem, nem que minha respiração se transformasse em soluços fortes. Depois de alguns instantes, senti uma mão em meu ombro, e o Senhor Otori disse baixinho:

— A morte vem de repente, e a vida é frágil e curta. Ninguém pode alterar isso, nem com orações nem com encantamentos. Crianças choram por esse motivo, mas homens e mulheres não choram. Precisam resistir.

Disse essas últimas palavras com voz entrecortada. O Senhor Otori estava tão pesaroso quanto eu. Seu rosto estava contraído, mas mesmo assim as lágrimas lhe escorriam dos olhos. Eu sabia por quem eu chorava, mas a ele não ousei perguntar.

Devo ter adormecido, pois sonhei que estava em casa jantando, comendo de uma tigela que me era tão conhecida quanto minhas próprias mãos. Havia um caranguejo preto na sopa, e ele saltou da tigela e fugiu correndo para a floresta. Corri atrás dele e dali a pouco não sabia onde me encontrava. Tentei gritar "Estou perdido!", mas o caranguejo tinha roubado minha voz.

Acordei com o Senhor Otori me sacudindo.

— Levante-se!

Percebi que tinha parado de chover. A claridade me dizia que era o meio do dia. O quarto estava abafado e úmido; o ar, parado e opressivo. A esteira de palha tinha um cheiro ligeiramente azedo.

— Não quero que Iida venha me perseguir com cem guerreiros só porque um menino o derrubou do cavalo — resmungou o Senhor Otori, bem-humorado. — Precisamos seguir em frente, rápido.

Eu não disse nada. Minha roupa, lavada e seca, estava estendida no chão. Vesti-me em silêncio.

— Contudo eu não entendo como você teve a audácia de enfrentar Sadamu, se tem medo de me dizer uma palavra que seja...

Não era exatamente que eu tivesse medo dele, era mais uma atitude de total reverência. Era como se um dos anjos de Deus, um dos espíritos da floresta ou um dos heróis de outrora tivesse, de repente, surgido diante de mim e me colocado sob sua proteção. Na ocasião eu mal poderia dizer como ele era, pois não ousava olhá-lo diretamente. Quando chegava a olhá-lo de relance, seu rosto em repouso era calmo, não exatamente severo, mas sem expressão. Eu ainda não sabia como seu sorriso o transformava. Ele devia ter uns trinta anos de idade, ou pouco menos. Sua altura era bem acima da média, e seus ombros eram largos. Suas mãos tinham a pele clara, quase branca; tinham uma bela forma, e seus dedos longos e irrequietos pareciam ter sido feitos para se amoldarem ao punho da espada.

E foi o que fizeram naquela hora, erguendo a espada de onde ela estava, na esteira. Aquela visão fez um calafrio percorrer-me o corpo. Imaginei que aquela espada conhecesse a carne íntima, o sangue vital, de muitos homens; que ouvira seus últimos gritos. Ela me apavorava e me fascinava.

— Jato — disse o Senhor Otori, ao perceber meu olhar. Ele riu e deu um tapinha na bainha preta e surrada. — Com roupa de viagem, como eu. Em casa, nós dois nos vestimos com mais elegância!

— *Jato* — repeti, baixinho. A espada-serpente, que salvou minha vida tirando a vida.

Deixamos a estalagem e recomeçamos a viagem, passando pelas fontes de águas quentes de Hinode, que cheiravam a enxofre, e depois subindo mais uma montanha. Os arrozais davam lugar a bambuzais, exatamente como em volta do meu povoado. Depois vinham castanheiras, bordos e cedros. A floresta fumegava com o calor do sol, embora fosse tão densa que pouca luz penetrava até onde estávamos. Por duas vezes, cobras deslizaram, fugindo de nosso caminho: uma, a pequena víbora preta, e a outra, maior, da cor de chá. Ela pareceu enrolar-se como um aro, e saltou fugindo pelo mato, como se soubesse que Jato poderia cortar-lhe a cabeça. As cigarras cantavam, estridentes; e a min-min gemia com uma monotonia lancinante.

Seguimos em passo acelerado, apesar do calor. Às vezes o Senhor Otori tomava uma distância maior, e eu subia penosamente pela trilha, como se estivesse completamente sozinho, apenas ouvindo seus passos mais adiante, para depois dar com ele, no topo, contemplando a paisagem das montanhas e, para além delas, mais montanhas que se estendiam, e por toda parte a floresta impenetrável.

Ele parecia conhecer bem aquela região inóspita. Foram longos dias de caminhada, em que dormíamos somente algumas horas por noite, às vezes numa casa de fazenda isolada, às vezes numa cabana de montanha abandonada. Com exceção dos lugares em que parávamos, encontramos poucas pessoas naquela estrada solitária: um lenhador, duas meninas que colhiam cogumelos e saíam correndo ao nos avistar, um monge que viajava para um templo distante. Depois de alguns dias atravessamos o espinhaço da região. Ainda tínhamos encostas íngremes a vencer, mas descíamos com maior freqüência. O mar tornou-se visível, de início um cintilar ao longe, depois uma amplidão sedosa com ilhas que se projetavam como montanhas afogadas. Eu nunca tinha visto o mar, e não conseguia parar de olhar para ele. Às vezes parecia ser uma muralha prestes a desmoronar sobre a terra.

Minha mão curou-se devagar, permanecendo uma cicatriz prateada de um lado a outro da palma direita.

Os povoados foram se tornando maiores, até que finalmente paramos para passar a noite no que se poderia chamar de uma pequena cidade. Ficava na estrada principal entre Inuyama e o litoral, e tinha muitas estalagens e casas de pasto. Ainda estávamos em território Tohan, e as três folhas de carvalho estavam por toda parte, o que me dava medo de sair à rua. No entanto, percebi que o pessoal na estalagem, de algum modo, reconhecia o Senhor Otori. O costumeiro respeito que as pessoas demonstravam por ele era associado a algo mais profundo, alguma antiga lealdade que precisava ser mantida oculta. Tratavam-me com afeto, embora eu não falasse com ninguém. Já havia alguns dias que eu não falava, nem mesmo com o Senhor Otori. Isso parecia não o incomodar muito. Era um homem calado, imerso em seus pensamentos, mas de quando em quando eu lhe lançava um olhar furtivo e descobria que ele

estava me examinando com uma expressão que poderia ser de pena. Parecia prestes a falar, mas então dava um grunhido e murmurava: "Não importa, não importa, é preciso que seja assim."

Havia um falatório entre os criados, e eu gostava de ouvi-los. Estavam todos interessados numa mulher que chegara na noite anterior e que passaria mais uma noite ali. Estava viajando sozinha para Inuyama, aparentemente para se encontrar com o Senhor Iida, levando a criadagem, naturalmente, mas sem marido, irmão nem pai. Era muito linda, se bem que um pouco velha. Tinha pelo menos trinta anos, era muito simpática, gentil e cortês com todos, mas viajava sozinha! Que mistério! O cozinheiro disse que sabia que ela tinha ficado viúva recentemente e que ia se reunir ao filho na capital; mas a chefe das criadas disse que era tudo bobagem, que a mulher nunca tivera filhos, nunca havia se casado; e então o cavaliariço, que se empanturrava com seu jantar, disse que tinha ouvido dos palanquins que a mulher tinha dois filhos, um menino que morrerá e uma menina que era refém em Inuyama.

As criadas suspiraram, murmurando que nem a fortuna e a alta estirpe podiam proteger uma pessoa do destino; e o cavaliariço completou:

— Pelo menos a menina está viva, pois elas são Maruyama e herdaram pela linhagem feminina.

Essa informação provocou um alvoroço de surpresa, entendimento e mais curiosidade ainda a respeito da Senhora Maruyama, que possuía suas terras por direito próprio, um território a ser legado às filhas, não aos filhos.

— Não é de admirar que ela tenha coragem de viajar sozinha — disse o cozinheiro.

Entusiasmado com seu sucesso, o cavaliariço prosseguiu:

— Mas o Senhor Iida considera isso uma afronta. Ele quer conquistar o território dela pela força ou, dizem, pelo casamento.

O cozinheiro deu-lhe um piparote na orelha.

— Cuidado com o que fala! Nunca se sabe quem está ouvindo!

— Nós fomos Otori no passado, e voltaremos a ser — resmungou o menino.

A chefe das criadas viu que eu estava parado junto à porta e acenou para que eu entrasse.

— Para onde está viajando? Deve ter vindo de bem longe!

Sorri e balancei a cabeça. Uma das criadas, a caminho dos quartos de hóspedes, deu um tapinha no meu braço e explicou:

— Ele não fala. Não é uma pena?

— O que houve? — perguntou o cozinheiro. — Alguém jogou poeira na sua boca, como o cachorro Ainu?

Estavam brincando comigo, numa atitude simpática, quando a criada voltou, acompanhada por um homem que imaginei ser um dos criados de Maruyama, pois trazia na veste o emblema da montanha dentro de um círculo. Para minha surpresa, ele se dirigiu a mim com toda a cortesia.

— Minha senhora deseja falar com você.

Eu não sabia ao certo se deveria acompanhá-lo, mas ele tinha cara de ser um homem honesto, e eu estava curioso para ver a mulher misteriosa com meus próprios olhos. Então o segui. Caminhamos pelo corredor e atravessamos o pátio. Ele subiu o degrau da varanda e bateu na porta do quarto. Falou brevemente e se virou para mim, acenando para que eu também subisse.

Olhei para a mulher num rápido relance e então me ajoelhei e encostei a cabeça no piso. Tive a certeza de estar na presença de uma princesa. Seu cabelo chegava ao chão, numa longa amplidão de seda negra. Sua pele era alva como a neve. Usava trajes de tons matizados de creme, marfim e cinza cor de pomba, bordados com peônias vermelhas e cor-de-rosa. Nela havia uma serenidade que primeiro me fez pensar nos profundos açudes da montanha e depois, subitamente, no aço temperado de Jato, a espada-serpente.

— Disseram-me que você não fala — disse ela, com a voz tranqüila e clara como a água.

Senti a compaixão em seu olhar, e o sangue me subiu ao rosto.

— Comigo você pode falar — prosseguiu.

Estendendo o braço, ela pegou minha mão e, com o dedo, desenhou na minha palma o sinal dos Ocultos. Senti um choque, como uma picada de urtiga. Não pude deixar de recolher a mão.

— Conte-me o que viu — disse ela, com a mesma delicadeza na voz, mas com insistência. Como não respondi, murmurou: — Foi Iida Sadamu, não foi?

Olhei-a quase sem querer. Ela sorria, mas sem alegria.

— E você pertence aos Ocultos — acrescentou ela.

O Senhor Otori já tinha me avisado para não me revelar. Eu imaginava que meu antigo eu estivesse enterrado, junto com meu nome, Tomasu. No entanto, diante daquela mulher, não conseguia resistir. Estava prestes a confirmar, quando ouvi os passos do Senhor Otori atravessando o pátio. Dei-me conta de que o reconhecia por seu jeito de andar, e soube que uma mulher o acompanhava, assim como o homem que tinha falado comigo. Percebi então que, se prestasse atenção, eu poderia ouvir tudo na estalagem à minha volta. Ouvi o cavaliário levantar-se e sair da cozinha. Ouvi os mexericos das criadas e reconheci cada uma pela voz.

Essa argúcia da audição, que vinha aumentando lentamente desde que eu cessara de falar, agora me fazia ser invadido por uma torrente de sons. Era quase insuportável, como se eu estivesse com uma febre gravíssima. Perguntei-me se a dama que estava diante de mim era alguma bruxa que me havia enfeitado. Eu não ousava mentir para ela, mas não conseguia falar.

Fui salvo pela entrada da mulher no aposento. Ela se ajoelhou diante da Senhora Maruyama e falou em voz baixa:

— Sua Excelência está procurando o menino.

— Convide-o a entrar — respondeu a dama. — E, Sachie, por favor, poderia trazer o serviço de chá?

O Senhor Otori entrou no aposento; ele e a Senhora Maruyama trocaram profundas reverências em sinal de respeito. Falaram-se com toda a cortesia, como desconhecidos, e ela não proferiu o nome dele. Entretanto, tive a sensação de que os dois se conheciam muito bem. Havia entre eles uma tensão que eu entenderia mais tarde, mas que naquele momento só me deixava mais constrangido.

— As criadas falaram do menino que está viajando com o senhor — disse ela. — Quis vê-lo com meus próprios olhos.

— É, eu o estou levando para Hagi. É o único sobrevivente de um massacre. Não quis deixá-lo para Sadamu. — Ele parecia não pretender dizer mais nada, mas depois de algum tempo acrescentou: — Dei-lhe o nome de Takeo.

Então ela sorriu, um sorriso de verdade.

— Fico feliz — disse. — Ele tem um certo ar...

— Acha? Também achei.

A criada voltou com uma bandeja, uma chaleira e uma tigela. Vi as peças com clareza quando ela as colocou na esteira, no mesmo nível dos meus olhos. O esmalte da tigela continha o verde da floresta, o azul do céu.

— Um dia o senhor irá a Maruyama, à casa de chá da minha avó — disse a dama. — Lá poderemos realizar a cerimônia como deve ser. Mas por enquanto vamos ter de nos arranjar da melhor maneira possível.

Ela despejou a água quente, e um aroma agridoce exalou da tigela.

— Sente-se, Takeo — disse ela.

Ela agitou o chá até criar uma espuma verde. Passou a tigela ao Senhor Otori, que a apanhou com as duas mãos, girou-a três vezes, bebeu, limpou a borda com o polegar e a

entregou de volta à dama. Ela a encheu mais uma vez e a passou para mim. Imitei meticulosamente tudo o que o cavalheiro tinha feito, levei-a à boca e bebi o líquido espumante. O sabor era amargo, mas desanuviava a cabeça. Deu-me um pouco de equilíbrio. Nunca tínhamos tomado nada semelhante em Mino: lá nosso chá era feito de gravetos e ervas da montanha.

Limpei o lugar por onde havia bebido e devolvi a tigela à Senhora Maruyama, fazendo uma reverência desajeitada. Tive medo de que o Senhor Otori percebesse e sentisse vergonha de mim; mas, quando o olhei de relance, vi que seus olhos estavam fixos na dama.

Então ela também bebeu. Nós três ficamos sentados em silêncio. Pairava no aposento uma sensação de algo sagrado, como se tivéssemos acabado de participar de uma refeição ritual dos Ocultos. Fui tomado por uma onda de saudade de minha casa, minha família, minha vida antiga; no entanto, embora meus olhos começassem a arder, não me permiti chorar. Iria aprender a resistir.

Eu ainda sentia na palma da mão o traço feito pelo dedo da Senhora Maruyama.

A estalagem era muito maior e mais luxuosa do que todos os outros lugares em que tínhamos pernoitado durante nossa viagem apressada através das montanhas, e a comida que nos serviram aquela noite era diferente de tudo o que eu já tinha provado. Comemos enguia com um molho picante e peixe fresco dos córregos da região, muitas porções de arroz, mais branco do que qualquer arroz de Mino, onde nos dávamos por felizes quando comíamos arroz três vezes por ano. Bebi vinho de arroz pela primeira vez. O Senhor Otori estava muito animado, "alto" como minha mãe costumava dizer, dissipados seu silêncio e sua dor. E o vinho exerceu sua alegre magia também em mim.

Quando terminamos a refeição, ele me mandou dormir: ia dar uma caminhada lá fora para desanuviar a cabeça. As criadas vieram preparar o quarto. Deitei-me e fiquei escutando os sons da noite. A enguia, ou o vinho, havia me deixado irrequieto, e eu estava ouvindo demais. Cada ruído ao longe me fazia acordar sobressaltado. De vez em quando eu ouvia o latido dos cães da cidade, um que começava e os outros que lhe faziam coro. Depois de algum tempo, tive a impressão de que poderia reconhecer distintamente a voz de cada um. Pensei nos cães, que agitam as orelhas ao dormir e só se deixam perturbar por determinados ruídos. Se eu não aprendesse a ser como eles, nunca mais conseguiria dormir.

Quando ouvi os sinos do templo baterem meia-noite, levantei-me e fui à privada. O som da minha urina era como o de uma cascata. No pátio, derramei nas mãos água da pia e fiquei ali parado um instante, escutando.

Era uma noite tranqüila e amena, pouco antes da lua cheia do oitavo mês. A estalagem estava em silêncio: todos dormiam. Rãs coaxavam no rio e nos arrozais, e uma vez ou duas ouvi o pio de uma coruja. Ao subir silenciosamente para a varanda, ouvi a voz do Senhor Otori. Por um instante, pensei que tivesse voltado ao quarto e estivesse falando comigo, mas uma voz de mulher respondeu. Era a Senhora Maruyama.

Eu sabia que não devia escutar. Era uma conversa sussurrada, que só eu conseguia ouvir. Entrei no quarto, fechei a porta de correr e me deitei no colchão, com a determinação de adormecer. Mas meus ouvidos tinham uma avidez pelo som que eu não conseguia evitar, e cada palavra penetrava neles com nitidez.

Falaram do amor que tinham um pelo outro, de seus raros encontros, de seus planos para o futuro. Muito do que diziam era abreviado e reservado, e muita coisa não entendi na época. Soube que a Senhora Maruyama estava a caminho da capital para ver a filha, e que receava que Iida mais uma vez insistisse no casamento. A mulher dele estava mal e não havia esperança de que sobrevivesse. O único filho que ela lhe dera, também doentio, era uma decepção para o pai.

— Você não se casará com ninguém que não seja eu — murmurou ele.

— É meu único desejo. Você sabe — respondeu ela.

E então ele jurou que nunca teria esposa nem se deitaria com nenhuma mulher que não fosse ela. E mencionou uma certa estratégia que tinha, mas não disse qual era. Ouvi meu nome e imaginei que de algum modo eu estivesse envolvido. Dei-me conta de que a inimizade entre ele e Iida era de longa data e remontava aos tempos da batalha de Yaegahara.

— Vamos morrer no mesmo dia — disse ele. — Não posso viver num mundo em que você não esteja.

E então os sussurros se transformaram em outros sons, os da paixão entre um homem e uma mulher. Tapei os ouvidos com os dedos. Eu conhecia o desejo, satisfizera o meu com os outros meninos do povoado ou com as moças no bordel, mas nada sabia do amor. O que quer que eu tenha ouvido, jurei a mim mesmo que jamais falaria a respeito. Manteria esses segredos tão trancados quanto os Ocultos mantinham os deles. Senti gratidão por não ter voz.

Não voltei a ver a dama. Na manhã seguinte saímos cedo, mais ou menos uma hora após o nascer do sol. Já fazia calor, monges aspergiam água nos claustros dos templos e o ar cheirava a poeira. As criadas da estalagem trouxeram chá, arroz e sopa antes da nossa partida; uma delas reprimiu um bocejo enquanto arrumava os pratos diante de mim e depois pediu desculpas e riu. Era a mesma que me dera um tapinha no braço no dia anterior; e, quando partimos, ela saiu e gritou:

— Boa sorte, senhorzinho! Boa viagem! Não se esqueça de nós aqui!

Tive vontade de ficar mais uma noite. O cavaleiro riu, caçoando de mim e dizendo que teria de me proteger das garotas em Hagi. Certamente mal dormira na noite anterior, mas apesar disso estava animado. Andava a passos largos pela estrada, com mais energia do que de costume. Pensei que seguiríamos pela estrada expressa até Yamagata, mas em vez disso atravessamos a cidade, acompanhando um rio menor do que o rio largo que corria paralelamente à estrada principal. Nós o atravessamos no lugar em que corria veloz e estreito entre rochedos, e mais uma vez começamos a escalar a encosta da montanha.

Trazíamos da estalagem comida para a caminhada do dia porque, depois de passarmos pelos pequenos povoados ao longo do rio, não vimos mais ninguém. Era uma trilha estreita e deserta; e a subida era íngreme. Quando chegamos ao topo, paramos para comer. Era final da tarde, e o sol criava sombras alongadas através da planície abaixo de nós. Mais além, em direção ao leste, havia cadeias e mais cadeias de montanhas, que se coloriam de anil e cinza metálico.

— É para lá que fica a capital — disse o Senhor Otori, acompanhando meu olhar.

Pensei que estivesse se referindo a Inuyama, e fiquei confuso.

Ele percebeu e prosseguiu:

— Não, a verdadeira capital, do país inteiro, onde mora o Imperador. É além da cadeia de montanhas mais distante. Inuyama fica a sudeste — e ele indicou a direção da qual tínhamos vindo. — É porque estamos tão longe da capital e porque o Imperador é tão fraco que grandes comandantes como Iida podem fazer o que bem entendem — seu humor voltava a se tornar sombrio. — E ali embaixo está o palco da pior derrota dos Otori, na qual meu pai morreu. Ali fica Yaegahara. Os Otori foram traídos pelos Noguchi, que mudaram de lado e se uniram a Iida. Foram mais de dez mil mortos — ele disse, olhando para mim. — Sei como é ver nossos parentes próximos trucidados. Eu não era muito mais velho do que você é agora.

Fiquei olhando para a planície vazia. Não conseguia imaginar como era uma batalha. Pensei no sangue de dez mil homens empapando a terra de Yaegahara. Em meio ao nevoeiro úmido, o sol se avermelhava, como se tivesse sugado o sangue da terra. Milhafres giravam lá no alto, dando seus gritos queixosos.

— Não quis ir a Yamagata — disse o Senhor Otori, quando começamos a descer a trilha. — Em parte porque lá sou muito conhecido, e também por outros motivos. Um dia lhe contarei. Mas isso quer dizer que vamos ter de dormir ao relento hoje à noite, com a relva por travesseiro, já que não há nenhuma cidade que seja bastante próxima para pernoitarmos. Vamos atravessar a fronteira do feudo por uma rota secreta que conheço; e então estaremos em território dos Otori, a salvo, fora do alcance de Sadamu.

Eu não queria passar a noite na planície solitária. Tinha medo de milhares de fantasmas, bem como dos ogros e duendes que moravam na floresta ao redor. O murmúrio de um córrego era para mim como a voz do espírito da água; e, cada vez que uma raposa rosnava ou uma coruja piava, eu acordava, com o coração disparado. A certa altura, a própria terra balançou, num leve tremor que fez farfalhar as árvores e deslocou pedras em algum lugar ao longe. Achei que estava ouvindo a voz dos mortos a pedir vingança, e tentei rezar, mas tudo o que consegui sentir foi um enorme vazio. O deus secreto, cultuado pelos Ocultos, fora afugentado com minha família. Longe dela, eu não tinha contato com ele.

Ao meu lado, o Senhor Otori dormia tranqüilo como se estivesse no quarto de hóspedes da estalagem. No entanto, eu sabia que ele, ainda mais que eu, teria consciência das exigências dos mortos. Eu pensava com temor no mundo em que estava entrando, um mundo

do qual eu nada conhecia, o mundo dos clãs, com suas normas inflexíveis e códigos rigorosos. Nele eu estava entrando pelo capricho daquele cavaleiro cuja espada havia decapitado um homem diante dos meus olhos e que praticamente era meu proprietário. Estremeci no ar úmido da noite.

Levantamo-nos antes do amanhecer e, quando o céu ia ficando cinzento, atravessamos o rio que marcava a fronteira do domínio dos Otori.

Depois de Yaegahara, os Otori, que anteriormente governavam todo o País Central, foram forçados pelos Tohan a recuar até ocupar uma estreita faixa de terra entre a última cadeia de montanhas e o mar ao norte. Na estrada expressa principal, a fronteira ficava sob a guarda de homens de Iida; mas, naquela região selvagem e isolada, havia muitos locais onde era possível cruzar a fronteira furtivamente; e a maioria dos camponeses e lavradores ainda se considerava Otori e não tinha nenhum amor aos Tohan. O Senhor Otori contou-me tudo isso enquanto caminhávamos naquele dia, agora com o mar sempre à nossa direita. Também me falou da região rural, salientando os métodos agrícolas utilizados, as barragens construídas para irrigação, as redes que os pescadores teciam, como extraíam o sal do mar. Interessava-se por tudo e sabia tudo. Aos poucos, o caminho transformou-se em estrada e tornou-se mais movimentado. Agora, havia lavradores que iam à feira no povoado próximo, levando inhames e verduras, ovos e cogumelos secos, raiz de lótus e bambu. Paramos na feira e compramos sandálias de palha novas, porque as nossas estavam em frangalhos.

Aquela noite, ao chegarmos à estalagem, vi que todos lá conheciam o Senhor Otori. Saíam correndo para cumprimentá-lo, com exclamações de alegria, e se prostravam no chão diante dele. Os melhores aposentos foram preparados; e, na refeição da noite, foram servidos pratos e mais pratos de iguarias deliciosas. Ele se transformava diante de meus olhos. É claro que eu sabia que ele era de alta estirpe, da classe dos guerreiros, mas ainda não tinha uma idéia exata de quem ele era e do papel que desempenhava na hierarquia do clã. No entanto, eu começava a perceber que sua posição era destacada. Tornei-me ainda mais tímido na sua presença. Tinha a impressão de que todos me olhavam de lado, perguntando-se o que eu estava fazendo, com vontade de me mandar passear, com um tapa na orelha.

Na manhã seguinte ele estava usando roupas condizentes com sua posição; cavalos estavam à nossa espera, bem como quatro ou cinco criados. Sorriam uns para os outros ao verem que eu não sabia nada sobre cavalos e pareceram surpresos quando o Senhor Otori ordenou que um deles me levasse na garupa, embora naturalmente não ousassem dizer nada. Na viagem, tentaram conversar comigo: perguntaram de onde eu era e como me chamava. Porém, quando descobriram que eu era mudo, concluíram que era estúpido e surdo também. Falavam alto comigo, empregando palavras simples e linguagem de sinais.

Não gostei muito de sair chacoalhando, montado no lombo de um cavalo. O único cavalo do qual me havia aproximado até então era o de Iida, e eu achava que, pela dor que eu lhe causara, talvez todos os cavalos guardassem algum rancor por mim. Não parava de perguntar a mim mesmo o que eu faria quando chegássemos a Hagi. Imaginava que seria algum

tipo de criado, trabalhando no jardim ou nas estrebarias. Acontece que o Senhor Otori tinha outros planos.

Na tarde do terceiro dia, depois do nosso pernoite à beira de Yaegahara, chegamos à cidade de Hagi, cidade fortificada dos Otori. Fora construída numa ilha, cercada por dois rios e pelo mar. Ligando uma restinga ao núcleo da cidade, havia a ponte de pedra mais comprida que eu jamais vira. Tinha quatro arcos, através dos quais se precipitava a maré vazante, e paredes de pedras perfeitamente encaixadas. Imaginei que fosse obra de magia e, quando os cavalos pisaram nela, não pude deixar de fechar os olhos. O ronco do rio trovejava nos meus ouvidos, mas por baixo dele eu ouvia outro som, uma espécie de lamento grave, que me fez estremecer.

No meio da ponte, o Senhor Otori me chamou. Saltei do cavalo e fui até onde ele havia parado. Havia uma pedra grande engastada no parapeito, na qual tinham sido gravados alguns caracteres.

— Você sabe ler, Takeo? Fiz que não com a cabeça.

— Azar seu! Vai ter de aprender! — ele deu uma risada.

— E acho que o professor vai fazê-lo sofrer! Você vai se arrepender por ter abandonado sua vida isolada nas montanhas.

Ele leu em voz alta: "O clã Otori dá as boas-vindas aos justos e aos leais. Ai dos injustos e dos desleais." Abaixo dos caracteres, via-se o emblema da garça.

Fui andando ao lado do seu cavalo até o final da ponte.

— O construtor foi enterrado vivo embaixo da rocha

— comentou o Senhor Otori, em tom indiferente —, para nunca poder construir outra ponte que se igualasse a esta e para proteger sua obra para sempre. À noite, ouvi-se o seu espírito conversando com o rio.

Não só à noite. Senti calafrios, pensando no triste espírito aprisionado na bela obra que produzira. Mas então chegamos à cidade propriamente dita, e os sons dos vivos abafaram o do morto.

Hagi era a primeira cidade em que eu pisava. Achei-a enorme e extremamente tumultuada. Sons de todo tipo ecoavam em minha cabeça: os gritos dos vendedores de rua, o estalo de teares vindo do interior das casas estreitas, os golpes fortes dos pedreiros de cantaria, o ranger dos serrotes, e muitos outros que eu nunca tinha ouvido e não podia identificar. Havia uma rua repleta de ceramistas, e o cheiro da argila e do forno atingiu em cheio minhas narinas. Eu nunca tinha ouvido o ruído de um torno nem o rugido de uma fornalha. E, por baixo de todos os outros sons, havia as conversas, os gritos, as imprecações e o riso de seres humanos, tal como por trás dos cheiros havia o onipresente fedor dos seus dejetos.

Acima das casas, erguia-se majestoso o castelo, que dava as costas para o mar. Por um instante, achei que era para lá que nos dirigíamos, e meu coração soçobrou, pois era uma construção sinistra e ameaçadora; mas viramos para o leste, acompanhando o rio Nishigawa até o ponto em que se juntava ao Higashigawa. À nossa esquerda havia uma zona de ruas e canais sinuosos, onde muros com telhados cercavam muitas das casas enormes, apenas visíveis através das árvores.

O sol desaparecera por trás de nuvens escuras, e o ar cheirava a chuva. Os cavalos apressaram o passo, sabendo que estavam quase em casa. No final da rua, um largo portão estava aberto. Os guardas saíram da guarita ao lado do portão e se ajoelharam, curvando-se em reverência, enquanto passávamos.

O cavalo do Senhor Otori abaixou a cabeça e a esfregou com força em mim. Relinchou, e outro cavalo respondeu lá das estrebarias. Segurei a rédea, e o cavalheiro desmontou. Os criados apanharam os cavalos e os levaram dali.

O cavalheiro atravessou o jardim até a casa. Fiquei um instante parado, hesitante, sem saber se devia acompanhá-lo ou ir com os homens, mas ele se virou e chamou meu nome, acenando para que me aproximasse.

O jardim era cheio de árvores e arbustos, que não cresciam como as árvores silvestres da montanha, densas e desordenadas, mas cada um em seu lugar, sóbrio e bem formado. No entanto, de vez em quando eu tinha a impressão de vislumbrar a montanha, como se ela tivesse sido apanhada e levada para lá em miniatura.

E o jardim também era cheio de sons: o som da água escorrendo sobre as pedras, gotejando dos canos. Paramos para lavar as mãos na pia, e a água escoava tilintando como um sino, como se fosse encantada.

Os criados da casa já esperavam na varanda para cumprimentar seu senhor. Fiquei surpreso por serem tão poucos, porém eu soube mais tarde que o Senhor Otori vivia com enorme simplicidade. Eram três moças jovens, uma mulher mais velha e um homem de seus cinqüenta anos. Depois das reverências, as moças se retiraram, e os dois velhos olharam para mim mal disfarçando seu espanto.

— Ele se parece tanto... — murmurou a mulher.

— Assombroso — concordou o homem, balançando a cabeça.

O Senhor Otori sorria, enquanto descalçava as sandálias e entrava na casa.

— Estava escuro quando o encontrei! Eu não fazia a menor idéia, até a manhã seguinte. É só uma semelhança fugaz.

— Não, é muito mais que isso — disse a velha, levando-me para dentro. — É o retrato fiel. O homem nos acompanhou, olhando para mim com os lábios franzidos, como se tivesse

acabado de morder uma ameixa em conserva, como se previsse que minha introdução naquela casa só traria problemas.

— Seja como for, dei-lhe o nome de Takeo — disse o cavaleiro, por cima de seu ombro. — Preparem-lhe um banho quente e providenciem roupas para ele.

O velho resmungou, surpreso.

— Takeo! — exclamou a mulher. — Mas qual é seu nome de verdade?

Como eu não disse nada, apenas dei de ombros e sorri, o homem retrucou, em tom brusco:

— Ele é meio abobalhado!

— Não, ele fala perfeitamente — retrucou o Senhor Otori, impaciente. — Já o ouvi falar. Mas ele presenciou coisas horríveis, que o emudeceram. Quando o choque passar, voltará a falar.

— Claro — disse a velha, sorrindo e confirmando com a cabeça. — Venha com Chiyo. Vou cuidar de você.

— Desculpe, Senhor Shigeru — disse o velho, com obstinação, e eu percebi que aqueles dois conheciam o cavaleiro desde menino e que o haviam criado —, mas quais são seus planos para o garoto? Vamos arranjar um trabalho para ele na cozinha ou no jardim? Ele vai ser aprendiz? Sabe fazer alguma coisa?

— Pretendo adotá-lo — respondeu o Senhor Otori. — Pode começar os devidos procedimentos amanhã, Ichiro.

Houve um longo silêncio. Ichiro estava estupefato, mas não poderia estar mais embasbacado que eu. Chiyo parecia estar tentando não sorrir. E então os dois começaram a falar juntos. Ela murmurou um pedido de desculpas e deixou que o velho falasse primeiro.

— É muito inesperado — disse ele, amuado. — O senhor planejou isso antes de viajar?

— Não, aconteceu por acaso. Vocês sabem da minha dor pela morte do meu irmão e sabem que procurei alívio viajando. Encontrei esse menino e, desde então, de certo modo, a cada dia a dor parece mais suportável.

Chiyo juntou as mãos.

— Foi o destino que o enviou ao senhor. Assim que o vi, soube que o senhor estava mudado, curado, por assim dizer. É claro que ninguém jamais poderá substituir o Senhor Takeshi.

Takeshi! Então o Senhor Otori me dera um nome semelhante ao do irmão que morrera. E queria me adotar para eu entrar na família. Os Ocultos falam do renascimento pela água. Eu nascera pela espada.

— Senhor Shigeru, está cometendo um erro terrível — disse Ichiro, sem rodeios. — O garoto é um João-ninguém, um plebeu... o que o clã irá pensar? Seus tios jamais permitirão. Até mesmo fazer esse pedido é um insulto.

— Olhe para ele — disse o Senhor Otori. — Quem quer que tenham sido seus pais, alguém no seu passado não era plebeu. Seja como for, eu o salvei dos Tohan. Iida queria que ele fosse morto. Como salvei sua vida, ele me pertence; e, por isso, preciso adotá-lo. Para estar a salvo dos Tohan, precisa ter a proteção do clã. Por ele matei um homem, possivelmente dois.

— Um alto preço. Tomara que não aumente ainda mais — retrucou Ichiro. — O que ele fez para atrair a atenção de Iida?

— Estava no lugar errado na hora errada, nada mais que isso. Não há necessidade de mencionar sua história. Ele pode ser um parente distante da minha mãe. Invente alguma coisa.

— Os Tohan andam perseguindo os Ocultos — disse Ichiro, com astúcia. — Como pode ter certeza de que o garoto não é um deles?

— Se foi, agora já não é — respondeu o Senhor Otori, com um suspiro. — Tudo isso é passado. Não adianta discutir, Ichiro. Dei minha palavra de que protegeria o garoto, e nada me fará mudar de idéia. Além disso, afeiçoei-me a ele.

— Nada de bom resultará disso — disse Ichiro.

O homem mais velho e o mais novo encararam-se por um instante. O Senhor Otori fez um gesto impaciente com a mão, e Ichiro baixou os olhos, fazendo uma reverência relutante. Pensei em quanto era conveniente ser um nobre, saber que no final nossa vontade sempre acaba por prevalecer.

Houve uma súbita rajada de vento, os postigos rangeram; e com aquele som o mundo voltou a se tornar irreal para mim. Era como se uma voz falasse dentro de minha cabeça: *é isso o que você vai se tornar*. Senti uma vontade desesperada de fazer voltar o tempo até a véspera do dia em que saí para catar cogumelos na montanha, voltar à minha vida de antes, com minha mãe e meu povo. Mas eu sabia que minha infância tinha ficado para trás, encerrada, para sempre inatingível. Precisava me tornar um homem e suportar tudo o que me coubesse.

Com esses nobres pensamentos em mente, acompanhei Chiyo até a casa de banho. Ela obviamente não fazia a menor idéia da decisão que eu acabara de tomar: tratou-me como uma criança, fazendo-me tirar a roupa e me esfregando o corpo inteiro antes de me deixar de molho na água escaldante.

Mais tarde, voltou com uma túnica leve de algodão e me ordenou que a vestisse. Fiz exatamente o que ela mandou. O que mais poderia fazer? Ela esfregou meu cabelo com uma toalha, penteou-o para trás e o prendeu no alto da minha cabeça.

— Vamos mandar cortar esse cabelo — resmungou, e passou a mão pelo meu rosto. — Você ainda não tem muita barba. Gostaria de saber qual é sua idade. Dezesseis?

Fiz que sim. Ela balançou a cabeça e deu um suspiro.

— O Senhor Shigeru quer que você coma com ele — disse ela, e acrescentou baixinho: — Espero que você não lhe traga mais dor.

Imaginei que Ichiro tivesse compartilhado com ela sua apreensão.

Acompanhei-a de volta à casa, procurando absorver cada aspecto daquele lugar. Estava quase escuro àquela altura. Lâmpadas em suportes de ferro emitiam um clarão alaranjado nos cantos dos aposentos, mas não forneciam luz suficiente para eu enxergar muito. Chiyo levou-me até uma escadaria no canto da sala de estar principal. Era a primeira vez que eu via aquilo: em Mino tínhamos escadas de mão, mas ninguém tinha uma escada de verdade, como aquela. A madeira era escura, muito bem polida. Achei que fosse carvalho. À medida que eu ia pisando nos degraus, cada um emitia um som próprio. Mais uma vez, aquilo me pareceu obra de magia, e tive a impressão de ouvir a voz do seu criador dentro da escada.

A sala estava vazia, com os postigos que davam para o jardim totalmente abertos. Estava começando a chover. Chiyo fez-me uma reverência, notei que não muito profunda, e desceu de volta pela escada. Escutei seus passos e a ouvi falar com as criadas na cozinha.

Achei aquela sala a mais linda em que eu já havia entrado. Desde então, conheci muitos castelos, palácios, residências de nobres, mas nada se compara ao aspecto da sala superior da casa do Senhor Otori naquela noite do final do oitavo mês, com a chuva caindo suavemente no jardim lá fora. No fundo da sala, um enorme esteio, o tronco de um único cedro, erguia-se do piso ao teto, polido de modo que aparecessem os nós e os veios da madeira. As vigas também eram de cedro, e seu delicado marrom-avermelhado contrastava com o branco-leitoso das paredes. As esteiras já estavam desbotando, adquirindo um tom dourado-claro, e tinham as bordas orladas por faixas de tecido cor de anil, com a garça dos Otori tecida em branco.

Havia um pergaminho pendurado na alcova, com a pintura de um pequeno pássaro parecido com o papa-moscas de asas brancas e verdes da minha floresta. Era uma imagem tão real que eu quase esperava que ele levantasse vôo. Fiquei admirado de que um grande pintor pudesse conhecer tão bem as aves humildes da montanha.

Ouvi passos lá embaixo e sentei-me depressa no chão, com os pés devidamente recolhidos debaixo de mim. Pelas janelas abertas, pude ver uma enorme garça cinza e branca num dos lagos do jardim. Seu bico enfiou-se na água e voltou segurando uma criaturinha que se contorcía. A garça alçou vôo com elegância e se foi por cima do muro.

O Senhor Otori entrou na sala, acompanhado pelas duas moças que traziam bandejas de comida. Olhou para mim e me saudou com um gesto de cabeça. Curvei-me até o chão. Veio-me a idéia de que o Senhor Otori Shigeru era a garça e eu era a criaturinha que se contorcera, a quem ele recolhera mergulhando na montanha até meu mundo para depois voltar a levantar vôo.

A chuva apertou, e a casa e o jardim começaram a cantar com a água. Ela transbordava das calhas, descia pelas correntes e chegava ao regato que saltava de um laguinho para outro, cada cascata fazendo um som diferente. A casa cantava para mim, e eu me apaixonei por ela. Quis pertencer a ela. Faria qualquer coisa por ela, e qualquer coisa que seu dono quisesse.

Quando terminamos a refeição e as bandejas foram retiradas, ficamos sentados junto à janela aberta, enquanto a noite caía. Quando a luz chegava ao fim, o Senhor Otori apontou para o fundo do jardim. O regato que o atravessava cascadeando saía por uma abertura na parte inferior do muro e, do outro lado, juntava-se ao rio. O rio emitia um rugido profundo e constante, e suas águas verde-acinzentadas preenchiam a abertura como uma tela pintada.

— É bom voltar para casa — disse ele, sereno. — Mas, assim como o rio está sempre à porta, o mundo está sempre lá fora. E é no mundo que precisamos viver.

2.

No mesmo ano em que Otori Shigeru salvou, em Mino, o garoto que se tornaria Otori Takeo, alguns fatos ocorreram num castelo muito distante, ao sul. O castelo fora dado por Iida Sadamu a Noguchi Masayoshi, por sua participação na batalha de Yaegahara. Iida, depois de derrotar seus tradicionais inimigos, os Otori, e forçar sua rendição sob condições que lhe eram favoráveis, voltara a atenção para o terceiro grande clã dos Três Países, os Seishuu, cujos domínios abrangiam a maior parte do sul e do oeste. Os Seishuu preferiam obter a paz por meio de alianças a recorrer às guerras; e essas alianças eram formalizadas com reféns, tanto de grandes domínios, como o dos Maruyama, quanto de menores, como o de seus parentes próximos, os Shirakawa.

A filha mais velha do Senhor Shirakawa, Kaede, fora para o Castelo Noguchi como refém quando tinha acabado de trocar sua faixa da primeira infância pela de menina; e agora já tinha passado ali metade da sua vida, tempo suficiente para pensar em milhares de coisas que detestava naquele lugar. À noite, quando estava cansada demais para dormir e nem ousava se virar, para evitar que uma das garotas mais velhas estendesse a mão e lhe desse um tapa, mentalmente ela fazia listas dessas coisas. Havia aprendido muito cedo a guardar para si seus pensamentos. Pelo menos, ninguém conseguia penetrar em sua mente para agredí-la, embora ela soubesse que muita gente ansiava por isso. Por isso lhe batiam com tanta frequência no corpo e no rosto.

Com uma simplicidade de criança, ela se agarrava às vagas lembranças que tinha da casa que deixara aos sete anos de idade. Não via a mãe nem as irmãs mais novas desde o dia em que o pai a escoltara até o castelo.

Seu pai voltara três vezes desde então, só para constatar que ela estava alojada com os criados, não com os filhos dos Noguchi, como teria sido adequado à filha da família de um guerreiro. A humilhação do pai foi completa: ele não conseguiu nem mesmo protestar, embora a menina, excepcionalmente observadora, mesmo naquela idade, tivesse visto o espanto e a fúria nos seus olhos. Nas duas primeiras vezes, tinham permitido que se falassem em particular por alguns instantes. A lembrança mais nítida de Kaede era do pai segurando-a pelos ombros e dizendo, com voz emocionada: "Quem dera você tivesse nascido menino!" Na terceira vez, deram-lhe permissão apenas para olhar para a filha. Depois disso, ele nunca mais tinha voltado, e ela nunca mais recebera nenhuma notícia de casa.

Ela compreendia perfeitamente as razões do pai. Aos doze anos de idade, aliando o hábito de manter os olhos e os ouvidos atentos ao de entabular conversas aparentemente inocentes com as poucas pessoas que pareciam se compadecer dela, Kaede já conhecia sua condição: ela era refém, um brinquedo nas lutas entre os clãs. Sua vida nada valia para os cavalheiros que praticamente eram seus donos, a não ser na medida em que ela aumentasse seu poder de barganha. Seu pai era senhor do domínio de Shirakawa, de grande importância estratégica; sua mãe era parenta próxima dos Maruyama. Como não tinha filhos homens, seu pai adotaria como herdeiro quem se casasse com Kaede. Os Noguchi, por terem posse dela, também possuíam a lealdade, a aliança e a herança de seu pai.

Sem considerar as grandes coisas, como o medo, a saudade de casa, a solidão, a noção de que os Noguchi nem sequer a valorizavam como refém encabeçava a lista de coisas que detestava, assim como odiava o jeito como as garotas caçoavam dela por ser canhota e desajeitada, o fedor da casa da guarda junto ao portão, a alta escadaria tão difícil de subir quando a pessoa vinha carregando coisas... E ela estava sempre carregando coisas: tigelas de água fria, chaleiras de água quente, comida para os homens sempre vorazes se empanturrarem, objetos que tivessem esquecido ou que tivessem preguiça de ir buscar. Kaede odiava o próprio castelo, as pedras volumosas dos alicerces, a sinistra opressão dos aposentos superiores, onde as vigas retorcidas do teto pareciam ecoar os sentimentos dela, querendo livrar-se da distorção em que estavam presas e voar de volta para a floresta de onde provinham.

E os homens. Como os odiava! Quanto mais ela ia crescendo, mais a assediavam. As criadas da sua idade competiam pelas atenções deles. Lisonjeavam e mimavam os homens, faziam voz de criança para fingir delicadeza, ou até pureza, para conquistar a proteção de um soldado ou outro. Kaede não as culpava por isso; chegara à conclusão de que todas as mulheres deveriam usar todas as armas de que dispusessem para se proteger na batalha que a vida parecia ser. Mas ela não se submeteria a isso. Não podia. Seu único valor, sua única forma de escapar do castelo, estava no casamento com alguém da sua própria classe. Se jogasse fora essa oportunidade, seria o mesmo que morrer.

Sabia que não deveria suportar aquilo. Deveria procurar alguém para se queixar. É claro que era impensável ir ter com o Senhor Noguchi, mas talvez pudesse falar com a senhora. No entanto, pensando melhor, até a permissão de acesso a ela parecia improvável. A verdade era que não havia a quem recorrer. Teria de se proteger sozinha. Mas os homens eram tão fortes! Para uma menina, ela era alta, alta demais, segundo diziam as outras, com desdém. E não era fraca, pois o trabalho pesado se encarregara desse aspecto. No entanto, uma ou duas vezes um homem a agarrara de brincadeira e a segurara só com uma mão, e ela não conseguira escapar. A lembrança a fazia tremer de medo.

A cada mês tornava-se mais difícil evitar as atenções deles. No final do oitavo mês do seu décimo quinto ano, um tufão no oeste trouxe dias de chuva pesada. Kaede detestava a chuva, que fazia tudo cheirar a mofo e umidade; detestava quando suas roupas escassas se molhavam e se colavam a seu corpo, revelando a curva das costas e as coxas, fazendo com que os homens a chamassem com mais insistência quando passava.

— Ei, Kaede, irmãzinha! — gritou um guarda quando ela vinha correndo da cozinha, debaixo de chuva, e ia passando pelo segundo portão torreado. — Não ande tão rápido! Tenho uma tarefa para você. Mande o Capitão Arai descer, está bem? Sua Excelência quer que ele examine um cavalo novo.

A chuva caía como um rio, das ameias, das telhas, das calhas, dos golfinhos que encimavam cada telhado, servindo como proteção contra os raios. Jorrava água do castelo inteiro. Em segundos, ela estava encharcada, as sandálias ensopadas, fazendo-a escorregar e tropeçar nos degraus de pedras arredondadas. Mas ela obedeceu sem muita amargura, pois, de todas as pessoas no castelo, Arai era a única a quem não odiava. Sempre lhe falava com gentileza, não

çaçoava dela nem a perseguiu. Kaede sabia que as terras dele faziam fronteira com as de seu pai, e ele falava com o mesmo leve sotaque do oeste.

— Ei, Kaede! — o guarda a olhou cobiçoso, enquanto ela entrava na ala principal da fortaleza. — Você está sempre correndo de um lado para o outro! Pare para conversar um pouco!

Ela o ignorou e começou a subir a escada; então ele gritou às suas costas:

— Dizem que na realidade você é um menino. Venha aqui e mostre que não é.

— Bobo! — resmungou ela, com as pernas doendo, ao começar a subir o segundo lance da escadaria.

No andar superior, os guardas estavam jogando um jogo de azar que envolvia um punhal. Assim que a viu, Arai pôs-se de pé e a cumprimentou, mencionando seu nome.

— Senhorita Shirakawa.

Era um homem alto, de muita presença e olhos inteligentes. Ela lhe deu o recado. Ele agradeceu, por um momento dando a impressão de que lhe diria mais alguma coisa, mas pareceu mudar de idéia. Desceu a escada apressado.

Kaede demorou-se mais um pouco, olhando pelas janelas. Soprava um vento das montanhas, úmido e desagradável. A paisagem estava quase toda escondida por nuvens, mas um pouco abaixo ela viu a residência dos Noguchi, onde, pensou ressentida, deveria estar morando por direito, em vez de ficar correndo pela chuva, obedecendo às ordens de todos.

— Se vai ficar aqui, Senhorita Shirakawa, venha sentar-se conosco — disse um dos guardas, aproximando-se dela por trás e dando-lhe uma palmadinha no traseiro.

— Tire as mãos de mim! — disse ela, com raiva.

Os homens riram. Ela temia a disposição de espírito deles: estavam tensos e entediados, fartos da chuva, da espera e da vigilância constantes, da falta de atividade.

— Ah, o capitão esqueceu o punhal — disse um deles. — Kaede, vá correndo atrás dele.

Ela apanhou o punhal, sentindo seu peso e seu volume na mão esquerda.

— Como é perigosa! — disseram os homens, em tom de çaçoada. — Não vá se cortar, irmãzinha!

Ela desceu a escada correndo, mas Arai já tinha saído. Ela ouviu sua voz no pátio e já ia chamá-lo, mas, antes que pudesse sair, o homem que lhe falara antes surgiu da guarita. Ela parou, imóvel, escondendo o punhal atrás das costas. O homem parou bem na sua frente, bem perto dela, tapando a fraca luz cinzenta que vinha de fora.

— Vamos, Kaede, mostre que não é menino!

Ele a agarrou pela mão direita e a puxou, metendo uma perna entre as dela, separando suas coxas à força. Ela sentiu a dureza e o volume do sexo contra seu corpo e, com a mão esquerda, quase sem pensar, fincou o punhal no pescoço do homem.

No mesmo instante, ele deu um grito e a soltou, levando as mãos ao pescoço e olhando-a espantado. O ferimento não era grave mas sangrava profusamente. Ela não conseguia acreditar no que tinha feito. "Estou morta", pensou. Quando o homem começou a gritar pedindo socorro, Arai entrou. Compreendeu a cena imediatamente. Arrancou o punhal da mão de Kaede e, sem vacilar, cortou o pescoço do guarda. O homem caiu ao chão, gorgolejando.

Arai puxou Kaede para fora. A chuva caía torrencialmente sobre os dois.

— Ele tentou estuprá-la — murmurou. — Eu voltei e o matei. Uma palavra que não seja isso, nós dois morreremos.

Ela fez que sim. Arai saíra sem a arma; Kaede apunhalara um guarda: duas transgressões imperdoáveis. A rápida ação de Arai eliminara a única testemunha. Kaede imaginava que ficaria chocada com a morte do homem e com sua participação nela, mas percebeu que estava simplesmente satisfeita. "Que morram todos do mesmo jeito", pensou, "os Noguchi, os Tohan, todo o clã."

— Falarei com Sua Excelência em sua defesa, Senhorita Shirakawa — disse Arai, causando-lhe um sobressalto. — Ele não deveria deixá-la desprotegida — e acrescentou, quase falando consigo mesmo: — Um homem de honra não faria isso.

Deu um grito alto pelo poço da escada, chamando os guardas lá em cima. Depois disse a Kaede:

— Não se esqueça, eu salvei sua vida. Mais do que sua vida!

— Não se esqueça de que o punhal era seu — retrucou ela, olhando-o de frente.

Ele deu um sorriso contrafeito, de respeito forçado:

— Então estamos um nas mãos do outro.

— E eles? — perguntou Kaede ao ouvir os passos pesados na escada. — Eles sabem que desci com o punhal.

— Não me trairão — respondeu Arai. — Posso confiar neles.

— Eu não confio em ninguém — murmurou ela.

— Precisa confiar em mim — disse ele.

Mais tarde, naquele mesmo dia, disseram a Kaede que ela iria se mudar para a residência da família Noguchi. Ao abrir o pano para embrulhar seus poucos pertences numa trouxa, afagou o desenho desbotado, com os emblemas do rio branco de sua família e do sol poente dos Seishuu. Sentia-se profundamente envergonhada por possuir tão pouco. Os acontecimentos do dia não paravam de passar por sua cabeça, a sensação do punhal na mão esquerda interditada, o homem agarrando-a, seu desejo, o modo como morreria. E as palavras de Arai: "Um homem de honra não faria isso!" Não deveria ter falado de seu senhor daquela maneira. Nunca teria ousado falar assim, nem mesmo com ela, se já não tivesse em mente a rebelião. Por que a tratara tão bem, não só naquele instante crucial, mas também anteriormente? Estaria também ele em busca de aliados? Já era um homem poderoso e popular; agora Kaede via que ele talvez tivesse ambições maiores. Era capaz de agir instantaneamente, de aproveitar oportunidades.

Kaede ponderou todas essas coisas, sabendo que até a menor delas fazia aumentar seu valor na bolsa do poder.

O dia inteiro as outras garotas a evitaram, conversando em grupos fechados, calando-se quando ela passava. Duas estavam com os olhos vermelhos. Talvez o morto tivesse sido seu favorito ou namorado. Ninguém lhe demonstrou nenhuma solidariedade. O ressentimento das outras fez com que Kaede as odiasse ainda mais. Em sua maioria, elas tinham casa na cidade ou em povoados próximos. Tinham parentes e família a que recorrer. Não eram reféns. E ele, o guarda morto, a agarrara. Tentara forçá-la. Quem amasse um homem daquele tipo era uma idiota.

Uma criada que ela nunca vira veio buscá-la, chamando-a de Senhorita Shirakawa e fazendo-lhe uma reverência respeitosa. Kaede acompanhou-a, descendo pela íngreme escada de pedras arredondadas, que ia do castelo à residência, atravessando a muralha pelo portão enorme, onde os guardas enraivecidos viraram a cara para ela, e entrando nos jardins que cercavam a casa do Senhor Noguchi.

Muitas vezes ela avistara os jardins, lá do castelo, mas essa era a primeira vez que andava neles, desde que tinha sete anos de idade. Foram até os fundos da casa enorme, e Kaede foi levada a um pequeno aposento.

— Por favor, senhorita, aguarde aqui alguns minutos. Depois que a garota saiu, Kaede ajoelhou-se no chão.

O quarto era de bom tamanho, embora não fosse grande, e as portas se abriam para um pequeno jardim. A chuva tinha parado e o sol brilhava intermitente, transformando o jardim gotejante numa massa cintilante de luz. Kaede contemplou a lanterna de pedra, o pequeno pinheiro tortuoso, a pia de água cristalina. Grilos trilavam nos galhos, uma rã coaxou sem insistência. A paz e o silêncio abrandaram algo no coração de Kaede, e de repente ela sentiu que estava prestes a chorar.

Lutou para reprimir as lágrimas, concentrando sua mente no ódio que sentia pelos Noguchi. Enfiou as mãos dentro das mangas e apalpou as contusões. Ela os odiava ainda mais

por morarem naquele lugar lindo, enquanto ela, da família Shirakawa, era alojada com os criados.

A porta de correr abriu-se às suas costas.

— O Senhor Noguchi deseja falar com a senhorita — disse uma voz de mulher.

— Então você vai ter de me ajudar a me arrumar — disse Kaede. Não suportava a idéia de se apresentar diante dele com aquela aparência, despenteada e vestida com suas roupas velhas e sujas.

A mulher entrou no aposento, e Kaede virou-se para olhá-la. Era velha e, apesar do rosto ainda liso e dos cabelos pretos, as mãos eram enrugadas e nodosas como patas de macaco. Examinou Kaede com uma expressão de surpresa no rosto. Então, sem falar, desfez a trouxa, tirando um traje um pouco mais limpo, um pente e grampos.

— Onde estão suas outras roupas?

— Vim para cá aos sete anos de idade — respondeu Kaede, irritada. — Não acha que devo ter crescido desde aquela época? Minha mãe me mandou coisas melhores, mas não me permitiram ficar com elas!

A mulher estalou a língua.

— Que sorte a senhorita ser tão bonita e não precisar de enfeites.

— O que está querendo dizer? — disse Kaede, pois não fazia idéia de sua aparência.

— Agora vou arrumar seu cabelo. E providenciar calçados limpos. Meu nome é Junko. A Senhora Noguchi ordenou que eu seja sua criada. Depois falo com ela sobre roupas.

Junko saiu do quarto e voltou com duas garotas que carregavam uma bacia de água, meias limpas e uma pequena caixa entalhada. Junko lavou o rosto, as mãos e os pés de Kaede e penteou sua longa cabeleira negra. As criadas murmuravam, perplexas.

— O que foi? O que elas querem dizer? — perguntou Kaede, nervosa.

Junko abriu a caixa e tirou um espelho redondo, que tinha a parte de trás primorosamente entalhada com flores e pássaros. Segurou-o para que Kaede visse sua imagem. Era a primeira vez que ela se olhava num espelho. Seu próprio rosto a silenciou.

As atenções e a admiração das mulheres restituíram um pouco de sua confiança, que, no entanto começou a se esvaír novamente enquanto ela acompanhava Junko até a parte principal da residência. Desde a última visita do pai, só vira o Senhor Noguchi de longe. Jamais gostara dele, e agora percebia que estava com medo do encontro.

Junko ajoelhou-se, fez correr a porta que dava para o salão de audiências e se prostrou no chão. Kaede entrou na sala e agiu da mesma forma. A esteira sob sua testa estava fresca e cheirava a capim de verão.

O Senhor Noguchi falava com alguém na sala e não prestou nenhuma atenção nela. Parecia estar discutindo as cotas de arroz e o atraso dos lavradores na entrega. Já estava quase na hora da colheita seguinte, e eles ainda lhe deviam parte da safra anterior. De vez em quando a pessoa a quem ele se dirigia tentava humildemente fazer um comentário conciliador: más condições do tempo, o terremoto do ano anterior, a iminente estação dos tufões, a devoção dos lavradores, a lealdade dos súditos. Em resposta, o cavalheiro resmungava, emudecia por um minuto ou mais, e depois recomeçava as queixas.

Finalmente ele emudeceu definitivamente. O secretário tossiu uma ou duas vezes. O Senhor Noguchi deu uma ordem, em tom áspero, e o secretário recuou de joelhos até a porta.

Passou perto de Kaede, mas ela não levantou a cabeça.

— E chame Arai — disse o Senhor Noguchi, depois de refletir um pouco.

"Agora ele vai falar comigo", pensou Kaede. Mas ele não disse nada, e ela permaneceu onde estava, sem se mexer.

Os minutos se passaram. Ela ouviu um homem entrar na sala e viu Arai prostrar-se ao seu lado. O Senhor Noguchi também não o cumprimentou. Bateu palmas, e alguns homens entraram imediatamente. Kaede sentiu que passavam por ela, um após o outro. Olhando-os de esguelha, pôde ver que eram súditos importantes. Alguns usavam nas vestes o emblema dos Noguchi, e alguns as três folhas de carvalho dos Tohan. Teve a impressão de que teriam gostado de pisoteá-la, como se fosse uma barata, e jurou a si mesma que nunca permitiria que nem os Tohan nem os Noguchi a esmagassem.

Os guerreiros instalaram-se pesadamente na esteira.

— Senhorita Shirakawa — disse afinal o Senhor Noguchi —, sente-se, por favor.

Ao se sentar, Kaede sentiu sobre ela os olhares de todos os homens que estavam na sala. Uma intensidade que ela não compreendia impregnou o ambiente.

— Prima — disse o cavalheiro, com um tom de surpresa na voz —, espero que esteja bem.

— Graças a seus cuidados, estou — respondeu ela, usando a frase de cortesia, embora as palavras queimassem-lhe a língua como veneno. Sentia ali sua terrível vulnerabilidade, a única mulher, pouco mais que uma criança, em meio a homens de brutalidade e poder. Por trás dos cílios, olhou de relance para o cavalheiro, que tinha uma expressão impertinente, carente tanto de força quanto de inteligência, revelando o despeito que ela já sabia que ele tinha.

— Ocorreu um incidente infeliz hoje de manhã — disse o Senhor Noguchi. O silêncio na sala tornou-se mais profundo. — Arai já me contou o que houve. Quero ouvir sua versão.

Kaede tocou o chão com a cabeça. Seus movimentos eram lentos, seus pensamentos velozes. Naquele instante, Arai estava nas suas mãos. E o Senhor Noguchi não o chamara de capitão, como deveria. Não lhe dera título algum, nem lhe demonstrara a menor cortesia. Já estaria desconfiado de sua lealdade? Já conheceria a verdadeira versão dos acontecimentos? Teria um dos guardas traído Arai? Se Kaede o defendesse, não estaria apenas caindo na armadilha preparada para ambos?

Arai era a única pessoa no castelo que a tratava bem. Ela não o trairia agora. Sentou-se e falou, com os olhos baixos, mas com a voz firme.

— Fui à sala da guarda dar um recado ao Senhor Arai. Desci a escadaria atrás dele: queriam sua presença nas estrebarias. O guarda no portão deteve-me sob algum pretexto. Quando me aproximei, ele me agarrou.

Kaede fez com que as mangas deslizassem para trás do braço, deixando à mostra um início das contusões, a marca arroxeadada dos dedos de um homem na pele pálida.

— Dei um grito. O Senhor Arai ouviu, voltou e me salvou — ela voltou a se inclinar, consciente de sua elegância. — Devo gratidão a ele e a meu senhor por me darem proteção — disse, permanecendo com a cabeça no chão.

— Hã — resmungou o Senhor Noguchi.

Houve mais um longo silêncio. Insetos zumbiam no calor da tarde. O suor reluzia na testa dos homens, sentados imóveis. Kaede sentia o fétido odor animal daqueles homens e sentia o suor escorrer-lhe entre os seios. Tinha plena consciência do perigo que corria. Se um dos guardas tivesse falado do punhal esquecido, da garota que o apanhara e descera a escada levando-o na mão... Afastou esses pensamentos, receando que os homens que a examinavam tão detidamente conseguissem lê-los com clareza.

O Senhor Noguchi acabou falando, em tom despreocupado, até mesmo simpático.

— E como era o cavalo, Capitão Arai?

Arai levantou a cabeça para falar. Sua voz era absolutamente tranqüila.

— Muito jovem, mas de bela aparência. De excelente linhagem e fácil de domar.

Houve um murmúrio divertido. Kaede percebeu que estavam rindo dela, e o sangue lhe subiu ao rosto.

— O capitão tem muitos talentos — disse Noguchi. — Lamento privar-me deles, mas creio que o território de sua propriedade, sua mulher e seu filho podem estar precisando da sua atenção por algum tempo, um ano ou dois...

— Senhor Noguchi — Arai inclinou-se, com uma expressão que nada revelava.

"Como Noguchi é idiota", pensou Kaede. "Eu me garantiria, mantendo Arai aqui, onde pudesse vigiá-lo. Se o mandar embora, ele estará em revolta aberta antes que se passe um ano."

Arai saiu recuando, sem olhar nem uma vez para o lado de Kaede. "Talvez Noguchi tenha planos de mandar assassiná-lo na estrada", pensou ela, melancólica. "Nunca mais o verei."

Com a saída de Arai, a atmosfera se desanuviou um pouco. O Senhor Noguchi tossiu e pigarreou. Os guerreiros mudaram de posição, dando alívio às pernas e às costas. Kaede sentia que os olhares ainda estavam voltados para ela. As contusões nos braços, a morte do homem, tudo os excitara. Não eram diferentes dele.

A porta de correr abriu-se atrás dela, e a criada que a trouxera do castelo entrou com tigelas de chá. Serviu o chá a cada um dos homens e parecia estar prestes a ir embora quando o Senhor Noguchi lhe falou com rispidez. Ela se inclinou, alvoroçada, e dispôs uma xícara diante de Kaede.

Kaede sentou-se e bebeu, com os olhos baixos, a boca tão seca que mal conseguia engolir. O castigo de Arai era o exílio. Qual seria o dela?

— Senhorita Shirakawa, está conosco há muitos anos. Tornou-se parte da casa.

— O senhor me concedeu essa honra — respondeu ela.

— Mas creio que não devemos continuar tendo esse prazer. Perdi dois homens por sua causa. Não tenho certeza de poder mantê-la comigo! — ele reprimiu um risinho, e os homens na sala riram em coro.

"Ele vai me mandar para casa." A falsa esperança palpitou em seu coração.

— É óbvio que já tem idade para se casar. Por mim, quanto mais cedo, melhor. Vamos lhe providenciar um casamento adequado. Estou escrevendo a seus pais para informá-los de quem tenho em mente. Ficará residindo com minha mulher até o dia do casamento.

Ela se inclinou de novo, mas antes percebeu o olhar trocado entre Noguchi e um dos homens mais velhos na sala. "Vai ser com ele", pensou, "ou com alguém como ele, velho, depravado e brutal." A idéia de se casar com qualquer um a deixava consternada. Nem mesmo a idéia de que seria mais bem tratada morando na residência dos Noguchi conseguia animá-la.

Junko acompanhou-a de volta ao quarto e depois à casa de banhos. Era início da noite, e Kaede estava entorpecida de exaustão. Junko lavou-a e esfregou-lhe as costas e os membros com farelo de arroz.

— Amanhã lavo seu cabelo — prometeu Junko. — É comprido e denso demais para ser lavado agora à noite. Não vai secar a tempo, e você poderá apanhar um resfriado.

— Talvez eu morresse disso — disse Kaede. — Seria melhor.

— Nunca diga uma coisa dessas — repreendeu-a Junko, ajudando-a a entrar na tina para ficar de molho na água quente. — A senhorita tem uma vida maravilhosa pela frente. É tão linda! Vai se casar, ter filhos.

Então, aproximou a boca do ouvido de Kaede.

— O capitão agradece sua lealdade — murmurou. — Estou encarregada de cuidar da senhora em nome dele.

"O que as mulheres podem fazer neste mundo de homens?", pensou Kaede. "Que proteção nós temos? Alguém poderá cuidar de mim?"

Lembrou-se de seu rosto no espelho e teve vontade de vê-lo de novo.

A garça vinha ao jardim todas as tardes. Flutuava como um espectro cinzento por cima do muro, dobrava-se de modo inverossímil, e se postava no laguinho, com a água chegando-lhe à coxa, imóvel como uma estátua de Jizo. As carpas vermelhas e douradas que o Senhor Otori se comprazia em criar eram grandes demais para ela, que no entanto mantinha sua imobilidade por longos minutos de cada vez, até alguma criatura desafortunada se esquecer da sua presença e ousar um movimento na água. Então a garça atacava, mais depressa do que o olhar pudesse acompanhar, e, segurando no bico a criaturinha que se contorcia, apumava-se para levantar vôo de novo. As primeiras batidas das asas eram barulhentas como o súbito abrir-se de um leque, mas depois disso ela partia tão silenciosa como chegava.

Os dias ainda estavam muito quentes, com o calor opressivo do outono, que desejamos que acabe e ao qual, ao mesmo tempo, nos agarramos, sabendo que esse calor mais forte, o mais difícil de suportar, também será o último do ano.

Eu estava na casa do Senhor Otori havia um mês. Em Hagi, a colheita do arroz se encerrara e a palha secava nos campos e em estrados em torno das casas das fazendas. Os lírios vermelhos do outono estavam desbotando. Os caquis douravam nas árvores, enquanto as folhas se tornavam quebradiças; cascas espinhentas de castanhas jaziam nas vielas e alamedas, expelindo seu fruto lustroso. A lua cheia outonal chegou e se foi. Chiyo pôs castanhas, tangerinas e bolos de arroz no santuário do jardim, e eu me perguntei se alguém estaria fazendo o mesmo no meu povoado.

As criadas colhiam as últimas flores do campo, trevo de arbusto, cravinas silvestres e erva do outono, dispendo-as em baldes do lado de fora da cozinha e da latrina, com sua fragrância disfarçando os cheiros do alimento e do esgoto, ciclos da vida humana.

Meu estado de meia existência, minha mudez, persistia. Suponho que estivesse de luto. A residência Otori também estava, não só pelo irmão do Senhor Otori, mas também por sua mãe, que tinha morrido de peste no verão. Chiyo contou-me a história da família. Shigeru, o filho mais velho, estivera com o pai na batalha de Yaegahara e se opusera ferrenhamente à rendição aos Tohan. Os termos da rendição proibiam-no de herdar do pai a liderança do clã. Em seu lugar, seus tios, Shoichi e Masahiro, foram nomeados por Iida.

— Iida Sadamu odeia Shigeru mais do que a qualquer outro ser humano vivo — disse Chiyo. — Iida tem ciúme e medo dele.

Shigeru era um espinho na vida de seus tios também, por ser o herdeiro legítimo do clã. Ele se retirara ostensivamente do cenário político para dedicar-se à terra, testando novos métodos, fazendo experiências com lavouras diferentes. Casara-se bem cedo, mas a mulher morrerá dois anos depois, de parto, e o bebê morrerá com ela.

A meus olhos sua vida era cheia de sofrimento. No entanto, ele não o demonstrava, e, se Chiyo não me tivesse contado, eu não saberia de nada. Eu passava a maior parte do dia com

ele, seguindo-o como um cão, sempre ao seu lado, a não ser quando estava estudando com Ichiro.

Eram dias de espera. Ichiro tentava me ensinar a ler e a escrever; ficava enfurecido com minha absoluta falta de habilidade e de capacidade de retenção, enquanto tomava, relutante, as providências para concretizar a idéia da adoção. O clã se opunha a ela. O Senhor Shigeru deveria se casar novamente, ainda era jovem, fazia muito pouco tempo que a mãe morrera. As objeções eram intermináveis. Não pude deixar de perceber que Ichiro concordava com a maioria delas, e também na minha opinião pareciam perfeitamente válidas. Esforçava-me ao máximo para aprender, porque não queria decepcionar o cavalheiro, mas na verdade não acreditava nem confiava em que tivesse condições.

No final da tarde, o Senhor Shigeru costumava mandar me chamar, e ficávamos sentados junto à janela, olhando para o jardim. Ele não falava muito mas me examinava quando achava que eu não estava olhando. Eu tinha a impressão de que ele estava esperando por alguma coisa: que eu falasse, que eu desse algum sinal, mas eu não sabia o que era. Aquilo me deixava ansioso, e a ansiedade me dava mais certeza de que o estava decepcionando e me incapacitava ainda mais para aprender. Uma tarde, Ichiro veio à sala superior para, mais uma vez, queixar-se de mim. Aquele dia ele tinha demorado menos para se exasperar, chegando a me espancar. Eu estava amuado no canto, embalando minha humilhação, desenhando com o dedo, na esteira, a forma dos caracteres que aprendera naquele dia, num esforço desesperado para tentar guardá-los na memória.

— O senhor cometeu um erro — disse Ichiro. — Ninguém vai menosprezá-lo se o admitir. As circunstâncias da morte de seu irmão são uma explicação. Mande o menino de volta para o lugar de onde veio e prossiga sua vida.

"E permita que eu prossiga a minha", senti que ele estava dizendo. Ichiro nunca me deixava esquecer os sacrifícios que estava fazendo para tentar me dar instrução.

— Não há como recriar o Senhor Takeshi — acrescentou ele, abrandando um pouco o tom. — Ele era o resultado de anos de instrução e treinamento, e, antes de mais nada, tinha o melhor dos sangue.

Receei que Ichiro conseguisse o que queria. O Senhor Shigeru estava tão ligado a Ichiro e Chiyo por laços de obrigações e dever quanto os dois estavam ligados a ele. Eu imaginava que ele detivesse todo o poder na residência, mas na realidade Ichiro também tinha seu poder e sabia como usá-lo. E, por outro lado, os tios tinham poder sobre o Senhor Shigeru. Ele era obrigado a obedecer aos ditames do clã. Não havia nenhuma razão para me manter, e nunca receberia permissão para me adotar.

— Observe a garça, Ichiro — disse o Senhor Shigeru. — Veja sua paciência, veja quanto tempo ela fica parada, sem se mexer, para conseguir o que quer. Eu tenho a mesma paciência, que ainda está muito longe de acabar.

Os lábios de Ichiro se contraíram em sua expressão predileta, de ameixa azeda. Naquele instante, a garça atacou e partiu, batendo as asas ruidosamente.

Ouvi os guinchos que anunciavam a chegada vespertina dos morcegos. Levantei a cabeça e vi dois deles descendo no jardim. Enquanto Ichiro continuava a resmungar e o cavaleiro a dar respostas curtas, sem perder a paciência, eu escutava os ruídos da noite que se aproximava. A cada dia, minha audição se tornava mais aguçada. Eu estava me acostumando a ela, aprendendo a excluir o que não precisava ouvir, sem dar mostras de que podia ouvir tudo o que acontecia na casa. Ninguém sabia que eu conseguia ouvir todos os seus segredos.

Agora eu ouvia o chiado da água quente do banho que estava sendo preparado, o ruído dos pratos na cozinha, o deslizar suspirante da faca da cozinheira, os passos de uma menina de meias macias nas tábuas do lado de fora, os relinchos e pisadas de um cavalo nas estrebarias, o miado da gata que estava amamentando quatro filhotes e vivia com fome, o latido de um cão a duas ruas dali, o estalar de tamancos sobre as pontes de madeira dos canais, crianças cantando, os sinos dos templos de Tokoji e Daishoin. Eu conhecia a melodia da casa, de dia e de noite, debaixo de sol e de chuva. Aquela noite, percebi que estava sempre procurando ouvir algo mais. Também estava sempre esperando. Esperando o quê? Todas as noites, antes de eu adormecer, minha cabeça repassava a cena na montanha, a cabeça decapitada, o homem-lobo segurando o toco do braço. Via novamente Iida Sadamu no chão, e os corpos do meu padrasto e de Isao. Será que eu estava esperando que Iida e o homem-lobo me alcançassem? Ou uma oportunidade para me vingar?

De tempos em tempos, eu ainda tentava rezar como os Ocultos, e aquela noite pedi em preces que me fosse mostrado o caminho que deveria seguir. Eu não conseguia dormir. O ar estava parado e pesado; a lua, uma semana depois da lua cheia, escondia-se por trás de nuvens espessas. Os insetos da noite estavam barulhentos e irrequietos. Eu ouvia o ruído das patas da lagartixa que ia de um lado a outro do teto para caçá-los. Ichiro e o Senhor Shigeru dormiam profundamente, Ichiro roncava. Eu não queria deixar a casa que aprendera a amar tanto, mas parecia que eu só lhe trazia problemas. Talvez fosse melhor para todos se eu simplesmente desaparecesse no meio da noite.

Sem nenhum verdadeiro plano de fuga (o que fazer? Para onde ir?), comecei a me perguntar se conseguiria sair de lá sem que os cães latassem e sem chamar a atenção dos guardas. Então comecei conscientemente a tentar ouvir os cães. Geralmente ouvia seus latidos esporádicos durante a noite, mas tinha aprendido a distingui-los e, na maior parte das vezes, a ignorá-los. Concentrei os ouvidos neles, mas não ouvi nada. Então passei a tentar ouvir os guardas: o som de um pé na pedra, o retinir do aço, o murmúrio de uma conversa. Nada. Sons que deveriam estar lá faltavam na trama familiar da noite.

Agora eu estava bem acordado, forçando meus ouvidos a captar mais do que a água do jardim. O córrego e o rio estavam baixos, não chovia desde a mudança da lua.

Ouvi um som ínfimo, pouco mais que um tremor, entre a janela e o chão.

Por um instante, pensei que a terra estivesse tremendo, como acontecia com tanta frequência no País Central. Seguiu-se mais um tremor minúsculo, e depois outro.

Alguém estava subindo pelo lado da casa.

Meu primeiro impulso foi o de gritar, mas a astúcia prevaleceu. Gritar despertaria a casa inteira, mas também alertaria o intruso. Levantei-me do colchão e fui sorrateiro até o lado do Senhor Shigeru. Meus pés conheciam o assoalho, conheciam cada rangido que a velha casa faria. Ajoelhei-me a seu lado e, como se nunca tivesse perdido o poder da fala, murmurei-lhe ao ouvido:

— Senhor Otori, há alguém lá fora.

Ele acordou imediatamente, olhou espantado para mim por um instante e, então, apanhou a espada e o punhal que estavam ao seu lado. Apontei para a janela. Ouvi novamente o pequeno tremor, apenas um levíssimo movimento de algum peso encostado na parede da casa.

O Senhor Shigeru entregou-me o punhal e caminhou na direção da parede. Sorriu para mim e fez um gesto para que eu me postasse do outro lado da janela. Ficamos esperando o assassino entrar por ali.

Cautelosamente, ele subia pela parede, sorrateiro e sem pressa, como se tivesse todo o tempo do mundo, confiante em que nada o denunciaria. Nós o aguardávamos com a mesma paciência, quase como se fôssemos meninos brincando num celeiro.

Só que o final não foi brincadeira. Ele parou no peitoril para sacar o garrote que planejava usar em nós e então entrou. O Senhor Shigeru segurou-o com uma gravata. Escorregadio como uma enguia, o intruso esperneou, recuando. Saltei na sua direção, mas num piscar de olhos, antes que eu pudesse usar o punhal, nós três caímos no jardim como um bolo de gatos brigando.

O homem caiu primeiro, atravessado no córrego, batendo com a cabeça numa rocha. O Senhor Shigeru caiu em pé. Minha queda foi amenizada por um dos arbustos. Sem fôlego, deixei cair o punhal. Tentei apanhá-lo, nervoso, mas ele já não era necessário. O intruso gemeu, tentou levantar-se mas escorregou de novo para dentro da água. Seu corpo represou o córrego. A água acumulou-se ao seu redor e então, com um súbito rumorejo, passou por cima dele. O Senhor Shigeru puxou-o da água, bateu-lhe no rosto, gritando:

— Quem foi? Quem o pagou? De onde você veio?

O homem somente gemeu outra vez, com a respiração em estertores.

— Vá buscar luz — disse-me o Senhor Shigeru. Imaginei que àquela altura todos estivessem acordados na casa, mas a briga tinha sido tão rápida e tão silenciosa que todos continuavam dormindo. Respingando água e folhas, corri ao quarto das criadas.

— Chiyo! — chamei. — Traga luz, acorde os homens!

— Quem é? — respondeu ela, sonolenta, pois não conhecia minha voz.

— Sou eu, Takeo! Acorde! Alguém tentou matar o Senhor Shigeru!

Apanhei um lume que ainda estava aceso num dos castiçais e voltei ao jardim.

O homem estava em inconsciência ainda mais profunda. O Senhor Shigeru, em pé, olhava fixamente para ele. Aproximei a luz. O intruso estava de preto, sem nenhum emblema ou marca nas roupas. Era de altura e compleição medianas, tinha o cabelo cortado curto. Não havia nada que o distinguisse.

Atrás de nós, ouvimos o clamor da casa que despertava, gritos ao serem encontrados dois guardas estrangulados e três cães envenenados.

Ichiro saiu, lívido e trêmulo.

— Quem ousaria fazer isso? — disse ele. — Em sua casa, no coração de Hagi? É um insulto ao clã inteiro!

— A menos que o clã tenha dado a ordem — respondeu o Senhor Shigeru, baixinho.

— É mais provável que tenha sido Iida — disse Ichiro.

Viu o punhal na minha mão e o tomou de mim. Cortou o tecido preto da nuca à cintura, expondo as costas do homem. Havia uma cicatriz horrenda de um antigo ferimento a espada que atravessava a omoplata, e a espinha dorsal era tatuada com um desenho delicado, que bruxuleava como uma serpente à luz do lume.

— É um assassino contratado — disse o Senhor Shigeru —, da Tribo. Pode ter sido pago por qualquer um.

— Então deve ser Iida! Ele deve saber que o senhor está com o menino! Agora vai se livrar dele?

— Se não fosse o menino, o assassino teria tido sucesso — respondeu o cavaleiro. — Foi ele quem me acordou a tempo... Falou comigo — exclamou, ao se dar conta. — Ele falou no meu ouvido e me acordou!

Ichiro não ficou muito impressionado com isso.

— Já lhe ocorreu que o alvo poderia ter sido ele, não o senhor?

— Senhor Otori — disse eu, com a voz rouca e embargada por semanas de inatividade. — Eu só lhe trouxe perigo. Deixe-me ir, mande-me embora.

Mas, no exato momento em que falei, soube que ele não o faria. Agora eu salvara sua vida, como ele salvara a minha; e o vínculo entre nós era mais forte que nunca.

Ichiro fez que sim, concordando comigo, mas Chiyo resolveu falar.

— Perdoe-me, Senhor Shigeru. Sei que não é da minha conta e que sou só uma velha tola. Mas não é verdade que Takeo só lhe trouxe perigo. Antes de voltar para casa com ele, o senhor estava meio enlouquecido de dor. Agora está recuperado. Ele lhe trouxe alegria e esperança, tanto quanto o perigo. E quem ousa usufruir de uma coisa e escapar da outra?

— Como poderia justamente eu não saber disso? — respondeu o Senhor Shigeru. — É um destino que une nossas vidas. Contra isso não posso lutar, Ichiro.

— Pode ser que suas faculdades mentais tenham voltado junto com a fala — disse Ichiro, fulminante.

O assassino morreu sem recuperar a consciência. Revelou-se que trazia uma cápsula de veneno na boca e que a mordera ao cair. Ninguém conhecia sua identidade, embora houvesse muitos boatos. Os guardas mortos foram enterrados numa cerimônia solene, e foram pranteados; e os cães foram pranteados por mim, pelo menos. Eu me perguntava que pacto eles teriam feito, que lealdade teriam jurado, para serem envolvidos nas contendas dos homens e pagar com a própria vida. Não expressei esses pensamentos, havia cães em abundância. Outros foram adquiridos e treinados para receber alimento de um só homem, para não poderem ser envenenados. Por sinal, homens também havia em grande quantidade. O Senhor Shigeru vivia com simplicidade, com poucos súditos armados, mas tudo indicava que muitos dentre os do clã dos Otori teriam vindo prestar-lhe serviços com prazer, um contingente suficiente para formar um exército, se ele o desejasse.

Não parecia alarmado nem deprimido por causa do ataque, de modo nenhum. Muito pelo contrário, parecia até reanimado, deleitando-se mais com os prazeres da vida por ter escapado da morte. Andava nas nuvens, como depois do encontro com a Senhora Maruyama. Estava encantado com minha fala recém-recuperada e com minha audição extraordinária.

Talvez Ichiro tivesse razão, ou talvez sua atitude com relação a mim tivesse se abrandado. De todo modo, por alguma razão a partir da noite da tentativa de assassinato o aprendizado tornou-se mais fácil. Aos poucos os caracteres começaram a revelar seu significado e a se fixar no meu cérebro. Até comecei a gostar deles, as diferentes formas que fluíam como água, ou que se empoleiravam, sólidas e atarracadas, como corvos pretos no inverno. Eu não o confessava para Ichiro, mas desenhá-los me dava enorme prazer.

Ichiro era um mestre renomado, conhecido pela beleza de sua caligrafia e pela profundidade de seus conhecimentos. Na verdade, era um professor bom demais para mim. Eu não tinha a mente de um estudioso nato. Mas o que nós dois descobrimos foi que eu conseguia imitar. Eu podia fornecer uma cópia passável de estudioso, na medida em que conseguia copiar seu jeito de desenhar a partir do ombro, não do pulso, com desenvoltura e concentração. Eu sabia que estava apenas fazendo uma imitação dele, mas os resultados eram satisfatórios.

O mesmo ocorria quando o Senhor Shigeru me ensinava o manejo da espada. Eu tinha força e agilidade suficientes, provavelmente mais que a média para minha altura, mas faltavam-me os anos de infância em que os filhos dos guerreiros se exercitam constantemente no uso da espada, do arco e na equitação. Eu sabia que jamais conseguiria recuperá-los.

Cavalar até que foi fácil. Observando o Senhor Shigeru e os outros homens, percebi que era principalmente uma questão de equilíbrio. Eu simplesmente copiava o que os via fazer, e o cavalo correspondia. Percebi, também, que o cavalo era mais tímido e mais nervoso do que eu. Com ele, eu teria de agir como um cavalheiro, para seu bem teria de esconder meus próprios sentimentos, fingir que tinha todo o controle e sabia exatamente o que estava acontecendo. Então, o animal relaxaria e se sentiria feliz.

Deram-me um cavalo cinza-claro de crina e cauda escuras, que se chamava Raku, e nos entendemos. Não gostava de jeito nenhum de tiro ao arco-e-flecha; mas no manejo da espada, mais uma vez, eu copiava o que via o Senhor Shigeru fazer, e os resultados eram razoáveis. Deram-me uma espada longa, só minha; e eu a usava na faixa das minhas vestes novas, como qualquer filho de guerreiro. Mas, apesar da espada e das roupas, eu sabia que era só um guerreiro de imitação.

E as semanas foram passando. O pessoal da casa aceitava que o Senhor Otori pretendesse me adotar, e aos poucos sua atitude comigo mudou. Eles me agradavam, caçoavam de mim e me reprendiam em proporções iguais. Entre os estudos e os exercícios, restava-me pouquíssimo tempo livre, e eu não devia sair sozinho. No entanto ainda sentia uma inquieta paixão pelas andanças e, sempre que conseguia, saía sorrateiramente para explorar a cidade de Hagi. Gostava de descer até o porto, onde o castelo a oeste e a antiga cratera de vulcão a leste pareciam duas mãos segurando a baía, como se fosse uma xícara. Costumava olhar para o mar, pensar em todas as terras lendárias que ficavam por trás do horizonte, e sentia inveja dos marinheiros e pescadores.

Havia um barco que eu sempre procurava. Nele trabalhava um rapaz mais ou menos da minha idade. Eu sabia que ele se chamava Terada Fumio. Seu pai era de uma família de guerreiros de baixa condição que tinham se voltado para o comércio e a pesca para não morrer de fome. Chiyo sabia tudo a respeito deles, e tive essas informações primeiro por ela. Minha admiração por Fumio era enorme. Ele já estivera no continente, de verdade. Conhecia o mar e os rios em todas as suas mudanças de humor. Naquela época, eu nem sabia nadar. A princípio, só nos cumprimentávamos; mas, à medida que as semanas foram passando, tornamo-nos amigos. Eu subia a bordo, e nós dois costumávamos ficar sentados, comendo caquis, cuspidos as sementes na água e conversando sobre o que os garotos conversam. Mais cedo ou mais tarde, chegávamos aos senhores do clã Otori. Os Terada os odiavam por sua arrogância e ganância. Sofriam com os impostos cada vez mais pesados que o castelo lhes impunha e com as restrições aplicadas ao comércio. Quando tocávamos nesses assuntos, era aos sussurros, no lado da embarcação voltado para o mar, pois o castelo, ao que diziam, tinha espiões por toda parte.

Um final de tarde, eu voltava apressado para casa, depois de um desses passeios. Ichiro tinha sido chamado para acertar uma conta com um mercador. Esperei uns dez minutos e, concluindo que ele não ia voltar, empreendi minha escapada. O décimo mês já ia adiantado. O ar estava frio e impregnado com o cheiro de palha de arroz queimando. A fumaça pairava sobre os campos entre o rio e as montanhas, transformando a paisagem em ouro e prata. Fumio estivera me ensinando a nadar, e meu cabelo estava molhado, o que me fazia tremer um pouco. Eu pensava na água quente e me perguntava se conseguiria com Chiyo algo para comer antes da refeição da noite. Perguntava-me também se Ichiro estaria tão mal-humorado a ponto de me espancar. E ao mesmo tempo prestava atenção, como sempre fazia, no instante em que começaria a ouvir da rua a melodia característica da casa.

Tive a impressão de ouvir alguma coisa, algo que me fez parar e olhar duas vezes para o canto do muro, perto do portão. De início achei que não havia ninguém, mas logo vi um homem agachado, à sombra do telhado.

Eu estava a apenas alguns metros dele, do outro lado da rua. Sabia que ele me vira. Depois de alguns instantes, levantou-se devagar, como se estivesse esperando que eu o abordasse.

Era a pessoa de aparência mais comum que se pode imaginar: altura e compleição medianas, cabelo já meio grisalho, rosto mais pálido do que moreno, com feições indefiníveis, ou seja, daquelas pessoas que não se tem certeza de conseguir reconhecer ao encontrá-las de novo. Mesmo enquanto eu o examinava, tentando decifrá-lo, suas feições pareciam mudar diante dos meus olhos. No entanto, sob aquela aparência comum, havia algo extraordinário, algo de ágil e inquieto que me escapou quando tentei identificar o que era.

O homem usava roupas descoradas, cinza-azuladas, e não carregava nenhuma arma que se pudesse ver. Não parecia trabalhador, nem mercador, nem guerreiro. Eu não conseguia defini-lo, mas uma certa intuição me advertia de que ele era muito perigoso.

Ao mesmo tempo, havia nele algo que me fascinava. Não poderia passar por ele sem tomar conhecimento de sua presença. Mas permaneci do outro lado da rua, já tentando avaliar a distância que me separava do portão, dos guardas e dos cães.

Ele me cumprimentou com um gesto de cabeça e me deu um sorriso, quase de aprovação.

— Bom dia, jovem senhor! — disse, numa voz que mal ocultava um tom de zombaria. — Tem razão em não confiar em mim. Já ouvi dizer que é esperto, mesmo. Mas nunca lhe farei mal, prometo.

Suas palavras me pareceram tão escorregadias quanto sua aparência, e não considerei que sua promessa valesse muito.

— Quero conversar com você — disse ele —, e com Shigeru também.

Fiquei desconcertado ao ouvi-lo falar do cavalheiro com tanta familiaridade.

— O que tem a me dizer?

— Não posso gritar daqui — retrucou ele, rindo. — Venha comigo até o portão e lhe direi.

— Vá até o portão pelo seu lado da rua, e eu continuo pelo meu — disse eu, vigiando suas mãos para captar qualquer movimento que ele fizesse para pegar alguma arma escondida. — Depois, falarei com o Senhor Otori, que decidirá se você irá encontrar-se com ele ou não.

O homem sorriu para si mesmo e deu de ombros. Andamos separados até o portão: ele, calmo como se estivesse dando um passeio noturno; eu, assustado como um gato antes da tempestade. Quando chegamos ao portão e os guardas nos cumprimentaram, ele dava a impressão de ter-se tornado mais velho e descorado. Parecia um velhinho tão inofensivo que quase tive vergonha da minha desconfiança.

— Você está numa enrascada, Takeo — disse um dos homens. — Mestre Ichiro está à sua procura há uma hora!

— Ei, vovô — gritou o outro para o velho —, o que está querendo, um prato de macarrão ou algo assim?

De fato, o velho parecia estar precisando de uma refeição decente. Esperava humilde, sem dizer nada, do lado de fora do portão.

— Onde você o achou, Takeo? Tem o coração mole demais, é esse seu problema! Livrese dele!

— Eu lhe disse que avisaria ao Senhor Otori que ele estava aqui, e é isso que vou fazer — respondi. — Mas vigiem todos os seus movimentos. E não o deixem entrar no jardim, de jeito nenhum.

Voltei-me para o desconhecido para dizer que me esperasse ali, e captei nele um lampejo de alguma coisa. Ele era perigoso, sim, mas era quase como se estivesse permitindo que eu visse um lado seu que mantinha oculto dos guardas. Perguntei a mim mesmo se deveria deixá-lo com eles. No entanto, os guardas eram dois, armados até os dentes. Decerto seriam capazes de lidar com um velhinho.

Atravessei correndo o jardim, chutei minhas sandálias para longe e subi a escada em dois ou três pulos. O Senhor Shigeru estava sentado na sala superior, contemplando o jardim.

— Takeo — disse ele —, estava aqui pensando, uma sala de chá no jardim seria perfeita.

— Senhor... — comecei, e então fiquei petrificado com um movimento lá no jardim. Achei que fosse a garça, mas ela continuava parada, imóvel e cinzenta como antes; depois vi que era o homem que eu deixara no portão.

— O que foi? — disse o Senhor Shigeru, ao ver minha cara.

Eu estava tomado pelo pavor de que se repetisse a tentativa de assassinato.

— Há um desconhecido no jardim — exclamei. — Cuidado com ele!

Em seguida, tive medo pelos guardas. Desci correndo a escada e saí da casa. Meu coração batia forte quando cheguei ao portão. Tudo bem com os cães. Ao me ouvirem eles se agitaram, abanando o rabo. Dei um grito. Os homens saíram, espantados.

— O que houve, Takeo?

— Vocês o deixaram entrar — disse eu, enfurecido. — O velho, ele está no jardim.

— Não, ele está lá fora, na rua, onde você o deixou. Meus olhos acompanharam o gesto do homem, e por um instante também me deixei enganar. Eu o vi *mesmo* lá fora, sentado à sombra do muro, humilde, esperando, inofensivo. Então minha visão clareou. A rua estava vazia.

— Seus patetas! — disse eu. — Não avisei que ele era perigoso? Não disse para não o deixarem entrar de jeito nenhum? Vocês são uns idiotas inúteis, e ainda se consideram homens do clã Otori? Voltem para suas terras, para cuidar das galinhas, e que as raposas comam todas elas!

Ficaram boquiabertos. Acho que ninguém na casa tinha me ouvido pronunciar tantas palavras de uma vez só. Minha raiva era maior porque eu me sentia responsável por eles. Mas eles tinham de me obedecer. Eu só poderia protegê-los se me obedecessem.

— Vocês têm sorte por ainda estarem vivos — disse eu, sacando a espada e voltando apressado para achar o intruso.

Ele já não estava no jardim, e eu começava a me perguntar se tinha visto mais uma miragem, quando ouvi vozes que vinham da sala do andar superior. O Senhor Shigeru chamou meu nome. Não parecia estar correndo nenhum perigo, pelo contrário, era como se estivesse rindo. Quando entrei na sala e me inclinei, o homem estava sentado ao seu lado como se fossem velhos amigos, e os dois não paravam de rir. O desconhecido já não aparentava ser tão velho. Vi que ele era apenas poucos anos mais velho que o Senhor Shigeru, e agora sua expressão era franca e simpática.

— Então ele não quis andar no mesmo lado da rua que você? — disse o cavalheiro.

— É, e me obrigou a ficar sentado lá fora, esperando. Os dois davam sonoras gargalhadas, batendo na esteira com as palmas das mãos.

— Por sinal, Shigeru, você deveria treinar melhor seus guardas. Takeo teve razão em ficar furioso com eles.

— Takeo teve razão em tudo — comentou o Senhor Shigeru, com um toque de orgulho na voz.

— Como ele, existe um em cada mil. Nasceu assim, não foi a criação. Só pode ser da Tribo. Sente-se, Takeo, deixe-me olhar para você.

Levantei a cabeça do chão e me sentei sobre os calcanhares. Meu rosto ardia. Eu sentia que, afinal de contas, o homem me enganara. Ele não dizia nada, só me examinava em silêncio.

— Esse é Muto Kenji, velho amigo meu — disse o Senhor Shigeru.

— Senhor Muto — disse eu, com cortesia mas em tom frio, decidido a não revelar meus sentimentos.

— Não precisa me chamar de senhor — disse Kenji. — Não sou senhor de terras, apesar de alguns serem meus amigos — e ele se inclinou para mim. — Mostre-me suas mãos.

Ele tomou uma mão de cada vez, examinando-lhe o dorso e depois a palma.

— Ele nos lembra Takeshi — disse o Senhor Shigeru.

— Hã... Ele tem um ar dos Otori, mesmo.

Kenji voltou à sua posição anterior e contemplou o jardim. As últimas cores tinham se esvaído. Somente os bordos conservavam seu brilho vermelho.

— A notícia de sua perda me entristeceu — disse ele.

— Pensei que eu não desejasse mais viver — respondeu o Senhor Shigeru. — No entanto as semanas passam, e agora acho que desejo. Não fui feito para o desespero.

— Não mesmo — concordou Kenji, com afeto.

Os dois olharam pelas janelas abertas. Lá fora, o ar outonal era fresco, uma rajada de vento agitou os bordos e folhas caíram no córrego, adquirindo na água um tom mais escuro de vermelho, antes de serem arrastadas para o rio.

Pensei desejoso num banho quente e estremecei.

Kenji rompeu o silêncio.

— Por que esse menino, que se parece com Takeshi mas que obviamente é da Tribo, está morando em sua casa, Shigeru?

— Por que você veio de tão longe para me fazer essa pergunta? — respondeu o cavaleiro, com um leve sorriso.

— Não me importo em lhe dizer. Um passarinho me contou que alguém ouviu um intruso escalando sua casa. O resultado foi que um dos assassinos mais perigosos dos Três Países morreu.

— Tentamos manter isso em segredo — disse o Senhor Shigeru.

— Nossa função é descobrir esse tipo de segredo. O que Shintaro estava fazendo na sua casa?

— Presume-se que tenha vindo me matar — respondeu o Senhor Shigeru. — Então quer dizer que era Shintaro. Eu tinha minhas suspeitas, mas nenhuma prova — e, depois de um instante, ele acrescentou: — Alguém deve estar mesmo desejando minha morte. Ele foi contratado por Iida?

— Ele trabalhou para os Tohan por algum tempo. Mas não creio que Iida fosse mandar assassiná-lo em segredo. Pelo que todos dizem, ele gostaria de ver esse feito com os próprios olhos. Quem mais deseja sua morte?

— Posso pensar em um ou dois — respondeu o cavaleiro.

— Foi difícil acreditar que Shintaro tivesse fracassado — prosseguiu Kenji. — Tínhamos de descobrir quem era o menino. Onde você o encontrou?

— O que o passarinho lhe disse? — replicou o Senhor Shigeru, ainda sorrindo.

— A história oficial, é claro: que ele é parente distante de sua mãe. Dos supersticiosos, ouvi que você perdeu o juízo e acredita que ele seja seu irmão que voltou. Dos cínicos, que ele é um filho que você teve com alguma camponesa do leste.

O Senhor Shigeru riu.

— Não tenho nem o dobro da idade dele. Seria preciso que o tivesse gerado aos doze anos. Não é meu filho.

— Não, é evidente que não. E, apesar da aparência, não acredito que seja um parente nem um espírito. Seja como for, só pode ser da Tribo. Onde o encontrou?

Uma das criadas, Haruka, veio acender as lanternas, e imediatamente uma grande mariposa verde-azulada entrou às tontas, voando na direção da chama. Levantei-me, apanhei-a na mão, senti suas asas poeirentas baterem na minha palma e a soltei noite afora, fechando os postigos antes de me sentar de novo.

O Senhor Shigeru não deu resposta a Kenji, e então Haruka voltou com o chá. Kenji não pareceu zangado nem frustrado. Admirou as tigelas de chá, que eram da louça simples e rosada de produção local, e bebeu sem dizer mais nada, porém me vigiando o tempo todo.

Afinal, fez-me uma pergunta direta.

— Diga-me, Takeo, quando era criança, você arrancava as conchas de caracóis vivos ou as garras dos caranguejos?

Não entendi a pergunta.

— Talvez — disse eu, fingindo beber, apesar de minha tigela estar vazia.

— Você fazia essas coisas?

— Não.

— Por que não?

— Minha mãe dizia que era crueldade.

— Foi o que pensei.

Sua voz tinha adquirido um tom de tristeza, como se tivesse pena de mim.

— Não admira que você venha tentando se esquivar de mim, Shigeru. Senti uma delicadeza no menino, uma aversão à crueldade. Ele foi criado entre os Ocultos.

— É tão evidente assim? — disse o Senhor Shigeru.

— Só para mim — disse Kenji, sentando-se com as pernas cruzadas, olhar contraído, um braço pousado no joelho. — Acho que sei quem ele é.

O Senhor Shigeru suspirou e sua expressão se tornou serena e circunspecta.

— Então é melhor nos contar.

— Tudo indica que ele seja Kikuta: os dedos alongados, a linha reta que atravessa a palma da mão, a audição aguçada. Isso acontece de repente, por volta da puberdade, com frequência havendo também perda da fala, geralmente temporária, às vezes permanente...

— Está inventando tudo isso — disse eu, sem conseguir me manter calado nem mais um instante. Na realidade, uma espécie de horror me dominava. Eu nada sabia da Tribo, a não ser que o assassino fora um deles, mas tinha a impressão de que Muto Kenji estava abrindo diante de mim uma porta sombria, na qual eu tinha pavor de entrar.

O Senhor Shigeru balançou a cabeça.

— Deixe-o falar. É de extrema importância.

Kenji inclinou-se para a frente e falou direto comigo.

— Vou falar sobre seu pai.

— Melhor começar pela Tribo — disse o Senhor Shigeru, com frieza. — Takeo não sabe o que significa você dizer que é óbvio que ele é Kikuta.

— É mesmo? — Kenji ergueu uma sobrancelha. — Bem, se ele foi criado pelos Ocultos, suponho que não deveria me surpreender. Vou começar do início. As cinco famílias da Tribo sempre existiram. Já existiam antes dos senhores feudais e dos clãs. Remontam a uma época em que a magia era maior que o poder das armas e os deuses ainda andavam pela terra. Quando surgiram os clãs e os homens forjaram alianças baseadas no poder, os da Tribo não se uniram a ninguém. Para preservar seus dons, adotaram a vida na estrada, tornando-se viajantes, atores, acrobatas, mascates e mágicos.

— Podem ter feito isso no início — atalhou o Senhor Shigeru. — Mas muitos se tornaram comerciantes, acumulando fortuna e influência consideráveis.

Voltou-se então para mim.

— O próprio Kenji administra uma empresa de muito sucesso na área de produtos de soja e também de empréstimo de dinheiro.

— É a degradação dos tempos — disse Kenji. — Como dizem os sacerdotes, estamos nos dias finais da lei. Eu falava de uma época remota. É verdade que atualmente estamos envolvidos em negócios. De vez em quando podemos servir a um ou outro clã e adotar seu emblema, ou então trabalhar para quem é nosso amigo, como o Senhor Otori Shigeru. No entanto, independentemente do que nos tenhamos tornado, preservamos os talentos do passado, dons que antigamente todos os homens tinham mas que agora estão esquecidos.

— O senhor estava em dois lugares ao mesmo tempo — disse eu. — Os guardas o viam lá fora, enquanto eu o via no jardim.

Kenji dirigiu-me uma reverência irônica.

— Podemos nos dividir e deixar o segundo eu para trás. Podemos nos tornar invisíveis e nos movimentar a uma velocidade tal que o olho não consegue acompanhar. A visão e a audição aguçadas também são características nossas. A Tribo manteve essas aptidões através da dedicação e do treinamento árduo. E são aptidões que, neste país em guerra, outros consideram úteis e pelas quais pagam muito bem. Os membros da Tribo, em sua maioria, tornam-se espiões ou assassinos em algum momento de sua vida.

Eu me concentrava na tentativa de não tremer. Meu sangue parecia ter se escoado de mim. Lembrei-me da impressão que tivera de estar dividido em dois sob a espada de Iida. E todos os sons da casa, do jardim e da cidade lá fora ressoavam com intensidade cada vez maior nos meus ouvidos.

— Kikuta Isamu, que acredito ter sido seu pai, não era exceção. Os pais dele eram primos, e nele estavam aliados os dons mais fortes dos Kikuta. Aos trinta anos de idade, já era um assassino impecável. Ninguém sabe quantos matou. A maioria das mortes parecia natural, e nunca nenhuma lhe foi atribuída. Até mesmo para os padrões dos Kikuta, era uma pessoa

reservada. Era grande conhecedor de venenos, sobretudo certas plantas da montanha que matam sem deixar nenhum vestígio. Ele estava nas montanhas do leste, e você sabe de que localidade estou falando, em busca de novas plantas. Os homens do povoado em que estava alojado pertenciam aos Ocultos. Parece que lhe falaram do deus secreto, do mandamento de não matar, do julgamento que nos aguarda na outra vida: isso tudo você sabe, não preciso lhe dizer. Naquelas montanhas remotas, longe das hostilidades entre os clãs, Isamu fez uma avaliação de sua vida. Talvez sentisse remorso. Talvez os mortos se comunicassem com ele. Seja como for, ele renunciou à vida com a Tribo para tornar-se um dos Ocultos.

— E foi executado? — disse o Senhor Shigeru, na penumbra.

— Bem, ele desrespeitou as normas fundamentais da Tribo. Não gostamos de ser repudiados desse jeito, especialmente por alguém com talentos tão admiráveis. Infelizmente, esse tipo de aptidão é muito raro nos nossos tempos. Mas, para dizer a verdade, não sei exatamente o que aconteceu com ele. Nem sabia que tinha tido um filho. Takeo, ou seja qual for seu nome verdadeiro, deve ter nascido depois da morte do pai.

— Quem o matou? — perguntei, com a boca seca.

— Quem pode saber? Eram muitos os que tinham vontade de fazê-lo, e um deles conseguiu. É claro que ninguém poderia ter chegado perto dele se ele não tivesse feito o juramento de nunca mais matar.

Houve um longo silêncio. Além de um pequeno círculo iluminado pela chama da lanterna, a sala estava quase totalmente às escuras. Eu não via o rosto deles, apesar de ter certeza de que Kenji via o meu.

— Sua mãe nunca lhe falou sobre isso? — ele perguntou, finalmente.

Balancei a cabeça. Hã muita coisa que os Ocultos não contam, muitos segredos que guardam até mesmo uns dos outros. O que não se sabe não pode ser revelado sob tortura. Se você não souber os segredos do seu irmão, não poderá traí-lo.

Kenji riu.

— Admita, Shigeru, você não fazia idéia do que estava trazendo para dentro de casa. Nem mesmo a Tribo sabia da sua existência: um menino com todo o talento latente dos Kikuta!

O Senhor Shigeru não respondeu, mas, quando se inclinou para a frente e entrou na área iluminada, pude ver seu sorriso alegre e franco. Pensei no contraste que havia entre os dois homens: o cavalheiro tão aberto, Kenji tão dissimulado e cheio de astúcia.

— Preciso saber como isso aconteceu. Não estou falando por falar, Shigeru. Preciso saber — disse Kenji, insistente.

Eu estava ouvindo Chiyo, alvoroçada na escada.

— Vamos tomar banho e comer — disse o Senhor Shigeru. — Depois da refeição, retomamos a conversa.

"Ele não vai mais me querer em casa, agora que sabe que sou filho de um assassino", foi o primeiro pensamento que me ocorreu ao me sentar na água quente, depois que os mais velhos tinham se banhado. Ouvia suas vozes na sala superior. Agora estavam tomando vinho, em meio a reminiscências tranquilas do passado. Pensei então no pai que eu nunca havia conhecido e senti uma profunda tristeza por ele não ter conseguido fugir às suas origens. Ele queria desistir de assassinar, mas o assassinio não desistira dele. Estendera seus longos braços para encontrá-lo na remota região de Mino, exatamente como Iida, anos mais tarde, lá descobrira os Ocultos. Olhei para meus dedos longos. A isso se destinavam? A matar?

Independentemente do que eu tivesse herdado dele, eu era filho também da minha mãe. Resultava da união de duas estirpes que dificilmente poderiam ser mais diferentes; e as duas me eram invocadas pelo sangue, pela carne e pelos ossos. Lembrei-me também da minha fúria com os guardas. Sabia que agira com eles como seu senhor. Seria essa uma terceira estirpe na minha vida, ou eu seria mandado embora agora que o Senhor Shigeru sabia quem eu era?

Os pensamentos se tornaram muito dolorosos, muito difíceis de desenredar, e, de qualquer modo, Chiyo estava me chamando para comer. A água finalmente me aquecera, e eu estava com fome.

Ichiro viera juntar-se ao Senhor Shigeru e a Kenji, e as bandejas já estavam dispostas diante deles. Quando cheguei, conversavam sobre trivialidades: o tempo, o desenho do jardim, minha pouca aptidão para o aprendizado e meu mau comportamento de modo geral. Ichiro ainda estava irritado comigo por eu ter desaparecido aquela tarde. Parecia até que eu tinha passado semanas nadando com Fumio, no rio gelado de outono.

A comida estava melhor ainda do que de costume, mas somente Ichiro a saboreou. Kenji comeu depressa, o cavaleiro praticamente não tocou em nada. Eu sentia ora fome ora enjôo, ao mesmo tempo temendo e desejando o final da refeição. Ichiro comia tanto e tão devagar, que pensei que nunca fosse terminar. Por duas vezes parecia ter terminado, mas então resolveu pegar "só mais um bocadinho". Afinal, deu um tapinha na barriga e arrotou em silêncio. Estava prestes a enveredar por mais uma longa conversa sobre jardinagem, mas o Senhor Shigeru lhe fez um sinal. Com alguns comentários de despedida e mais umas piadinhas a meu respeito dirigidas a Kenji, ele se retirou. Haruka e Chiyo vieram recolher os pratos. Depois que saíram, quando seus passos e suas vozes foram se enfraquecendo ao se afastarem para a cozinha, Kenji inclinou-se para a frente, ainda sentado, com a mão estendida, a palma aberta, na direção do Senhor Shigeru.

— E então? — disse ele.

Desejei poder acompanhar as mulheres. Não ficar ali, sentado, enquanto aqueles homens decidiam meu destino. Pois era disso que se tratava, com certeza. Kenji devia ter vindo

para, de certo modo, me reivindicar para a Tribo. E o Senhor Shigeru, sem dúvida, agora ficaria felicíssimo em me deixar partir.

— Não sei por que essa informação é tão importante para você, Kenji — disse o Senhor Shigeru. — Acho difícil acreditar que já não saiba de tudo. Se eu lhe contar, tenho confiança de que não será divulgada. Até mesmo nesta casa ninguém sabe, com exceção de Ichiro e Chiyo.

"Você tem razão ao dizer que eu não sabia quem trouxera para dentro de casa. Tudo aconteceu por acaso. Era um final de tarde. Eu tinha me afastado um pouco do meu trajeto e esperava encontrar acomodação para pernoitar no povoado que mais tarde descobri chamar-se de Mino. Estava viajando sozinho havia algumas semanas, depois da morte de Takeshi."

— Estava procurando vingança? — perguntou Kenji, baixinho.

— Você sabe como são as coisas entre mim e Iida, como estão desde Yaegahara. Mas eu não podia esperar deparar com ele naquele lugar isolado. Seria a mais estranha das coincidências nós dois, inimigos dos mais ferrenhos, estarmos ali no mesmo dia. Sem dúvida, se tivesse encontrado Iida ali, eu teria tentado matá-lo. Mas, em vez disso, esse menino trombou comigo na trilha.

Falou rapidamente sobre o massacre, a queda de Iida do cavalo, os homens que me perseguiram.

— Foi por impulso. Os homens me ameaçaram. Estavam armados. Eu me defendi.

— Eles sabiam quem você era?

— Provavelmente não. Eu usava roupas de viagem, sem emblemas. Chovia, e já estava escurecendo.

— Mas você sabia que eles eram Tohan?

— Disseram que Iida estava atrás do garoto. Foi o que bastou para eu querer protegê-lo.

— Ouvi dizer que Iida busca uma aliança formal com os Otori — disse Kenji, como se estivesse mudando de assunto.

— É verdade. Meus tios são favoráveis a uma reconciliação, se bem que o clã esteja dividido.

— Se Iida souber que o garoto está com você, a aliança nunca se fará.

— Não há necessidade de me dizer o que eu já sei — disse o cavalheiro, com o primeiro lampejo de raiva.

— Senhor Otori — disse Kenji, com seu jeito irônico, inclinando-se.

Por alguns instantes, ninguém falou. E então Kenji deu um suspiro:

— Bem, é o destino que decide nossa vida, independentemente do que imaginamos estar planejando. Seja quem for que tenha enviado Shintaro para atacá-lo, o resultado é o mesmo. Em menos de uma semana, a Tribo sabia da existência de Takeo. Devo dizer-lhe que temos um interesse por esse menino ao qual não renunciaremos.

— O Senhor Otori salvou minha vida, e eu não o deixarei — disse eu, com a voz parecendo fraca aos meus ouvidos.

O cavaleiro estendeu a mão e me deu um tapinha paternal no ombro.

— E eu não vou entregá-lo — disse ele a Kenji.

— Antes de mais nada, queremos mantê-lo vivo — respondeu Kenji. — Enquanto acharmos que está seguro, poderá ficar aqui. Porém há outra preocupação. Os Tohan que você encontrou na montanha... suponho que os matou.

— Pelo menos um — respondeu o Senhor Shigeru —, talvez dois.

— Um — corrigiu-o Kenji.

O Senhor Shigeru ergueu as sobrancelhas.

— Você já sabe todas as respostas. Por que se dá ao trabalho de perguntar?

— Preciso preencher certas lacunas e descobrir até onde você sabe.

— Um, dois... que diferença faz?

— O homem que perdeu o braço sobreviveu. Chama-se Ando e há muito tempo é um dos mais chegados a Iida.

Lembrei-me do homem com jeito de lobo que me perseguira trilha acima, e não pude deixar de estremecer.

— Ele não soube quem você era e ainda não sabe onde Takeo está. Mas está procurando pelos dois. Com permissão de Iida, passou a dedicar-se inteiramente a essa busca de vingança.

— Espero ansioso por nosso próximo encontro — respondeu o Senhor Shigeru.

Kenji levantou-se e ficou andando pela sala. Quando se sentou, sua expressão era franca e sorridente, como se a noite inteira não tivéssemos feito nada além de contar piadas e falar sobre jardins.

— Muito bem — disse ele. — Agora que sei exatamente o perigo que Takeo corre, posso protegê-lo e ensiná-lo a se proteger.

Então, Kenji fez algo que me deixou estupefato. Inclinou a cabeça até o chão, diante de mim.

— Enquanto eu viver, você estará em segurança. Eu juro — disse ele.

Pensei que fosse ironia, mas uma certa máscara desapareceu do seu rosto e, por um momento, vi o homem verdadeiro que havia por trás dela. Era como se tivesse visto Jato ganhar vida. Depois a máscara voltou a seu lugar, e Kenji começou a brincar de novo.

— Mas você terá de fazer exatamente o que eu mandar! — disse ele, abrindo um sorriso. — Imagino que Ichiro ache que você está sendo demais para ele. Com a idade que tem, não deveria estar se ocupando com moleques como você. Vou me encarregar da sua formação. Vou ser seu mestre.

Enrolou-se nas vestes com um movimento espalhafatoso e contraiu os lábios, tornando-se na mesma hora o velhinho suave que eu deixara do lado de fora do portão.

— Quer dizer, isso se o Senhor Otori fizer a gentileza de permitir.

— Parece que não tenho escolha — disse o Senhor Shigeru, e serviu mais vinho, com seu sorriso franco.

Meus olhos passavam velozes de um rosto para o outro. Mais uma vez, fiquei impressionado com o contraste entre eles. Tive a impressão de ver nos olhos de Kenji um ar que não era exatamente de desdém, mas de algo próximo. Agora que conheço tão bem os hábitos da Tribo, sei que sua fraqueza é a arrogância. Eles se apaixonam por suas aptidões espantosas e subestimam a dos adversários. Naquele momento, porém, o ar de Kenji só me irritou.

Pouco depois, as criadas vieram fazer as camas e apagar as lanternas. Fiquei muito tempo sem dormir, escutando os sons da noite. As revelações daquele dia desfilavam devagar na minha cabeça; dispersavam-se, reorganizavam-se e voltavam a desfilar. Minha vida já não me pertencia. Se não fosse o Senhor Shigeru, eu agora estaria morto. Se ele não tivesse colidido comigo por acaso, como dizia, na trilha da montanha...

Teria sido mesmo por acaso? Todos, até mesmo Kenji, aceitavam sua versão: tudo acontecera por impulso, o menino correndo, os homens ameaçadores, a luta...

Revivi a cena mentalmente, e tive a impressão de me lembrar de um instante em que a trilha à frente estava vazia. Havia uma árvore enorme, um cedro, e alguém saiu de trás dela e me segurou, não por acaso, mas deliberadamente. Pensei no Senhor Shigeru: como eu realmente sabia pouco a seu respeito. Todos acreditavam que ele era o que aparentava ser, impulsivo, afetuoso, generoso. Eu acreditava que ele era tudo isso, mas não podia deixar de me perguntar o que havia por baixo. "Eu não vou entregá-lo", foram suas palavras. Mas por que ele haveria de querer adotar alguém da Tribo, o filho de um assassino? Pensei na garça e em sua espera paciente até a hora de atacar.

O céu já clareava e os galos cantavam, e só então adormeci.

Os guardas divertiram-se muito à minha custa quando Muto Kenji se instalou como meu professor.

— Cuidado com o velhote, Takeo! Ele é perigoso. Pode feri-lo com o pincel!

Pareciam não se cansar daquela piada. Aprendi a não dizer nada. Era preferível que me considerassem um idiota a que soubessem e divulgassem a verdadeira identidade do velhote. Foi uma lição inicial para mim. Quanto menos as pessoas pensarem a seu respeito, mais elas revelarão a você ou na sua presença. Comecei a me perguntar quantos criados ou súditos aparentemente inexpressivos e obtusos, porém fiéis, de fato eram da Tribo e faziam um trabalho de intrigas, subterfúgios e morte repentina.

Kenji iniciou-me nas artes da Tribo, mas eu ainda tinha aulas com Ichiro sobre os costumes dos clãs. A classe dos guerreiros era o oposto da Tribo. Davam enorme importância à admiração e ao respeito do mundo e à sua reputação e posição nele. Precisei aprender sua história, sua etiqueta, suas regras de cortesia e seu linguajar. Estudei os arquivos dos Otori, recuando muitos séculos, remontando a suas origens parcialmente míticas na família do Imperador, até minha cabeça ficar zonga com nomes e genealogias.

Os dias se tornaram mais curtos; as noites, mais frias. As primeiras geadas cobriram o jardim. Logo a neve obstruía as passagens das montanhas; tempestades de inverno fechariam o porto, e Hagi ficaria isolada até a primavera. A casa tinha agora uma melodia diferente, abafada, suave e sonolenta.

Alguma coisa desencadeara em mim uma louca fome de conhecimentos. Kenji dizia que era a personalidade da Tribo que vinha à tona após anos de abandono. Essa fome incluía tudo, desde os caracteres mais complexos da escrita até as exigências da esgrima. Isso eu aprendia com entusiasmo, mas tinha uma reação mais ambígua às aulas de Kenji. Não as considerava difíceis, aprendia com muita naturalidade, mas nelas havia algo que não me atraía, alguma coisa dentro de mim resistia a que eu me tornasse o que ele queria.

— É um jogo — dizia-me ele muitas vezes. — Aja como se fosse um jogo.

Mas era um jogo que terminava com a morte. Kenji tivera razão ao interpretar meu caráter. Eu fora criado para ter aversão ao assassinio, e tinha uma profunda relutância em tirar vidas.

Ele estudava esse meu aspecto, que o incomodava. Ele e o Senhor Shigeru costumavam conversar sobre maneiras de me tornar mais insensível.

— Ele possui todos os talentos, menos esse — disse Kenji certa noite, frustrado. — E essa falta torna todos os seus talentos um perigo para ele mesmo.

— Nunca se sabe — respondeu Shigeru. — Quando a situação se apresenta, é espantoso como a espada salta na mão, quase como se tivesse vontade própria.

— Você nasceu assim, Shigeru, e toda a sua formação reforçou esse lado. Na minha opinião, nessa hora Takeo hesitará.

— Hã — resmungou o cavaleiro, aproximando-se do braseiro e fechando melhor o casaco. Tinha nevado o dia inteiro. A neve estava alta no jardim, todas as árvores cobertas, todas as lanternas com seu espesso boné branco. O céu agora estava limpo, e o gelo fazia a neve cintilar. Ao falarmos, nossa respiração ficava suspensa no ar.

Ninguém mais estava acordado, só nós três, aconchegados em torno do braseiro, aquecendo as mãos em canecas de vinho quente. Aquilo me deu coragem para fazer uma pergunta.

— O Senhor Otori deve ter matado muitos homens, não é?

— Acho que não contei — respondeu ele. — Mas, fora de Yaegahara, provavelmente nem tantos. Nunca matei um homem desarmado, nem matei por prazer, como a depravação leva alguns a fazer. Melhor você continuar como é do que chegar a esse ponto.

Senti vontade de perguntar: "O senhor usaria um assassino para obter vingança?" Mas não tive coragem. Era verdade que a crueldade não me agradava e que a idéia de matar me repugnava. Mas a cada dia eu aprendia mais sobre o desejo de vingança de Shigeru. Ele parecia passar do cavaleiro para mim, onde alimentava meu próprio desejo. Naquela noite, abri os postigos nas primeiras horas da madrugada e contemplei o jardim. A lua minguante e uma única estrela estavam bem juntas no céu, tão baixas que pareciam estar espionando a cidade adormecida. O frio era cortante.

"Eu poderia matar", pensei. "Poderia matar Iida." E depois: "Vou matá-lo. Vou aprender o modo de fazê-lo."

Alguns dias depois, surpreendi a Kenji e a mim mesmo. Sua capacidade de estar em dois lugares ainda me enganava. Eu via o velho com seu traje desbotado, sentado, observando enquanto eu praticava alguma prestidigitação ou salto mortal; e então sua voz me chamava do lado de fora do prédio. Mas dessa vez eu senti ou ouvi sua respiração, saltei na direção dele, agarrei-o pelo pescoço e já estava com ele no chão antes de ter tempo de pensar onde ele estava. E, para espanto meu, minhas mãos se dirigiram por vontade própria até o ponto da artéria do pescoço em que a pressão produz a morte.

Mantive-o assim por um instante. Soltei-o, e nos encaramos.

— Bem — disse ele. — Agora você está chegando lá!

Olhei para minhas mãos inteligentes, de dedos longos, como se pertencessem a um desconhecido.

Minhas mãos faziam outras coisas que eu ignorava que soubessem fazer. Quando estava praticando caligrafia com Ichiro, minha mão direita de repente esboçava alguns traços, e ali surgia um dos pássaros da minha montanha prestes a sair voando do papel, ou o rosto de

alguém de quem eu não sabia se me lembrava. Ichiro dava-me cascudos por isso, mas ele gostava dos desenhos e os mostrou ao Senhor Shigeru.

O cavalheiro ficou encantado, assim como Kenji.

— É uma característica dos Kikuta — vangloriou-se Kenji, com tanto orgulho como se a tivesse inventado. — Muito útil. Proporciona a Takeo um papel a desempenhar, um disfarce perfeito. Ele é artista, pode fazer pinturas em todos os lugares, e ninguém vai imaginar o que ele consegue escutar.

O Senhor Shigeru foi igualmente prático.

— Desenhe o homem de um braço só — ordenou.

O rosto de lobo pareceu saltar do pincel por vontade própria. O Senhor Shigeru olhou fixamente para ele.

— Eu o reconhecerei — murmurou.

Providenciaram um professor de desenho. E, durante os dias do inverno, minha nova personagem evoluiu. Quando a neve derreteu, Tomasu, o menino meio selvagem que perambulava pela montanha e lia apenas seus animais e plantas, desaparecera para sempre. Eu me transformara em Takeo, tranqüilo, aparentemente inofensivo, pintor, um pouco dado a livros, um disfarce que escondia os ouvidos e olhos aos quais nada escapava e também o coração que estava aprendendo as lições da vingança.

Eu não sabia se esse Takeo era real ou apenas uma invenção, criada para servir aos propósitos da Tribo, e dos Otori.

As bordas das folhas do bambu orlaram-se de branco e os bordos vestiram-se de brocado. Junko trouxe para Kaede antigos trajes da Senhora Noguchi, desmanchando-os com cuidado para recosturá-los com as partes desbotadas viradas para dentro. À medida que os dias esfriavam, Kaede sentia-se grata por já não estar no castelo, correndo pelos pátios, e subindo e descendo escadas enquanto a neve caía sobre o gelo. Seu trabalho tornou-se mais agradável: ela passava os dias com as mulheres Noguchi, ocupada com costuras e prendas domésticas, escutando histórias e compondo poemas, aprendendo a escrever com a caligrafia feminina. Mas nem de longe estava feliz.

A Senhora Noguchi implicava com tudo o que dizia respeito a Kaede. Reprendia-a por ser canhota, comparava desfavoravelmente sua aparência com a das filhas, deplorava sua altura e sua magreza. Dizia-se chocada com a falta de educação de Kaede com relação a tudo, nunca admitindo que esse aspecto era de sua responsabilidade.

Na privacidade, Junko elogiava a pele clara, os membros delicados e a densa cabeleira de Kaede; e Kaede, contemplando-se no espelho sempre que podia, achava que talvez ela fosse mesmo bonita. Sabia que os homens a olhavam com desejo, mesmo ali na residência do senhor, mas temia todos eles. Desde a agressão do guarda, a proximidade de qualquer homem dava-lhe calafrios. Tinha pavor da idéia de casamento. Sempre que um convidado vinha à casa, temia que ele pudesse ser seu futuro marido. Se tivesse de aparecer em sua presença trazendo chá ou vinho, seu coração disparava e suas mãos tremiam. A Senhora Noguchi acabou decidindo que Kaede era desajeitada demais para servir os convidados e que deveria se restringir aos aposentos das mulheres.

Kaede começou a sentir-se entediada e ansiosa. Discutia com as filhas da Senhora Noguchi, reprendia as criadas por ninharias e irritava-se até mesmo com Junko.

— A menina precisa casar-se — declarou a Senhora Noguchi.

E, para horror de Kaede, um casamento foi combinado às pressas com um dos súditos do Senhor Noguchi. Foram trocados presentes de noivado, e então ela reconheceu o homem: estivera presente por ocasião da sua audiência com o cavaleiro. Era velho, pois tinha o triplo da idade de Kaede, já fora casado duas vezes, e Kaede achava-o fisicamente repulsivo. Além disso, Kaede também sabia o quanto ela valia. O casamento era um insulto a ela e à sua família. Estava sendo jogada fora. Chorou noites a fio e não conseguia comer.

Uma semana antes do casamento, chegaram mensageiros no meio da noite, despertando a casa inteira. A Senhora Noguchi convocou Kaede, furiosa.

— É muito azarada, Senhorita Shirakawa. Decerto é amaldiçoada. Seu noivo morreu.

O homem, para celebrar o iminente fim da viuvez, estava bebendo com amigos e tivera um ataque súbito, caindo morto em meio às taças de vinho.

Kaede sentiu um imenso alívio, mas a culpa por mais essa morte também foi atribuída a ela. Dois homens tinham morrido por sua causa, e começou a se espalhar o rumor de que desejá-la significava cortejar a morte.

Kaede chegou a ter esperança de que isso dissuadisse qualquer um de se casar com ela. Uma noite, porém, quando o terceiro mês estava quase terminando e as árvores exibiam folhas novas e brilhantes, Junko disse-lhe algo num sussurro.

— Propuseram alguém do clã Otori para marido da senhorita.

Elas estavam bordando. Kaede perdeu o ritmo dos pontos e enfiou a agulha no dedo com tanta força que saiu sangue. Junko rapidamente afastou a seda, antes que Kaede a manchasse.

— Quem é ele? — perguntou a moça, levando o dedo à boca e provando o sal do próprio sangue.

— Não sei ao certo. Mas o Senhor Iida é favorável, e os Tohan estão interessadíssimos em selar a aliança com os Otori. Assim eles controlarão totalmente o País Central.

— Quantos anos ele tem? — Kaede forçou-se a perguntar em seguida.

— Ainda não se sabe, senhorita. Mas a idade não faz diferença num marido.

Kaede retomou o bordado: grouns brancos e tartarugas azuis sobre um fundo cor-de-rosa escuro. Era um traje de casamento.

— Queria que nunca ficasse pronto.

— Alegre-se, Senhorita Kaede. Poderá ir embora daqui. Os Otori moram em Hagi, à beira-mar. É uma união digna da senhorita.

— O casamento me apavora — disse Kaede.

— Todo o mundo tem medo do que não conhece! Mas as mulheres acabam gostando, a senhorita vai ver — e Junko reprimiu um risinho.

Kaede lembrou-se das mãos do guarda, da sua força, de seu desejo, e sentiu a repugnância brotar em seu íntimo. Suas mãos, geralmente rápidas e hábeis, tornaram-se vagarosas. Junko repreendeu-a, mas com brandura, e a tratou com enorme delicadeza por todo o resto do dia.

Alguns dias depois, Kaede foi chamada a apresentar-se ao Senhor Noguchi. Ouvia as patas ruidosas de cavalos e os gritos de desconhecidos à medida que chegavam os convidados, mas como de costume manteve-se afastada. Foi com apreensão que ela entrou na sala de audiências; mas, para sua surpresa e alegria, seu pai estava sentado num lugar de honra, ao lado do Senhor Noguchi.

Quando se inclinou até o chão, viu o prazer no rosto dele. Estava orgulhosa por ele vê-la agora numa posição mais digna. Jurou a si mesma que nunca faria nada que lhe trouxesse mágoa ou desonra.

Quando lhe disseram que se sentasse, ela tentou olhar discretamente para o pai. Seu cabelo tornara-se mais ralo e mais grisalho. O rosto, mais enrugado. Kaede ansiava por notícias da mãe e das irmãs. Tinha esperança de que lhe concedessem algum tempo a sós com ele.

— Senhorita Shirakawa — o Senhor Noguchi começou —, recebemos uma oferta de casamento para a senhorita, e seu pai veio dar o consentimento.

Kaede inclinou-se novamente até o chão.

— Senhor Noguchi — murmurou ela.

— É uma grande honra para vocês. O casamento selará a aliança entre os Tohan e os Otori, unindo três famílias antigas. O próprio Senhor Iida comparecerá à cerimônia. Como sua mãe não está bem, uma parenta da sua família, a Senhora Maruyama, irá acompanhá-la a Tsuwano. Deverá aceitar como marido Otori Shigeru, um sobrinho dos Senhores Otori. Ele e seu séquito irão ao seu encontro em Tsuwano. Creio que não há necessidade de nenhuma outra providência. Tudo é muito satisfatório.

Ao ouvir que a mãe não estava bem, Kaede imediatamente voltou os olhos para o rosto do pai. Praticamente não ouviu as palavras que o Senhor Noguchi disse em seguida. Mais tarde, deu-se conta de que toda a história tinha sido organizada com o mínimo possível de inconveniência e despesa para ele: alguns trajes para a viagem e para o casamento, possivelmente uma criada para acompanhá-la. De fato, o Senhor Noguchi saíra-se muito bem de toda a transação.

Agora estava fazendo uma piada a respeito do guarda morto. A cor subiu ao rosto de Kaede. Os olhos do pai estavam entristecidos.

"Alegro-me por ele ter perdido um homem por minha causa", pensou ela, feroz. "Que perca mais cem."

O pai deveria voltar para casa no dia seguinte, pois a doença da mulher impedia uma estada mais prolongada. Com seu humor expansivo, o Senhor Noguchi recomendou que passasse algum tempo com a filha. Kaede conduziu o pai ao pequeno quarto com vista para o jardim. A temperatura estava agradável, no ar pairavam as fragrâncias da primavera. Uma toutinegra chamou do pinheiro. Junko serviu-lhes o chá. Sua cortesia e solicitude aliviaram o abatimento do pai.

— Alegro-me que você tenha uma amiga aqui, Kaede — murmurou.

— Quais são as notícias de minha mãe? — perguntou ela, ansiosa.

— Quem dera fossem melhores! Receio que a estação chuvosa a enfraqueça ainda mais. Mas seu casamento animou-a. Os Otori são uma família importante; e o Senhor Shigeru, ao que parece, é excelente pessoa. Sua reputação é boa. É estimado e respeitado. É tudo o que poderíamos esperar para você... mais do que esperávamos.

— Então fico feliz também — disse ela, mentindo para lhe agradar.

Ele olhou para as cerejeiras em flor, todas as árvores carregadas, sonhando imersas em sua beleza.

— Kaede, a questão do guarda morto...

— Não foi culpa minha — disse ela, apressada. — O capitão Arai agiu para me proteger. Toda a culpa foi do homem que morreu.

Ele deu um suspiro.

— Estão dizendo que você é um perigo para os homens, que o Senhor Otori deveria ter cuidado. Não pode acontecer nada que impeça esse casamento. Está me entendendo, Kaede? Se o casamento não ocorrer, se puserem a culpa em você, para nós será como a morte.

Kaede inclinou-se, com o coração pesado. O pai era um estranho para ela.

— Sei que, para você, a responsabilidade pela segurança da nossa família por todos esses anos foi um fardo pesado de carregar. Sua mãe e suas irmãs sentem sua falta. Se eu pudesse escolher de novo, faria com que tudo fosse diferente. Talvez se eu tivesse participado da batalha de Yaegahara, se, em vez de esperar para ver quem sairia vitorioso, tivesse me unido a Iida desde o início... mas agora isso tudo já passou e não há como voltar atrás. A seu modo, o Senhor Noguchi cumpriu sua parte no acordo. Você está viva, vai fazer um bom casamento. Sei que não vai nos decepcionar agora.

— Pai — disse ela enquanto uma leve brisa atravessava o jardim, e as pétalas brancas e cor-de-rosa caíram, dançando como a neve.

No dia seguinte, o pai foi embora. Kaede viu-o partir a cavalo, com seus homens. Estavam com sua família desde antes de ela nascer, e a moça se lembrava de alguns deles pelo nome: o maior amigo do pai, Shoji, e o jovem Amano, que era apenas alguns anos mais velho que ela. Depois que saíram pelo portão do castelo, os cascos dos cavalos esmagando o tapete de flores de cerejeira sobre os degraus rasos de pedras arredondadas, ela correu até a muralha exterior para vê-los desaparecer ao longo das margens do rio. Finalmente a poeira assentou, os cães da cidade calaram-se, e os visitantes sumiram.

A próxima vez que visse seu pai, ela seria uma mulher casada, cumprindo a formalidade da volta à casa paterna.

Kaede voltou para a residência, franzindo o cenho para segurar as lágrimas. Sua disposição de espírito não melhorou quando ouviu uma voz desconhecida. Alguém estava

tagarelando com Junko. Era o tipo de conversa que mais desprezava, com aquela voz de criança e aquele risinho agudo. Quase conseguia imaginar a menina, miúda, de bochechas rosadas como uma boneca, um andar de passos curtos como de um passarinho e uma cabeça sempre balançando e se inclinando.

Quando ela se precipitou para dentro do quarto, Junko e a garota desconhecida estavam trabalhando nas suas roupas, fazendo os últimos ajustes, dobrando e costurando. Os Noguchi não estavam perdendo tempo para livrar-se dela. Cestas de bambu e caixas de madeira de paulóvnia estavam ali, prontas para abrigar suas roupas. Vê-las deixou Kaede ainda mais perturbada.

— O que essa pessoa está fazendo aqui? — perguntou, irritada.

A garota estendeu-se de bruços no piso, exagerando a reverência, conforme Kaede já esperava que fizesse.

— Essa é Shizuka — disse Junko. — Ela deverá viajar com a Senhorita Kaede até Inuyama.

— Não a quero — retrucou Kaede. — Quero que você venha comigo.

— Senhorita, isso não é possível. A Senhora Noguchi jamais permitiria.

— Então diga-lhe para mandar alguma outra. Shizuka, ainda com o rosto grudado no chão, emitiu o que pareceu um soluço. Kaede, certa de que era fingimento, não se comoveu.

— Está fora de si, senhorita. A notícia do casamento, a partida de seu pai... — Junko tentava apaziguá-la. — Ela é uma boa garota, muito bonitinha, muito esperta. Sente-se, Shizuka: deixe que a Senhorita Shirakawa olhe para você.

A garota ergueu-se, mas não olhou direto para Kaede. Lágrimas escorriam-lhe dos olhos, voltados para o chão. Ela fungou uma ou duas vezes.

— Senhorita, por favor não me mande embora. Farei todas as suas vontades. Juro que nunca haverá ninguém que cuide da senhorita melhor do que eu. Eu a carregarei na chuva. No frio, deixarei que aqueça os pés em mim — voltou a sorrir e suas lágrimas pareciam ter secado.

— Você não me disse que a Senhorita Shirakawa era tão linda — disse ela a Junko. — Não surpreende que os homens morram por ela!

— Não diga uma coisa dessas! — protestou Kaede, andando furiosa até a porta. Dois jardineiros estavam tirando folhas do musgo, uma a uma. — Estou farta de ouvir dizerem isso de mim.

— Sempre vão dizer — observou Junko. — Agora isso faz parte de sua vida.

— Quisera eu que os homens morressem por mim — disse Shizuka, rindo. — Mas, no meu caso, eles se apaixonam por mim e logo se desapaionam, com a mesma facilidade com que eu por eles!

Kaede não se virou. A garota arrastou-se de joelhos até as caixas e recomeçou a dobrar as roupas, cantando baixinho enquanto trabalhava. Sua voz era clara e afinada. Era uma antiga balada sobre o pequeno povoado na floresta de pinheiros, a moça, o rapaz. Kaede teve a impressão de se lembrar da canção dos tempos de criança. Ela reafirmava em sua mente que sua infância estava encerrada, que deveria se casar com um desconhecido, que jamais conheceria o amor. Talvez os moradores dos povoados pudessem se apaixonar, mas para alguém de sua condição isso nem entrava em cogitação.

Atravessou o quarto e, ajoelhando-se ao lado de Shizuka, arrancou a peça de roupa da sua mão com grosseria.

— Se quer fazer o serviço, faça-o direito!

— Sim, senhorita. — Shizuka mais uma vez se estendeu no chão, amassando as roupas que estavam ao redor. — Obrigada, a senhorita nunca se arrepende!

Quando voltou a se sentar, Shizuka murmurou.

— Dizem que o Senhor Arai sente enorme interesse pela Senhorita Shirakawa. Falam da consideração que ele tem por sua honra.

— Você conhece Arai? — perguntou Kaede, com aspereza.

— Sou da cidade dele, senhorita. De Kumamoto. Junko deu um largo sorriso.

— Posso me despedir com a mente tranqüila se souber que a senhorita tem Shizuka para servi-la.

E assim Shizuka tornou-se parte da vida de Kaede, causando-lhe irritação e divertimento em doses iguais. Ela adorava mexericos, espalhava boatos sem a menor preocupação, estava sempre enfiada nas cozinhas, nas estrebarias, no castelo, e voltava repleta de histórias. Gozava da simpatia de todos e não tinha nenhum medo de homens. Pelo que Kaede observava, eles tinham mais medo dela, intimidados por suas palavras provocativas e sua língua ferina. Aparentemente ela era apressada e desatenta, mas era meticulosa nos cuidados que dispensava a Kaede. Fazia-lhe massagens para acabar com suas dores de cabeça, trazia unguentos feitos de ervas e cera de abelha para suavizar sua pele alva, depilava suas sobrancelhas para dar-lhes um formato mais delicado. Kaede passou a contar com Shizuka, que acabou conquistando sua confiança. Shizuka fazia Kaede rir, mesmo a contragosto, e a levou a entrar em contato com o mundo lá fora, do qual tinha sido isolada.

E assim Kaede soube das relações difíceis entre os clãs, dos muitos rancores amargos deixados por Yaegahara, das alianças que Iida tentava formar com os Otori e os Seishuu, das constantes idas e vindas de homens que disputavam posições e se preparavam mais uma vez

para a guerra. Também pela primeira vez soube da existência dos Ocultos, da perseguição que sofriam por parte de Iida, que exigia que seus aliados também os perseguissem.

Nunca tinha ouvido falar daquela gente, e de início achou que era tudo invenção de Shizuka. Uma noite, então, Shizuka, com uma discrição excepcional, veio lhe contar sussurrando que homens e mulheres tinham sido encontrados num pequeno povoado e trazidos a Noguchi em gaiolas de cestaria. Deveriam ficar pendurados nas muralhas do castelo até morrerem de fome e sede. Os corvos os bicavam enquanto ainda estavam vivos.

— Por quê? Que crime cometeram? — indagou Kaede.

— Eles dizem que existe um deus secreto, que vê tudo e a quem não podem ofender nem renegar. A isso preferem morrer.

Kaede estremeceu.

— Por que o Senhor Iida os odeia tanto?

Shizuka olhou para trás, por sobre os ombros, embora estivessem sozinhas no quarto.

— Eles dizem que o deus secreto punirá Iida na vida futura.

— Mas Iida é o cavaleiro mais poderoso dos Três Países. Pode fazer o que quiser. Eles não têm o direito de julgá-lo.

Kaede achava absurdo que os atos de um cavaleiro fossem julgados pela gente simples dos povoados.

— Os Ocultos acreditam que seu deus considera todos iguais. Aos olhos do seu deus, não há senhores. Há somente os que crêem e os que não crêem nele.

Kaede franziu o cenho. Não era de surpreender que Iida quisesse eliminá-los. Quis perguntar mais, porém Shizuka mudou de assunto.

— Estão esperando a Senhora Maruyama qualquer dia desses. Então, iniciaremos nossa viagem.

— Vai ser bom sair deste lugar de morte — disse Kaede.

— A morte está por toda parte — Shizuka apanhou o pente e, com movimentos longos e ritmados, começou a passá-lo nos cabelos de Kaede. — A Senhora Maruyama é parenta sua, bem próxima. A senhorita a conheceu quando era criança?

— Se a conheci, não lembro. Creio que é prima de minha mãe, mas não sei quase nada a seu respeito. Você a conhece?

— Já a vi — disse Shizuka, dando uma risada. — Gente como eu não chega a conhecer pessoas como ela!

— Fale-me dela — disse Kaede.

— Como a senhorita sabe, ela possui um vasto território no sudoeste. Tanto o marido quanto o filho morreram; e a filha, que seria a herdeira, é refém em Inuyama. É de conhecimento geral que a dama não é amiga dos Tohan, apesar de ser o clã de seu marido. Sua enteada é casada com um primo de Iida. Houve rumores de que, após a morte do marido, a família dele mandou envenenar seu filho. Primeiro, Iida ofereceu-lhe seu irmão em casamento, mas ela o recusou. Agora dizem que ele próprio quer se casar com ela.

— Só que ele já é casado e tem um filho — atalhou Kaede.

— Nenhum dos outros filhos da Senhora Iida sobreviveu além da infância, e a saúde dela é muito fraca. Ela pode vir a faltar a qualquer momento.

"Em outras palavras, ele pode assassiná-la", pensou Kaede, mas não ousou falar.

— Seja como for — prosseguiu Shizuka —, dizem que a Senhora Maruyama nunca se casará com o Senhor Iida, e também não permitirá que sua filha se case com ele.

— É ela que decide com quem irá se casar? Deve ser uma mulher poderosa.

— Maruyama é o último dos grandes domínios cuja herança se dá pela linhagem feminina — explicou Shizuka. — Isso faz com que ela tenha um poder maior que o das outras mulheres. Além disso, ela tem outros poderes que parecem quase mágicos. Enfeitiça as pessoas para conseguir o que quer.

— Você acredita nesse tipo de coisa?

— De que outro modo se explicaria sua sobrevivência? A família do marido falecido, o Senhor Iida e a maioria dos Tohan desejariam esmagá-la, mas ela sobrevive, apesar de ter perdido o filho por causa deles e de vê-los manter a filha como refém.

Kaede sentiu um aperto de compaixão no coração.

— Por que as mulheres precisam sofrer desse jeito? Por que não temos a liberdade que os homens têm?

— O mundo é assim — retrucou Shizuka. — Os homens são mais fortes e não são contidos por sentimentos de ternura ou de misericórdia. As mulheres apaixonam-se por eles, mas eles nunca retribuem esse amor.

— Não vou me apaixonar nunca — disse Kaede.

— É melhor, mesmo — concordou Shizuka, dando uma risada.

Ela arrumou as camas, e as duas se deitaram para dormir. Kaede pensou muito tempo sobre aquela dama que tinha poder como se fosse um homem, a dama que tinha perdido um

filho e, praticamente, também uma filha. Pensou na menina, refém no reduto de Iida em Inuyama, e sentiu pena dela.

A sala de recepção da Senhora Noguchi era decorada no estilo do continente, com as portas e os postigos pintados com paisagens de montanhas e pinheiros. Nenhuma das pinturas agradava a Kaede, que as achava pesadas, com o folheado a ouro excessivo e ostentatório, com exceção da última pintura da esquerda. Era de dois faisões, numa representação tão fiel que se tinha a impressão de que a qualquer momento poderiam levantar vôo. Tinham os olhos brilhantes e as cabeças apumadas. Escutavam a conversa na sala com mais animação que a maioria das mulheres que estavam ajoelhadas diante da Senhora Noguchi.

À direita da dama estava sentada a visita, a Senhora Maruyama. A Senhora Noguchi fez um sinal para que Kaede se aproximasse um pouco mais. Kaede curvou-se até o chão e ouviu as palavras cheias de falsidade proferidas acima da sua cabeça.

— Naturalmente estamos consternados em perder a Senhorita Kaede; ela foi como uma filha para nós. E hesitamos em sobrecarregar a Senhora Maruyama. Pedimos apenas que Kaede tenha permissão para acompanhá-la até Tsuwano. Lá os senhores Otori irão recebê-la.

— A Senhorita Shirakawa vai unir-se à família Otori?

Kaede gostou da voz baixa, delicada. Ergueu um pouco a cabeça para poder ver as pequenas mãos da dama cruzadas no colo.

— Vai, com o Senhor Otori Shigeru — disse satisfeita a Senhora Noguchi. — É uma grande honra. Meu marido é muito amigo do Senhor Iida, o qual também deseja essa união.

Kaede viu que as mãos se crisparam até o sangue desaparecer delas. Após uma pausa tão longa que quase demonstrou falta de cortesia, a Senhora Maruyama falou.

— O Senhor Otori Shigeru? A Senhorita Shirakawa realmente tem sorte.

— A senhora o conhece? Nunca tive o prazer.

— Conheço o Senhor Otori muito superficialmente — respondeu a Senhora Maruyama. — Sente-se, Senhorita Shirakawa. Deixe-me ver seu rosto.

Kaede levantou a cabeça.

— Como é nova! — exclamou a mulher mais velha.

— Estou com quinze anos, senhora.

— Apenas um pouco mais velha que minha filha — a voz da Senhora Maruyama soava fraca e abatida.

Kaede ousou olhar seus olhos escuros, de formato perfeito. As pupilas estavam dilatadas, como se a dama estivesse em estado de choque, e a brancura de seu rosto era muito maior

do que a do pó-de-arroz. Então pareceu recuperar o autocontrole. Um sorriso veio-lhe aos lábios, embora não chegasse aos seus olhos.

"O que eu lhe fiz?", pensou Kaede, confusa. Sentira uma admiração instintiva pela dama. Achou que Shizuka tinha razão. A Senhora Maruyama era capaz de levar qualquer um a fazer tudo o que ela quisesse. De fato, era de uma beleza que se desgastara, mas de algum modo as leves rugas em volta dos olhos e da boca aumentavam a personalidade e a força de seu rosto. Naquele momento, a frieza da sua expressão magoava Kaede profundamente.

"Ela não gosta de mim", pensou a menina, com arrasadora sensação de desapontamento.

A neve derreteu, a casa e o jardim começaram a cantar de novo com a água. Eu estava em Hagi havia seis meses. Aprendera a ler, escrever e desenhar. Aprendera a matar de várias maneiras diferentes, embora ainda não tivesse posto em prática nenhuma delas. Eu tinha a impressão de que podia ouvir as intenções no coração dos homens, e aprendera outras habilidades úteis não ensinadas por Kenji, mas extraídas de dentro de mim. Conseguia estar em dois lugares ao mesmo tempo e assumir a invisibilidade. Podia silenciar cães com um olhar, fazendo-os adormecer na mesma hora. Este último dom descobri sozinho e o escondi de Kenji; pois além de tudo ele também me ensinara a ser dissimulado.

Eu usava essas técnicas sempre que me cansava de estar confinado em casa, com a implacável rotina de estudo, exercício e obediência aos meus dois mestres exigentes. Descobri que era fácil distrair os guardas, fazer os cães adormecerem e escapulir pelo portão sem que ninguém me visse. Mais de uma vez, Ichiro e Kenji tiveram certeza de que eu estava em algum canto da casa, sentado tranqüilamente, com pincel e tinta, quando de fato estava com Fumio, explorando os becos das imediações do porto, nadando no rio, escutando os marinheiros e pescadores, respirando a inebriante combinação dos cheiros do sal no ar, de redes e cordas de cânhamo e de frutos do mar em todas as suas formas de preparo: crus, abafados no vapor, grelhados, em pequenos bolinhos ou substanciosos ensopados que faziam nosso estômago roncar de fome. Eu captava os sotaques diferentes, do oeste, das ilhas, até mesmo do continente, e ouvia conversas que ninguém imaginava que pudessem ser ouvidas, sempre aprendendo sobre a vida das pessoas, seus medos e seus desejos.

Às vezes saía sozinho, atravessando o rio pela tapagem ou a nado. Explorava as terras do outro lado, embrenhando-me nas montanhas onde os lavradores tinham suas lavouras secretas. Enfurnadas no meio das árvores, elas não podiam ser vistas e, portanto, não eram sujeitas a impostos. Via as folhinhas verdes brotando nos bosques e ouvia os castanhais fervilharem com o zumbido de insetos que buscavam o pólen em seus amentos dourados. Ouvia os lavradores, também zumbindo como insetos, fazerem queixas intermináveis contra os Senhores Otori e a carga cada vez maior dos impostos. E constantemente surgia o nome do Senhor Shigeru; assim, eu tomava conhecimento do amargor que mais da metade da população sentia pelo fato de seus tios estarem no castelo, e não ele. Era uma traição, da qual se falava apenas à noite ou no meio da floresta, quando ninguém mais além de mim poderia escutar; e eu não fazia nenhum comentário sobre isso com ninguém.

A primavera desabrochou na paisagem. O calor era agradável; toda a terra estava cheia de vida. Eu me sentia tomado por uma inquietação que não conseguia entender. Eu buscava alguma coisa, contudo não fazia idéia do que fosse. Kenji levou-me à zona do prazer, e lá dormi com garotas. Não lhe contei que já havia visitado os mesmos lugares com Fumio, e encontrei apenas um alívio fugaz de meu anseio. As garotas me despertavam pena tanto quanto desejo. Faziam-me lembrar as garotas com quem tinha crescido em Mino. Decerto provinham de famílias semelhantes, vendidas para a prostituição por pais famintos. Algumas mal acabavam de sair da infância, e eu perscrutava os rostos, à procura das feições de minhas irmãs. Muitas vezes a vergonha se insinuava em mim, mas eu não recuava.

Chegaram os festivais de primavera, abarrotando de gente os templos e as ruas. Tambores rufavam todas as noites. A obsessão dos tocadores, com o rosto e os braços reluzindo de suor à luz das lanternas, ia além da exaustão. Não pude resistir à febre dos festejos, ao arrebatamento enlouquecido das multidões. Uma noite, saí com Fumio, acompanhando a estátua do deus que era carregada pelas ruas por uma turba de homens empenhados e animados. Na volta, eu acabava de me despedir de Fumio, quando levei um empurrão e me choquei contra um homem, quase pisando nele. O homem se voltou para mim, e então o reconheci: era o viajante que se hospedara na nossa casa e tentara nos avisar da perseguição de Iida. Baixo e atarracado, rosto feio e fisionomia astuta, ele era uma espécie de mascate que às vezes vinha a Mino. Antes que eu pudesse me virar para ir embora, percebi em seus olhos uma expressão de reconhecimento e, também, de compaixão.

— Tomasu! — gritou ele, para se fazer ouvir em meio à multidão barulhenta.

Balancei a cabeça, tornando inexpressivos meus olhos e meu rosto, mas ele insistiu. Tentou me afastar da multidão, puxando-me para uma viela.

— Tomasu, é você, não é, o garoto de Mino?

— Está enganado — disse eu. — Não conheço ninguém chamado Tomasu.

— Todo o mundo achou que você tivesse morrido!

— Não sei do que está falando.

Ri, como se fosse uma grande brincadeira, e tentei abrir caminho para voltar para o meio da aglomeração. Ele me agarrou pelo braço para me impedir e, quando abriu a boca, eu sabia o que ia dizer.

— Sua mãe morreu. Eles a mataram. Mataram todos. Só restou você! Como escapou? — ele tentou puxar meu rosto para perto do seu. Eu sentia o cheiro do seu hálito, do seu suor.

— Está bêbado, meu velho — disse eu. — Minha mãe está viva e bem de saúde, em Hofu, pelas últimas notícias que tive — afastei-o com um empurrão e tentei sacar meu punhal. — Sou do clã Otori — disse eu, deixando a raiva tomar o lugar do riso.

Ele recuou.

— Perdão, senhor. Foi um engano. Agora estou vendo que não é quem eu pensei que fosse — ele estava um pouco embriagado, contudo o medo o fez recuperar a sobriedade rapidamente.

Vários pensamentos irromperam ao mesmo tempo em minha cabeça, e com maior premência o de que agora eu teria de matar aquele homem, aquele mascate inofensivo que tentara alertar minha família. Eu via exatamente como deveria agir. Iria levá-lo para o fundo da viela, fazê-lo perder o equilíbrio, enfiar-lhe o punhal na artéria do pescoço, puxá-la para

cima e depois deixá-lo caído, jogado como um bêbado qualquer, sangrando até a morte. Mesmo que me vissem, ninguém ousaria me deter.

A multidão passava por nós como uma onda. O punhal estava na minha mão. Ele se jogou ao chão, cabeça enfiada no pó, implorando pela vida com palavras incoerentes.

"Não posso matá-lo", pensei, "não há nenhuma necessidade de matá-lo. Ele já concluiu que não sou Tomasu e, mesmo que tenha dúvidas, nunca ousará mencioná-las para ninguém. Afinal, pertence aos Ocultos."

Recuei e deixei-me arrastar pela multidão até os portões do santuário. Depois, fui me esgueirando até a trilha que corria ao longo da margem do rio. Era um lugar escuro e deserto, mas eu ainda ouvia os gritos da multidão empolgada, a cantilena dos sacerdotes e o dobre surdo do sino do templo. O rio lambia e sugava os barcos, o cais, os juncos. Lembrei-me da primeira noite que passara na casa do Senhor Shigeru. "O rio está sempre à porta. O mundo está sempre lá fora. E é no mundo que precisamos viver."

Os cães, sonolentos e dóceis, acompanharam-me com os olhos quando cruzei o portão, no entanto os guardas não me perceberam. Às vezes, em ocasiões semelhantes, eu entrava sorrateiro na guarita e os surpreendia, mas aquela noite eu não estava com disposição para brincadeiras. Pensei com azedume em como eram lerdos e desatentos, como seria fácil outro membro da Tribo entrar, como o assassino entrara. Fui dominado pela repugnância por aquele mundo de dissimulação, duplicidade e intrigas para o qual eu estava agora tão treinado. Tive vontade de voltar a ser o Tomasu que descia a montanha correndo até a casa de minha mãe.

Os cantos dos meus olhos ardiam. As fragrâncias e os sons da primavera envolviam o jardim. Sob o luar, as primeiras flores reluziam com uma brancura frágil. Sua pureza feria meu coração. Como era possível que o mundo fosse tão lindo e tão cruel ao mesmo tempo?

Lanternas na varanda bruxuleavam e respingavam na brisa agradável. Kenji estava sentado na penumbra. Ele me chamou.

— O Senhor Shigeru andou repreendendo Ichiro por perdê-lo de vista. Eu disse que se pode amansar uma raposa, porém nunca a transformar num cão de estimação! — então ele notou minha expressão, quando entrei no círculo de luz. — O que houve?

— Minha mãe morreu.

"Crianças choram. Homens e mulheres precisam resistir." Dentro de mim a criança Tomasu chorava, mas os olhos de Takeo estavam secos.

Kenji puxou-me para perto dele.

— Quem lhe contou? — murmurou.

— Um homem que eu conhecia de Mino estava no santuário.

— Ele o reconheceu?

— Pensou que tivesse reconhecido. Eu o convenci de que estava enganado. Mas, enquanto ainda achava que eu fosse Tomasu, falou-me da morte da minha mãe.

— Meus pêsames — disse Kenji, mecanicamente. — Espero que o tenha matado.

Não respondi. Não precisava responder. Ele soube quase no mesmo instante. Deu-me um tapa nas costas, exasperado, como Ichiro fazia quando eu me esquecia de algum traço ao escrever.

— Você é um tolo, Takeo!

— Ele estava desarmado, era inofensivo. Conhecia minha família.

— É exatamente o que eu temia. Você permite que a compaixão segure sua mão. Não sabe que o homem cuja vida você poupa irá odiá-lo para sempre? Apenas conseguiu convencê-lo de que é mesmo Tomasu.

— Por que ele deveria morrer por causa do meu destino? Que benefício sua morte traria? Nenhum!

— Preocupam-me as desgraças que poderão ser causadas pela vida dele, por sua língua, que está viva — respondeu Kenji, entrando logo em seguida para contar o ocorrido ao Senhor Shigeru.

Fiquei desacreditado na casa e fui proibido de perambular sozinho pela cidade. Kenji mantinha-me sob vigilância cerrada, e percebi que era praticamente impossível enganá-lo, o que no entanto não me impedia de tentar. Como sempre, bastava que pusessem um obstáculo diante de mim para que eu procurasse superá-lo. Ele se enfurecia com minha desobediência, contudo minhas habilidades se aperfeiçoavam e eu confiava nelas cada vez mais.

O Senhor Shigeru conversou comigo sobre a morte da minha mãe, depois que Kenji lhe falou de meu fracasso como assassino.

— Você chorou por ela na noite em que nos conhecemos. Agora não pode haver nenhum sinal de pesar. Você não sabe quem o está vigiando.

E assim o pesar permaneceu reprimido, dentro do meu coração. À noite, repeti em silêncio as orações dos Ocultos pela alma da minha mãe e das minhas irmãs. Contudo não fiz as orações de perdão que ela me ensinara. Não tinha nenhuma intenção de amar meus inimigos. Deixei que a dor alimentasse meu desejo de vingança.

Aquela noite foi também a última vez que vi Fumio. Quando consegui escapar de Kenji e voltar ao porto, os navios dos Terada tinham desaparecido. Soube por outros pescadores que

tinham partido à noite, finalmente obrigados a se exilar, por causa dos impostos altos e dos regulamentos injustos. Havia rumores de que tinham fugido para Oshima, região de origem da família. Tendo como base aquela ilha remota, era quase certo que se voltariam para a pirataria.

Por volta dessa época, antes do início da estação de chuvas mais fortes, o Senhor Shigeru passou a se interessar muito por construção e a executar seus planos de fazer uma sala de chá numa das extremidades da casa. Fui com ele escolher a madeira, os troncos de cedro que sustentariam o piso e o telhado, as tábuas de cipreste para as paredes. O cheiro de madeira serrada me fazia lembrar as montanhas, e os carpinteiros tinham as características dos homens do meu povoado, em geral taciturnos mas dados a súbitas explosões de riso, provocadas por suas piadas insondáveis. Peguei-me voltando, sem querer, a meu antigo modo de falar, empregando palavras do povoado que não usava havia meses. Às vezes minha gíria até os fazia sorrir.

O Senhor Shigeru se interessava muito por todas as etapas da construção, desde a derubada das árvores na floresta e a preparação das tábuas até os diferentes métodos de montagem de pisos. Fizemos muitas visitas à serraria, acompanhados pelo mestre carpinteiro, Shiro, um homem que parecia feito da mesma substância que a madeira que ele tanto amava, irmão do cedro e do cipreste. Ele falava do caráter e do espírito de cada tipo de madeira, e do que cada um traz da floresta para dentro da casa.

— Cada madeira tem um som — dizia ele —, cada casa, sua própria melodia.

Eu imaginara que só eu soubesse que uma casa podia cantar. Fazia meses que eu vinha escutando a casa do Senhor Shigeru: ouvira sua melodia se abrandar ao se tornar música de inverno, ouvira suas vigas e paredes quando ela se comprimia contra o chão sob o peso da neve, quando congelava, degelava, encolhia e se expandia. Agora a casa voltava a cantar com a água.

Shiro me observava como se conhecesse meus pensamentos.

— Ouvi dizer que o Senhor Iida encomendou um piso que canta como um rouxinol — disse ele. — Mas quem precisa fazer um piso cantar como um pássaro, se o piso já tem sua própria música?

— Para que serve esse tipo de piso? — perguntou o Senhor Shigeru, fingindo indiferença.

— Ele tem medo de ser assassinado. É mais um dispositivo de proteção. Ninguém consegue atravessar o piso sem que ele comece a gorjear.

— Como é feito?

O velho apanhou um pedaço de assoalho semi-pronto e explicou como as traves eram dispostas para que as tábuas do piso rangessem.

— Dizem que na capital há pisos desse tipo. As pessoas, em sua maioria, querem assoalhos silenciosos. Rejeitam pisos barulhentos, mandam refazer o trabalho. Mas Iida não consegue dormir à noite. Tem medo de que alguém entre sorrateiramente e o surpreenda... e agora continua sem conseguir dormir, com medo de que seu piso comece a cantar! — e ele deu um risinho.

— Seria capaz de fazer um piso desses? — indagou o Senhor Shigeru.

Shiro deu um largo sorriso para mim.

— Sou capaz de fazer um assoalho tão silencioso que nem mesmo Takeo consiga ouvi-lo. Do mesmo modo, sou capaz de fazer um piso que canta.

— Takeo irá ajudá-lo — anunciou o cavalheiro. — Ele precisa saber exatamente como é construído.

Naquela hora, não ousei perguntar por quê. Eu já fazia uma idéia, contudo não queria expressá-la em palavras. A conversa se voltou para a sala de chá. E, enquanto supervisionava sua construção, Shiro fez um pequeno piso cantante, uma passarela em substituição às varandas da casa, e eu acompanhei a colocação de cada tábuia, de cada trave e de cada pino.

Chiyo queixava-se de que aquele rangido lhe dava dor de cabeça e de que mais parecia ruído de camundongo do que gorjeio de pássaro. Mas com o tempo todos os moradores se acostumaram, e os rangidos passaram a fazer parte da melodia diária da casa.

O piso agradou imensamente a Kenji: ele achava que aquilo me prenderia dentro de casa. O Senhor Shigeru não disse nada sobre a razão pela qual eu precisava conhecer os detalhes de sua construção, mas imagino que ele soubesse a atração que o piso exerceria sobre mim. Eu o escutava o dia inteiro. Pelas passadas, sabia exatamente quem estava andando nele. Conseguia prever a nota seguinte da melodia do piso. Tentei andar por ele sem despertar os passarinhos. Era difícil, Shiro fizera um bom trabalho, mas não era impossível. Eu sabia como era feito. Sabia que não tinha nenhum encantamento. Para eu conseguir dominá-lo, era só uma questão de tempo. Com a paciência quase fanática que agora eu sabia ser uma característica da Tribo, eu treinava a travessia do piso.

As chuvas começaram. Uma noite, o ar estava tão quente e úmido que eu não conseguia dormir. Fui apanhar água na pia e então fiquei em pé no portal, olhando para o piso que se estendia à minha frente. Tive certeza de que poderia atravessá-lo sem acordar ninguém.

Passei sem hesitar, meus pés sabiam exatamente onde pisar e com que pressão. Os pássaros permaneceram em silêncio. Sentí o profundo prazer, em que nada havia de euforia, provocado pela aquisição das habilidades da Tribo. Ouvi uma respiração. Voltei-me e dei com o Senhor Shigeru, que me observava.

— O senhor me ouviu — disse eu, decepcionado.

— Não, eu já estava acordado. Pode fazer de novo?

Por um momento, permaneci agachado onde estava, recolhendo-me para dentro de mim, como se faz na Tribo, deixando tudo se escoar de mim, com exceção da minha percepção dos ruídos da noite. Então, voltei a atravessar correndo o piso-rouxinol. Os pássaros continuaram dormindo.

Pensei em Iida deitado, sem conseguir dormir, em Inuyama, tentando ouvir o canto dos pássaros. Imaginei-me atravessando o piso sorrateiramente para chegar a ele, em completo silêncio, sem ser detectado.

Se é que estava pensando o mesmo, o Senhor Shigeru não o mencionou.

— Estou decepcionado com Shiro. Pensei que você seria derrotado pelo piso dele — foi tudo o que disse.

Nenhum de nós dois disse "E pelo piso de Iida?". No entanto, a pergunta pairava entre nós, no pesado ar da noite do sexto mês.

A casa de chá foi terminada. Nela muitas vezes tomávamos chá juntos, à noite, o que me fazia lembrar a primeira vez em que provara a caríssima infusão verde preparada pela Senhora Maruyama. Eu tinha a impressão de que o Senhor Shigeru fizera aquela construção tendo a dama em mente, contudo ele nunca o mencionou. À porta da sala de chá crescia uma camélia de duas hastes. Talvez aquele símbolo do amor no casamento é que tenha estimulado todos a falar na conveniência de um casamento. Ichiro, especialmente, insistia para que o cavalheiro procurasse outra esposa.

— A morte de sua mãe e a de Takeshi serviram como desculpa por algum tempo. Mas agora já está sozinho há quase dez anos e não tem filhos. Nunca se ouviu uma coisa dessas.

As criadas tagarelavam sobre o assunto, esquecidas de que eu podia ouvi-las com nitidez de qualquer ponto da casa. Sua opinião, de fato, estava bem próxima da verdade, embora elas mesmas não acreditassem realmente naquela possibilidade. Concluíram que o Senhor Shigeru devia estar apaixonado por uma mulher que não correspondia às conveniências ou que era inacessível. Os dois deviam ter jurado fidelidade um ao outro, diziam as garotas, suspirando, pois, para sua tristeza, o cavalheiro jamais convidara nenhuma delas para se deitar com ele.

As mulheres mais velhas, mais realistas, observavam que essas coisas podiam acontecer em canções, mas que não tinham nada a ver com a vida real da classe dos guerreiros.

— Pode ser que ele prefira meninos — replicou Haruka, a mais atrevida das garotas, acrescentando num acesso de risinhos maliciosos: — Perguntem ao Takeo!

Em resposta, Chiyo disse que preferir meninos era uma coisa, casamento era outra. Uma não tinha nada a ver com a outra.

O Senhor Shigeru se esquivava de todas essas perguntas sobre casamento, dizendo que estava mais interessado no processo da minha adoção. Havia meses que não se ouvia nenhuma notícia do clã, a não ser a informação de que a questão ainda estava sendo examinada. Os Otori tinham assuntos mais prementes com que se preocupar. Iida iniciara sua campanha de verão no leste, e os feudos, um após o outro, ou se aliaram aos Tohan ou foram subjugados e aniquilados. Logo ele voltaria novamente sua atenção para o País Central. Os Otori já estavam acostumados à paz. Os tios do Senhor Shigeru não tinham intenção de enfrentar Iida e mergulhar o feudo em mais uma guerra. Contudo, a idéia de submeter-se aos Tohan amargurava a maior parte do clã. Hagi fervilhava de boatos e a atmosfera era tensa. Kenji estava inquieto. Ele me vigiava o tempo todo, e a supervisão constante me deixava irritado.

— A cada semana há mais espões dos Tohan na cidade — dizia ele. — Mais cedo ou mais tarde, um vai reconhecer Takeo. Deixe-me levá-lo embora.

— Assim que ele for adotado oficialmente e estiver sob a proteção do clã, Iida pensará duas vezes antes de tocar nele — respondia o Senhor Shigeru.

— Acho que você o subestima. Iida ousaria fazer qualquer coisa.

— Talvez no leste. Mas não no País Central. Costumavam discutir sobre isso. Kenji insistia para que o cavalheiro lhe permitisse levar-me embora; o Senhor Shigeru, cheio de evasivas, recusava-se a levar o perigo a sério, sustentando que, uma vez adotado, eu estaria mais seguro em Hagi do que em qualquer outro lugar.

Fui contaminado pela disposição de espírito de Kenji. Eu estava a postos o tempo todo, sempre alerta, sempre vigilante. O único momento em que me sentia em paz era quando me absorvia no aprendizado de novas habilidades. Tornou-se uma obsessão aprimorar meus talentos.

A mensagem acabou chegando, no final do sétimo mês: no dia seguinte, o Senhor Shigeru deveria levar-me ao castelo, onde seus tios me receberiam e comunicariam sua decisão.

Chiyo me esfregou, lavou e aparou meu cabelo, e providenciou roupas que eram novas mas de cor desbotada. Ichiro passou e repassou toda a etiqueta e as cortesias, a linguagem que eu deveria usar, até que ponto eu deveria me inclinar em reverência.

— Não nos decepcione — disse-me ele entre dentes, ao sairmos. — Depois de tudo o que ele fez por você, não decepcione o Senhor Shigeru.

Kenji não foi conosco, mas disse que nos acompanharia até o portão do castelo.

— Mantenha os ouvidos abertos — disse-me ele, como se me fosse possível agir de outro modo...

Eu ia montado em Raku, o cavalo cinza-claro de crina e cauda negras. O Senhor Shigeru ia na minha frente, montando Kyu, seu cavalo preto, com um séquito de cinco ou seis homens. Ao nos aproximarmos do castelo, fui dominado pelo pânico. O poder daquele castelo

que se avultava diante de nós, seu domínio sobre a cidade, tudo isso me descontrolou. O que eu estava fazendo, fingindo ser um cavaleiro, um guerreiro? Bastaria um olhar para que os senhores Otori enxergassem quem eu era de fato: o filho de uma camponesa e de um assassino. O pior era que eu me sentia terrivelmente exposto, seguindo a cavalo pela rua apinhada de gente. Imaginava que todos estavam olhando para mim.

Raku sentiu o pânico e ficou tenso. Um súbito movimento na multidão fez com que ele refugasse um pouco. Sem pensar, comecei a respirar fundo e relaxei o corpo. Imediatamente o cavalo se tranqüilizou. Contudo sua reação nos fizera dar meia-volta e, quando o virei de novo para a frente, avistei um homem na rua. Vi o rosto apenas por um instante, mas imediatamente o reconheci. Vi a manga do seu braço direito vazia. Eu tinha desenhado seu rosto para o Senhor Shigeru e Kenji. Era o homem que me havia perseguido na subida da montanha, aquele cujo braço direito Jato decepara.

Ele não parecia estar me observando, e não tive como saber se me reconhecera. Fiz o cavalo seguir em frente. Creio que não dei sinal de que o havia notado. Todo esse episódio não durou mais de um minuto.

Estranhamente, aquilo me acalmou. "Isso é a vida real", pensei. Não era um jogo. "Talvez eu esteja fingindo ser algo que não sou; mas, se não conseguir, o resultado será a morte." E então pensei: "Sou Kikuta. Sou da Tribo. Posso enfrentar qualquer um."

Ao atravessarmos o fosso, avistei Kenji na multidão, um velhote de roupas desbotadas. Então os portões principais foram abertos para nós, e entramos no primeiro pátio.

Ali desmontamos. Os homens ficaram com os cavalos; o Senhor Shigeru e eu fomos recebidos por um homem já velho, o mordomo, que nos levou até a residência.

Era uma construção imponente e elegante, no lado do castelo que dava para o mar, protegida por uma muralha menor. Era cercada por um fosso que ia até o quebra-mar, e dentro do fosso havia um jardim amplo e de belo desenho. Uma pequena colina coberta por um bosque denso erguia-se por trás do castelo; acima das árvores, via-se o telhado curvo de um santuário.

O sol surgira brevemente, e as pedras fumegavam com o calor. Eu sentia o suor brotando-me na testa e nas axilas. Ouvia o mar chiando contra as rochas abaixo da muralha. Desejei estar nadando nele.

Tiramos as sandálias, e criadas vieram com água fresca para lavar nossos pés. O mordomo conduziu-nos para dentro. A casa parecia interminável, aposentos e mais aposentos estendendo-se à nossa frente, todos com uma decoração exuberante e dispendiosa. Afinal chegamos a uma antecâmara, onde ele nos pediu que aguardássemos um pouco. Sentamo-nos no chão e lá ficamos durante pelo menos uma hora. De início, fiquei indignado: com a afronta ao Senhor Shigeru, com o luxo extravagante da casa, que eu sabia ser proveniente dos impostos cobrados dos lavradores. Tive vontade de contar ao Senhor Shigeru que tinha avistado o homem de Iida em Hagi, mas não ousei falar. Ele parecia absorto na pintura das portas: uma

garça cinzenta, em pé num rio de um verde-escuro metálico, contemplando uma montanha dourada e cor-de-rosa.

Lembrei-me afinal do conselho de Kenji, e passei o resto do tempo escutando a casa. Ela não tinha a melodia do rio, como a do Senhor Shigeru, mas tinha um tom mais profundo e mais grave, sustentado pela constante vibração do mar. Conteí as passadas diferentes que ouvia, e concluí que lá moravam cinqüenta e três pessoas. Ouvi três crianças, no jardim, brincando com filhotes de cachorro. Ouvi as damas conversando sobre um passeio de barco que esperavam poder fazer se o tempo firmasse.

Então, no interior da casa, ouvi dois homens conversando baixinho. Ouvi mencionar o nome de Shigeru. Dei-me conta de que estava ouvindo seus tios dizerem coisas que não permitiriam que ninguém mais ouvisse.

— O mais importante é conseguir que Shigeru concorde com o casamento — disse um deles. Achei que fosse a voz do mais velho, mais forte e mais obstinada. Franzi o cenho, perguntando-me o que ele estaria querendo dizer. Não tínhamos vindo conversar sobre a adoção?

— Ele sempre resistiu à idéia de voltar a se casar — disse o outro, provavelmente mais jovem, com um leve tom respeitoso. — E casar-se para selar uma aliança com os Tohan, à qual ele sempre se opôs... Isso pode simplesmente fazer com que ele fique sabendo de tudo.

— Estamos numa época muito perigosa — disse o homem mais velho. — Ontem chegaram notícias sobre a situação no oeste. Parece que os Seishuu estão se preparando para desafiar Iida. Arai, o senhor de Kumamoto, considera-se ofendido pelos Noguchi, e está reunindo um exército para combatê-los, e também os Tohan, antes do inverno.

— E Shigeru está em contato com ele? Poderia ser a oportunidade de que necessita...

— Não precisa entrar em detalhes — atalhou o irmão. — Tenho perfeita consciência da popularidade de Shigeru dentro do clã. Se fizesse aliança com Arai, juntos poderiam investir contra Iida.

— A menos que nós... digamos... o desarmássemos.

— O casamento seria muito conveniente. Levaria Shigeru até Inuyama, onde ele estaria debaixo dos olhos de Iida por um tempo. E a dama em questão, Shirakawa Kaede, tem uma certa reputação muito útil.

— Você não está sugerindo...?

— Dois homens já morreram por causa dela. Seria lamentável que Shigeru fosse o terceiro, mas não seria nossa culpa.

O homem mais novo riu baixinho, de um jeito que me fez querer matá-lo. Respirei fundo para acalmar minha fúria.

— E se ele continuar recusando o casamento? — perguntou.

— Tornamos o casamento uma condição para esse seu capricho da adoção. Não vejo em que isso poderia nos prejudicar.

— Tentei investigar as origens do garoto — disse o mais jovem, com a voz assumindo um tom pedante de burocrata. — Não sei como poderia ser parente da falecida mãe de Shigeru. Não há sinal dele nas genealogias.

— Suponho que seja ilegítimo — disse o mais velho. — Ouvi dizer que se parece com Takeshi.

— É, a aparência dificulta a alegação de que não tem sangue dos Otori, mas se fôssemos adotar todos os nossos filhos ilegítimos...

— Em circunstâncias normais, é claro que estaria fora de cogitação. Mas neste momento...

— Concordo.

Ouvi um leve rangido do assoalho quando eles se puseram de pé.

— Mais uma coisa — disse o irmão mais velho. — Você me garantiu que Shintaro não fracassaria. O que deu errado?

— Tentei descobrir. Parece que o garoto o ouviu e despertou Shigeru. Shintaro tomou veneno.

— Ele o ouviu? Será que também é da Tribo?

— É possível. Um certo Muto Kenji apareceu na casa de Shigeru no ano passado. Oficialmente, é um professor, mas acho que ele não está dando o tipo habitual de instrução.

Mais uma vez o irmão mais novo riu, causando-me arrepios. Mas também senti um profundo desdém por eles. Tinham ouvido falar da minha audição aguçada, e mesmo assim não imaginavam que pudesse afetá-los ali, em sua própria casa.

O leve tremor dos passos saiu do aposento privado, onde ocorrera a conversa secreta, para o aposento que ficava atrás das portas pintadas.

Após alguns instantes, o velho mordomo voltou, abriu suavemente as portas de correr e fez um gesto para que entrássemos no recinto de audiências. Os dois cavalheiros estavam sentados em cadeiras baixas, um ao lado do outro. Vários outros homens estavam ajoelhados, de ambos os lados do aposento. O Senhor Shigeru inclinou-se imediatamente até o chão, e eu fiz o mesmo, mas antes lancei rapidamente os olhos sobre os dois irmãos, contra quem meu coração já nutria um rancor extremo.

O mais velho, Senhor Otori Shoichi, era alto mas não muito musculoso. Seu rosto era esguio e macilento. Usava barba e um pequeno bigode, e seu cabelo já estava se tornando grisalho. O mais novo, Masahiro, era mais baixo e atarracado. Tinha uma postura muito ereta, como todos os homens de baixa estatura. Não usava barba, o rosto tinha uma cor doentia e era salpicado de grandes sinais pretos. O cabelo ainda era preto, mas ralo. Nos dois, as feições características dos Otori, os malares proeminentes e o nariz adunco, eram prejudicadas pelos defeitos de caráter que os tornavam cruéis e fracos.

— Senhor Shigeru, meu sobrinho, seja muito bem-vindo — disse Shoichi, com cortesia.

O Senhor Shigeru sentou-se, mas eu continuei com a testa no assoalho.

— Temos pensado muito em você — disse Masahiro. — Ficamos muito preocupados. O falecimento de seu irmão, tão pouco tempo depois da morte da sua mãe e da sua própria doença, foi um fardo pesado para você.

As palavras pareciam generosas, contudo eu sabia que eram proferidas com falsidade.

— Agradeço a preocupação — respondeu Shigeru —, mas permita uma correção: meu irmão não faleceu, ele foi assassinado.

Disse isso sem emoção, como se estivesse simplesmente constatando um fato. Ninguém no recinto teve a menor reação. Seguiu-se um profundo silêncio.

O Senhor Shoichi rompeu-o com uma animação simulada.

— E esse é seu jovem pupilo? Ele também é bem-vindo. Como se chama?

— Nós o chamamos de Takeo — respondeu Shigeru.

— Parece que tem excelente audição — disse Masahiro, inclinando-se um pouco para a frente.

— Nada de extraordinário — disse Shigeru. — Todos nós temos uma boa audição na juventude.

— Sente-se, rapaz — disse-me Masahiro. Quando me sentei, ele examinou meu rosto por alguns instantes, antes de fazer uma pergunta: — Quem está no jardim?

Franzi o cenho como se a idéia de contar as pessoas somente agora tivesse me ocorrido.

— Duas crianças e um cachorro — arisquei. — Um jardineiro junto à muralha?

— E quantas pessoas você calcularia na casa?

Dei de ombros discretamente e então, achando que era muita falta de educação, tentei transformar o movimento numa reverência.

— Mais de quarenta e cinco? Perdoe-me, Senhor Otori, não tenho grande talento.

— Quantos são, irmão? — perguntou o Senhor Shoichi.

— Cinquenta e três, creio eu.

— Impressionante — disse o irmão mais velho, mas eu ouvi seu suspiro de alívio.

Voltei a inclinar-me até o chão e, sentindo-me mais seguro assim, permaneci abaixado.

— Adiamos tanto essa questão da adoção, Shigeru, em virtude da nossa incerteza quanto ao seu estado mental. Parecia-nos que o pesar o deixara muito desequilibrado.

— Não há incerteza na minha mente — respondeu Shigeru. — Não tenho filhos vivos e, agora que Takeshi morreu, não tenho herdeiro. Devo obrigações a esse menino, e ele a mim, que precisam ser cumpridas. Ele já é aceito por todos na minha casa e reside conosco. Peça que sua situação seja formalizada e que ele seja adotado para pertencer ao clã Otori.

— O que o menino acha disso?

— Fale, Takeo — o Senhor Shigeru me estimulou.

Sentei-me, engolindo em seco, subitamente dominado por uma forte emoção. Pensei no cavalo, refugando como meu coração refugava agora.

— Devo minha vida ao Senhor Otori. Ele nada me deve. A honra que me concede é grande demais para mim; contudo, se essa é a vontade dele e a de Vossas Excelências, aceito-a de todo o meu coração. Servirei fielmente ao clã Otori, por toda a minha vida.

— Que assim seja então — disse o Senhor Shoichi.

— Os documentos estão prontos — acrescentou o Senhor Masahiro. — Vamos assiná-los imediatamente.

— É muita gentileza e generosidade de meus tios — disse Shigeru. — Eu lhes agradeço.

— Há uma outra questão, Shigeru, na qual precisamos obter sua cooperação.

Eu me abaixara até o chão novamente. Meu coração arfava na minha garganta. Tive vontade de avisá-lo de algum modo, mas é claro que não podia falar.

— Você está a par das nossas negociações com os Tohan. Para nós a aliança é preferível à guerra. Conhecemos sua opinião. Você ainda é suficientemente jovem para ser impulsivo...

— Com quase trinta anos de idade, não posso mais ser considerado jovem — mais uma vez, Shigeru se manifestou calmamente, como se não pudesse haver como contestá-lo. — E

não tenho nenhum desejo de guerra. Tenho objeções não à aliança como tal, mas à natureza e à conduta atual dos Tohan.

Os tios não responderam a esse comentário, mas a atmosfera na sala esfriou um pouco. Shigeru também não disse mais nada. Deixara bem claro seu ponto de vista, claro demais para o gosto dos tios. O Senhor Masahiro fez um sinal para o mordomo, que bateu palmas sem alarde, e alguns instantes depois o chá apareceu, trazido por uma criada que parecia invisível. Os três senhores Otori beberam. Não me ofereceram nada.

— Bem, a aliança deve avançar — acabou dizendo o Senhor Shoichi. — O Senhor Iida propôs que ela seja selada por um casamento entre os clãs. Seu aliado mais próximo, o Senhor Noguchi, tem uma tutelada. Chama-se Senhorita Shirakawa Kaede.

Shigeru estava admirando a xícara de chá, segurando-a com uma das mãos. Ele a colocou com cuidado na esteira à sua frente e continuou sentado, sem mover um só músculo.

— É nosso desejo que a Senhorita Shirakawa se torne sua esposa — disse o Senhor Masahiro.

— Perdoe-me, tio, mas não tenho nenhum desejo de voltar a me casar. Não penso em casamento.

— Ainda bem que você tem parentes que pensam. O casamento é do maior interesse do Senhor Iida. Na realidade, a aliança depende disso.

O Senhor Shigeru inclinou-se em reverência. Houve mais um longo silêncio. Ouvi passos vindo de muito longe, o caminhar lento e deliberado de duas pessoas, uma carregando alguma coisa. A porta atrás de nós abriu-se, um homem passou por mim e se ajoelhou. Atrás dele veio um criado, trazendo uma escrivanhinha de laca, com tinta, pincel e lacre para selar.

— Ah, os documentos da adoção! — disse o Senhor Shoichi, em tom simpático. — Traga-os para nós.

O secretário avançou de joelhos, e a mesa foi posta diante dos cavalheiros. O secretário então leu o contrato em voz alta. O estilo era rebuscado, mas o conteúdo era bastante simples: eu tinha o direito de usar o sobrenome Otori e de receber todos os privilégios de um filho da família. Caso nascessem filhos de um casamento subsequente, meus direitos seriam iguais aos deles, mas não maiores. Em contrapartida, eu concordava em agir como filho do Senhor Shigeru, aceitar sua autoridade e jurar lealdade ao clã Otori. Se ele morresse sem nenhum outro herdeiro legal, eu herdaria seus bens.

Os cavalheiros apanharam os lacres.

— O casamento deverá realizar-se no nono mês — disse Masahiro —, quando tiver terminado o Festival em Memória dos Mortos. O Senhor Iida deseja que a cerimônia seja em Inuyama. Os Noguchi estão enviando a Senhorita Shirakawa a Tsuwano. Lá você se encontrará com ela e a escoltará até a capital.

Pareceu-me que os lacres pararam no ar, suspensos por um poder sobrenatural. Ainda havia tempo para eu me manifestar, para me recusar a ser adotado naquelas condições, para avisar o Senhor Shigeru da armadilha que fora preparada para ele. Contudo não disse nada. Os acontecimentos tinham ultrapassado os limites do controle humano. Agora estávamos nas mãos do destino.

— Devemos selar, Shigeru? — perguntou Masahiro, com infinita cortesia.

O Senhor Shigeru não hesitou um instante.

— Por gentileza, queiram fazê-lo — disse. — Aceito o casamento e estou feliz por satisfazer à sua vontade.

Assim, o acordo foi selado e eu me tornei membro do clã Otori, filho adotivo do Senhor Shigeru. No entanto, quando os selos do clã foram gravados nos documentos, nós dois sabíamos que eles estavam selando o destino do próprio cavaleiro.

Quando chegamos em casa, a notícia da minha adoção já tinha sido levada à nossa frente, e tudo estava preparado para a comemoração. Tanto o Senhor Shigeru quanto eu tínhamos motivos para não estar muito entusiasmados. Entretanto, ele parecia ter deixado de lado sua apreensão acerca do casamento e estava francamente exultante, como todos na casa. Dei-me conta de que realmente me tornara um deles ao longo dos meses que passara ali. Ganhei abraços, carinhos, excesso de atenções; e recebi porções insistentes de arroz vermelho e do chá especial da boa sorte, de Chiyo, feito com ameixa salgada e algas. Meu rosto começou a doer de tanto sorrir, e as lágrimas que eu não derramara pela dor agora enchiam os olhos pela alegria.

O Senhor Shigeru tornara-se ainda mais digno do meu amor e da minha lealdade. A traição dos tios me indignava; e eu estava apavorado com a trama que agora armavam contra ele. E ainda havia a questão do homem de um braço só. A noite inteira senti os olhos de Kenji em mim. Eu sabia que ele estava esperando para ouvir o que eu descobrira, e eu estava ansioso para contar para ele e para o Senhor Shigeru. Mas, quando as camas foram arrumadas e os criados se recolheram, já passava da meia-noite, e relutei em estragar a atmosfera alegre com más notícias. Teria ido dormir sem dizer nada, mas Kenji, o único de nós que realmente estava sóbrio, me deteve quando eu ia apagar a chama da lanterna.

— Primeiro você precisa nos dizer o que ouviu e o que viu.

— Vamos deixar para amanhã de manhã — disse eu. Vi aprofundar-se a escuridão que estivera por trás do olhar de Shigeru. Senti uma tristeza imensa me dominar, fazendo-me sucumbir.

— Suponho que tem a nos dizer o pior — disse ele.

— O que fez o cavalo refugar? — perguntou Kenji.

— Meu nervosismo. Mas, no momento em que ele refugou, vi o homem de um braço só.

— Ando. Também o vi. Não sabia se você o tinha visto, não deixou transparecer.

— E ele reconheceu Takeo? — perguntou o Senhor Shigeru, imediatamente.

— Olhou detidamente para vocês dois por um instante, depois fingiu indiferença. Mas só o fato de estar aqui sugere que ouviu alguma coisa — olhou para mim e prosseguiu. — Seu mascate deve ter falado!

— Alegra-me que a adoção já esteja formalizada — disse Shigeru. — Ela lhe dá uma certa proteção.

Eu sabia que precisava lhe falar da conversa que tinha ouvido, no entanto tinha dificuldade em mencionar a vilania dos tios.

— Perdoe-me, Senhor Otori — comecei —, ouvi seus tios em conversa particular.

— Enquanto contava, ou calculava errado, os moradores da casa, imagino — respondeu ele, em tom indiferente. — Estavam falando do casamento?

— Quem vai se casar? — perguntou Kenji.

— Parece que combinaram um casamento para mim, para selar a aliança com os Tohan — respondeu Shigeru. — A dama em questão é tutelada do Senhor Noguchi, Shirakawa é seu nome.

Kenji ergueu as sobrancelhas mas não falou. Shigeru prosseguiu:

— Meus tios deixaram claro que a adoção de Takeo dependia desse casamento — ele fixou o olhar na escuridão, falando baixinho: — Estou preso entre duas obrigações. Não posso cumprir as duas, no entanto não posso descumprir nenhuma.

— Takeo deveria nos contar o que os senhores Otori disseram — murmurou Kenji.

Achei mais fácil dirigir-me a ele.

— O casamento é uma cilada. A intenção é afastar o Senhor Shigeru de Hagi, onde sua popularidade e a oposição à aliança com os Tohan podem dividir o clã. Alguém chamado Arai está desafiando Iida no oeste. Se os Otori quisessem unir-se a ele, Iida seria apanhado entre os dois — minha voz foi enfraquecendo e eu me volvei para Shigeru: — O Senhor Otori sabe de tudo isso?

— Estou em contato com Arai — disse ele. — Prossiga.

— A Senhorita Shirakawa tem a reputação de causar a morte de homens. Seus tios planejam...

— Assassinar-me? — sua voz era neutra.

— Eu não deveria ter de relatar um ato tão vergonhoso — murmurei, com o rosto ardo. — Foram eles que pagaram Shintaro.

Lá fora, as cigarras chiavam estridentes. Eu sentia o suor que se formava na minha testa. Tudo estava apertado e abafado, era uma noite escura, sem lua nem estrelas. O cheiro do rio era repulsivo e viscoso, um cheiro antigo, antigo como a traição.

— Eu sabia que não era nenhum favorito deles — disse Shigeru. — Mas mandarem Shintaro contra mim! Devem achar que sou realmente perigoso.

Deu-me um tapinha no ombro.

— Tenho muito a agradecer a Takeo. Ficarei feliz em tê-lo ao meu lado em Inuyama.

— Você está brincando! — exclamou Kenji. — Não pode levar Takeo para lá!

— Parece que preciso ir, e me sinto mais seguro quando ele está comigo. Seja como for, agora que é meu filho, ele tem de me acompanhar.

— Nem tente me deixar para trás! — acrescentei.

— Quer dizer que você pretende se casar com Shirakawa Kaede? — disse Kenji.

— Você a conhece, Kenji?

— Sei quem ela é. Quem não sabe? Mal completou quinze anos e é belíssima, ao que dizem.

— Nesse caso, é uma pena que eu não possa me casar com ela — a voz de Shigeru estava leve, quase brincalhona. — Mas não há mal nenhum em todos pensarem que me casarei, pelo menos por enquanto. Isso distrairá a atenção de Iida e nos dará mais algumas semanas.

— O que o impede de se casar de novo? — indagou Kenji. — Há pouco você falou das duas obrigações entre as quais está dividido. Como concordou com o casamento para que a adoção pudesse ser efetuada, entendo que Takeo tem prioridade para você. Não está casado em segredo, está?

— É como se estivesse — admitiu Shigeru, depois de uma pausa. — Outra pessoa está envolvida.

— Quer me dizer quem?

— Mantenho esse segredo há tanto tempo que não sei se posso — respondeu Shigeru. — Takeo poderá lhe contar, se souber.

Kenji voltou-se para mim. Engoli em seco.

— A Senhora Maruyama? — murmurei. Shigeru sorriu.

— Há quanto tempo você sabe?

— Desde a noite em que nos encontramos com a dama na estalagem em Chigawa.

Pela primeira vez desde que eu o conhecera, Kenji parecia realmente perplexo.

— A mulher por quem Iida arde de paixão e com quem quer se casar? Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Você não vai acreditar — respondeu Shigeru.

— Um ano? Dois?

— Desde os meus vinte anos.

— Isso deve fazer quase dez anos!

Kenji parecia tão impressionado com o fato de não saber nada a respeito quanto com a própria informação.

— Mais um motivo para você odiar Iida — disse, balançando a cabeça, atônito.

— É mais do que amor — disse Shigeru, baixinho. — Também somos aliados. Ela e Arai controlam os Seishuu e o sudoeste. Se os Otori se juntarem a eles, poderemos derrotar Iida.

Fez uma pausa e depois prosseguiu.

— Se os Tohan ocuparem o território dos Otori, veremos o mesmo tipo de crueldade e perseguição de que salvei Takeo em Mino. Não posso me omitir e deixar Iida impor sua vontade ao meu povo, ver meu país devastado, meus povoados arrasados. Meus tios, e o próprio Iida, sabem que eu nunca me submeteria a isso. Por isso, pretendem me tirar de cena. Iida convidou-me a entrar no seu covil, onde quase com certeza tem a intenção de mandar me matar. Pretendo usar essa situação em meu benefício. Afinal de contas, existe algum meio melhor para eu entrar em Inuyama?

Kenji olhou para ele, muito sério. Eu via o sorriso franco de Shigeru à luz da lanterna. Havia algo de irresistível nele. Sua coragem inflamava meu coração. Eu entendia por que o povo o amava.

— São assuntos que não dizem respeito à Tribo — disse Kenji, afinal.

— Fui franco com você. Espero que nada disso saia daqui. A filha da Senhora Maruyama é refém de Iida. Além disso, mais do que por seu sigilo, eu seria grato por sua ajuda.

— Eu jamais o trairia, Shigeru, mas às vezes, como você mesmo disse, vemo-nos divididos entre lealdades distintas. Não posso fingir para você que não sou da Tribo. Takeo é Kikuta. Mais cedo ou mais tarde os Kikuta irão reivindicá-lo. Não há nada que eu possa fazer a esse respeito.

— Caberá a Takeo escolher, quando chegar a hora — disse Shigeru.

— Jurei lealdade ao clã Otori — disse eu. — Nunca o deixarei e farei tudo o que me pedir.

Pois eu já me via em Inuyama, onde o Senhor Iida Sadamu esperava, escondido atrás do seu piso-rouxinol.

6.

Kaede deixou o castelo Noguchi sem nenhum pesar e levando poucas esperanças; mas, como praticamente não havia ultrapassado as muralhas nos oito anos em que fora refém dos Noguchi, e como tinha apenas quinze anos de idade, não pôde deixar de ficar fascinada com tudo o que via. Pelos primeiros quilômetros, ela e a Senhora Maruyama foram carregadas em liteiras, mas o sacolejo causava-lhe náuseas e, na primeira parada, ela insistiu em descer para caminhar com Shizuka. Era alto verão, o sol brilhava forte. Shizuka atou um chapéu na cabeça de Kaede e abriu uma sombrinha para ela.

— A Senhorita Shirakawa não pode aparecer bronzada como eu diante do marido — disse ela, reprimindo um risinho.

Viajaram até o meio-dia, descansaram um pouco numa estalagem e depois prosseguiram por mais alguns quilômetros, até o anoitecer. Quando pararam, Kaede estava tonta com tudo o que vira: o verde brilhante dos arrozais, liso e exuberante como a pelagem de um animal; a correnteza dos rios brancos que corriam ao lado da estrada; as montanhas que se erguiam diante deles, em cadeias e mais cadeias, com seu rico traje verde de verão entremeadado do carmim das azaléias silvestres; e as pessoas na estrada, de todos os tipos e classes: guerreiros com armaduras, levando espadas e montados em cavalos fogosos, lavradores levando produtos que ela jamais tinha visto, carros de boi e animais de carga, mendigos e mascates.

Kaede não deveria dirigir-lhes o olhar, e eles deveriam fazer reverência até o chão enquanto o cortejo passasse. Mas a moça olhava-os de esguelha, assim como eles arriscavam olhares furtivos em sua direção.

Elas eram acompanhadas pelos criados da Senhora Maruyama; o chefe deles, um homem chamado Sugita, tratava da clama com a familiaridade descontraída de um tio. Kaede percebeu que simpatizava com ele.

— Quando tinha sua idade, eu gostava de andar — disse a Senhora Maruyama, enquanto faziam juntas a refeição vespertina. — Para ser sincera, ainda prefiro caminhar, mas também tenho medo do sol.

Ela contemplou a pele sem rugas de Kaede. Fora gentil com a menina o dia inteiro, contudo Kaede não conseguia esquecer sua primeira impressão, a de que a Senhora Maruyama não gostava dela, achando que por alguma razão tinha ofendido a dama.

— A senhora não cavalga? — perguntou Kaede. Ela invejava os homens a cavalo, que lhe pareciam livres e poderosos.

— Às vezes cavalgo — respondeu a Senhora Maruyama. — Mas, quando estou na posição de urna pobre mulher indefesa, em viagem através de território dos Tohan, permito-me ser carregada na liteira.

Kaede olhou para ela com ar de interrogação.

— No entanto dizem que a senhora é poderosa — murmurou.

— Entre os homens, preciso esconder meu poder — respondeu ela —, caso contrário não hesitarão em me esmagar.

— Não monto desde menina — confessou Kaede.

— Mas todas as filhas de guerreiros deveriam aprender a cavalgar! — exclamou a Senhora Maruyama. — Os Noguchi não a ensinaram a montar?

— Não me ensinaram nada — disse Kaede, amargurada.

— Nem o manejo da espada e do punhal? Arco-e-flecha?

— Eu não sabia que mulheres aprendiam esse tipo de atividade.

— No oeste aprendem.

Houve um curto silêncio. Kaede, sentindo fome pela primeira vez depois de muito tempo, pegou um pouco mais de arroz.

— Os Noguchi a trataram bem? — perguntou a dama.

— No início, não, nem um pouco.

Kaede sentia-se dividida entre sua costumeira atitude de reserva com quem lhe fazia perguntas e um forte desejo de confiar naquela mulher, que era de sua classe e sua igual. Além das duas, só estavam no quarto Shizuka e a acompanhante da Senhora Maruyama, Sachie, as duas sentadas tão quietas que Kaede mal se dava conta delas.

— Depois do incidente com o guarda, fui transferida para a residência da família.

— E antes disso?

— Eu morava no castelo, com as criadas.

— Que vergonha! — disse a Senhora Maruyama, agora com amargura na voz. — Como os Noguchi ousam? Afinal, você é Shirakawa... — e ela baixou os olhos. — Temo por minha filha, que é mantida como refém pelo Senhor Iida.

— Não era tão ruim quando eu era criança — disse Kaede. — As criadas tinham pena de mim. Mas, quando chegou a primavera, e eu deixei de ser criança mas também não era mulher, ninguém me protegia. Até que um homem teve de morrer...

Para seu próprio espanto, sua voz fraquejou. Uma súbita onda de emoção fez seus olhos encherem-se de lágrimas. Sua memória transbordou: as mãos do homem, o volume

duro do seu sexo encostado nela, o punhal na mão, o sangue, a morte dele diante dos seus olhos.

— Perdoe-me — murmurou.

A Senhora Maruyama debruçou-se sobre o espaço que as separava e segurou sua mão.

— Pobrezinha — disse ela, afagando os dedos de Kaede. — Pobres de todas essas crianças, de todas essas filhas. Se ao menos eu pudesse libertar vocês todas!

Kaede ansiava por despejar seu coração. Lutou para recuperar o controle.

— Depois disso, mudaram-me para a residência. Deram-me uma criada, primeiro Junko e depois Shizuka. Lá a vida era muito melhor. Eu deveria me casar com um velho. Ele morreu, e fiquei feliz. Mas as pessoas começaram a dizer que me conhecer, me desejar, provoca a morte.

Ela ouviu a outra mulher respirar fundo. Por um instante, nenhuma das duas falou.

— Não quero causar a morte de nenhum homem — disse Kaede, baixinho. — Tenho medo do casamento. Não quero que o Senhor Otori morra por minha causa.

Quando a Senhora Maruyama respondeu, sua voz era fraca.

— Não diga uma coisa dessas, nem em pensamento. Kaede olhou para ela. Aquele rosto branco, à luz da lanterna, pareceu encher-se de apreensão.

— Estou muito cansada — prosseguiu a dama. — Perdoe-me por não continuar conversando. Afinal, teremos muitos dias de viagem juntas.

Ela chamou Sachie. As bandejas de alimentos foram retiradas, e as camas, arrumadas.

Shizuka acompanhou Kaede até a latrina e, quando ela terminou, lavou-lhe as mãos.

— Por que ela se ofendeu? O que foi que eu disse? — murmurou Kaede. — Não a entendendo: ora é simpática, ora me olha como se eu fosse veneno.

— Está imaginando coisas — disse Shizuka, com despreocupação. — A Senhora Maruyama gosta muito da senhorita. Além do mais, é a parenta mais próxima que ela tem, depois da filha.

— Sou? — retrucou Kaede. E, quando Shizuka balançou a cabeça enfaticamente, ela perguntou: — Isso é tão importante assim?

— Se acontecesse alguma coisa com elas, a senhorita herdaria Maruyama. Ninguém lhe contou isso porque os Tohan ainda esperam obter aquele território. É uma das razões por que Iida insistiu em que fosse refém dos Noguchi.

Kaede não disse nada, Shizuka prosseguiu.

— A senhorita é mais importante ainda do que imaginava!

— Não caço de mim! Sinto-me perdida neste mundo. Sinto que não sei nada!

Kaede foi dormir, com a cabeça num turbilhão. Percebeu a inquietação da Senhora Maruyama ao longo da noite também. E, na manhã seguinte, o belo rosto da dama estava cansado e contraído. Mas ela se dirigiu a Kaede com gentileza e, quando partiram, deu ordens para que arrumassem um cavalo castanho bem manso para a menina. Sugita montou-a no animal, e de início um dos homens foi andando à sua frente, conduzindo o cavalo. Kaede lembrou-se dos pôneis que cavalgara quando criança, e aos poucos foi recuperando a habilidade. Shizuka quis impedi-la de cavalgar o dia inteiro, alegando que ficaria com muita dor nos músculos e muito cansada. No entanto, Kaede adorava a sensação de estar montada no lombo de um cavalo e não via a hora de voltar a cavalgar. A cadência da marcha acalmou-a um pouco e ajudou-a a organizar os pensamentos. Estava estarelecida principalmente com sua falta de preparo e sua ignorância a respeito do mundo em que estava entrando. Ela era uma peça no tabuleiro do grande jogo que os senhores da guerra estavam disputando, mas queria ser mais que isso, queria entender os movimentos do jogo e participar dele ativamente.

Aconteceram dois fatos que a perturbaram ainda mais. Uma tarde, a comitiva tinha parado para descansar numa hora inusitada, numa encruzilhada, quando veio reunir-se a ela um pequeno grupo de cavaleiros provenientes do sudoeste, quase como se se tratasse de um encontro marcado. Shizuka correu para cumprimentá-los, como costumava fazer, ansiosa por saber de onde eram e que novidades poderiam contar. Kaede, olhando meio ao acaso, viu-a falar com um dos homens. Ele se inclinou na sela, para se aproximar da moça e dizer-lhe alguma coisa. Ela fez que sim, com um ar muito sério, e deu um tapa no flanco do cavalo. O animal deu um salto à frente. Os homens riram alto e em seguida ouviu-se o risinho agudo de Shizuka. Naquele instante, contudo, Kaede teve a impressão de vislumbrar algo novo na garota que se tornara sua criada, uma firmeza que a deixou intrigada.

Durante o resto do dia, Shizuka continuou como sempre, exclamando diante da beleza da paisagem, colhendo flores do campo, cumprimentando todos os que encontrava. No entanto, no local onde se hospedaram aquela noite, Kaede entrou no quarto e encontrou Shizuka conversando seriamente com a Senhora Maruyama, não como uma criada, mas sentada com os joelhos encostados nos da dama, como uma igual.

Imediatamente passaram a falar do tempo e dos preparativos para o dia seguinte, mas Kaede teve uma sensação de traição. Shizuka lhe dissera: "Gente como eu não chega a conhecer pessoas como ela!" Contudo era evidente que havia alguma relação entre elas, da qual Kaede nada sabia. Isso a deixou desconfiada e com um pouco de ciúme. Aprendera a depender de Shizuka e não queria compartilhá-la com outras pessoas.

O calor ficou mais forte, e viajar se tornou mais desconfortável. Um dia, a terra tremeu algumas vezes, o que aumentou a inquietação de Kaede. Ela dormia mal, perturbada não só por suspeitas mas também por pulgas e outros insetos noturnos. Apesar de ansiar pelo final

da viagem, temia a chegada. Todos os dias, decidia que perguntaria a Shizuka, mas todas as noites algo a impedia de fazê-lo. A Senhora Maruyama continuava a tratá-la com cortesia, mas Kaede não confiava nela, e respondia com cautela e reserva. Depois sentia-se infantil e ingrata. Seu apetite tornou a desaparecer.

Shizuka repreendeu-a certa noite, no banho.

— Todos os seus ossos estão aparecendo. A senhorita precisa comer! O que irá pensar seu marido?

— Não comece a falar do meu marido! — Kaede apressou-se em dizer. — Não me importa a opinião dele. Talvez deteste minha aparência e me deixe em paz!

Então, mais uma vez, sentiu vergonha pela infantilidade de suas palavras.

Acabaram chegando à cidade serrana de Tsuwano, cruzando o estreito passo ao final do dia, quando as cadeias de montanhas já estavam escuras em contraste com o sol poente. A brisa passava pelos arrozais em terraço como uma onda pela água, lótus erguiam suas enormes folhas verde-jade, em torno dos campos as plantas silvestres estavam em flor, numa profusão de cores. Os últimos raios do sol tingiam as paredes brancas da cidade de rosa e dourado.

— Parece um lugar feliz! — Kaede não pôde deixar de exclamar.

A Senhora Maruyama, cavalgando logo adiante dela, voltou-se na sela.

— Já não estamos em território dos Tohan. Aqui começa o feudo dos Otori — disse ela. — Aqui aguardaremos o Senhor Shigeru.

Na manhã seguinte, Shizuka trouxe roupas estranhas, em vez dos trajes habituais de Kaede.

— A senhorita deve começar a aprender o manejo da espada — anunciou, mostrando a Kaede como vesti-las. Olhou para ela com ar de aprovação. — Se não fosse o cabelo, a Senhorita Kaede poderia passar por menino — disse ela, afastando do rosto de Kaede o cabelo denso para amarrá-lo para trás com tiras de couro.

Kaede passou as mãos pelo próprio corpo. As roupas eram de cânhamo áspero, tingidas de escuro, e estavam bem folgadas. Eram diferentes de tudo o já tinha usado. Escondiam suas formas e faziam-na sentir-se livre.

— Quem determinou que devo aprender isso?

— A Senhora Maruyama. Ficaremos aqui alguns dias, talvez uma semana, até que os Otori cheguem. Ela quer vê-la ocupada e não quer que sinta irritação.

— É muita bondade dela — respondeu Kaede. — Quem irá me ensinar?

Shizuka deu um risinho e não respondeu. Levou Kaede a uma construção baixa e comprida, com piso de madeira, que ficava em frente às suas acomodações, do outro lado da rua. Ali descalçaram as sandálias e calçaram botas de bico partido. Shizuka entregou a Kaede uma máscara para proteger o rosto, e tirou de uma prateleira na parede dois longos bastões de madeira.

— A senhorita chegou a aprender a lutar com estas armas?

— Quando criança, é claro que sim — disse Kaede. — Quase ao mesmo tempo que aprendi a andar.

— Então irá lembrar-se disso.

Shizuka entregou um bastão a Kaede e, segurando o outro firmemente com as duas mãos, executou uma elegante série de movimentos, com o bastão cortando o ar mais depressa do que os olhos conseguiam acompanhar.

— Não desse jeito! — admitiu Kaede, atônita.

Difícilmente poderia imaginar que Shizuka conseguisse erguer o bastão, muito menos brandi-lo com tanta força e maestria. Shizuka voltou a dar um risinho, transformando-se diante dos olhos de Kaede de guerreira atenta em criada desmiolada.

— A Senhorita Kaede vai ver como tudo se recupera! Vamos começar.

Kaede sentia frio, apesar do calor da manhã de verão.

— E você é o instrutor?

— Ah, sei apenas um pouquinho, senhorita. Provavelmente sabe tanto quanto eu. Acho que não há nada que lhe possa ensinar.

No entanto, apesar de Kaede perceber que realmente se lembrava dos movimentos e também tivesse um certo pendor natural, além da vantagem da altura, a técnica de Shizuka ultrapassava em muito a de Kaede. No final da manhã, estava exausta, transpirando e com as emoções em ebulição. Shizuka, embora como criada fizesse o possível para agradar a Kaede, era implacável como professora. Cada golpe tinha de ser executado com perfeição. Várias vezes, quando Kaede achava que afinal estava encontrando o ritmo, Shizuka a interrompia e indicava com delicadeza que estava apoiada no pé errado, ou que havia aberto a guarda e se arriscaria a morrer se estivessem lutando com a espada. Finalmente, fez um sinal de que deveriam parar, guardou os bastões na prateleira, tirou as máscaras e enxugou o rosto de Kaede com uma toalha.

— Foi bom — disse ela. — A Senhorita Kaede tem enorme habilidade. Logo iremos recuperar os anos perdidos.

A atividade física, o choque de descobrir a capacidade de Shizuka, o calor da manhã, as roupas estranhas, tudo se aliou para abalar o autocontrole de Kaede. Ela escondeu o rosto na toalha enquanto soluções a sacudiam com violência.

— Senhorita — murmurou Shizuka —, senhorita, não chore. Não há nada a temer.

— Quem é você, de verdade? — exclamou Kaede. — Por que finge ser o que não é? Você me disse que não conhecia a Senhora Maruyama!

— Eu gostaria de poder lhe contar tudo, mas ainda não posso. Minha função é a de protegê-la. Arai enviou-me com esse objetivo.

— Você conhece Arai também? Antes, só disse que era da mesma cidade que ele.

— Disse, porém nos conhecemos mais do que isso. Ele tem a maior consideração pela senhorita, pois sente que lhe deve gratidão. Quando o Senhor Noguchi o expulsou, ficou extremamente zangado. Sentiu-se insultado pela desconfiança de Noguchi e pelo tratamento que dispensava à senhorita. Quando soube que seria mandada a Inuyama para se casar, tomou providências para que eu a acompanhasse.

— Por quê? Lá estarei em perigo?

— Inuyama é um lugar perigoso. Ainda mais agora, que os Três Países estão à beira de uma guerra. Uma vez que a aliança com os Otori estiver firmada pelo seu casamento, Iida se voltará contra os Seishuu, no oeste.

No salão vazio, a luz do sol atravessava em diagonal a poeira levantada pelos seus pés. Do lado de fora das janelas de treliça, Kaede ouvia a água que escorria pelos canais, os gritos de vendedores ambulantes, o riso de crianças. Aquele mundo parecia simples e aberto, sem nenhum dos segredos sinistros que jaziam por baixo do mundo em que ela vivia.

— Não passo de uma peça no jogo — disse ela, com amargor. — Vocês me sacrificarão tão rapidamente quanto fariam os Tohan.

— Não, Arai e eu somos seus servos, senhorita. Ele jurou protegê-la, e eu obedeço a ele — ela sorriu, com a fisionomia subitamente animada pela paixão.

"São amantes", pensou Kaede, sentindo mais uma vez uma fisgada de ciúme por ter de dividir Shizuka com outra pessoa. Quis perguntar: "E a Senhora Maruyama? Qual é seu papel neste jogo? E o homem com quem devo me casar?" Mas teve medo da resposta.

— Está quente demais para continuarmos hoje — disse Shizuka, tomando a toalha das mãos de Kaede e enxugando seus olhos. — Amanhã vou ensiná-la a usar o punhal.

Ao se levantarem, ela acrescentou:

— Não mude a maneira de me tratar. Sou sua criada, nada mais que isso.

— Eu deveria pedir desculpas por todas as vezes que a tratei mal — disse Kaede, constrangida.

— A senhorita nunca me tratou mal! — disse Shizuka, rindo. — Muito pelo contrário, foi tolerante demais. Os Noguchi podem não ter lhe ensinado nada de útil, mas pelo menos a senhorita não aprendeu com eles a ser cruel.

— Aprendi a bordar — disse Kaede —, mas não é possível matar ninguém com uma agulha.

— É, sim — disse Shizuka, sem hesitar. — Um dia eu lhe mostro.

Por uma semana, aguardaram na cidade serrana pela chegada dos Otori. O tempo tornou-se mais pesado e abafado. Nuvens de tempestade acumulavam-se todas as noites em torno dos picos das montanhas; e ao longe raios lampejavam, mas não chovia. Todos os dias Kaede aprendia a lutar com o punhal e a espada, a partir do amanhecer, antes do calor mais forte, e se exercitava por três horas seguidas, com o suor escorrendo pelo rosto e pelo corpo.

Afinal, um dia, quando a manhã estava terminando e elas molhavam o rosto com água fria, mais alto que os costumeiros ruídos da rua chegou-lhes o som da marcha de cavalos e do latido de cães.

Shizuka chamou Kaede até a janela, com um gesto.

— Veja! Chegaram! Os Otori estão aqui.

Kaede espiou pela treliça. O grupo de cavaleiros se aproximava a trote. A maioria usava elmos e armadura, mas de um lado seguia um garoto de cabeça descoberta, não muito mais velho que ela. Kaede viu a curva do seu malar, o brilho sedoso do cabelo.

— Esse é o Senhor Shigeru?

— Não — respondeu Shizuka, rindo. — O Senhor Shigeru vai à frente. O rapaz é seu tutelado, o Senhor Takeo.

Ela acentuou a palavra "senhor", num tom irônico do qual mais tarde Kaede se lembraria, mas que na ocasião mal percebeu, pois o garoto, como se tivesse ouvido pronunciarem seu nome, virou a cabeça e olhou na sua direção.

Seus olhos sugeriam profundidade de sentimentos, a boca era sensível, e ela via em seus traços energia e tristeza. Acendeu-se algo nela, uma espécie de curiosidade associada a anseio, um sentimento que lhe era desconhecido.

Os homens prosseguiram. Quando o garoto sumiu de vista, Kaede teve a impressão de que perdera uma parte de si mesma. Como uma sonâmbula, acompanhou Shizuka de volta à estalagem. Ao chegarem, Kaede tremia como se estivesse com febre. Shizuka, totalmente equivocada, tentou tranquilizá-la.

— O Senhor Otori é um homem gentil, senhorita. Não precisa ter medo. Ninguém lhe fará mal.

Kaede não disse nada. Não ousava abrir a boca, pois a única palavra que queria dizer era o nome dele, Takeo.

Shizuka tentou fazê-la comer, primeiro sopa, para se aquecer, depois macarrão frio, para se refrescar. Mas Kaede não conseguia engolir nada. Shizuka levou-a para se deitar. Kaede tremia por baixo do acolchoado, os olhos brilhantes, a pele seca, seu corpo inapreensível para ela mesma, como uma serpente.

O trovão estourou nas montanhas, e o ar nadava na umidade.

Alarmada, Shizuka mandou chamar a Senhora Maruyama. A dama entrou no quarto acompanhada por um velho.

— Tio! — Shizuka cumprimentou-o, com um gritinho de prazer.

— O que houve? — disse a Senhora Maruyama, ajoelhando-se ao lado de Kaede e pondo a mão na sua testa. — Está ardendo em febre. Deve ter apanhado alguma friagem.

— Estávamos treinando — explicou Shizuka. — Vimos a chegada dos Otori, e ela pareceu atingida por uma febre repentina.

— Pode lhe dar alguma coisa, Kenji? — perguntou a Senhora Maruyama.

— Ela tem pavor do casamento — disse Shizuka, baixinho.

— Febre eu posso curar, mas isso não — disse o velho. — Vou mandar fazer uma infusão de algumas ervas. O chá a acalmará.

Kaede estava deitada, totalmente imóvel, de olhos fechados. Ouvia-os com nitidez, mas eles pareciam estar falando de um outro mundo, um mundo do qual ela fora arrancada no instante em que seus olhos encontraram os de Takeo. Despertou para tomar o chá, com Shizuka segurando sua cabeça como se ela fosse uma criança. Depois voltou a cair num sono leve. Acordou com os trovões rugindo pelo vale. A tempestade finalmente começara, e a chuva caía violenta, ressoando nas telhas e lavando as pedras arredondadas. Tivera um sonho nítido, mas, no momento em que abriu os olhos, o sonho desapareceu, deixando-lhe apenas a clara noção de que o que estava sentindo era amor.

Ficou surpresa, depois enlevada e, sem seguida, consternada. A princípio, achava que morreria se o visse. Depois, achava que morreria se não o visse. Repreendia a si mesma: como poderia ter se apaixonado pelo tutelado do homem com quem deveria se casar? E então pensava: que casamento? Não podia se casar com o Senhor Otori. Não se casaria com ninguém a não ser com Takeo. E então surpreendia-se rindo da própria estupidez. Como se alguém pudesse casar-se por amor! "Fui atingida por uma desgraça", pensava num instante; e no instante seguinte: "Como pode um sentimento como esse ser uma desgraça?"

Quando Shizuka voltou, Kaede insistiu em dizer que estava recuperada. De fato, a febre tinha cedido, sendo substituída por uma energia que fazia cintilar seus olhos e reluzir sua pele.

— A senhorita está mais linda que nunca! — exclamou Shizuka, enquanto a banhava e a vestia com os trajes que tinham sido preparados para o noivado, para seu primeiro encontro com o futuro marido.

A Senhora Maruyama cumprimentou-a com preocupação, perguntando por sua saúde, e ficou aliviada ao constatar que estava recuperada. Mas Kaede percebeu o nervosismo da dama quando a acompanhou ao melhor aposento da estalagem, que fora preparado para o Senhor Otori.

Ela ouvia a conversa dos homens, enquanto as criadas abriam as portas de correr, mas eles se calaram ao vê-la. Kaede fez uma reverência até o chão, constrangida com seu olhar, sem coragem de encarar nenhum deles. Podia sentir todas as pulsações no seu corpo quando o coração começou a disparar.

— Esta é a Senhorita Shirakawa Kaede — disse a Senhora Maruyama.

"Sua voz está fria", pensou Kaede, e mais uma vez se perguntou o que fizera para ofender tanto a dama.

— Senhorita Kaede, apresento-lhe o Senhor Otori Shigeru — prosseguiu a Senhora Maruyama, com a voz tão fraca que mal se conseguia ouvir.

Kaede sentou-se.

— Senhor Otori — murmurou, e levantou os olhos para o rosto do homem com quem deveria se casar.

— Senhorita Shirakawa — respondeu ele, com enorme cortesia. — Soubemos que esteve indisposta. Está recuperada?

— Obrigada. Estou bem.

Kaede gostou de sua fisionomia, vendo bondade em seu olhar. "Ele merece a reputação que tem", pensou ela. "Mas como posso me casar com ele?" Sentiu a cor lhe subir às faces.

— Aquelas ervas nunca falham — disse o homem sentado à sua esquerda. Ela reconheceu a voz do velho que mandara fazer o chá para ela, o homem que Shizuka chamara de tio. — A Senhorita Shirakawa é famosa por sua grande beleza, mas sua reputação quase não lhe faz justiça.

— Você a está lisonjeando, Kenji — disse a Senhora Maruyama. — Se uma menina não for linda aos quinze anos, nunca será.

Kaede sentiu-se enrubescer ainda mais.

— Trouxemos presentes para a senhorita — disse o Senhor Otori. — São ofuscados pela sua beleza, mas queira aceitá-los como símbolo da mais profunda consideração e devoção do clã Otori. Takeo.

Ela teve a impressão de que aquelas palavras foram proferidas com indiferença, até mesmo com frieza; e imaginou que esse seria sempre o sentimento que teria por ela.

O menino levantou-se e trouxe até ela uma bandeja laqueada. Nela havia pacotes embrulhados com crepe de seda rosa-claro, com o emblema dos Otori. Ajoelhando-se diante de Kaede, ele lhe ofereceu a bandeja.

Ela se inclinou em agradecimento.

— Este é o tutelado e filho adotivo do Senhor Otori — disse a Senhora Maruyama. — Senhor Otori Takeo.

Ela não ousou olhar para o rosto dele. Permitiu-se, por outro lado, contemplar suas mãos. Tinham dedos longos, eram flexíveis e de belo formato. A pele era de uma cor entre o mel e o chá, com as unhas tingidas com um leve tom de lilás. Ela sentia a quietude dentro dele, como se estivesse sempre escutando, sempre prestando atenção.

— Senhor Takeo — murmurou ela.

Ele ainda não era um homem como aqueles que ela temia e detestava. Era da sua idade; seu cabelo e sua pele tinham a mesma textura da juventude. A forte curiosidade que sentira antes voltou. Desejava saber tudo a seu respeito. Por que o Senhor Otori o adotara? Quem ele era realmente? O que acontecera para torná-lo tão triste? E por que ela achava que ele poderia ouvir os pensamentos do seu coração?

— Senhorita Shirakawa — sua voz era grave, com um sotaque do leste.

Ela precisava olhar para ele. Ergueu os olhos e encontrou os dele. Ele a encarava, quase intrigado, e ela sentiu algo que fez uma ponte entre os dois, como se de algum modo eles se tivessem tocado através do espaço que os separava.

A chuva amainara um pouco antes, mas agora recomeçava com um tamborilar forte, que quase abafava as vozes. O vento também aumentou, fazendo as chamas das lanternas dançarem e as sombras crescerem nas paredes.

"Eu quisera ficar aqui para sempre", pensou Kaede.

— Ele já a conhece — disse a Senhora Maruyama, incisiva — mas vocês não foram apresentados. Este é Muto Kenji, velho amigo do Senhor Otori e mestre do Senhor Takeo. Ele ajudará Shizuka na sua instrução.

— Senhor — ela o reconheceu, olhando para ele de relance, por baixo dos cílios. Ele a contemplava com admiração sem reservas, balançando ligeiramente a cabeça, como se não pudesse acreditar. "Parece um velhinho simpático", pensou Kaede, e então: "Mas, afinal, ele não é tão velho assim!" Seu rosto parecia transformar-se diante dos olhos dela.

Kaede sentiu o assoalho abaixo dela mexer-se, com um tremor levíssimo. Ninguém falou, mas lá fora alguém gritou de surpresa. Depois, eram só o vento e a chuva novamente.

Um calafrio dominou-a. Não podia deixar que nenhum dos seus sentimentos se revelasse. Nada era o que parecia ser.

Depois da minha adoção formal pelo clã, comecei a encontrar com mais frequência os rapazes da minha idade de famílias de guerreiros. Ichiro era muito requisitado como professor e, como já estava me dando aulas de história, religião e sobre os clássicos, concordou em aceitar outros alunos. Entre eles, estava Miyoshi Gemba, que, com seu irmão mais velho, Kahei, viria a se tornar um dos meus amigos e aliados mais íntimos. Gemba era um ano mais velho que eu. Kahei já tinha mais de vinte anos, portanto já passara da idade de ser instruído por Ichiro. Mas ele ajudava a ensinar as artes da guerra aos mais novos.

Para isso, eu agora me reunia com os homens do clã no enorme salão em frente ao castelo, onde lutávamos com bastões e estudávamos outras artes marciais. No seu lado sul, que era fechado, havia um amplo campo para a prática de equitação e arco-e-flecha. No arco, eu não melhorara em nada, mas saía-me razoavelmente bem na esgrima, manejando o bastão e a espada. Todos os dias de manhã, depois de duas horas de exercícios de escrita com Ichiro, eu cavalgava com um ou dois homens pelas ruas sinuosas da cidade encastelada e passava quatro ou cinco horas em treinamento implacável.

No final da tarde, voltava para Ichiro com seus outros alunos, e fazíamos força para manter os olhos abertos enquanto ele tentava nos ensinar os princípios de Kung Tzu e a história das Oito Ilhas. Passou o solstício de verão e o Festival da Estrela Tecelã, iniciando-se então os dias de maior calor. A época das chuvas pesadas havia terminado, mas a umidade ainda era grande e havia ameaça de fortes tempestades. Os lavradores previam, preocupados, uma estação de tufoes pior que a habitual.

Minhas aulas com Kenji também continuavam, mas à noite. Ele se mantinha afastado do salão do clã e me advertiu para não revelar meus talentos da Tribo.

— Os guerreiros acham que é bruxaria — disse ele. — Irão desprezá-lo se souberem.

Muitas vezes saíamos à noite, e eu aprendi a me movimentar pela cidade adormecida sem ser visto. Tínhamos uma relação estranha. Eu não confiava nem um pouco nele à luz do dia. Fora adotado pelos Otori e lhes entregara meu coração. Não queria ser lembrado de que era um forasteiro, de certo modo até uma aberração. À noite, porém, era diferente. Os talentos de Kenji eram inigualáveis. Ele queria compartilhá-los comigo, e eu era ávido por aprendê-los, em parte por mim mesmo, pois satisfaziam a uma necessidade sinistra que nascera em mim, em parte porque sabia o quanto precisava aprender para que um dia pudesse cumprir o que o Senhor Shigeru queria de mim. Embora ele ainda não tivesse tocado no assunto comigo, eu não via nenhuma outra razão para que tivesse me resgatado de Mino. Eu era filho de um assassino, membro da Tribo, agora seu filho adotivo. Iria com ele para Inuyama. Que outro motivo poderia haver a não ser o de matar Iida?

A maioria dos rapazes me aceitava, por causa de Shigeru, e eu me dei conta da alta estima em que eles e seus pais tinham o cavaleiro. Porém os filhos de Masahiro e Shoichi me davam muito trabalho, especialmente o mais velho de Masahiro, Yoshitomi. Passei a odiá-los

tanto quanto odiava seus pais; e também os desprezava, por sua arrogância e cegueira. Frequentemente lutávamos com bastões. Eu sabia que tinham a meu respeito intenções assassinas. Certa vez Yoshitomi teria me matado se, num instante, eu não tivesse utilizado meu segundo eu para distraí-lo. Ele jamais me perdoou por isso, e com frequência me sussurrava insultos: "Bruxo. Impostor." Na realidade, o que eu temia não era tanto que ele me matasse, mas que eu tivesse de matá-lo em legítima defesa ou por acidente. Sem dúvida, isso fez com que eu me aprimorasse no manejo da espada, no entanto fiquei aliviado quando chegou a hora de partirmos, sem que tivesse ocorrido derramamento de sangue.

Não era uma boa época para viajar, já que estávamos no auge do calor do verão, mas precisávamos chegar a Inuyama antes do início do Festival para os Mortos. Não seguimos a estrada direta que passava por Yamagata, fomos para o sul até Tsuwano, agora a cidadezinha mais remota do feudo dos Otori, na estrada para o oeste, onde encontraríamos o cortejo nupcial e onde o noivado se realizaria. De lá entraríamos no território dos Tohan e seguiríamos pela estrada principal até Yamagata.

A viagem até Tsuwano foi tranqüila e agradável, apesar do calor. Eu estava livre dos ensinamentos de Ichiro e das pressões do treinamento. Sentia-me em férias, cavalgando na companhia de Shigeru e de Kenji; e por alguns dias todos nós parecíamos ter deixado de lado a preocupação com o que tínhamos pela frente. Não chovia, embora raios lampejassem em torno das cordilheiras a noite inteira, tingindo as nuvens de cor de anil; e a folhagem exuberante das florestas nos cercava de um mar verdejante.

Chegamos a Tsuwano ao meio-dia, depois de acordarmos ao amanhecer para percorrermos o último trecho do caminho. Senti pena de ter chegado, consciente de que aquilo representava o fim dos prazeres inocentes da nossa viagem despreocupada. Eu jamais poderia imaginar o que a substituiria. Tsuwano cantava com a água, com suas ruas às margens de canais repletos de gordas carpas vermelhas e douradas. Não estávamos muito longe da estalagem quando de repente, acima da água e dos sons da cidadezinha movimentada, ouvi com nitidez meu nome ser pronunciado por uma mulher. A voz vinha de uma construção baixa e comprida, com paredes brancas e janelas de treliça, uma espécie de salão de lutas. Eu sabia que havia duas mulheres lá dentro, mas não podia vê-las, e me perguntei imediatamente por que estariam ali e por que uma delas pronunciara meu nome.

Quando chegamos à estalagem, ouvi a mesma mulher conversando no pátio. Dei-me conta de que era a criada da Senhorita Shirakawa, e soubemos que a dama não estava bem. Kenji foi atendê-la e voltou ansioso por descrever sua beleza em detalhes, mas a tempestade teve início e tive medo de que os trovões deixassem os cavalos irrequietos. Por isso, fui correndo até a estrebaria, sem lhe dar ouvidos. Não queria nem ouvir falar de sua beleza. Se é que eu pensava nela, era com repulsa, por sua participação na cilada montada para Shigeru.

Depois de algum tempo, Kenji veio me encontrar na estrebaria, trazendo a criada com ele. Aparentemente era uma daquelas meninas bonitinhas, bem-humoradas e desmioladas, mas, antes mesmo que sorrisse para mim de modo pouco respeitoso e me chamasse "Primo!", eu já captara que ela era membro da Tribo.

Ela ergueu as mãos, encostando-as nas minhas.

— Também sou Kikuta, por parte de mãe. Mas Muto por parte de pai. Kenji é meu tio.

Nossas mãos tinham o mesmo formato, com dedos longos, e a mesma linha reta de um lado a outro da palma.

— Esse foi o único traço que herdei — disse ela, entristecida. — No mais, sou Muto.

Como Kenji, ela tinha o poder de mudar de aparência de tal modo que nunca se tinha a certeza de reconhecê-la. A princípio pensei que fosse muito jovem. Na realidade, estava com quase trinta anos e tinha dois filhos.

— A Senhorita Kaede está um pouco melhor — disse ela a Kenji. — Seu chá a fez dormir, e agora ela insiste em se levantar.

— Você forçou demais — disse Kenji, dando uma risadinha. — Onde é que você estava com a cabeça? Com esse calor!

Dirigindo-se a mim, ele acrescentou:

— Shizuka está ensinando esgrima à Senhorita Shirakawa. Ela pode ensinar também a você. Vamos ficar dias aqui, com essa chuva — e, voltando-se para Shizuka: — Talvez você possa ensiná-lo a ser implacável. É só o que lhe falta.

— Isso é difícil de ensinar — retrucou Shizuka. — Isso a pessoa é ou não é.

— Ela é — disse-me Kenji. — Com ela, é bom você andar na linha!!

Não respondi. Estava um pouco irritado com Kenji por ter mencionado meu ponto fraco para Shizuka logo no nosso primeiro encontro. Estávamos debaixo do beirai do telhado da estrebaria. A chuva tamborilava no piso de pedras arredondadas à nossa frente, e os cavalos batiam as patas no chão, atrás de nós.

— E essas febres são freqüentes? — perguntou Kenji.

— Na verdade, não. Essa é a primeira desse tipo. Mas ela não é forte. Quase não come. Dorme mal. Está preocupada com o casamento e com a família. Sua mãe está à beira da morte, e ela não a vê desde os sete anos de idade.

— Você se afeioou a ela — disse Kenji, com um sorriso.

— É verdade, embora só tenha vindo para junto dela porque Arai me pediu.

— Nunca vi garota mais bonita — confessou Kenji.

— Tio! Está caído por ela!

— Devo estar ficando velho — disse Kenji. — Percebo que estou comovido com sua situação. Seja o que for que aconteça, ela sairá perdendo.

Um forte estrondo de trovão soou sobre nossas cabeças. Os cavalos arremeteram, puxando as cordas que os amarravam. Corri para tranqüilizá-los. Shizuka voltou à estalagem e Kenji saiu à procura da casa de banhos. Não voltei a vê-los até o anoitecer.

Mais tarde, de banho tomado e com trajes formais, acompanhei o Senhor Shigeru ao seu primeiro encontro com a futura mulher. Tínhamos trazido presentes, e eu os tirei das caixas, junto com as peças de laca que carregávamos conosco. Até então, eu nunca tinha comparecido a um noivado, mas suponha que deveria ser uma ocasião feliz. Talvez para a noiva seja sempre um momento de apreensão. Contudo, aquele noivado, particularmente, parecia-me carregado de tensão e cheio de maus presságios.

A Senhora Maruyama nos cumprimentou como se fôssemos apenas conhecidos fortuitos, mas seus olhos quase não deixavam o rosto de Shigeru. Achei que ela envelhecera desde que a vira em Chigawa. Não estava menos bonita, mas o sofrimento marcara-lhe o rosto com suas finas rugas. Tanto ela quanto Shigeru mostravam-se frios, um com o outro e com todos os presentes, em especial com a Senhorita Shirakawa.

Sua beleza nos silenciou. Apesar do entusiasmo prévio de Kenji, eu me surpreendi. Entendi então o sofrimento da Senhora Maruyama: pelo menos em parte devia-se, certamente, ao ciúme. Como poderia um homem recusar-se a possuir toda aquela beleza? Ninguém poderia culpar Shigeru por aceitar o casamento: estaria cumprindo seu dever para com os tios e as exigências da aliança. Contudo o casamento privaria a Senhora Maruyama do homem que ela amava havia anos e, além disso, era seu aliado mais forte.

Os fluidos presentes na sala deixavam-me constrangido e embaraçado. Vi a dor que a frieza da Senhora Maruyama provocava em Kaede, vi o rubor subir ao seu rosto, tornando sua tez mais adorável do que nunca. Eu conseguia ouvir as batidas do seu coração e sua respiração curta. Ela mantinha os olhos baixos. Pensei: "É tão nova e está apavorada." Então ela levantou os olhos e voltou-os para mim por um instante. Senti-a como se ela fosse uma pessoa se afogando no rio; e, se eu estendesse a mão, poderia salvá-la.

— Então, Shigeru, você tem de escolher entre a mulher mais poderosa dos Três Países e a mais bela — disse Kenji mais tarde, quando estávamos sentados, conversando, e depois de compartilharmos muitos jarros de vinho.

Parecia provável que a chuva fosse nos prender em Tsuwano por alguns dias, portanto não havia necessidade de dormir cedo para acordar antes do amanhecer.

— Eu devia ter nascido um senhor.

— Você tem sua mulher, se quisesse poderia ficar mais com ela — respondeu Shigeru.

— Minha mulher cozinha bem mas tem uma língua ferina. É gorda e detesta viajar — resmungou Kenji. Eu não disse nada, mas ri comigo mesmo, sabendo o quanto Kenji tirava proveito da ausência da mulher, no bairro dos prazeres.

Kenji continuou gracejando, a meu ver com o propósito mais profundo de sondar Shigeru, mas o cavalheiro lhe respondia no mesmo estilo, como se realmente estivesse comemorando o noivado. Fui dormir, estonteado pelo vinho, ao som da chuva que batia com violência no telhado, escorria em cascata pelas calhas e caía no piso de pedras. Os canais corriam, cheios até a borda. Ao longe, eu ouvia a canção do rio crescer até se tornar um grito, quando ele se lançava montanha abaixo.

Acordei no meio da noite e imediatamente me dei conta de que Shigeru não estava no quarto. Quando procurei escutar, ouvi sua voz, conversando com a Senhora Maruyama, tão baixo que só eu poderia ouvir. Eu ouvira os dois falando daquela maneira quase um ano antes, em outro quarto de estalagem. Fiquei assustado com o risco a que estavam se expondo e perplexo com a força do amor que os sustentava entre encontros tão raros.

"Ele jamais se casará com Shirakawa Kaede", pensei, sem saber se essa conclusão me encantava ou me alarmava.

Fui dominado pela inquietação e continuei deitado, insone, até o amanhecer. Era mais uma manhã cinzenta e chuvosa, sem nenhum sinal de mudança do tempo. Antes da época em que isso costumava acontecer, um tufão varrera a região ocidental do país, causando aguaceiros, inundações, destruindo pontes e interditando estradas. Tudo estava úmido e com cheiro de mofo. Dois dos cavalos estavam com os jarretes inchados e quentes, e um cavaliço tinha levado um coice no peito. Ordenei que se fizessem cataplasmas nos cavalos e providenciei um boticário para examinar o homem. Estava tomando um café da manhã tardio quando Kenji veio me lembrar do treinamento de esgrima. Era a última coisa que eu estava com vontade de fazer.

— E o que mais você planeja fazer o dia inteiro? — perguntou ele. — Ficar sentado tomando chá? Shizuka pode ensinar-lhe muitas coisas. Seria bom aproveitar ao máximo o fato de estarmos detidos aqui.

E assim, obediente, terminei de comer e acompanhei meu professor, correndo debaixo de chuva até a escola de lutas. De fora, eu ouvia os golpes e estalos dos bastões. Lá dentro, dois rapazes lutavam. Depois de um instante, percebi que um não era um rapaz, mas Shizuka. Era mais hábil que seu oponente, mas o outro, mais alto e com maior determinação, equilibrava a disputa. Quando chegamos, porém, Shizuka facilmente conseguiu apanhar o outro desprevenido. Só quando esse outro tirou a máscara, me dei conta de que era Kaede.

— Ora — disse ela, zangada, enxugando o rosto na manga —, eles me distraíram.

— Nada pode distraí-la, senhorita — disse Shizuka. — É esse seu principal ponto fraco, a falta de concentração. Não pode existir mais nada além da senhorita, do adversário e das espadas.

Voltou-se para nos cumprimentar.

— Bom dia, tio! Bom dia, primo!

Retribuímos o cumprimento e fizemos uma reverência mais respeitosa a Kaede. Em seguida, houve um curto período de silêncio. Eu me sentia constrangido. Nunca tinha visto mulheres num salão de lutas, nunca as tinha visto em trajas de exercício. Sua presença me perturbava. Era como se houvesse algo de impróprio naquilo tudo. Eu não deveria estar ali com a prometida de Shigeru.

— É melhor voltarmos outra hora — disse eu. — Quando tiverem terminado.

— Não. Quero vê-lo lutar com Shizuka — disse Kenji. — A Senhorita Shirakawa não deve voltar sozinha para a estalagem. Assistir será proveitoso para ela.

— Seria importante a senhorita treinar contra um homem — disse Shizuka. — Pois, no caso de uma batalha, ela não poderá escolher seus adversários.

Olhei de relance para Kaede e vi seus olhos se arregalarem levemente, mas ela não disse nada.

— Bem, decerto ela conseguirá derrotar Takeo — disse Kenji, com azedume. Achei que ele devia estar com dor de cabeça por causa do vinho; e na verdade eu também não me sentia em muito boa forma.

Kaede sentou-se no chão, de pernas cruzadas como um homem. Desatou os laços que prendiam seu cabelo para trás e ele caiu, chegando ao chão. Eu procurava não olhar para ela.

Shizuka deu-me um bastão e assumiu sua primeira posição.

Nós nos exercitamos um pouco, sem que nenhum dos dois abrisse o jogo. Eu nunca tinha lutado com uma mulher até então, e relutava em dar o melhor de mim, pois não queria feri-la. E então, para minha surpresa, quando finteí para um lado, ela já estava lá, e um golpe de baixo para cima tirou o bastão das minhas mãos. Se estivesse lutando com o filho de Masahiro, teria morrido.

— Primo — disse ela, em tom de reprovação —, não me insulte, por favor.

Daí em diante, lutei com mais empenho, mas ela era habilidosa e espantosamente forte. Só comecei a dominar depois do segundo assalto, e isso depois que ela me passou instruções. O quarto assalto ela perdeu.

— Lutei a manhã inteira com a Senhorita Kaede — disse ela. — Você está descansado, primo, além de ter metade da minha idade.

— Um pouco mais que a metade, creio eu!

Eu estava ofegante e transpirando. Apanhei uma toalha com Kenji e me enxuguei.

— Por que chama o Senhor Takeo de primo? — perguntou Kaede.

— Por incrível que pareça, somos parentes, por parte de minha mãe — disse Shizuka.
— O Senhor Takeo não nasceu Otori, ele foi adotado.

Kaede olhou para nós três com ar sério.

— Há uma semelhança entre vocês. É difícil identificar com exatidão. Mas é algo misterioso, como se nenhum dos dois fosse o que aparenta ser.

— Sendo o mundo do jeito que é, trata-se de uma atitude sábia, senhorita — disse Kenji, respeitosamente, conforme notei.

Imaginei que ele não quisesse que Kaede soubesse da verdadeira natureza do nosso parentesco, ou seja, que todos éramos da Tribo. Eu também não queria que ela soubesse. Preferia que me considerasse um Otori.

Shizuka apanhou as faixas e voltou a prender o cabelo de Kaede.

— Agora, a senhorita deveria tentar lutar com Takeo.

— Não — disse eu, de imediato. — Preciso ir embora. Tenho de dar uma olhada nos cavalos e ver se o Senhor Otori precisa de mim.

Kaede ficou em pé. Notei que ela tremia levemente e tive a nítida percepção do seu cheiro de fragrância de flores sobrepondo-se ao suor.

— Só um assalto — disse Kenji. — Mal não pode fazer. Shizuka fez menção de colocar a máscara em Kaede, mas Kaede a dispensou.

— Para lutar com homens, preciso lutar sem máscara — disse ela.

Relutante, apanhei o bastão. A chuva caía mais pesada ainda. O salão estava levemente iluminado, por uma luz esverdeada. Parecíamos estar num mundo dentro do mundo, isolados da vida real, enfeitados.

Começou como um exercício comum de luta, cada um tentando desestabilizar o outro, mas eu tinha medo de atingir seu rosto, e seus olhos nunca se afastavam dos meus. Estávamos ambos hesitantes, embarcando em algo completamente estranho para nós, cujas regras não conhecíamos. Então, a certa altura, sem eu me dar conta, a luta transformou-se numa espécie de dança. Passo, golpe, parada, passo. A respiração de Kaede tornou-se mais forte, ecoada pela minha, e nós dois passamos a respirar em harmonia. Seus olhos tornaram-se mais brilhantes; seu rosto, mais luminoso; cada golpe, mais forte; e o ritmo dos nossos passos, mais feroz. Por uns momentos eu dominava, depois ela, mas nenhum de nós conseguia vencer. Mas será algum de nós queria vencer?

Finalmente, quase por um erro, suplantei sua guarda e, para evitar acertar-lhe o rosto, deixei a bastão cair ao chão. Imediatamente, Kaede baixou seu bastão também, concedendo-me o assalto.

— Você se saíram bem — disse Shizuka —, mas acho que Takeo poderia ter se esforçado um pouco mais.

Fiquei parado, olhando para Kaede, boquiaberto como um idiota. Pensei: "Se não a abraçar agora, vou morrer."

Kenji entregou-me uma toalha e me deu um forte empurrão no peito.

— Takeo... — ele começou a falar.

— O quê? — perguntei, abobalhado.

— Não complique as coisas!

— Senhorita Kaede! — disse Shizuka, bruscamente, como se a estivesse avisando de algum perigo.

— O quê? — disse Kaede, com os olhos ainda fixos no meu rosto.

— Acho que treinamos bastante por hoje — disse Shizuka. — Vamos voltar para o quarto.

Kaede deu-me um sorriso, baixando a guarda.

— Senhor Takeo — disse ela.

— Senhorita Shirakawa — fiz-lhe uma reverência, tentando ser formal, mas fui completamente incapaz de deixar de corresponder ao sorriso dela.

— Bem, aconteceu o que não deveria — murmurou Kenji.

— O que esperava? É a idade! — respondeu Shizuka. — Eles vão superar.

Enquanto Shizuka levava Kaede do salão, gritando para que os criados que esperavam fora trouxessem guarda-chuvas, acabei percebendo o que quiseram dizer. Tinham razão a respeito de uma coisa, mas estavam equivocados a respeito de outra. Kaede e eu tínhamos sido inflamados pelo desejo um pelo outro, aliás, era mais que desejo, era amor, mas nunca superaríamos aquela fase.

Por uma semana, as chuvas torrenciais nos mantiveram presos na cidadezinha serana. Kaede e eu não voltamos a treinar juntos. Eu desejava que aquilo nunca tivesse acontecido: fora um instante de loucura, eu jamais o desejara, e agora vivia atormentado pelos resultados. Procurava escutá-la o dia inteiro. Ouvia sua voz, seus passos e, à noite, quando somente uma parede fina nos separava, sua respiração. Eu era capaz de dizer como ela dormia

(agitada) e quando acordava (com frequência). Passávamos algum tempo juntos. Éramos obrigados a isso, pois a estalagem era pequena, estávamos no mesmo grupo de viajantes e o que se esperava de nós era que fizéssemos companhia ao Senhor Shigeru e à Senhora Maruyama. Contudo, não tínhamos oportunidade de falar um com o outro. Creio que ambos tínhamos receio de deixar transparecer nossos sentimentos. Mal ousávamos olhar um para o outro, mas às vezes nossos olhos se encontravam, e o fogo surgia entre nós novamente.

Emagreci e fiquei com os olhos fundos de desejo, agravado pela falta de sono, pois eu voltara aos antigos hábitos de Hagi e saía em explorações noturnas. Shigeru não sabia, pois eu saía quando ele estava com a Senhora Maruyama, e Kenji não percebia, ou fingia não perceber. Eu tinha a impressão de estar me tornando imaterial, como um fantasma. Durante o dia, estudava e desenhava. À noite, saía em busca da vida de outras pessoas, percorrendo a pequena cidade como uma sombra. Muitas vezes me ocorria o pensamento de que nunca teria uma vida só minha, de que sempre pertenceria aos Otori ou à Tribo.

Eu observava os mercadores que calculavam o prejuízo causado pelas águas. Observava os moradores da cidadezinha bebendo e jogando em bares, depois deixando-se levar pelo braço por prostitutas. Observava casais dormindo, com os filhos entre eles. Escalava muros e tubulações, andava por cima de telhados e ao longo de cercas. Certa vez nadei no fosso, escalei o portão e as muralhas do castelo, e espiei os guardas de tão perto que até senti seu cheiro. Fiquei admirado por eles não me verem nem me ouvirem. Escutei o que as pessoas diziam, acordadas ou dormindo; ouvi suas queixas, suas maldições e suas preces.

Voltei à estalagem antes do amanhecer, encharcado até os ossos, tirei a roupa molhada e, nu e tremendo de frio, enfiei-me debaixo das cobertas. Meio cochilando, eu ouvia tudo despertar ao meu redor. Primeiro, os galos cantaram, então os corvos começaram a crocitar; criados acordaram para ir buscar água; tamancos passaram ruidosos sobre as pontes de madeira; Raku e os outros cavalos relincharam na estrebaria. Esperei pelo instante em que ouviria a voz de Kaede.

A chuva caiu torrencial por três dias, e então começou a amainar. Muita gente veio à estalagem falar com Shigeru. Eu ouvia as conversas cautelosas e tentava discernir quem era leal a ele e quem estava ávido por conspirar para traí-lo. Fomos ao castelo oferecer presentes ao Senhor Kitano, e eu vi à luz do dia o portão e as muralhas que escalara à noite.

Ele nos cumprimentou cortesmente e exprimiu suas condolências pela morte de Takeshi. Ela parecia estar muito presente em sua consciência, pois ele voltou ao assunto mais de uma vez. Ele regulava em idade com os cavaleiros Otori e tinha filhos da mesma idade de Shigeru. Eles não compareceram ao encontro. Fomos informados de que um estava em viagem e o outro, indisposto. O cavaleiro apresentou desculpas, que eu sabia serem falsas.

— Eles moraram em Hagi quando eram meninos — contou-me Shigeru, mais tarde. — Nós nos exercitávamos e estudávamos juntos. Foram muitas vezes à casa de meus pais, e eram unidos a mim e a Takeshi como irmãos — calou-se por um instante e depois prosseguiu: — Bem, isso foi há muitos anos. Os tempos mudam, e nós todos precisamos mudar com eles.

No entanto, eu não conseguia ser tão resignado. Tinha a amarga sensação de que, quanto mais nos aproximávamos do território Tohan, mais isolado Shigeru se tornava.

Era um final de tarde. Tínhamos tomado banho e estávamos aguardando a refeição. Kenji fora aos banhos públicos, onde se encantara por uma garota, segundo dizia. O quarto dava para um pequeno jardim. A chuva reduzira-se a um chuvisco, e as portas estavam totalmente abertas. Havia um cheiro forte de terra encharcada e folhas molhadas.

— Amanhã o tempo vai clarear — disse Shigeru. — Vamos poder seguir viagem. Mas não chegaremos a Inuyama antes do Festival. Seremos forçados a permanecer em Yamagata, creio eu — disse ele, com um sorriso completamente desprovido de alegria. — Vou poder lembrar a morte de meu irmão no lugar onde ele morreu. Mas não posso deixar que ninguém perceba meus sentimentos. Devo fingir ter deixado de lado toda e qualquer idéia de vingança.

— Por que entrar em território Tohan? — perguntei. — Podemos voltar, ainda está em tempo. Se é minha adoção que o obriga ao casamento, eu poderia ir embora com Kenji. É o que ele quer.

— Claro que não! — respondeu ele. — Dei minha palavra, concordando com essa decisão, e apus meu selo. Agora já mergulhei no rio e preciso ir aonde a correnteza me levar. Prefiro que Iida me mate a que me despreze — e ele olhou em torno do quarto, procurando escutar. — Estamos mesmo sozinhos? Está ouvindo alguém?

Eu ouvia os costumeiros sons vespertinos da estalagem: o passo suave das criadas que carregavam alimentos e água; na cozinha o som da faca do cozinheiro em atividade; água fervendo; a conversa sussurrada dos guardas na entrada e no pátio. Não ouvi nenhuma respiração além da nossa.

— Estamos sozinhos.

— Chegue mais perto. Quando estivermos entre os Tohan, já não teremos oportunidade para falar. São muitas as coisas que preciso lhe contar antes... — ele sorriu para mim, e dessa vez foi um sorriso de verdade — ... antes do que possa acontecer em Inuyama!

"Pensei em mandá-lo embora. Kenji deseja isso por sua segurança; e é claro que os receios dele são justificados. Preciso ir a Inuyama, aconteça o que acontecer. No entanto, vou lhe pedir que realize uma tarefa quase impossível, muito maior do que qualquer obrigação que você possa ter com relação a mim, e sinto que devo lhe dar a oportunidade de escolher. Antes de entrarmos em território Tohan, depois que você ouvir o que eu tenho a dizer, se quiser ir embora com Kenji para unir-se à Tribo, fique à vontade para fazê-lo."

Fui poupado de dar uma resposta por um leve ruído proveniente do corredor.

— Alguém está chegando à porta. Nós dois nos calamos.

Alguns instantes depois, as criadas entraram trazendo bandejas de comida. Quando saíram, começamos a comer. A refeição era parca em virtude da chuva: peixe em conserva, arroz, inhame e picles de pepinos, mas acho que nenhum de nós sentiu seu sabor.

— Talvez você se pergunte em que se baseia meu ódio por Iida — disse Shigeru. — Sempre tive uma aversão pessoal por ele, por sua crueldade e suas trapaças. Depois de Yaegahara e da morte de meu pai, quando meus tios assumiram a liderança do clã, muita gente achou que eu deveria me matar. Teria sido a atitude honrosa a tomar. E, para eles, uma solução conveniente, que os livraria de minha presença irritante. No entanto, quando os Tohan passaram a invadir o que havia sido território Otori e vi o efeito devastador de seu governo sobre a população, concluí que uma resposta mais digna seria viver e buscar vingança. Para mim, o que atesta a qualidade de um governo é a satisfação do povo. Se o governante for justo, a terra receberá as bênçãos dos Céus. Nas terras dos Tohan, o povo passa fome, está endividado, é perseguido o tempo todo por funcionários de Iida. Os Ocultos são torturados e assassinados; são crucificados, pendurados de cabeça para baixo sobre fossas de excremento, suspensos dentro de cestos enormes para servirem de alimento aos corvos. Os lavradores são obrigados a deixar seus filhos recém-nascidos morrerem ao relento e vender suas filhas, por não terem com que alimentá-los.

Ele apanhou um pedaço de peixe e o comeu sem apetite, com a expressão impassível.

— Iida tornou-se o governante mais poderoso dos Três Países. O poder gera sua própria legitimidade. A maioria das pessoas acredita que qualquer senhor tem o direito de fazer o que bem entende no seu clã e no seu país. Também fui criado para acreditar nisso. Mas ele ameaçou minha terra, a terra de meu pai, e eu não ia ficar impassível, sem lutar, vendo-a ser entregue a ele.

"Isso ficou em minha cabeça durante muitos anos. Assumi uma personalidade que só é minha em parte.

Chamam-me de Shigeru, o Lavrador. Dediquei-me a melhorar minha terra e só falava das estações do ano, das colheitas, da irrigação. Esses assuntos são, de fato, do meu interesse, mas além disso eles me forneceram o pretexto para viajar muito pelo feudo inteiro e aprender muitas coisas que de outro modo não poderia saber.

"Eu evitava as terras dos Tohan, com exceção das visitas anuais que fazia a Terayama, onde estão enterrados meu pai e muitos antepassados meus. O templo foi cedido aos Tohan, junto com a cidade de Yamagata, depois do episódio de Yaegahara. Mas então a crueldade dos Tohan me atingiu pessoalmente, e minha paciência começou a se esgotar.

"No ano passado, pouco depois do Festival da Estrela Tecelã, minha mãe foi acometida de uma febre. Foi uma febre extremamente violenta: minha mãe morreu em uma semana. Três outros moradores da casa morreram, inclusive sua criada. Também adoeci. Durante quatro semanas, fiquei entre a vida e a morte, delirando, sem saber de nada. Ninguém imaginava que eu fosse me recuperar; e, quando me recuperei, desejei ter morrido, pois só então soube que meu irmão tinha sido assassinado na primeira semana da minha doença.

"Era alto verão. Ele já estava enterrado. Ninguém pôde me dizer o que havia acontecido. Aparentemente não houvera testemunhas. Tinha iniciado um namoro recentemente, e a nova namorada também desaparecera. Soubemos apenas que um comerciante de Tsuwano reconheceu seu corpo nas ruas de Yamagata e providenciara o enterro em Terayama. Desesperado, escrevi para Muto Kenji, a quem eu conhecia desde Yaegahara, imaginando que a Tribo talvez tivesse alguma informação. Duas semanas depois, um homem veio à minha casa, tarde da noite, trazendo uma carta de apresentação com o selo de Kenji. Ao vê-lo, imaginei que fosse cavaleiro ou peão.

Ele me confidenciou que seu nome era Kuroda, que eu sabia que podia ser um nome da Tribo.

"A garota por quem Takeshi se apaixonara era uma cantora, e os dois tinham ido juntos a Tsuwano para o Festival da Estrela. Isso eu já sabia, pois assim que minha mãe adoeceu mandei-lhe um aviso para não voltar a Hagi. Eu pretendia que ele ficasse em Tsuwano, mas parece que a garota quis seguir até Yamagata, onde tinha parentes, e Takeshi foi com ela. Segundo Kuroda me contou, por certos comentários feitos numa estalagem, como insultos aos Otori e a mim mesmo, iniciou-se uma briga. Takeshi era excelente no manejo da espada. Matou dois homens e feriu alguns outros, que fugiram. Depois, ele voltou para a casa dos parentes da namorada. Homens dos Tohan chegaram no meio da noite e incendiaram a casa. Todos que estavam lá dentro morreram queimados ou esfaqueados ao tentar escapar das chamas."

Fechei os olhos imediatamente, imaginando que podia ouvir seus gritos.

— É, foi como em Mino — disse Shigeru, amargurado. — Os Tohan alegaram que a família pertencia aos Ocultos, embora seja quase certo que não pertencia. Meu irmão estava usando trajes de viagem. Ninguém conhecia sua identidade. Seu corpo ficou dois dias jogado na rua.

Ele deu um suspiro profundo.

— Deveria ter havido indignação. Clãs já entraram em guerra por menos. No mínimo, Iida deveria ter pedido desculpas, punido seus homens e oferecido algum tipo de indenização. No entanto, Kuroda contou-me que, quando Iida soube do que tinha acontecido, suas palavras foram: "Um a menos desses Otori arrogantes para me dar preocupação. Pena que não tenha sido o irmão." Segundo Kuroda, até os homens que cometeram o ato ficaram perplexos. Eles não sabiam quem era Takeshi. Quando descobriram, imaginaram que perderiam a vida.

"Mas Iida nada fez; nem meus tios. Contei-lhes em particular o que Kuroda me dissera. Preferiram não acreditar em mim. Lembraram-me do comportamento impetuoso de Takeshi no passado, das brigas em que se envolvera, dos riscos que correria. Proibiram-me de falar em público sobre a questão, lembrando-me de que eu ainda não estava completamente recuperado e sugerindo que eu me afastasse por uns tempos, que fizesse uma viagem às montanhas do leste, experimentasse as fontes termais, orasse nos santuários.

"Decidi afastar-me, mas não com o objetivo sugerido por eles."

— O senhor foi me encontrar em Mino — murmurei. Ele não respondeu de imediato. Já estava escuro lá fora, mas havia um leve clarão no céu. As nuvens se dispersavam, e entre elas a lua aparecia e desaparecia. Pela primeira vez, pude discernir o contorno das montanhas e dos pinheiros, negros contra o pano de fundo do céu noturno.

— Diga aos criados para acenderem as luzes — disse Shigeru, e eu fui até a porta chamar as moças. Elas retiraram as bandejas, trouxeram chá e acenderam as lanternas nos suportes. Quando saíram, tomamos o chá em silêncio. As tigelas eram esmaltadas em azul-escuro. Shigeru girou a dele na mão e depois a ergueu para ver, no fundo, o nome do ceramista.

— Não me agradam tanto quanto as cores terrosas de Hagi — disse ele —, mas, assim mesmo, são lindas.

— Posso fazer uma pergunta? — disse eu, calando-me em seguida, sem ter certeza de que desejava saber a resposta.

— Fale — sugeriu ele.

— O senhor fez as pessoas acreditarem que nos encontramos por acaso, mas tive a impressão de que sabia onde me encontrar. Estava à minha procura.

Ele fez que sim.

— É, soube quem você era assim que o vi na trilha. Eu fora até Mino com o objetivo expresso de encontrá-lo.

— Porque meu pai era um assassino?

— Essa era a razão principal, mas não a única.

Tive a sensação de que não havia ar suficiente no quarto para eu conseguir respirar o quanto precisava. Não me importava nenhuma outra razão que o Senhor Shigeru pudesse ter tido. Eu precisava me concentrar na principal.

— Mas como o senhor sabia, se eu mesmo não sabia... se a Tribo não sabia?

— Desde Yaegahara — disse ele, com a voz mais baixa ainda —, tive tempo para aprender muitas coisas. Na época, eu era apenas um garoto, típico filho de guerreiro, que só pensava na espada e na honra da minha família. Conheci Muto Kenji lá, e nos meses posteriores ele abriu meus olhos para o poder que estava por trás do domínio da classe guerreira. Fiquei sabendo das redes da Tribo, e vi como essas redes controlavam os comandantes guerreiros e os clãs. Kenji tornou-se meu amigo, e através dele conheci muitos outros membros da Tribo. Eles me interessaram. É provável que eu saiba mais sobre eles que qualquer outra

pessoa de fora. Mas guardei comigo esse conhecimento, sem o transmitir a mais ninguém. Ichiro sabe um pouco, e agora você também.

Pensei no bico da garça mergulhando na água.

— Kenji estava enganado, na primeira noite em que veio a Hagi. Eu sabia muito bem quem estava trazendo para dentro de casa. Só não tinha percebido que seus talentos eram tão extraordinários — e ele sorriu para mim, com aquele sorriso franco que transformava seu rosto. — Foi um prêmio inesperado.

Parecia que eu tinha perdido novamente o poder da fala. Sabia que precisava falar sobre o objetivo de Shigeru ao me procurar e me salvar a vida, contudo não conseguia tocar nesses assuntos tão abertamente. Senti tomar conta de mim minha natureza obscura da Tribo. Não disse nada e esperei.

— Eu sabia que não teria descanso nesta terra enquanto os assassinos de meu irmão continuassem vivos — disse Shigeru. — Eu considerava o senhor desses assassinos responsável pelas ações deles. E, nesse ínterim, as circunstâncias mudaram. A desavença entre Arai e Noguchi significava que os Seishuu estavam novamente interessados numa aliança com os Otori contra Iida. Tudo parecia apontar para uma conclusão: chegara a hora de assassiná-lo.

Ao ouvir essas palavras, um lento arrebatamento começou a se inflamar dentro de mim. Lembrei-me do instante em que decidi, no meu povoado, que não iria morrer, que continuaria vivo para vingar-me; da noite em Hagi, ao luar de inverno, em que soube que tinha a capacidade e a determinação para matar Iida. Senti o despertar de um profundo orgulho por ter sido escolhido pelo Senhor Shigeru para cumprir essa tarefa. Todos os fios da minha vida pareciam me conduzir a ela.

— Minha vida é sua — disse eu. — Farei o que o senhor quiser que eu faça.

— O que estou lhe pedindo é algo extremamente perigoso, quase impossível. Se você preferir não continuar, poderá ir embora com Kenji amanhã. Todas as obrigações entre nós estarão canceladas. Ninguém vai menosprezá-lo por isso.

— Por favor, não me ofenda — disse eu, fazendo-o dar risada.

Ouvi passos no pátio e uma voz na varanda.

— Kenji voltou.

Alguns instantes depois, ele entrou no quarto, acompanhado de uma criada que trazia chá quente. Ficou olhando para nós enquanto ela servia o chá.

— Vocês parecem dois conspiradores — disse, depois que a criada saiu. — O que andam tramando?

— Nossa visita a Inuyama — respondeu Shigeru. — Já contei a Takeo minhas intenções. Ele vai comigo por livre e espontânea vontade.

A expressão de Kenji mudou.

— Para a morte — resmungou.

— Talvez não — disse eu, despreocupado. — Não estou me vangloriando mas, se alguém pode chegar perto do Senhor Iida, esse alguém sou eu.

— Você é apenas um menino — disse meu professor, bufando com desdém. — Já disse isso ao Senhor Shigeru. Ele sabe de minhas objeções a esse plano temerário. Agora você vai conhecê-las. Está achando realmente que será capaz de matar Iida? O número de tentativas de assassinato a que ele sobreviveu é maior do que o de mulheres que eu tive. Você nunca matou ninguém! Acrescente-se a isso a grande possibilidade de você ser reconhecido, seja na capital, seja a caminho. Seu mascate decerto falou a seu respeito com alguém. Não foi por acaso que Ando apareceu em Hagi. Ele veio verificar os rumores e viu você com Shigeru. Suspeito que Iida já saiba quem você é e onde está. É provável que seja preso assim que entrar em território Tohan.

— Não se ele estiver comigo, um Otori que vem selar uma aliança de amizade — disse o cavaleiro. — Seja como for, já disse a Takeo que ele está liberado para ir embora com você. Ele vai comigo por escolha própria.

Pareceu-me detectar um tom de orgulho em sua voz. Eu disse a Kenji:

— Não vou embora, isso está fora de cogitação. Preciso ir a Inuyama. E, de qualquer modo, também tenho minhas contas a acertar.

Kenji suspirou fundo.

— Se é assim, acho que tenho de ir com vocês.

— O tempo melhorou. Podemos seguir viagem amanhã — disse Shigeru.

— Preciso lhe dizer mais uma coisa, Shigeru. Admirava-me o fato de você conseguir manter em segredo por tanto tempo seu caso com a Senhora Maruyama. Ouvi rumores na casa de banhos, uma brincadeira que me leva a crer que já não se trata de um segredo.

— O que você ouviu?

— Um homem, cujas costas estavam sendo esfregadas, disse à garota que o Senhor Otori estava na cidade com a futura mulher. E ela retrucou: "E também com a atual." Muitos riram como se tivessem entendido o que ela queria dizer. E o assunto da conversa passou a ser a Senhora Maruyama e o desejo de Iida por ela. É claro que ainda estamos em território Otori. As pessoas têm admiração por você e esse boato lhes agrada. Ele favorece a reputação dos

Otori e é como uma punhalada nas costelas dos Tohan. E esse é mais um motivo para que se espalhe até chegar aos ouvidos de Iida.

Eu podia ver o rosto de Shigeru à luz da lanterna. Havia nele uma expressão curiosa. Tive a impressão de que era tanto de orgulho quanto de pesar.

— Iida pode me matar — disse ele —, porém ele não tem como mudar o fato de que ela me prefere.

— Você é apaixonado pela morte, como toda a sua classe — disse Kenji, com uma voz de profunda raiva, que eu ouvia nele pela primeira vez.

— Não tenho medo da morte — respondeu Shigeru. — Mas não sou apaixonado por ela. Pelo contrário: acho que já provei o quanto amo a vida. No entanto, é melhor morrer do que continuar vivo na vergonha; e é a esse ponto que cheguei agora.

Ouvi passos que se aproximavam. Virei a cabeça como um cão, e os dois homens emudeceram. Houve uma leve batida na porta, e ela se abriu. Lá estava Sachie, de joelhos. Shigeru levantou-se imediatamente e foi até ela. A moça murmurou algumas palavras e foi embora, sem ruído. Ele se voltou para nós.

— A Senhora Maruyama deseja conversar sobre os preparativos para a viagem de amanhã. Vou aos seus aposentos.

Kenji não disse nada, apenas inclinou levemente a cabeça.

— Talvez seja a última vez que ficamos juntos — disse Shigeru, baixinho, e saiu para o corredor, fazendo correr a porta atrás de si.

— Eu deveria ter descoberto você primeiro, Takeo — resmungou Kenji. — Então, você jamais se tornaria cavalheiro, jamais se sentiria preso a Shigeru por laços de lealdade. Você seria da Tribo e somente da Tribo. Não pensaria duas vezes para ir embora comigo esta noite.

— Se o Senhor Otori não tivesse me descoberto primeiro, eu teria morrido! — respondi, severo. — Onde estava a Tribo enquanto os Tohan assassinavam meu povo e incendiavam minha casa? Ele me salvou a vida naquela hora. Por isso não posso abandoná-lo. Jamais o abandonarei. Nunca mais me peça isso!

Os olhos de Kenji tornaram-se opacos.

— Senhor Takeo — disse ele, com ironia.

As criadas vieram estender as camas; e nós não falamos mais.

Na manhã do dia seguinte, as estradas que saíam de Tsuwano estavam apinhadas de gente. Muitos viajantes aproveitavam a melhora do tempo para retomar viagem. O céu estava claro, extremamente azul, e o sol fazia a terra fumar, exalando umidade. A ponte de pedra

sobre o rio estava intacta, mas a água passava alta e violenta, jogando contra os pilares galhos de árvores, tábuas, animais mortos e, possivelmente, até outros cadáveres. Ocorreu-me a lembrança fugaz da primeira vez em que atravessara a ponte em Hagi, quando vi uma garça afogada, boiando na água, com as penas brancas e cinzentas encharcadas, toda a sua elegância rompida e deformada. Aquela visão deu-me calafrios. Considerarei-a um terrível presságio.

Os cavalos estavam descansados e saíram animados. Se Shigeru estava menos animado, se compartilhava das minhas premonições, não o demonstrava. Sua fisionomia estava tranqüila, seus olhos brilhavam. Parecia irradiar energia e vida. Olhar para ele angustiava meu coração: fazia-me sentir que sua vida e seu futuro dependiam inteiramente de minhas mãos assassinas. Olhei para minhas mãos, pousadas no pescoço cinza-claro e na crina negra de Raku, e perguntei-me se iriam me decepcionar.

Vi Kaede de relance, quando saiu da estalagem e entrou na liteira. Ela não olhou para mim. A Senhora Maruyama cumprimentou-nos com uma leve reverência, mas não disse nada. Seu rosto estava lívido, com olheiras escuras, mas ela estava calma e contida.

Foi uma viagem lenta e difícil. Tsuwano tinha sido protegida dos piores efeitos da tempestade pelas barreiras das montanhas; mas, à medida que descíamos para o vale, víamos a plena extensão dos danos. Casas e pontes tinham sido carregadas pelas águas, árvores arrancadas pelas raízes, campos inundados. Os moradores dos povoados nos observavam, carrancudos ou abertamente enraivecidos, ao passarmos a cavalo no meio do seu sofrimento e o agravarmos ainda mais confiscando seu feno para alimentar nossos cavalos, seus barcos para nos transportar até o outro lado dos rios transbordantes. Já estávamos com alguns dias de atraso e precisávamos avançar a todo custo.

Levamos três dias para chegar à fronteira do feudo, o dobro do tempo calculado. Uma escolta fora enviada para nos encontrar ali: um dos principais súditos de Iida, Abe, com um grupo de trinta homens Tohan, sobrepujando em número os vinte Otori que cavalgavam com o Senhor Shigeru. Sugita e os outros homens Maruyama tinham voltado para seu território depois do nosso encontro em Tsuwano.

Abe e seus homens, depois de esperar por uma semana, estavam impacientes e irritadiços. Não queriam passar em Yamagata o tempo que o Festival para os Mortos exigia. Não havia muita simpatia entre os dois clãs; a atmosfera tornou-se tensa e pesada. Os Tohan eram arrogantes e fanfarrões. Faziam com que nós, Otori, nos sentíssemos inferiores, como se estivéssemos mendigando e não fôssemos seus pares. Meu sangue fervia, por causa de Shigeru, mas ele parecia não se deixar atingir, continuava cortês como sempre, apenas um pouco menos animado.

Eu me mantinha em silêncio, como nos dias em que perdera a fala. Tentava escutar fiapos de conversa que revelassem, como palha, a direção do vento. Mas no território Tohan as pessoas eram taciturnas e fechadas. Sabiam que havia espíões por toda parte e que as paredes tinham ouvidos. Mesmo quando os homens Tohan se embebedavam à noite, era em silêncio, ao contrário do estilo alegre e barulhento dos Otori.

Desde o dia do massacre em Mino, eu nunca mais me aproximara tanto das três folhas de carvalho. Mantinha os olhos e o rosto baixos, com receio de ver um dos homens que havia incendiado meu povoado e assassinado minha família, ou de ser reconhecido por algum deles. Disfarçava-me de artista, pegando com frequência meus pincéis e minha tinta. Afastei-me de minha verdadeira natureza, tornando-me uma pessoa tímida, delicada, sensível, que mal falava e que não se destacava em nenhum ambiente. A única pessoa à qual me dirigia era meu professor. Kenji também se tornara acanhado e discreto, como eu. De vez em quando conversávamos em voz abafada sobre caligrafia ou sobre o estilo de pintura do continente. Os Tohan nos desprezavam e não faziam caso de nós.

Nossa estada em Tsuwano tornou-se para mim como a lembrança de um sonho. Será que a luta de espadas tinha realmente ocorrido? Será que Kaede e eu tínhamos sido pegos e inflamados pelo amor? Quase não a vi nos dias seguintes. As senhoras estavam alojadas em casas separadas e não faziam as refeições conosco. Dizia a mim mesmo que deveria agir como se ela não existisse, e isso não era difícil, mas, quando eu ouvia sua voz, meu coração disparava; e à noite sua imagem ardia no fundo dos meus olhos. Será que eu estava enfeitiçado?

Na primeira noite, Abe me ignorou. Mas na segunda, depois da refeição da noite, quando o vinho o deixou agressivo, olhou fixo para mim, durante um tempo, e depois dirigiu-se a Shigeru.

— Esse garoto... é um parente, imagino.

— Filho de um primo distante de minha mãe — respondeu Shigeru. — É o segundo mais velho de uma família numerosa, agora todos órfãos. Minha mãe sempre quis adotá-lo. Depois de sua morte, realizei seu desejo.

— E acabou ficando com um frouxo — riu Abe.

— É, talvez, infelizmente — concordou Shigeru. — Mas tem outros talentos que são úteis. É rápido nos cálculos e na escrita, e tem certa habilidade como pintor.

Seu tom era de paciência e decepção, como se eu fosse para ele um fardo inconveniente; mas eu sabia que cada comentário daqueles servia apenas para compor minha personalidade. Continuei sentado, de olhos baixos, sem dizer nada.

Abe serviu-se de mais vinho e bebeu, observando-me por cima da borda da tigela. Seus olhos eram pequenos e fundos, plantados num rosto de feições pesadas, com marcas de varíola.

— Nada muito aproveitável, nos tempos de hoje!

— Sem dúvida, podemos contar com a paz, agora que nossos dois clãs estão se voltando para uma aliança — disse Shigeru, baixinho. — Pode haver um novo florescimento das artes.

— Paz com os Otori talvez. Eles se sujeitarão sem lutar. Mas os Seishuu estão criando problemas, instigados por aquele traidor, Arai.

— Arai? — indagou Shigeru.

— Um ex-vassalo de Noguchi. De Kumamoto. Suas terras são contíguas às terras da família de sua noiva. Ele passou o ano inteiro reunindo guerreiros. Terá de ser esmagado antes do inverno — e Abe bebeu novamente. Uma expressão de humor malicioso se insinuou em seu rosto, dando uma marca de crueldade à curva de sua boca. — Arai matou o homem que supostamente tentou violentar a Senhorita Shirakawa. Depois, ofendeu-se quando Noguchi o expulsou — e sua cabeça balançou na minha direção, com sua intuição de bêbado.

— Aposto que você nunca matou um homem, não é mesmo, garoto?

— Não, Senhor Abe — respondi.

Ele riu. Eu percebia o valentão que transparecia nele, e não quis provocá-lo.

— E você, velhote? — ele se voltou para Kenji, que, desempenhando seu papel de professor insignificante, deliciava-se tomando vinho. Parecia meio embriagado, mas na verdade estava bem menos do que Abe.

— Embora os sábios ensinem que o homem nobre pode, e deve, vingar a morte — disse ele, com voz aguda e convicta —, nunca tive motivo para tomar uma medida tão extrema. Por outro lado, o Iluminado ensina seus seguidores a evitar tirar a vida de qualquer ser senciente, e por essa razão eu só como vegetais — voltou a beber com deleite e encheu a tigela novamente. — Felizmente o vinho, elaborado do arroz, está incluído nessa categoria.

— Vocês não têm guerreiros em Hagi? Por isso precisam viajar com esse tipo de acompanhante? — zombou Abe.

— Estou indo para meu casamento — respondeu Shigeru, em tom manso. — Por que deveria estar mais preparado para o combate?

— Um homem sempre deve estar preparado para o combate — retrucou Abe —, especialmente quando a noiva tem a reputação que a sua tem. Imagino que esteja sabendo — ele abanou a cabeça. — É como comer baiacu. Uma só mordida pode matá-lo. Isso não o deixa alarmado?

— E por que deveria? — Shigeru serviu-se de mais vinho e bebeu.

— Bem, ela é belíssima, devo admitir. Valeria a pena!

— A Senhorita Shirakawa não representará perigo para mim — disse Shigeru, e passou a estimular Abe a falar dos seus feitos durante as campanhas de Iida no leste. Prestei atenção em suas gabolices, tentando discernir seus pontos fracos. Já tinha decidido que o mataria.

No dia seguinte, chegamos a Yamagata, que tinha sido gravemente atingida pela tempestade. Haviam ocorrido muitas mortes e uma enorme perda de lavouras. Quase do tamanho de Hagi, ela tinha sido a segunda cidade do feudo Otori, até ser entregue aos Tohan. O castelo fora reconstruído e dado a um dos vassalos de Iida. Contudo a maioria dos habitantes da cidade ainda se considerava Otori, e a presença do Senhor Shigeru era um motivo a mais de inquietação. Abe calculara que estaria em Inuyama antes do início do Festival para os Mortos, e estava irritado por se ver detido em Yamagata. Considerava-se de mau agouro viajar, salvo em peregrinação a templos e santuários, enquanto o Festival não terminasse.

Shigeru mergulhara em tristeza, pois era a primeira vez que estava no local da morte de Takeshi.

— Cada vez que vejo um Tohan, pergunto-me se não é um dos assassinos — ele me confidenciou naquela noite. — E acho que eles se perguntam por que ainda não foram punidos e me desprezam por permitir que continuem vivos. Tenho vontade de trucidar todos eles!

Eu nunca o ouvira expressar impaciência.

— Se isso acontecesse, nunca chegaríamos a Iida — retruquei. — Vai chegar a hora de nos desferrarmos de todos os insultos que os Tohan nos lançam.

— O eu erudito que há em você está se tornando muito sábio, Takeo — disse ele, com a voz um pouco mais aliviada. — Sábio e controlado.

No dia seguinte, ele foi com Abe ao castelo, onde seria recebido pelo senhor da região. Voltou mais triste e perturbado do que nunca.

— Os Tohan procuram prevenir rebeliões culpando os Ocultos pelos desastres das tempestades — disse-me ele, rapidamente. — Um punhado de lavradores e mercadores desafortunados foi denunciado e detido. Alguns morreram sob tortura. Quatro foram pendurados nas muralhas do castelo. Estão lá há três dias.

— E ainda estão vivos? — murmurei, com a pele arrepiada.

— Podem durar uma semana ou mais — disse Shigeru. — Enquanto isso, os corvos comem sua carne viva.

A partir do momento em que eu soube que eles estavam lá, não consegui deixar de ouvi-los, às vezes gemidos baixinhos, outras vezes gritos fracos, acompanhados pelos constantes grasnidos e pelo bater das asas dos corvos. Ouvi-os a noite inteira e o dia seguinte; e então veio a primeira noite do Festival para os Mortos.

Os Tohan impunham toque de recolher às suas cidades, no entanto o festival seguia tradições mais antigas, e o toque de recolher foi suspenso até a meia-noite. Ao anoitecer saímos da estalagem e nos misturamos à multidão de pessoas que iam primeiro aos templos e depois ao rio. Todas as lanternas dispostas ao longo dos caminhos que levavam aos santuários estavam acesas; nas lápides tinham sido colocadas velas, que com sua luz bruxuleante

produziam sombras estranhas que tornavam os corpos lúgubres e faziam os rostos parecerem caveiras. A turba movia-se em silêncio, a passos regulares, como se os próprios mortos tivessem emergido da terra. Era fácil perder-se na multidão e escapar de nossos guardas vigilantes.

Era uma noite quente e tranqüila. Fui com Shigeru até a margem do rio, e colocamos velas acesas para navegar em barquinhos frágeis, carregados com oferendas aos mortos. Os sinos do templo dobravam; cânticos e cantilenas pairavam sobre a água marrom e vagarosa. Ficamos olhando as luzes serem levadas pela correnteza, desejando que os mortos se consolassem e deixassem os vivos em paz.

Só que eu não tinha paz no coração. Pensei em minha mãe, em meu padrasto e em minhas irmãs, em meu pai morto havia tanto tempo, na gente de Mino. O Senhor Shigeru sem dúvida pensava no pai, no irmão. Parecia que seus espíritos não nos deixariam enquanto não fossem vingados. Ao nosso redor, as pessoas punham na água seus barquinhos acesos. Elas choravam e soluçavam, e meu coração se enchia de uma tristeza inútil, pois não impediria que o mundo fosse como era. Vieram-me à mente os ensinamentos dos Ocultos, tal como os guardava na memória, e lembrei então que todos os que me transmitiram aqueles ensinamentos tinham morrido.

As chamas das velas arderam por muito tempo, cada vez menores: primeiro como vaga-lumes, depois como faíscas e finalmente tornaram-se luzes espectrais, daquelas que vemos depois de fixarmos demais o olhar no fogo. A lua estava cheia, com o matiz laranja do final do verão. Eu temia voltar à estalagem, ao quarto abafado onde me debateria a noite inteira e escutaria os Ocultos que estavam morrendo pendurados na muralha do castelo.

Fogueiras tinham sido acesas ao longo das margens do rio, e agora as pessoas começavam a dançar, a dança obsessiva que acolhe os mortos e permite que eles partam, e ao mesmo tempo reconforta os vivos. Os tambores batiam, a música soava. Aquilo me animou um pouco e fiquei em pé para olhar. À sombra dos salgueiros, vi Kaede.

Estava com a Senhora Maruyama, Sachie e Shizuka. Shigeru levantou-se e foi ao seu encontro. A Senhora Maruyama abordou-o, e os dois se cumprimentaram com palavras frias e formais, trocando condolências pelos mortos e fazendo comentários sobre a viagem. Eles se voltaram, como era natural, para ficar lado a lado e assistir à dança. Mas tive a impressão de ouvir o desejo por trás da sua voz e vê-lo em sua atitude, o que me fez temer por eles. Eu sabia que eles conseguiam disfarçar, era o que faziam havia anos, mas agora estavam entrando num desesperado final de jogo, e eu temia que deixassem de lado a cautela antes do último lance.

Kaede agora estava sozinha na margem, afastada de Shizuka. Parecia-me que eu tinha chegado a seu lado sem querer, como se espíritos tivessem me erguido do chão para me levar até ela. Cumprimentei-a com cortesia mas timidamente, imaginando que, se me avistasse, Abe pensaria apenas que eu estava sentindo uma paixãozinha de criança pela prometida de Shigeru. Fiz algum comentário sobre o calor, mas Kaede tremia como se estivesse com frio. Ficamos em silêncio por alguns instantes, e então ela me fez uma pergunta em voz baixa.

— Por quem é o seu luto, Senhor Takeo?

— Por minha mãe, por meu pai — e, depois de uma pausa, prossegui: — São tantos os mortos.

— Minha mãe está morrendo — disse ela. — Eu tinha esperança de voltar a vê-la, mas nos atrasamos muito nesta viagem. Receio chegar tarde demais. Eu estava com sete anos quando fui feita refém. Passei mais da metade de minha vida sem ver minha mãe nem minhas irmãs.

— E seu pai?

— Também é um desconhecido para mim.

— Ele estará presente no seu...? — para minha surpresa, minha garganta secou e eu percebi que não conseguia pronunciar a palavra.

— Meu casamento — disse ela, amargurada. — Não, ele não estará presente.

Seus olhos primeiro se fixaram no rio cheio de luz. Depois, ela olhou para trás de mim, para os dançarinos, para a multidão que os observava.

— Eles se amam — disse ela, como se estivesse falando sozinha. — É por isso que ela me odeia.

Eu sabia que não deveria estar ali; que não deveria estar falando com ela. Mas não conseguia me afastar. Procurei manter meu jeito delicado, reservado, bem-comportado.

— Os casamentos ocorrem por motivos de dever e de aliança. Isso não quer dizer que precisem ser infelizes. O Senhor Otori é um bom homem.

— Estou cansada de ouvir isso. Sei que ele é um homem bom. Só estou dizendo que ele nunca me amará — eu sabia que ela olhava para meu rosto. — Mas sei também que o amor não é para nossa classe.

Agora era eu que estava tremendo. Levantei a cabeça, e meu olhar encontrou o dela.

— Então por que eu o sinto? — murmurou ela.

Não ousei dizer nada. As palavras que queria dizer se avolumavam em minha boca. Sentia o gosto da doçura e da força que elas tinham. Mais uma vez pensei que morreria se não a possuísse.

Os tambores reboavam. As fogueiras ardiam. Shizuka falou do meio da escuridão.

— Está ficando tarde, Senhorita Shirakawa.

— Já vou — disse Kaede. — Boa noite, Senhor Takeo. Só me permiti dizer seu nome, como ela dissera o meu.

— Senhorita Kaede.

No instante em que ela se virou para ir embora, vi seu rosto se iluminar, mais brilhante que as chamas, mais claro que a lua sobre a água.

8.

Acompanhamos as mulheres lentamente, voltando à cidadezinha e, depois, a nossos diferentes alojamentos. Em um ponto do caminho, os guardas Tohan nos alcançaram e tivemos sua escolta até a porta da estalagem. Eles permaneceram do lado de fora, e um dos nossos homens Otori ficou de vigia no corredor.

— Amanhã seguiremos para Terayama — disse Shigeru, enquanto nos preparávamos para dormir. — Preciso visitar o túmulo de Takeshi e prestar minhas homenagens ao abade, velho amigo de meu pai. Trouxe de Hagi alguns presentes para ele.

Tínhamos trazido conosco muitos presentes. Eles se amontoavam no lombo dos animais de carga, junto com nossa bagagem, as roupas para o casamento, os alimentos para a viagem. Eu não dava nenhuma importância à caixa que levaríamos a Terayama nem me interessava saber o que ela continha. Inquietavam-me outros anseios, outras preocupações.

Conforme eu temia, o quarto estava abafado. Não conseguia dormir. Ouvi os sinos do templo tocarem à meia-noite e, depois do toque de recolher, todos os sons foram desaparecendo, com exceção dos gemidos lamentosos dos moribundos das muralhas do castelo.

Acabei me levantando. Na verdade, não tinha nenhum plano em mente, agi movido apenas pela insônia. Kenji e Shigeru estavam dormindo, e pude ver que, fora, o guarda cochilava. Apanhei a caixa à prova d'água na qual Kenji guardava cápsulas de veneno e amarrei-a por dentro da minha roupa de baixo. Vesti roupas de viagem e peguei a espada curta, garrotes finos, um par de ganchos e uma corda, que estavam escondidos dentro dos baús de madeira. Cada um desses movimentos levava muito tempo, pois eu precisava executá-los em completo silêncio, mas o tempo para a Tribo é diferente, passa mais devagar ou mais depressa de acordo com nossa vontade. Eu não tinha nenhuma pressa e sabia que os dois homens no quarto não acordariam.

O guarda teve um sobressalto quando passei por ele. Fui até a latrina e, depois, mandei meu segundo eu voltar ao quarto. Esperei nas sombras até o guarda voltar a cochilar, tornei-me invisível, do pátio interno subi para o telhado e me deixei cair na rua.

Eu ouvia os guardas Tohan no portão da estalagem e sabia que haveria patrulhas nas ruas. Com uma parte da mente eu tinha consciência de que estava fazendo algo muito perigoso, que beirava a loucura, contudo não conseguia me impedir. Queria testar as habilidades que Kenji me ensinara, mas, principalmente, queria silenciar os gemidos que vinham do castelo para conseguir dormir.

Abri caminho através das ruas estreitas, ziguezagueando na direção do castelo. Em algumas casas ainda se viam luzes por trás dos postigos, mas a maioria já estava às escuras. Ao passar, eu captava pedaços de conversa: um homem tranquilizando a mulher que chorava, uma criança balbuciando como se estivesse com febre, uma canção de ninar, uma discussão entre bêbados. Saí para a estrada principal, que levava direto ao fosso e à ponte. Ao longo dela

seguia um canal, abastecido de carpas para o caso de haver algum cerco à cidade. Em sua maioria, elas dormiam, e suas escamas brilhavam levemente sob o luar. De vez em quando, uma acordava com um súbito movimento, espirrando água. Perguntei-me se as carpas sonhavam.

Eu ia de um portal a outro, com os ouvidos atentos aos ruídos de passos, ao tinir do aço. Não estava especialmente preocupado com as patrulhas, pois sabia que as ouviria muito antes que elas me ouvissem e, mais do que isso, eu tinha o dom da invisibilidade e o do segundo eu. Quando cheguei ao final da rua e avistei as águas do fosso ao luar, quase já não pensava, mas sentia em mim uma profunda satisfação por ser Kikuta e estar cumprindo a missão para a qual tinha nascido. Só a Tribo conhece essa sensação.

No lado do fosso que dava para a cidade havia um grupo de salgueiros, com sua pesada folhagem de verão caindo na água. Para fins defensivos, as árvores deveriam ter sido cortadas. Talvez alguma moradora do castelo, a mãe ou a mulher do senhor, apreciasse sua beleza. Ao luar, seus galhos pareciam congelados. Não havia nenhum vento. Enfiei-me sorratamente por entre os galhos, agachei-me e observei o castelo por muito tempo.

Era maior que os castelos em Tsuwano ou em Hagi, mas a construção era semelhante. Pude ver o contorno pouco nítido dos cestos contra as muralhas brancas da torre principal, atrás do segundo portão sul. Eu precisava atravessar o fosso a nado, escalar a muralha de pedra, transpor o primeiro portão e atravessar a cintura sul, escalar o segundo portão e a torre, para então chegar aos cestos, por cima.

Ouvi passos e me encolhi.. Uma tropa de guardas aproximava-se da ponte. Outra patrulha veio do castelo, e eles trocaram algumas palavras.

— Algum problema?

— Apenas os habituais violadores do toque de recolher.

— Que fedor horrível!

— Amanhã vai ser pior. Mais quente.

Um grupo entrou na cidade, o outro passou pela ponte e subiu a escadaria até o portão. Ouvi um grito pedindo identificação e depois a resposta. O portão ranguu ao se abrir. Foi fechado ruidosamente e ouvi os passos que se afastavam.

Da minha posição, à sombra dos salgueiros, eu sentia o cheiro das águas estagnadas do fosso e, por baixo dele, o fedor da decomposição humana, de corpos vivos apodrecendo lentamente.

À beira da água, havia capins em flor e alguns íris tardios. Rãs coaxavam e grilos cantavam. O ar quente da noite afagava meu rosto. Dois cisnes, incrivelmente brancos, entraram deslizando no caminho da lua.

Enchi os pulmões de ar e entrei na água, nadando junto ao fundo, ligeiramente a favor da corrente, para poder voltar à tona à sombra da ponte. As enormes pedras da parede do fosso eram apoios naturais para meus pés. Meu maior receio era que me vissem em contraste com a pedra clara. Eu não conseguia manter a invisibilidade por mais de dois ou três minutos de cada vez. O tempo, que antes passara tão devagar, agora se acelerava. Desloquei-me veloz, subindo pela muralha como um macaco. No primeiro portão ouvi vozes, os guardas que voltavam da ronda. Achatei-me grudado a um cano de escoamento, fiquei invisível e usei o ruído dos seus passos para encobrir o do gancho, quando o joguei sobre a aba do telhado da muralha.

Subi balançando e, correndo sobre o telhado, dei a volta à muralha até a cintura sul. Os cestos com os moribundos estavam quase diretamente acima da minha cabeça. Um não parava de pedir água; outro gemia sem palavras; o terceiro repetia o nome do deus secreto numa cantilena rápida que me arrepiou os pêlos da nuca. O quarto estava em silêncio. O cheiro de sangue, urina e fezes era terrível. Tentei fechar as narinas a ele; e fechar os ouvidos aos sons. Olhei minhas mãos ao luar.

Eu precisava passar por cima da guarita. Ouvia os homens lá dentro, fazendo chá e conversando. Quando a chaleira retiniu na corrente de ferro, usei o gancho para escalar a torre até o parapeito em que os cestos estavam pendurados.

Estavam presos por meio de cordas, a cerca de doze metros do chão. Cada um tinha o tamanho suficiente apenas para um homem, obrigado a manter-se ajoelhado, com a cabeça curvada para a frente e os braços atados às costas. As cordas pareciam bastante fortes para suportar meu peso; no entanto, quando do parapeito fui testar uma delas, o cesto balançou, e o homem que estava dentro dele urrou apavorado. Fiquei imóvel. O homem soluçou por alguns minutos e, então, voltou a murmurar: "Água! Água!"

Não houve nenhum som em resposta, a não ser o latido longínquo de um cão. A lua aproximava-se das montanhas, prestes a desaparecer por trás delas. A cidadezinha estava calma, adormecida.

Quando a lua se pôs, verifiquei se o gancho estava firme no parapeito, apanhei as cápsulas de veneno e guardei-as na boca. Depois descí a muralha usando minha corda e tateando as pedras, para encontrar apoio para os pés.

Ao chegar ao primeiro cesto, tirei a faixa da minha cabeça, ainda molhada com a água do rio, e mal consegui, através da trama, encostá-la no rosto do homem. Ouvi-o sugá-la e dizer algo incompreensível.

— Não posso salvá-lo — murmurei —, mas tenho aqui um veneno que lhe dará morte rápida.

Ele encostou o rosto à trama do cesto e abriu a boca para receber o veneno.

O segundo homem não me ouvia, mas consegui alcançar sua carótida no lugar em que sua cabeça estava encostada ao cesto, e assim silencieei seus gemidos sem lhe causar dor.

Precisei então subir de volta ao parapeito para mudar minha corda de posição, pois não conseguia chegar aos outros cestos. Meus braços doíam e eu me preocupava com as lajes do pátio, lá embaixo. Quando cheguei ao terceiro homem, aquele que orava ao deus, ele estava alerta, observando-me com olhos sombrios. Murmurei uma das preces dos Ocultos e lhe ofereci a cápsula de veneno.

— É proibido — disse ele.

— Qualquer pecado cairá sobre mim — murmurei. — Você é inocente. Será perdoado.

Quando lhe enfiei a cápsula na boca, ele traçou com a língua o sinal dos Ocultos na palma da minha mão. Ouvi-o fazer uma prece, e depois calou-se para sempre.

Não senti nenhuma pulsação no pescoço do quarto homem e achei que já estivesse morto, mas, para ter certeza, usei o garrote; apertei-o em torno de seu pescoço e segurei-o, enquanto contava entre dentes os minutos que passavam.

Ouvi o canto do primeiro galo. Quando escalei de volta ao parapeito, o silêncio da noite era profundo. Eu calara os gemidos e os gritos. Achei que o contraste da quietude de certo acordaria os guardas. Eu ouvia meu próprio pulso bater como um tambor.

Voltei pelo mesmo caminho da subida, sem usar o gancho, mas descendo pelas muralhas até o chão, movendo-me ainda mais depressa do que antes. Outro galo cantou, e um terceiro respondeu. Logo a cidadezinha iria despertar. O suor brotava em mim, e as águas do fosso pareceram geladas. Eu mal tinha fôlego para nadar, e voltei à tona bem antes dos salgueiros, espantando os cisnes. Inspirei e mergulhei de novo.

Cheguei à margem e me dirigi aos salgueiros, com a intenção de me sentar por um momento, para recuperar o fôlego. O céu estava clareando. Eu estava exausto. Sentia a concentração e a objetividade escapando de mim. Mal podia acreditar no que tinha feito.

Para meu horror, ouvi que alguém já estava ali. Não era um soldado. Achei que devia ser algum pária, talvez um curtidor de couro, a julgar pelo cheiro de curtume que o impregnava. Antes que eu pudesse recuperar energia suficiente para me tornar invisível, ele me viu; e por aquele simples olhar percebi que ele sabia o que eu tinha feito.

"Agora vou ter de matar novamente", pensei, arrasado, pois dessa vez não seria uma libertação, mas um assassinato. Eu sentia o cheiro de sangue e morte nas minhas mãos. Resolvi não lhe tirar a vida, deixei meu segundo eu à sombra da árvore e, num instante, já estava do outro lado da rua.

Por um momento, ouvi o homem falar com minha imagem, antes que ela desaparecesse.

— Senhor — disse ele, hesitante — perdoe-me. Há três dias ouço o sofrimento do meu irmão. Obrigado. Que o ser secreto o acompanhe e o abençoe.

Então meu segundo eu desapareceu, e o homem deu um grito de susto e assombro.

— Um anjo!

Ouvi sua respiração ofegante, quase aos soluços, enquanto eu corria passando de porta em porta. Tinha esperança de que as patrulhas não o alcançassem. Tinha esperança de que ele não falasse sobre o que vira, confiando em que ele fosse um dos Ocultos, que levam seus segredos para o túmulo.

O muro da estalagem era bastante baixo, e consegui saltar por cima dele. Voltei à latrina e à pia, onde cuspi as cápsulas que restavam e lavei o rosto e as mãos como se tivesse acabado de acordar. Passei pelo guarda, que ainda estava meio sonolento.

— Já amanheceu? — murmurou.

— Ainda falta uma hora — respondi.

— Está pálido, Senhor Takeo. Está passando mal?

— Um pouco de cólica, só isso.

— Essa droga de comida Tohan — ele resmungou, e nós dois rimos.

— Quer um chá? — perguntou ele. — Eu acordo as criadas.

— Mais tarde. Vou tentar dormir um pouco.

Abri a porta de correr e entrei no quarto. A escuridão estava começando a tornar-se cinzenta. Pela respiração de Kenji, eu soube que ele estava acordado.

— Onde esteve? — murmurou ele.

— Na latrina. Estava me sentindo mal.

— Desde a meia-noite? — perguntou, incrédulo.

Eu ia tirando a roupa molhada e, ao mesmo tempo, escondendo as armas debaixo do colchão.

— Não foi tanto tempo assim. O senhor estava dormindo.

Ele estendeu a mão e apalpou minha roupa de baixo.

— Está encharcado! Você esteve no rio?

— Já lhe disse. Passei mal. Pode ser que não tenha conseguido chegar à latrina a tempo.

Kenji deu-me um tapa forte no ombro, e ouvi Shigeru acordar.

— O que houve? — perguntou, baixinho.

— Takeo passou a noite inteira fora. Fiquei preocupado com ele.

— Não consegui dormir — disse eu. — Só saí um pouco. Já fiz isso antes, em Hagi e em Tsuwano.

— Sei que fez — disse Kenji. — Mas lá era território Otori. Aqui é muito mais perigoso.

— Bem, agora estou aqui.

Enfie-me debaixo da cobertura e a puxei por cima da cabeça. Quase imediatamente caí num sono profundo e sem sonhos, como a morte.

Acordei com o barulho de corvos. Eu dormira cerca de três horas, mas sentia-me descansado e tranqüilo. Nem pensava na noite anterior. Na realidade, não tinha dela nenhuma lembrança nítida, era como se tivesse agido sob o efeito de um transe. O céu estava azul-claro e luminoso, o ar estava suave e sem umidade e a temperatura era agradável, coisa rara de acontecer num dia de final de verão, como era aquele. Uma criada entrou no quarto com uma bandeja de chá e comida. Depois de fazer a reverência até o chão e servir o chá, ela falou em voz baixa.

— O Senhor Otori está esperando na estrebaria. Ele pede que vá encontrá-lo o mais rápido possível. E seu professor deseja que o senhor leve seus materiais de desenho.

Fiz que sim, de boca cheia.

— Vou secar suas roupas — disse ela.

— Apanhe-as mais tarde — disse-lhe eu, pois não queria que visse as armas.

Quando ela saiu, levantei-me de um salto, vesti-me e escondi o gancho e o garrote no fundo falso do baú de viagem, onde Kenji os guardara. Apanhei a bolsa com meus pincéis, a caixa de laca que continha a tinta, e embrulhei tudo num pano. Pus a espada no cinto, concentrei-me em ser Takeo, o pintor estudioso, e fui para o pátio da estrebaria.

Ao passar pela cozinha, ouvi o sussurro de uma das criadas.

— Todos morreram durante a noite. Estão dizendo que foi um anjo da morte...

Continuei andando, de olhos baixos, empenhando-me em parecer um pouco desajeitado. As damas já tinham montado nos cavalos. Shigeru estava conversando com Abe, que,

conforme percebi, deveria nos acompanhar. Um rapaz Tohan estava ao lado deles, segurando dois cavalos. Um cavaleiro segurava Kyu, de Shigeru, e meu Raku.

— Vamos logo — exclamou Abe, ao me ver. — Não podemos esperar o dia inteiro, enquanto você se demora na cama.

— Peça desculpas ao Senhor Abe — disse Shigeru, com um suspiro.

— Lamento muito, é imperdoável — balbuciei, fazendo uma profunda reverência para Abe e as damas, tentando não olhar para Kaede. — Fiquei estudando até tarde.

Voltei-me então para Kenji, com atitude respeitosa.

— Trouxe os materiais de desenho, senhor.

— Certo — respondeu ele. — Você verá belas obras em Terayama, e talvez possa até copiá-las, se houver tempo.

Shigeru e Abe montaram, e o cavaleiro trouxe-me Raku. Meu cavalo ficou feliz em me ver. Abaixou o focinho até meu ombro e o roçou em mim, acariciando-me. Deixei que o movimento me desequilibrasse, fazendo-me cambalear. Fui até o lado direito de Raku e fingi ter um pouco de dificuldade para montar.

— Espero que seu talento para o desenho seja maior que sua prática com cavalos — disse Abe, em tom de zombaria.

— Infelizmente, não é nada excepcional — achei que a irritação de Kenji comigo não era fingimento.

Não dei resposta a nenhum dos dois, contentando-me em estudar o grosso pescoço de Abe, enquanto ele cavalgava à minha frente. Eu tentava imaginar como seria apertar o garrote em torno dele ou enfiar uma faca em sua carne firme.

Esses pensamentos sinistros me ocuparam até passarmos pela ponte e sairmos da cidade. Então, a beleza do dia começou a operar sua magia em mim. A terra estava se restabelecendo, depois da devastação da tempestade. Flores de ipoméia desabrochavam, com seu azul brilhante, mesmo nos lugares em que as trepadeiras jaziam arrebentadas no meio da lama. Martins-pescadores passavam velozes de um lado para outro do rio; e garças brancas e cinzentas mantinham-se paradas nos baixios. Uma dúzia de libélulas diferentes pairava em volta de nós; e borboletas amarelas e alaranjadas levantavam vôo, afugentadas pelas patas dos cavalos.

Nas terras planas que beiravam o rio, passamos por entre arrozais de um verde vivo, cujas plantas derrubadas pela tempestade já começavam a se reerguer. Por toda parte, as pessoas trabalhavam com afinco. Até elas pareciam animadas, apesar da destruição da tempestade ao seu redor. Lembravam-me os moradores do meu povoado, seu espírito indômito diante da catástrofe, sua crença inabalável em que, acontecesse o que fosse, a vida era

essencialmente boa e o mundo, benigno. Eu me perguntava quantos anos mais de domínio Tohan seriam necessários para arrancar aquela crença de seus corações.

Os arrozais deram lugar a hortas em terraços, e depois, à medida que a trilha se tornava mais íngreme, a bambuzais, que se fechavam em torno de nós com sua luz turva verde-prateada. Por sua vez, o bambu deu lugar a pinheiros e cedros, com a espessa camada de agulhas abafando o som da marcha dos cavalos.

Em torno de nós estendia-se a floresta impenetrável. De vez em quando cruzávamos com peregrinos que faziam a árdua viagem até a montanha sagrada. Seguíamos em fila indiana, de modo que a conversa era difícil.

Eu sabia que Kenji estava ansioso por me interrogar sobre a noite anterior, mas eu não queria nem pensar no assunto.

Depois de quase três horas, chegamos ao pequeno aglomerado de construções em torno do portão externo do templo. Ali havia uma pousada para visitantes. Os cavalos foram levados para receber alimento e água, e nós fizemos a refeição do meio-dia, simples pratos de legumes preparados pelos monges.

— Estou um pouco cansada — disse a Senhora Maruyama, quando acabamos de comer. — Senhor Abe, poderia ficar aqui comigo e com a Senhorita Shirakawa enquanto repositamos um pouco?

Ele não pôde recusar, embora se mostrasse relutante em deixar Shigeru sair do alcance de sua vista.

Shigeru deu-me a caixa de madeira, pedindo que eu a carregasse até o alto da montanha, e também levei meu embrulho de pincéis e tinta. O jovem Tohan veio conosco, com uma expressão meio contrariada, como se considerasse suspeito aquele passeio. Contudo, mesmo para os desconfiados, a excursão decerto parecia bem inocente. Shigeru não iria passar tão perto de Terayama sem visitar o túmulo do irmão, especialmente um ano após sua morte e na época do Festival para os Mortos.

Começamos a subir a íngreme escadaria de pedra. O templo fora construído na encosta da montanha, ao lado de um santuário muito antigo. As árvores do bosque sagrado deviam ter quatrocentos ou quinhentos anos de idade, seus troncos gigantescos entrando pela copa, as raízes retorcidas agarrando-se ao chão musguento, como espectros da floresta. Ao longe, eu ouvia os cantos dos monges e o toque de gongos e sinos; e, por trás desses sons, a voz da floresta, as cigarras min-min, a água da cascata, o vento batendo nos cedros, os gritos das aves. Minha animação com a beleza do dia deu lugar a outro sentimento, mais profundo, uma sensação de reverência e expectativa, como se algum segredo importante e maravilhoso estivesse prestes a se revelar.

Chegamos afinal ao segundo portão, que dava acesso a mais um grupo de construções, onde havia peregrinos e outros visitantes. Ali pediram-nos para esperar e nos serviram chá.

Depois de alguns instantes, dois sacerdotes nos abordaram. Um era velho, baixo, e, apesar da fragilidade da idade, tinha os olhos brilhantes e uma expressão de enorme serenidade. O outro era muito mais jovem, musculoso, e sua expressão era severa.

— Seja muito bem-vindo, Senhor Otori — disse o velho, fazendo a expressão do homem Tohan tornar-se ainda mais sombria. — Foi com imenso pesar que enterramos o Senhor Takeshi. Naturalmente, veio visitar o túmulo.

— Fique aqui com Muto Kenji — disse Shigeru ao soldado.

Ele e eu acompanhamos o velho sacerdote até o cemitério, onde os túmulos se enfileiravam à sombra das árvores gigantescas. Alguém estava queimando madeira, e a fumaça pairava à altura dos troncos, formando raios azuis com a luz do sol.

Nós três nos ajoelhamos em silêncio. Depois de alguns instantes, o sacerdote mais jovem entregou velas e incenso a Shigeru, que os colocou diante da lápide. A doce fragrância flutuava no ar ao nosso redor. As lanternas queimavam com regularidade, já que não ventava, mas mal se viam suas chamas sob o brilho forte do sol. Shigeru também tirou dois objetos da manga, uma pedra negra, como as que se encontram à beira-mar nos arredores de Hagi, e um cavalo de palha, como o que uma criança poderia ter como brinquedo, e os colocou sobre o túmulo.

Lembrei-me das lágrimas que ele derramara na noite em que eu o conhecera. Agora eu compreendia sua dor, mas nenhum de nós dois chorou.

Depois de um tempo, o sacerdote levantou-se, tocando no ombro de Shigeru, e nós o acompanhamos ao prédio principal daquele remoto templo rural. Era construído de madeira, cipreste e cedro, e, sob o efeito do tempo, tornara-se cinza-prateado. Não parecia grande, mas seu salão central tinha proporções perfeitas, que transmitiam uma sensação de espaço e tranquilidade e atraíam o olhar para o interior, onde a estátua dourada do Iluminado parecia pairar em meio às chamas das velas como se estivesse no Paraíso.

Desatamos as sandálias e entramos no salão. Mais uma vez, o jovem monge trouxe incenso, que colocamos aos pés dourados da estátua. Ajoelhando-se ao nosso lado, ele começou a entoar um dos sutras pelos mortos.

O salão estava na penumbra, e meus olhos ficaram ofuscados pelas velas, mas eu ouvia a respiração de outras pessoas dentro do templo, para além do altar. E, quando minha visão se adaptou à escuridão, pude ver a silhueta de monges sentados em muda meditação. Percebi que o salão do templo era muito maior do que eu imaginara de início; e que nele havia muitos monges, provavelmente centenas.

Embora eu tivesse sido criado entre os Ocultos, minha mãe me levava aos santuários e templos da nossa região, e eu conhecia um pouco dos ensinamentos do Iluminado. Naquele momento pensei, como antes já pensara muitas vezes, que as pessoas quando oram têm a

mesma aparência e fazem os mesmos sons. A paz daquele lugar feria minha alma. O que estava fazendo ali, eu, um assassino, com o coração voltado para a vingança?

Quando a cerimônia terminou, voltamos a nos reunir a Kenji, que parecia imerso numa conversa unilateral com o homem Tohan, sobre arte e religião.

— Temos um presente para o senhor abade — disse Shigeru, apanhando a caixa que eu deixara com Kenji.

Os olhos do sacerdote cintilaram.

— Vou levá-lo até ele.

— E os jovens gostariam de ver as pinturas — disse Kenji.

— Makoto vai mostrá-las. Faça o favor de me acompanhar, Senhor Otori.

O homem Tohan ficou estupefato ao ver Shigeru desaparecer por trás do altar com o velho sacerdote. Fez menção de acompanhá-los, mas Makoto pareceu impedi-lo de avançar, sem tocar nele e sem o ameaçar.

— Por aqui, rapaz!

Com um passo determinado, ele deu um jeito de nos arrebanhar, levando-nos para fora do templo e conduzindo-nos, através de uma passarela de madeira, até um salão menor.

— O grande pintor Sesshu morou dez anos neste templo — disse-nos. — Projetou jardins e pintou paisagens, animais e aves. Esses painéis de madeira são obra dele.

— Isso é que é ser pintor — disse Kenji, com sua voz queixosa de professor.

— É verdade, mestre — respondi.

Eu não precisava simular humildade. Estava realmente impressionado com a obra que tínhamos diante dos olhos. O cavalo negro, os grous brancos pareciam ter sido captados e imobilizados num átimo pelo talento consumado do pintor. Tinha-se a impressão de que a qualquer instante o encantamento se quebraria, que o cavalo iria estacar e empinar, que os grous, ao nos ver, levantariam vôo para o céu. O pintor conseguira o que todos nós gostaríamos de fazer: capturar o tempo e imobilizá-lo.

O painel mais próximo da porta parecia vazio. Examinei-o com atenção, achando que as cores talvez tivessem desbotado.

— Havia pássaros nele — disse Makoto —, mas, segundo a lenda, eram tão naturais que saíram voando.

— Como você vê, ainda tem muito que aprender — disse-me Kenji.

Achei que ele estava exagerando um pouco, mas o homem Tohan me lançou um olhar desdenhoso e, depois de passar os olhos pelas pinturas, saiu e foi sentar-se à sombra de uma árvore.

Apanhei a caixa de tintas, e Makoto me trouxe um pouco de água. Preparei a tinta e abri um rolo de papel. Queria incorporar a mão do mestre para ver se, superando o abismo do tempo que nos separava, ele poderia transferir para meu pincel aquilo que vira.

Lá fora, o calor da tarde estava mais intenso, tremeluzente, e o volume do canto dos grilos aumentara. As árvores lançavam vastas ilhas de sombra escura. Dentro do salão estava mais fresco, menos luminoso. O tempo caminhava mais devagar. Ouvi a respiração do homem Tohan no instante em que adormeceu.

— Os jardins também são obra de Sesshu — disse Makoto. Ele e Kenji sentaram-se nas esteiras, de costas para mim e para as pinturas, olhando para as rochas e as árvores lá fora. Ao longe, uma cascata murmurava, e ouvi dois pombos torcazes arrulharem. De vez em quando Kenji fazia um comentário ou uma pergunta sobre o jardim, e Makoto respondia. Sua conversa foi se tornando desconexa, até que tive a impressão de que também estavam cochilando.

Sozinho com meu pincel, o papel e as pinturas incomparáveis, percebi-me dominado pela mesma concentração e objetividade que sentira na noite anterior, que me levavam a um estado como que de transe. Entristeceu-me um pouco que os talentos da Tribo fossem tão semelhantes aos da arte. Fui tomado por um intenso desejo de permanecer naquele lugar por dez anos, como o grande Sesshu, para desenhar e pintar todos os dias, até que minhas pinturas ganhassem vida e saíssem voando.

Fiz cópias do cavalo e dos grou, cópias que não me agradaram de modo algum; e então pinteí o passarinho da minha montanha, tal como o vira levantar vôo quando me aproximei, com um lampejo de branco nas asas.

Absorvi-me no trabalho. Ao longe, ouvia a voz de Shigeru, que falava com o velho sacerdote. Na realidade, eu não prestava atenção. Supunha que ele estivesse procurando algum aconselhamento espiritual com o velho, um assunto particular. Mas as palavras foram caindo nos meus ouvidos, e aos poucos fui me dando conta de que a conversa era sobre algo bem diferente: mais impostos extorsivos, repressão à liberdade, o desejo que Iida tinha de destruir os templos, vários milhares de monges em mosteiros remotos, todos treinados para a guerra e desajeitados de derrubar os Tohan e restituir as terras aos Otori.

Sorri para mim mesmo, melancólico. A idéia que eu tinha do templo como um lugar de paz, um santuário protegido da guerra, era um pouco equivocada. Os sacerdotes e monges eram tão belicosos quanto nós, igualmente voltados para a vingança.

Fiz mais uma cópia do cavalo e fiquei mais satisfeito. Tinha conseguido captar algo de sua força selvagem. Tive a impressão de que o espírito de Sesshu me tocara, de fato, através dos tempos, talvez me fazendo lembrar que, quando a verdade rompe as ilusões, o talento se liberta.

Então ouvi outro som, vindo de longe, que fez disparar meu coração: a voz de Kaede. As mulheres e Abe estavam subindo a escada que levava ao segundo portão.

— Os outros estão vindo — avisei para Kenji, sussurrando.

Makoto levantou-se ligeiro e saiu em silêncio. Dali a alguns instantes o velho sacerdote e o Senhor Shigeru entraram no salão, onde eu estava dando as pinceladas finais na cópia do cavalo.

— Ah, Sesshu falou com você! — disse o velho sacerdote, com um sorriso.

Dei o quadro para Shigeru. Ele estava sentado, olhando-o, quando as mulheres e Abe nos encontraram. O homem Tohan acordou e tentou fingir que não tinha dormido. A conversa foi só sobre pintura e jardins. A Senhora Maruyama continuava dando atenção especial a Abe, pedindo sua opinião e adulando-o tanto, que até ele se interessou pelo assunto.

Kaede olhou para o esboço do pássaro.

— Posso ficar com este? — perguntou.

— Se lhe agrada, Senhorita Shirakawa. — respondi. — Acho que é meio fraco.

— Gosto dele — disse ela, em voz baixa. — Faz-me pensar na liberdade.

A tinta secara depressa, com o calor. Enrolei o papel e o entreguei a ela, meus dedos roçando nos dela por um instante. Foi a primeira vez que nos tocamos. Nenhum de nós dois disse mais nada. O calor parecia mais forte; os grilos, mais insistentes. Uma onda de cansaço me dominou. Eu estava zozzo de emoção e por falta de sono. Meus dedos tinham perdido a firmeza e tremiam enquanto eu guardava os apetrechos de pintura.

— Vamos dar uma volta no jardim — disse Shigeru, levando as damas para fora. Senti o olhar do velho sacerdote fixo em mim.

— Volte — disse ele —, quando tudo isso tiver terminado. Sempre haverá um lugar para você aqui.

Pensei em todos os tumultos e mudanças a que o templo tinha assistido, as batalhas que se travaram ao seu redor. Parecia tão tranqüilo: as árvores sempre ali, havia séculos; o Iluminado, sentado entre as velas com seu sorriso sereno. No entanto, mesmo naquele lugar de paz, havia homens planejando a guerra. Eu jamais poderia me recolher para pintar e planejar jardins enquanto Iida estivesse vivo.

— E será que algum dia vai terminar? — respondi.

— Tudo que tem início tem fim — disse ele.

Fiz-lhe uma reverência, encostando a cabeça no chão, e ele juntou as palmas das mãos numa bênção.

Makoto saiu comigo para o jardim. Olhava para mim, intrigado.

— Quanto você ouviu? — perguntou, em voz baixa. Olhei à minha volta. Os homens Tohan estavam com

Shigeru no alto da escada.

— Consegue ouvir o que estão dizendo? — perguntei. Ele avaliou a distância com o olhar.

— Só se gritarem.

— Pois eu ouço cada palavra. Também ouço quem está no refeitório, lá embaixo. Posso lhe dizer quantas pessoas estão ali reunidas.

Percebi então que devia ser uma multidão. Makoto deu um risinho, ao mesmo tempo divertido e satisfeito.

— Como um cachorro?

— É, como um cachorro — respondi.

— Bastante útil para seus donos.

Suas palavras calaram em mim. Eu era útil para o Senhor Shigeru, para Kenji, para a Tribo. Nascera com talentos sinistros, que não pedira para ter. Mesmo assim, não conseguia deixar de afiá-los e testá-los. E eles me trouxeram ao lugar onde estava agora. Se não fossem eles, decerto eu estaria morto. Com eles, a cada dia era mais atraído para o meio desse mundo de mentiras, segredo e vingança. Perguntei-me até que ponto Makoto entenderia tudo isso, e senti vontade de compartilhar com ele meus pensamentos. Senti uma simpatia instintiva por ele; mais que simpatia, confiança. Mas as sombras estavam se alongando, era quase hora do Galo. Precisávamos partir para estar de volta a Yamagata antes do anoitecer. Não tínhamos tempo para conversar.

Quando descemos a escadaria, havia de fato uma enorme multidão reunida.

— Estão aqui para o Festival? — perguntei a Makoto.

— Por um lado, sim — disse ele, e depois, num aparte, para que ninguém mais o ouvisse: — Mas principalmente porque souberam que o Senhor Otori está aqui. Não esqueceram como eram as coisas antes de Yaegahara. Nós também não esquecemos. Adeus — disse ele, quando montei em Raku. — Nós nos veremos de novo.

Na trilha da montanha, na estrada, foi a mesma coisa. Havia muita gente, e todos pareciam querer ver o Senhor Shigeru com os próprios olhos. A sensação era estranhíssima: ao passarmos, as pessoas jogavam-se ao chão, silenciosas, e depois se levantavam, com o olhar fixo em nós, a fisionomia sombria, os olhos febris.

Os Tohan estavam furiosos, no entanto não podiam fazer nada. Iam um pouco adiante de mim, mas eu ouvia com clareza sua conversa sussurrada, como se despejassem as palavras diretamente nos meus ouvidos.

— O que Shigeru fez no templo? — perguntou Abe.

— Rezou, falou com o sacerdote. Eles nos mostraram as obras de Sesshu; o garoto pintou um pouco.

— Não me interessa o que o garoto fez! Shigeru ficou sozinho com o sacerdote?

— Apenas por uns minutos — mentiu o homem mais jovem.

O cavalo de Abe lançou-se para a frente. Com a raiva, Abe deve ter dado um puxão na rédea.

— Ele não está tramando nada — disse o rapaz, despreocupado. — Não está acontecendo nada além do que isso que se sabe. Ele está em viagem para se casar. Não entendo por que você está tão preocupado. Os três são inofensivos. Tolos, até mesmo covardes, mas inofensivos.

— Tolo é você, por pensar assim — resmungou Abe. — Shigeru é muito mais perigoso do que parece. Para começar, não é nenhum covarde. Ele é paciente, isso sim. E nos Três Países não há ninguém que produza esse efeito no povo!

Seguiram em silêncio por mais algum tempo.

— Basta um sinal de traição, e ele está perdido — murmurou então Abe.

As palavras flutuaram até mim através daquele perfeito final de tarde de verão. Quando chegamos ao rio, já estava anoitecendo, um crepúsculo azul iluminado por vagalumes entre os juncos. Na margem, as fogueiras já estavam acesas para a segunda noite do Festival. A noite anterior fora cheia de pesar reprimido. Agora a atmosfera estava mais desenfreada, com fluidos de agitação e violência. As ruas estavam apinhadas de gente, a multidão se adensava ao longo da borda do fosso. As pessoas, paradas, olhavam fixamente para o primeiro portão do castelo.

Quando passamos, vimos as quatro cabeças expostas acima do portão. Os cestos já tinham sido retirados das muralhas.

— Morreram depressa — disse-me Shigeru. — Tiveram sorte.

Não respondi. Estava observando a Senhora Maruyama. Ela lançou um rápido olhar para as cabeças e virou o rosto, lívida mas controlada. Perguntei-me no que estaria pensando, se estava rezando.

A multidão bramia e avançava como um animal no abatedouro, assustado com o fedor de sangue e morte.

— Vão em frente — disse Kenji. — Vou ouvir um pouco as conversas aqui e ali. Encontro-me com vocês na estalagem. Fiquem lá dentro.

Ele chamou um dos cavaleiros, desmontou do cavalo, entregou as rédeas ao homem e sumiu no meio da multidão.

Quando viramos a esquina para entrar na rua pela qual eu corraera na noite anterior, um contingente de homens dos Tohan veio cavalgando de encontro a nós, com as espadas em riste.

— Senhor Abe! — gritou um deles. — Devemos esvaziar as ruas. A cidade está em tumulto. Leve seus convidados para dentro e ponha guardas nos portões.

— O que foi que provocou isso? — perguntou Abe.

— Os criminosos morreram todos durante a noite. Um homem diz que um anjo veio libertá-los.

— A presença do Senhor Otori está piorando a situação — disse Abe, com rudeza, enquanto nos apressava na direção da estalagem. — Viajaremos amanhã.

— O Festival não terminou — observou Shigeru. — Viajar no terceiro dia trará má sorte.

— Não há o que fazer! Ficar poderia ser pior.

Abe sacara a espada, e agora ela zumbia no ar, enquanto ele fustigava a multidão.

— Abaixem-se! — ele berrou.

Espantado com o barulho, Raku saltou para diante, e eu me vi cavalgando lado a lado com Kaede. Os cavalos se olharam, um ganhando coragem com a presença do outro. Trotaram em perfeita sintonia por toda a extensão da rua.

Olhando para a frente, com voz tão baixa que só eu poderia ouvi-la no meio do alvoroço que nos cercava, ela falou comigo.

— Queria que pudéssemos ficar a sós. São tantas as coisas que não sei sobre você. Nem sei quem você é realmente. Por que finge ser inferior ao que é? Por que esconde sua destreza?

Minha vontade seria cavalgar ao lado dela para sempre, mas a rua era muito curta e eu tinha medo de lhe responder. Forcei meu cavalo a avançar, como se lhe fosse indiferente, mas meu coração batia forte com suas palavras. Era tudo o que eu queria: estar a sós com ela, revelar meu eu oculto, abandonar todos os segredos e máscaras, deitar-me com ela, com minha pele colada à sua.

Alguns dias isso se tornaria possível? Só se Iida morresse.

Quando chegamos à estalagem, fui supervisionar os cuidados dados aos cavalos. Os homens Otori que tinham ficado lá me cumprimentaram aliviados. Estavam preocupados com nossa segurança.

— A cidade está em polvorosa — disse um deles. — Um movimento em falso e haverá luta nas ruas.

— O que vocês ficaram sabendo? — perguntei.

— Aqueles Ocultos que os canalhas estavam torturando. Alguém chegou até eles e os matou. É incrível! E há um homem dizendo que viu um anjo!

— O povo sabe que o Senhor Otori está aqui — acrescentou outro homem. — Eles ainda se consideram Otori. Acho que estão fartos dos Tohan.

— Poderíamos tomar esta cidade se tivéssemos cem homens — resmungou o primeiro.

— Não digam uma coisa dessas, nem para si mesmos, nem para mim — adverti. — Não temos cem homens. Estamos à mercê dos Tohan. Espera-se que sejamos os instrumentos de uma aliança, e precisamos que nos vejam desse modo. A vida do Senhor Shigeru depende disso.

Continuaram resmungando, enquanto desarreavam os cavalos e os alimentavam. Eu sentia o fogo que começava a queimar neles, o desejo de vingar antigos insultos e acertar velhas contas.

— Se qualquer um de vocês sacar uma espada contra os Tohan, eu o farei pagar com a vida! — disse eu, irado.

Não ficaram muito impressionados. Podiam até saber um pouco mais de mim do que Abe e seus homens, mas para eles eu continuava sendo apenas o jovem Takeo, um pouco estudioso demais, que gostava de pintar, que já não estava se saindo tão mal no manejo do bastão e da espada, mas que era delicado demais, sensível demais. Achavam engraçada a idéia de que eu realmente fosse matar um deles.

Eu temia sua imprudência. Se irrompessem conflitos violentos, não havia a menor dúvida de que os Tohan aproveitariam a oportunidade para acusar Shigeru de traição. Agora não podia acontecer nada que nos impedisse de chegar insuspeitos a Inuyama.

Na hora em que saí da estabulação, já estava sentindo uma dor de cabeça terrível. Parecia que fazia semanas que eu não dormia. Fui à casa de banho. A garota que me trouxera chá de manhã e dissera que secaria minha roupa estava lá. Esfregou minhas costas e massageou minhas têmporas; e decerto teria feito mais por mim se eu não estivesse tão cansado e com a cabeça tão ocupada com Kaede. Ela me deixou de molho na água quente, mas, ao se retirar, murmurou alguma coisa.

— O trabalho foi bem feito.

Eu estava quase cochilando, contudo suas palavras me despertaram.

— Que trabalho? — perguntei, mas ela já tinha ido embora. Preocupado, saí da banheira e voltei para o quarto. A dor de cabeça era agora apenas uma dor surda de um lado a outro da testa.

Kenji estava de volta. Eu o ouvi conversando com Shigeru em voz baixa. Calaram-se quando entrei no quarto, os dois olhando fixamente para mim. Por sua expressão, pude ver que sabiam.

— Como? — perguntou Kenji.

Tentei escutar. A estalagem estava em silêncio, os Tohan ainda percorriam as ruas.

— Dois com veneno, um com o garrote, um com as mãos.

— É difícil acreditar — disse ele, balançando a cabeça. — Dentro das muralhas do castelo? Sozinho?

— Não consigo lembrar grande coisa. Achei que ficaria zangado comigo.

— *E estou zangado* — retrucou ele. — Mais que zangado: estou furioso. Que coisa mais idiota. Pela lógica, deveríamos estar enterrando seu corpo hoje.

Preparei-me para um dos seus golpes. Em vez disso, ele me abraçou.

— Só posso gostar de você — disse ele. — Não quero perdê-lo.

— Eu nunca teria imaginado que fosse possível — disse Shigeru, como que não conseguindo deixar de sorrir. — Nosso plano pode dar certo, afinal!

— O povo nas ruas diz que deve ter sido Shintaro — comentou Kenji —, embora ninguém saiba quem pagou nem por que motivo.

— Shintaro morreu — disse eu.

— Bem, não é muita gente que sabe disso. Seja como for, a opinião geral é a de que o assassino é uma espécie de espírito celestial.

— Fui visto por um homem, irmão de um dos mortos. Ele viu meu segundo eu; e, quando esse eu desapareceu, achou que se tratava de um anjo.

— Pelo que fiquei sabendo, ele não faz a menor idéia da sua identidade. Estava escuro. Ele não o viu com clareza. Acreditou mesmo que fosse um anjo.

— Mas por que você fez isso, Takeo? — perguntou Shigeru. — Por que se arriscar tanto agora?

Mais uma vez, eu não conseguia lembrar bem.

— Não sei, eu não conseguia dormir...

— É esse coração mole dele — disse Kenji. — É levado a agir com compaixão, mesmo quando mata.

— Há uma garota aqui — eu disse. — Ela sabe de alguma coisa. Apanhou minhas roupas molhadas hoje de manhã, e há pouco disse...

— Ela é dos nossos — interrompeu-me Kenji. E, assim que ele disse essas palavras, eu me dei conta de que já sabia que ela pertencia à Tribo. — É claro que a Tribo suspeitou imediatamente. Eles sabem como Shintaro morreu. Sabem que você está aqui com o Senhor Shigeru. Ninguém consegue acreditar que você fez o que fez sem ser pego, no entanto todos sabem, também, que ninguém mais poderia ter sido autor desse feito.

— E será que, mesmo assim, é possível mantê-lo em segredo? — perguntou Shigeru.

— Ninguém vai denunciar Takeo aos Tohan, se é isso que você está querendo dizer. E eles parecem não suspeitar de nada. Sua atuação está melhorando — disse-me ele. — Hoje, até eu acreditei que você não fosse mais que um bobalhão bem-intencionado.

Shigeru sorriu novamente. Kenji prosseguiu, com um tom que afetava indiferença.

— O único ponto, Shigeru, é que eu conheço seus planos. Sei que Takeo concordou em ajudá-lo na sua execução. No entanto, depois deste último episódio, creio que a Tribo não permitirá que Takeo continue com você por muito tempo. Agora tenho certeza de que o reivindicarão.

— Só precisamos de mais uma semana — murmurou Shigeru.

Senti a escuridão subir por minhas veias, como tinta. Levantei os olhos e olhei Shigeru de frente, algo que poucas vezes eu ousara fazer. Sorrimos um para o outro, unidos como nunca desde que tínhamos concordado quanto ao assassinato.

Lá de fora vinham gritos, chamados esporádicos, passos de homens correndo, galope de cavalos, estouro de fogos, que aumentavam transformando-se em uivos e berros. Os Tohan estavam esvaziando as ruas, impondo o toque de recolher. Depois de algum tempo, o barulho diminuiu e a noite de verão voltou à tranquilidade. A lua já tinha surgido, envolvendo a cidade em luz. Ouvi cavalos entrarem no pátio da estalagem, juntamente com a voz de Abe. Um pouco depois, houve uma leve batida na porta, e as criadas entraram com bandejas de comida. Uma era a garota que falara comigo no banho. Depois que as outras saíram, ela ficou para nos servir.

— O Senhor Abe voltou, senhor — ela sussurrou para Kenji. — Esta noite haverá mais guardas do lado de fora dos quartos. Os homens do Senhor Otori deverão ser substituídos por soldados Tohan.

— Eles não vão gostar disso — comentei, lembrando-me da agitação dos homens.

— Parece provocação — murmurou Shigeru. — Há algum tipo de suspeita contra nós?

— O Senhor Abe está furioso e alarmado com a violência na cidade — respondeu a garota. — Diz que é para proteger o senhor.

— Poderia pedir ao Senhor Abe que faça a gentileza de vir me ver?

A garota fez uma reverência e saiu. Comemos, a maior parte do tempo em silêncio. Mais para o final da refeição, Shigeru começou a falar de Sesshu e de seus quadros. Apanhou o desenho do cavalo e o desenrolou.

— É bastante agradável — disse ele. — Uma cópia fiel, e no entanto há algo que é seu. Você poderia se tornar um bom artista...

Ele não prosseguiu, mas eu estava pensando o mesmo: "Num mundo diferente, numa vida diferente, num país que não fosse governado pela guerra."

— O jardim é muito bonito — observou Kenji. — Embora seja pequeno, ao meu ver é mais encantador que as obras maiores de Sesshu.

— Concordo — disse Shigeru. — Naturalmente, o cenário em Terayama é incomparável.

Eu podia ouvir os passos pesados de Abe se aproximando. Quando a porta de correr se abriu, eu estava falando em tom humilde.

— O senhor pode me explicar a disposição das rochas?

— Senhor Abe — disse Shigeru. — Entre, por favor — e ordenou então à moça: — Traga mais chá e vinho.

Abe fez uma reverência mecânica e se acomodou nas almofadas.

— Não vou ficar muito tempo. Ainda não comi, e precisamos estar na estrada ao raiar do dia.

— Estávamos falando de Sesshu — disse Shigeru. Trouxeram o vinho, e ele serviu uma taça para Abe.

— Pintor admirável — concordou Abe, dando um gole grande. — É lamentável que nestes tempos tumultuados o artista tenha menos importância que o guerreiro — e ele me lançou um olhar desdenhoso, que me convenceu de que meu disfarce era seguro. — A cidade

agora está tranqüila, mas a situação ainda é grave. Tenho a impressão de que meus homens lhe oferecerão uma proteção maior.

— O guerreiro é indispensável — disse Shigeru. — Por isso prefiro ter meus próprios homens ao meu redor.

No silêncio que se seguiu, vi com nitidez a diferença entre eles. Abe não passava de um barão cheio de brilho. Shigeru era herdeiro de um clã antiqüíssimo. Apesar de relutar, Abe foi obrigado a ceder à vontade dele. Avançou o lábio inferior.

— Se é esse o desejo do Senhor Otori... — concordou, finalmente.

— É — Shigeru deu um leve sorriso e serviu mais vinho.

— Takeo, fique de vigia com os guardas hoje à noite — disse o cavaleiro, depois que Abe saiu. — Advirta-os de que, se houver qualquer distúrbio, não hesitarei em entregá-los a Abe, para serem punidos. Receio um levante prematuro, agora que estamos tão perto do nosso objetivo.

Era um objetivo ao qual eu me agarrava com determinação. Não dei mais nenhuma atenção ao aviso de Kenji de que a Tribo viria me resgatar. Concentrei-me apenas em Iida Sadamu, no seu covil em Inuyama. Eu chegaria até ele, atravessando o piso-rouxinol. E o mataria. Pensar em Kaede só servia para aumentar minha resolução. Não era preciso que eu fosse um Ichiro para calcular que, se Iida morresse antes do casamento de Kaede, ela estaria livre para se casar comigo.

Fomos despertados de madrugada e pouco depois do amanhecer já estávamos na estrada. A limpidez do dia anterior tinha desaparecido, o ar era pesado e úmido. Nuvens haviam se formado durante a noite, e ameaçava chover.

O povo estava proibido de reunir-se nas ruas, e os Tohan impunham sua ordem pela força da espada. Abateram um coletor de esterco humano que ousou parar o trabalho para observar nossa passagem e espancaram até a morte uma velha que demorou a sair de nosso caminho.

Já era de mau agouro estarmos viajando no terceiro dia do Festival para os Mortos. Esses atos de crueldade e derramamento de sangue pareciam acrescentar maus presságios à nossa viagem.

As damas eram levadas em liteiras, e por isso só cheguei a ver Kaede quando paramos para a refeição do meio-dia. Não falei com ela, mas fiquei horrorizado com sua aparência. Estava tão pálida que sua pele parecia transparente, e tinha olheiras escuras. Senti um aperto no coração. Quanto mais frágil ela se tornava, mais desesperadamente eu a amava.

Shigeru falou com Shizuka sobre Kaede, preocupado com sua palidez. Shizuka respondeu que Kaede se sentia mal com o balanço da liteira, apenas isso. Mas seus olhos voltaram-se de relance para mim, e eu acreditei ter entendido o recado.

Éramos um grupo silencioso, cada um imerso em seus próprios pensamentos. Os homens estavam tensos e irritadiços. O calor era sufocante. Somente Shigeru parecia estar à vontade, conversando com leveza e despreocupação, como se realmente estivesse indo celebrar um casamento ansiosamente esperado. Eu sabia que os Tohan o desprezavam por isso, mas eu considerava aquilo uma das maiores demonstrações de coragem que já vira.

Íamos avançando para leste e os danos causados pelas tempestades tornavam-se menores. As estradas melhoravam à medida que nos aproximávamos da capital, e a cada dia percorríamos distâncias maiores. Na tarde do quinto dia, chegamos a Inuyama.

Iida fizera daquela cidade do leste sua capital, depois da vitória em Yaegahara. Naquela época estava começando a construir o imponente castelo, que dominava a cidade com suas muralhas negras e suas ameias brancas e os telhados que davam a impressão de terem sido lançados para os céus como se fossem de pano. Enquanto nos aproximávamos dele, eu me via examinando as fortificações, avaliando a altura dos portões e das muralhas, procurando apoios para os pés... "aqui me tornarei invisível, aqui precisarei usar o gancho"...

Eu não tinha imaginado que a cidade fosse tão grande, que fosse haver tantos guerreiros de sentinela no castelo e alojados em torno dele.

Abe freou seu cavalo para se emparelhar comigo. Eu me tornara o alvo preferido de seus gracejos e suas fanfarrônicas.

— Assim é o poder, garoto. É o que se consegue sendo guerreiro. Diante disso, seu trabalho com o pincel torna-se insignificante, não é mesmo?

Eu não me importava com o que Abe pensasse de mim, desde que ele nunca pressentisse a verdade.

— É a construção mais impressionante que vi na minha vida, Senhor Abe. Gostaria de poder estudá-la mais de perto, sua arquitetura, suas obras de arte.

— Tenho certeza de que isso pode ser providenciado — disse ele, disposto a ser condescendente, agora que estava de volta à sua cidade, em segurança.

— O nome de Sesshu permanece vivo entre nós — comentei —, ao passo que os guerreiros da sua época foram todos esquecidos.

Ele caiu na risada.

— Só que você não é nenhum Sesshu, não é mesmo? Seu desdém fez o sangue subir-me ao rosto, mas concordei com ele, humilde. Abe nada sabia a meu respeito, esse era meu único consolo.

Fomos escoltados a uma residência próxima ao fosso do castelo. Era bela e espaçosa. Tudo indicava que Iida estava mesmo decidido ao casamento e à aliança com os Otori. A atenção e as honras prestadas a Shigeru foram, de fato, impecáveis. As damas foram levadas ao castelo, onde permaneceriam na própria residência de Iida, com as mulheres da sua família. A filha da Senhora Maruyama morava lá.

Não vi o rosto de Kaede, mas enquanto era transportada ela deixou a mão aparecer rapidamente através da cortina da liteira, segurando o rolo de papel que eu lhe dera, a pintura do meu pequeno pássaro da montanha que a fizera pensar na liberdade.

Uma leve chuva de final de tarde começava a cair, obscurecendo os contornos do castelo, reluzindo nas telhas e nas pedras do calçamento. Dois gansos passaram voando, batendo as asas harmoniosamente. Quando desapareceram, ainda consegui ouvir seu chamado melancólico.

Abe voltou mais tarde à residência, com presentes de casamento e efusivas mensagens de boas-vindas do Senhor Iida. Lembrei-lhe sua promessa de me mostrar o castelo, importunando-o e suportando sua zombaria, até que ele concordou em marcar a visita para o dia seguinte.

Kenji e eu fomos com ele pela manhã. Consciente, prestei atenção e fiz esboços enquanto Abe, primeiro, e depois, quando ele se cansou, um de seus escudeiros nos levavam em visita ao castelo. Minha mão desenhava árvores, jardins e paisagens enquanto meus olhos e meu cérebro absorviam a planta do castelo, a distância do portão principal ao segundo portão (o Portão de Diamante, como o chamavam), do Portão de Diamante até a cintura interior, da cintura interior até a residência. O rio margeava o lado leste; os quatro lados eram providos de

fosso. E, enquanto desenhava, eu escutava, localizava os guardas, tanto os visíveis quanto os escondidos, e os contava.

O castelo estava cheio de gente: guerreiros, peões, ferreiros, fabricantes de flechas e armeiros, cavaliços, cozinheiros, criadas, servos de todos os tipos. Perguntei-me aonde eles todos iam à noite e se em algum momento o castelo ficaria em silêncio.

O escudeiro era mais falante que Abe, adorava enaltecer Iida e estava ingenuamente impressionado com minha habilidade para desenhar. Fiz rapidamente um esboço de seu rosto e dei-o a ele. Naquela época, faziam-se pouquíssimos retratos, e ele o segurou como se fosse um talismã mágico. Daí em diante, mostrou-nos mais do que deveria, até mesmo as câmaras ocultas onde sempre havia guardas a postos, as janelas falsas nas torres de vigia e a rota das patrulhas noturnas.

Kenji falou muito pouco, apenas fazia críticas a meu desenho e corrigia uma pincelada de vez em quando. Eu me perguntava se ele estaria planejando me acompanhar quando eu viesse ao castelo à noite. Ora eu achava que não conseguiria fazer nada sem sua ajuda, no instante seguinte eu sabia que queria agir sozinho.

Chegamos finalmente à torre central. Fomos levados ao seu interior, apresentados ao comandante da guarda e recebemos permissão para subir a íngreme escada de madeira até o andar mais alto. Os sólidos pilares que sustentavam a torre principal tinham mais de vinte metros de altura. Imaginei que, se fossem árvores na floresta, sua copa seria enorme, densa, e sua sombra seria bem escura. As vigas transversais mantinham suas irregularidades naturais, como se ansiassem por continuar crescendo e voltar a ser árvores. Eu sentia a força do castelo como se ele fosse um ser consciente, voltado contra mim.

Da plataforma superior, sob o olhar curioso dos guardas do meio-dia, pudemos ver de cima a cidade inteira. Ao norte, erguiam-se as montanhas que eu atravessara com Shigeru, e do lado oposto estendia-se a planície de Yaegahara. A sudeste ficava minha terra natal, Mino. O ar estava nebuloso e parado, quase sem um sopro de vento. Apesar das espessas paredes de pedra e da madeira escura e fresca, o calor era sufocante. O rosto dos guardas brilhava de suor, suas armaduras eram pesadas e desconfortáveis.

Das janelas ao sul da torre principal, via-se a segunda torre, mais baixa, que Iida transformara em sua residência. Era construída acima de uma enorme muralha, que se erguia perpendicular ao fosso. Para além do fosso, do lado leste, havia uma faixa pantanosa, de aproximadamente cem metros de largura, e depois o rio, fundo e caudaloso, engrossado pelas tempestades. Acima da muralha da fortificação, havia uma fileira de pequenas janelas, contudo as portas da residência ficavam todas no lado oeste. Telhados de caimento gracioso cobriam as varandas que davam para um pequeno jardim, cercado pelas muralhas da segunda cintura. Não dava para vê-lo do nível do chão, mas dali podíamos espiá-lo como águias.

No lado oposto, a cintura noroeste abrigava as cozinhas e outras dependências de serviços.

Meus olhos percorriam o palácio de Iida de um lado a outro. A face leste era lindíssima, quase delicada; a oeste era rude, em sua força e austeridade. E a rudeza era acrescida pelos aros de ferro embutidos nas muralhas, abaixo das janelas de vigia. Segundo os guardas nos disseram, esses aros eram usados para pendurar os inimigos de Iida, pois o sofrimento das vítimas fazia-o desfrutar mais ampla e profundamente de seu poder e de sua glória.

Ao descermos a escada, ouvi mais uma vez os guardas zombarem de nós, fazendo os gracejos que eu soubera que os Tohan sempre faziam a respeito dos Otori: que na cama eram mais dados aos meninos do que às meninas, que preferiam fazer uma boa refeição a lutar de verdade, que eram seriamente enfraquecidos por seu gosto pelos banhos quentes, nos quais sempre urinavam. As risadas estridentes vieram flutuando atrás de nós. Embaraçado, nosso acompanhante resmungou um pedido de desculpas.

Garantindo-lhe que não estávamos nem um pouco ofendidos, parei por um instante no portal da cintura interior, aparentemente deslumbrado com a beleza das flores de ipoméia que se espalhavam pelas paredes de pedra das cozinhas. Eu ouvia todos os sons habituais de cozinha: o chiado da água fervente, o tinido das facas de aço, batidas regulares de alguém fazendo bolinhos de arroz, os gritos dos cozinheiros e a tagarelice aguda das criadas. Mas por trás de tudo isso, vindo do outro lado, do interior dos muros do jardim, um outro ruído penetrava nos meus ouvidos.

Dali a um momento percebi que se tratava dos passos das pessoas que iam e vinham pelo piso-rouxinol de Iida.

— Está ouvindo esse ruído estranho? — perguntei inocentemente a Kenji.

Ele franziu o cenho.

— O que será?

— É o piso-rouxinol — disse nosso acompanhante, rindo.

— Piso-rouxinol? — perguntamos, em uníssono.

— É um piso que canta. Nada consegue passar por ele, nem mesmo um gato, sem que o piso gorjeie como um passarinho.

— Parece magia — disse eu.

— Talvez seja — respondeu o homem, rindo de minha ingenuidade. — Seja como for, Sua Excelência dorme melhor à noite sob sua proteção.

— Que maravilha! Eu adoraria vê-lo — disse eu.

O homem, ainda sorrindo, levou-nos solícito a dar a volta na cintura até o lado sul, onde o portão que dava para o jardim estava aberto. Não era um portão alto, mas tinha uma cobertura imponente, e os degraus que lhe davam acesso formavam um ângulo bem fechado,

de modo que pudesse ser defendido por um único homem. Pelo portão, avistamos a construção do outro lado. Os postigos de madeira estavam todos abertos. Eu podia ver o sólido piso reluzente que margeava toda a extensão do prédio.

Criadas que transportavam bandejas com alimentos, pois era quase meio-dia, descalçaram as sandálias e puseram os pés no piso. Ouvi sua canção, e meu coração se descompassou. Lembrei-me de quando atravessara correndo, leve e em silêncio, o piso em torno da casa em Hagi. Este era quatro vezes maior, sua música infinitamente mais complexa. Eu não teria oportunidade para ensaiar. Teria uma única chance para vencê-lo.

Permaneci ali pelo máximo tempo que fosse plausível, exclamando e admirando, enquanto tentava mapear cada som. E, de vez em quando, lembrava que Kaede estava em algum lugar ali dentro e, em vão, forçava meus ouvidos para escutar sua voz.

— Vamos andando, vamos! — disse Kenji, finalmente. — Estou com um vazio na bariga. O Senhor Takeo poderá ver o piso novamente amanhã, quando vier acompanhando o Senhor Otori.

— Amanhã viremos ao castelo de novo?

— O Senhor Otori fará uma visita formal ao Senhor Iida, à tarde — disse Kenji. — O Senhor Takeo naturalmente o acompanhará.

— Ótimo — respondi, mas meu coração pesava como pedra diante dessa perspectiva.

Quando voltamos ao nosso alojamento, o Senhor Shigeru estava examinando trajes de casamento. Estavam estendidos nas esteiras e eram suntuosos, de cores vivas, bordados com todos os símbolos de boa sorte e longevidade: flores de ameixeira, grous brancos, tartarugas.

— Foram meus tios que mandaram para mim — disse ele. — Que tal, são elegantes, Takeo?

— Extremamente — respondi, enojado com a falsidade dos tios.

— Qual deles você acha que devo usar? — ele apanhou o de flores de ameixeira, e o homem que trouxera os trajes ajudou-o a vesti-lo.

— Esse está ótimo — disse Kenji. — Agora vamos comer.

O Senhor Shigeru demorou-se um instante, no entanto, passando as mãos pelo fino tecido, admirando o delicado trabalho do bordado. Não falou, mas eu imaginei ver algo na sua expressão, talvez tristeza, pelo casamento que nunca se realizaria. Relembrando agora, penso que fosse, decerto, uma premonição do seu destino.

— Vou usar este — disse ele, tirando o traje e entregando-o ao homem.

— De fato, cai-lhe muito bem — murmurou o homem. — Poucos são os homens que têm a elegância do Senhor Otori.

Shigeru deu aquele seu sorriso franco, mas sem nenhuma outra resposta. Tampouco falou muito durante a refeição. Estávamos todos calados, tensos demais para falar sobre trivialidades e preocupados demais com possíveis espões para tocar em qualquer outro assunto.

Eu estava cansado, porém irrequieto. O calor da tarde manteve-me dentro de casa. Embora todas as portas estivessem escancaradas para o jardim, nem uma aragem entrava no aposento. Cochilei, tentando me lembrar da canção do piso-rouxinol. Os sons do jardim, o zumbido dos insetos, o cascatear da queda d'água, tudo se despejava sobre mim, fazendo-me devanear, pensando estar de volta à casa em Hagi.

Ao entardecer, começou a chover de novo e a temperatura refrescou um pouco. Kenji e Shigeru estavam absortos numa partida de Go, e Kenji estava com as peças pretas. Devo ter adormecido de verdade, pois acordei com uma batida delicada na porta e ouvi uma das criadas dizer a Kenji que um mensageiro viera procurá-lo.

Ele agradeceu com um gesto de cabeça, movimentou sua peça e levantou-se para sair do quarto. Shigeru observou-o e, depois, ficou estudando o tabuleiro como se estivesse absorto apenas nos problemas do jogo. Também fiquei ali, parado, examinando a disposição das peças. Eu tinha visto os dois jogarem muitas vezes, e sempre Shigeru se revelava mais forte, mas dessa vez eu via que as peças brancas estavam sob ameaça.

Fui à pia e passei água no rosto e nas mãos. Depois, sentindo-me preso e sufocado ali dentro, atravessei o pátio até a porta principal e saí para a rua.

Kenji estava do outro lado, conversando com um rapaz que usava roupas de mensageiro. Antes que eu pudesse captar o que diziam, ele me avistou, deu um tapinha no ombro do rapaz e se despediu. Atravessou a rua na minha direção, dissimulando, aparentando ser meu velho professor inofensivo. No entanto, não quis me olhar nos olhos; e eu senti que antes de ele me ver revelara-se o verdadeiro Muto Kenji, tal como já acontecera uma vez: o homem que havia por trás de todos os disfarces, impiedoso como Jato.

Os dois continuaram a jogar Go até tarde da noite. Eu não suportava assistir à lenta aniquilação do jogador branco, mas também não conseguia dormir, preocupado com o que me aguardava no futuro e atormentado, também, por minhas suspeitas com relação a Kenji. No dia seguinte de manhã, ele saiu cedo; enquanto ele estava fora, Shizuka apareceu, trazendo presentes de casamento da Senhora Maruyama. Escondidos no embrulho, havia dois pequenos rolos de papel. Um era uma carta, que Shizuka passou para o Senhor Shigeru.

Ele a leu, com a expressão fechada e marcada pelo cansaço. Não nos disse o que estava escrito, mas dobrou a carta e a enfiou na manga. Apanhou o outro rolo e, depois de uma olhada, passou-o para mim. As palavras eram enigmáticas, mas logo captei seu significado. Era uma descrição do interior da residência, mostrando claramente onde Iida dormia.

— Melhor queimá-los, Senhor Otori — murmurou Shizuka.

— É o que farei. Alguma outra notícia?

— Permite que eu me aproxime? — perguntou ela, e falou-lhe ao ouvido, tão baixinho que só ele e eu pudemos escutar: — Arai está avançando rapidamente pelo sudoeste. Já derrotou os Noguchi e está prestes a chegar a Inuyama.

— Iida sabe disso?

— Se não sabe, logo saberá. Ele tem mais espões do que nós.

— E Terayama? Tiveram notícias de lá?

— Estão confiantes em conseguirem tomar Yamagata sem combate, uma vez que Iida...

Shigeru levantou a mão, mas ela já tinha parado de falar.

— Hoje à noite, então — disse ele, lacônico.

— Senhor Otori — Shizuka fez uma reverência.

— E a Senhorita Shirakawa está bem? — disse ele, com voz normal, afastando-se dela.

— Gostaria que estivesse melhor — respondeu Shizuka, baixinho. — Ela não come nem dorme.

Meu coração, depois de parar por um instante quando Shigeru dissera "hoje à noite", voltara a um ritmo rápido mas compassado, fazendo o sangue correr-me energicamente pelas veias. Olhei mais uma vez para o mapa que tinha na mão, copiando sua mensagem em meu cérebro. A lembrança de Kaede, seu rosto lívido, os ossos frágeis de seus pulsos, sua densa cabeleira negra, tudo isso fez meu coração vacilar mais uma vez. Levantei-me e fui até a porta para esconder minha emoção.

— Lamento profundamente o mal que lhe estou causando — disse Shigeru.

— É ela quem teme causar mal ao senhor — respondeu Shizuka, e acrescentou em voz baixa: — Em meio a todos os seus outros temores. Preciso voltar a ela. Tenho medo de deixá-la sozinha.

— O que está querendo dizer? — exclamei, levando os dois a olharem para mim.

Shizuka hesitou.

— É que ela costuma falar em morte — disse afinal. Tive vontade de enviar alguma mensagem a Kaede.

Tive vontade de correr até o castelo e arrancá-la de lá, levá-la para longe, para algum lugar onde estivesse em segurança. No entanto eu sabia que esse lugar não existia, que nunca existiria enquanto tudo aquilo não estivesse terminado...

Eu também queria perguntar a Shizuka sobre Kenji, o que ele estava tramando, o que a Tribo pretendia. Mas chegaram as criadas trazendo a refeição do meio-dia, e não houve oportunidade para falarmos em particular antes que ela saísse.

Enquanto comíamos, falamos sucintamente das providências para a visita daquela tarde. Depois, Shigeru escreveu cartas, enquanto eu estudava os esboços que tinha feito do castelo. Eu percebia que seu olhar freqüentemente se detinha em mim e sentia que havia muitas coisas que ele ainda queria me dizer, mas ele não disse nada. Continuei sentado no chão, tranqüilamente, olhando para o jardim, deixando minha respiração se desacelerar, recolhendo-me ao eu mudo e sinistro que morava dentro de mim, soltando-o para que ele dominasse cada músculo, cada tendão e cada nervo. Minha audição parecia mais aguçada que nunca. Eu ouvia a cidade inteira, sua dissonância de vida humana e animal, alegria, desejo, dor, pesar. Eu ansiava pelo silêncio, por me livrar daquilo tudo. Ansiava pela chegada da noite.

Kenji voltou, sem dizer por onde andara. Ficou nos observando em silêncio enquanto vestíamos nossos trajes formais, com o emblema Otori nas costas. Falou uma vez, para sugerir que talvez fosse mais prudente eu não ir ao castelo, mas Shigeru retrucou que, se eu não fosse, acabaria chamando mais a atenção sobre mim. Deixou de dizer que eu precisava ver o castelo novamente. Eu também sabia que precisava ver Iida mais uma vez. A única imagem que tinha dele era a da figura apavorante que eu vira em Mino, havia um ano: a armadura negra, o elmo encimado por chifres, a espada que por um triz não acabara com minha vida. Essa imagem se tornara tão imensa e poderosa em minha mente que, vê-lo em carne e osso, sem armadura, foi um choque.

Seguimos a cavalo com todos os vinte homens Otori. Eles ficaram esperando na primeira cintura, com os cavalos, enquanto Shigeru e eu prosseguíamos com Abe. Quando descalçamos as sandálias para passar pelo piso-rouxinol, prendi a respiração, tentando escutar a canção dos passarinhos debaixo dos meus pés. A residência tinha a decoração deslumbrante, em estilo moderno, com quadros tão primorosos que quase me distraíram do meu objetivo sinistro. Não se tratava de imagens serenas e contidas, como as obras de Sesshu em Terayama; mas eram douradas e exuberantes, cheias de vida e energia. Na antecâmara, onde aguardamos por mais de meia hora, as portas e postigos eram decorados com grous em salgueiros cobertos de neve. Shigeru admirou-os; e, sob o olhar sarcástico de Abe, falamos em voz baixa sobre as pinturas e sobre o pintor.

— A meu ver, estas são muito superiores às obras de Sesshu — comentou o cavaleiro Tohan. — As cores são mais variadas e mais vivas; e a paleta é mais ambiciosa.

Shigeru murmurou algo que não foi nem sim nem não. Eu nada disse. Alguns instantes depois, entrou um senhor idoso, que fez uma reverência até o chão e se dirigiu a Abe.

— O Senhor Iida está pronto para receber os convidados.

Levantamos e saímos novamente para o piso-rouxinol, acompanhando Abe até o Grande Salão. Na entrada, o Senhor Shigeru ajoelhou-se, e eu fiz o mesmo. Abe fez um gesto para entrarmos, e lá dentro nos ajoelhamos mais uma vez, encostando a cabeça no chão. Vi de relance Iida Sadamu sentado na outra extremidade do salão, num estrado, envolvido em seu amplo traje creme e dourado, um leque vermelho e dourado na mão direita, um pequeno chapéu preto na cabeça. Era mais baixo do que eu tinha na lembrança, mas não era menos imponente. Parecia ser oito a dez anos mais velho que Shigeru e ter um palmo a menos de altura. Suas feições eram comuns, com exceção dos olhos de belo formato, que denunciavam sua inteligência arguta. Não era um homem bonito, mas tinha uma presença forte, dominadora. Meu antigo pavor despertou sobressaltado dentro de mim.

Havia cerca de vinte súditos na sala, todos prostrados no chão. Somente Iida e o pequeno pajem à sua esquerda estavam sentados eretos. Houve um silêncio prolongado. Aproximava-se a hora do Macaco. Não havia nenhuma porta aberta, e o calor era sufocante. Por baixo dos trajes perfumados havia o cheiro acre de suor masculino. Com o canto do olho, eu via as fileiras de cubículos ocultos, e neles ouvia a respiração dos guardas escondidos, o leve rangido quando mudavam de posição. Minha boca estava seca.

— Seja bem-vindo, Senhor Otori — disse afinal o Senhor Iida. — Esta é uma ocasião feliz: um casamento, uma aliança.

Sua voz era grosseira e mecânica, o que fazia as fórmulas de cortesia soarem incongruentes em sua boca.

Shigeru levantou a cabeça e se sentou, sem pressa. Respondeu com igual formalidade, transmitindo cumprimentos dos seus tios e de todo o clã Otori.

— Alegra-me poder ser útil a duas casas importantes. Era um sutil lembrete a Iida de que os dois eram do mesmo nível, pela origem e pelo sangue.

Iida sorriu sem nenhum sinal de satisfação.

— É, precisamos ter paz entre nós — respondeu. — Não queremos que Yaegahara se repita.

Shigeru inclinou a cabeça.

— O que passou passou.

Eu ainda estava prostrado, mas podia ver seu rosto de perfil. O olhar era claro e direto, as feições firmes e animadas. Ninguém poderia imaginar que ele não fosse o que aparentava ser: um jovem noivo, grato pela benevolência de um cavalheiro mais velho.

Conversaram um pouco, falando de amenidades. Então trouxeram o chá, que foi servido aos dois.

— Soube que o rapaz é seu filho adotivo — disse Iida.

— Ele pode tomar chá conosco.

Então tive de me sentar, embora preferisse ficar como estava. Fiz mais uma reverência para Iida e adiantei-me um pouco, empenhado em que meus dedos não tremessem ao segurar a tigela. Eu sentia seu olhar em mim, mas não ousei encará-lo, de modo que não pude saber se ele me reconhecia como o garoto que, em Mino, queimara o flanco do seu cavalo e o fizera cair ao chão.

Examinei a tigela de chá. Seu esmalte era de um reluzente cinza-escuro, com reflexos vermelhos, como eu jamais vira antes.

— É um primo distante da minha falecida mãe — explicava o Senhor Shigeru. — Ela tinha o desejo de adotá-lo para que entrasse em nossa família. Depois de sua morte, cumpri sua vontade.

— Como se chama? — os olhos de Iida não se afastavam do meu rosto, enquanto ele sorvia ruidosamente o chá de sua tigela.

— Ele adotou o nome de Otori — respondeu Shigeru.

— Nós o chamamos de Takeo.

Ele não disse "em homenagem a meu irmão", mas senti que o nome de Takeshi pairava no ar como se seu espírito tivesse entrado no salão.

Iida grunhiu. Apesar do calor no recinto, a atmosfera tornou-se mais gelada e perigosa. Eu sabia que Shigeru o percebia. Notei que seu corpo ficou tenso, embora seu rosto ainda sorrisse. Por trás das amenidades estavam anos de antipatia mútua, agravada pelo legado de Yaegahara, pelo ciúme de Iida, pelo pesar de Shigeru e por seu desejo de vingança.

Tentei tornar-me Takeo, o pintor estudioso, introvertido e desajeitado, que olhava confuso para o chão.

— Ele está com você há quanto tempo?

— Há cerca de um ano — respondeu Shigeru.

— Há uma certa semelhança de família — disse Iida. — Não acha, Ando?

Ele se dirigia a um dos súditos, que estava ajoelhado de lado para nós. O homem levantou a cabeça e olhou para mim. Nossos olhos se encontraram, e eu o reconheci imediatamente. Reconheci o rosto comprido de lobo, a testa alta e pálida e os olhos fundos. Seu lado direito estava oculto, mas eu não precisava vê-lo para saber que ele não tinha o braço direito, decepado por Jato, na mão de Otori Shigeru.

— Uma enorme semelhança — disse Ando. — Foi o que pensei a primeira vez que vi o jovem senhor... — ele fez uma pausa e acrescentou: — Em Hagi.

Fiz-lhe uma reverência cheia de humildade.

— Perdoe-me, Senhor Ando, acho que não tivemos oportunidade de ser apresentados.

— Não, não fomos apresentados — concordou ele. — Apenas o vi com o Senhor Otori e pensei o quanto se parecia... com a família.

— Afinal, ele é um parente — disse Shigeru, sem deixar transparecer nenhuma perturbação por essas provocações prolongadas. Eu já não tinha dúvida de que Iida e Ando sabiam exatamente quem eu era. Sabiam que fora Shigeru quem viera em meu socorro. Eu tinha certeza de que ordenariam nossa prisão imediata, ou que os guardas nos matariam onde estávamos, em meio aos utensílios do chá.

Shigeru fez um leve movimento, e eu soube que ele estava preparado para se pôr de pé de um salto, com a espada na mão, se fosse preciso. Mas não cometeria a levandade de jogar fora meses de preparação. A tensão aumentava na sala ao passo que o silêncio se aprofundava.

Os lábios de Iida curvaram-se num sorriso. Eu percebia o prazer que ele extraía da situação. Não encerraria o assunto de imediato; iria brincar conosco mais um pouco. Não havia nenhum lugar para onde pudéssemos escapar, embrenhados no território Tohan, sob vigilância constante, com apenas vinte homens. Eu não tinha dúvida de que ele planejava nos eliminar, mas antes iria saborear a sensação de ter seu antigo inimigo nas mãos.

Passou então a conversar sobre o casamento. Por trás da cortesia superficial, eu ouvia o desdém e o ciúme.

— A Senhorita Shirakawa foi tutelada do Senhor Noguchi, meu aliado mais antigo e de maior confiança.

Não disse uma palavra sobre a derrota de Noguchi diante de Arai. Não tinha recebido a notícia, ou achava que nós ainda não sabíamos?

— O Senhor Iida muito me honra — respondeu Shigeru.

— Bem, estava na hora de concluir a paz com os Otori. Iida fez silêncio por um tempo antes de prosseguir.

— É uma bela jovem. Sua reputação é infeliz. Espero que isso não o alarme.

Houve uma levíssima agitação entre os súditos, não exatamente riso, apenas uma distensão dos músculos faciais, compondo sorrisos de cumplicidade.

— Creio que sua reputação não é merecida — respondeu Shigeru, em tom neutro. — E, enquanto eu estiver aqui como hóspede do Senhor Iida, não me sentirei alarmado de modo algum.

O sorriso de Iida desaparecera, e ele estava com o cenho cerrado. Imaginei que estivesse consumido pelo ciúme. A cortesia e seu amor-próprio deveriam tê-lo impedido de dizer o que disse em seguida, mas não foi o que aconteceu.

— Há rumores a seu respeito — disse, sem rodeios. Shigeru ergueu as sobrelanceiras sem dizer nada.

— Uma relação de longa data, um casamento secreto — Iida passou a vociferar.

— O Senhor Iida me surpreende — respondeu Shigeru, com frieza. — Não sou jovem. É natural que tenha conhecido muitas mulheres.

Iida voltou a se controlar e resmungou uma resposta, mas seus olhos se inflamavam de malevolência. Fomos dispensados com fria cortesia.

— Será um prazer nos encontrarmos daqui a três dias, na cerimônia do casamento — foi só o que Iida disse.

Quando nos reunimos aos homens, eles estavam tensos e mal-humorados, pois tinham sido obrigados a suportar as provocações e ameaças dos Tohan. Nem Shigeru nem eu dissemos nada, enquanto descíamos pela rua em degraus e passávamos pelo primeiro portão. Eu estava absorto, tentando decorar o máximo possível da disposição do castelo, e meu coração ardia de raiva e ódio de Iida. Eu iria matá-lo, em vingança pelo passado, pelo tratamento insolente que dera ao Senhor Otori e porque, se eu não o matasse aquela noite, ele mataria nós dois.

O sol era um disco pálido no oeste quando chegamos de volta ao alojamento, onde Kenji nos aguardava. Havia um leve cheiro de queimado no quarto. Ele destruíra as mensagens da Senhora Maruyama enquanto estávamos fora. Perscrutou nossos rostos.

— Takeo foi reconhecido? — perguntou. Shigeru estava tirando os trajes formais.

— Preciso de um banho — disse ele, e sorriu como se estivesse relaxando um pouco o fêrreo autocontrole. — Takeo, podemos falar à vontade?

Das cozinhas vinham os sons dos servos que preparavam a refeição vespertina. Passos cruzavam a passarela de tempos em tempos, mas o jardim estava vazio. Eu conseguia ouvir os guardas no portão principal. Ouvi uma garota aproximar-se deles com tigelas de arroz e sopa.

— Se sussurrarmos — respondi.

— Precisamos falar rápido. Chegue mais perto, Kenji. É verdade, ele foi reconhecido. Iida está cheio de suspeitas e medos. Irá atacar a qualquer momento.

— Vou levar Takeo embora imediatamente — disse Kenji. — Posso escondê-lo aqui mesmo, na cidade.

— Não! — disse eu. — Hoje à noite vou ao castelo.

— Será nossa única chance — murmurou Shigeru. — Precisamos atacar primeiro.

Kenji olhou para cada um de nós e suspirou fundo.

— Então vou com você.

— Você foi um bom amigo para mim — disse Shigeru, baixinho. — Não precisa arriscar a vida.

— Não é por você, Shigeru. É para manter Takeo sob vigilância — respondeu Kenji. E voltou-se para mim: — Acho que seria melhor você dar mais uma olhada nas muralhas e no fosso antes do toque de recolher. Vou até lá com você. Traga seus materiais de desenho. Haverá um interessante jogo de luz sobre a água.

Apanhei minhas coisas e saímos. Mas à porta, na hora de sair, Kenji me surpreendeu, voltando-se de novo para Shigeru e fazendo uma profunda reverência.

— Senhor Otori — disse ele.

Achei que estivesse sendo irônico. Só mais tarde compreendi que se tratava de uma despedida.

Minha única despedida foi a reverência costumeira, que Shigeru aceitou. Atrás dele havia a luz do entardecer proveniente do jardim, que me impedia de ver seu rosto.

O manto de nuvens estava mais denso. O ar estava úmido, mas não chovia. A temperatura era um pouco mais amena, agora que o sol se pusera, porém a atmosfera ainda era pesada e sufocante. As ruas estavam lotadas de gente, todos aproveitando os momentos entre o pôr-do-sol e o toque de recolher. As pessoas me davam encontrões, o que me deixava ansioso e constrangido. Enxergava espíões e assassinos por toda parte. O encontro com Iida me descontrolara, transformando-me de novo em Tomasu, o garoto aterrorizado que fugira das ruínas de Mino. Será que eu realmente conseguiria invadir o castelo de Inuyama e assassinar o poderoso senhor que acabara de ver, um senhor que sabia que eu era um dos Ocultos, o único do meu povoado a lhe escapar? Por mais que eu fingisse ser o Senhor Otori Takeo, ou Kikuta, um integrante da Tribo, na verdade não era nem um nem outro. Eu era um dos Ocultos, um dos perseguidos.

Fomos andando na direção do poente, ao longo do lado sul do castelo. À medida que escurecia, sentia-me grato por saber que não haveria lua nem estrelas. Archotes flamejavam no portão do castelo, e as lojas eram iluminadas por velas e lanternas de óleo. Havia um aroma de gergelim e soja, de vinho de arroz e peixe na grelha. Apesar de tudo, eu estava com fome. Pensei em parar para comprar alguma coisa, mas Kenji sugeriu que fôssemos um pouco

mais adiante. A rua ficou mais escura e mais vazia. Ouvi um veículo qualquer rodando ruidoso pelo calçamento de pedras redondas; e então os sons de uma flauta. Havia em tudo algo indescritivelmente assustador. Os pêlos na minha nuca se eriçaram em sinal de alarme.

— Vamos voltar — disse eu, e nesse instante um pequeno cortejo surgiu de uma viela à nossa frente. Imaginei que fosse algum espetáculo de rua. Um velho puxava uma carroça com imagens e enfeites. Uma garota tocava flauta, mas deixou-a cair quando nos viu. Dois rapazes saíram das sombras segurando piões, um que girava, um que voava. Na penumbra eles pareciam mágicos, possuídos por espíritos. Parei. Kenji estava em pé logo atrás de mim. Outra garota veio na nossa direção.

— Venha ver, senhor — disse ela.

Reconheci sua voz, mas levei alguns instantes para localizá-la. E então saltei para trás, desviando-me de Kenji, e deixando meu segundo eu junto à carroça. Era a garota da estalagem em Yamagata, a garota sobre a qual Kenji dissera: "Ela é dos nossos."

Para minha surpresa, um dos rapazes me seguiu, sem dar nenhuma atenção à minha imagem. Tornei-me invisível, mas ele adivinhou onde eu estava. Nesse instante, tive certeza. Eles eram da Tribo e tinham vindo me reivindicar, conforme Kenji dissera, e Kenji sabia que viriam. Joguei-me no chão, rolei, escorreguei por baixo da carroça, mas meu professor estava do outro lado. Tentei morder sua mão, mas a outra subiu até meu maxilar, afastando-o à força. Chutei-o, soltei o peso do corpo em suas mãos, tentei deslizar pelos seus dedos, mas todos os truques que eu conhecia ele me havia ensinado.

— Acalme-se, Takeo — disse ele entre dentes. — Pare de lutar. Ninguém vai feri-lo.

— Está bem — disse eu, e fiquei imóvel. Ele me soltou, e naquele momento escapei. Saquei o punhal. Agora, porém, os cinco estavam lutando a sério. Um dos rapazes fingiu me atacar, fazendo-me recuar até a carroça. Investi contra ele como pude e senti o punhal atingir o osso. Então apunhalei uma das garotas. A outra tinha se tornado invisível, e senti que ela se jogava como um macaco, do alto da carrocinha, com as pernas em torno dos meus ombros, uma das mãos cobrindo minha boca, a outra no meu pescoço. É claro que eu sabia o lugar que ela estava procurando, e me contorci com violência, perdendo o equilíbrio. O homem que eu apunhalara segurou-me o pulso, e senti que ele o torcia para trás até eu soltar o punhal. A garota e eu caímos juntos no chão. Suas mãos ainda estavam no meu pescoço.

Pouco antes de perder a consciência, vi com nitidez Shigeru sentado no quarto, esperando nossa volta. Tentei dar um grito de revolta pela monstruosidade da traição, mas minha boca estava tapada e meus ouvidos não conseguiam ouvir mais nada.

Estava começando a entardecer, no terceiro dia depois da chegada a Inuyama. Desde o instante em que o vaivém da liteira a carregara para dentro do castelo, o ânimo de Kaede vinha se abatendo cada vez mais. Inuyama era ainda mais opressivo e aterrorizante que o castelo Noguchi. As mulheres da casa eram submissas e estavam pesarosas, ainda enlutadas por sua senhora, a mulher de Iida, que morrera no início do verão. Kaede vira seu senhor apenas rapidamente, mas era impossível não perceber sua presença. Ele dominava a residência, e todos viviam com receio de seu humor instável e de seus acessos de raiva. Ninguém falava abertamente. Kaede recebia felicitações de mulheres com voz cansada e olhar inexpressivo, que preparavam seus trajes de casamento com mãos apáticas. Sentiu que uma triste sina se abatia sobre ela.

A Senhora Maruyama, após a alegria inicial de ver a filha, estava preocupada e tensa. Às vezes parecia inclinada a fazer confidências a Kaede, mas raramente ficavam sozinhas por muito tempo. Kaede passava as horas tentando recordar os acontecimentos da viagem, procurando extrair algum sentido dos fluidos que se agitavam à sua volta, mas concluía que não sabia de nada. Nada era o que aparentava ser, e ela não podia confiar em ninguém, nem mesmo em Shizuka, apesar do que a garota lhe dissera. Para o bem da sua família, precisava encher-se de coragem para levar a cabo o casamento com o Senhor Otori. Kaede não tinha nenhuma razão para achar que o casamento não fosse ocorrer conforme o planejado; e no entanto não acreditava nele. Parecia algo distante como a lua. Contudo, se não se casasse, se mais um homem morresse por sua causa, sua única saída seria morrer também.

Ela tentava enfrentar tudo com coragem, mas para si mesma não conseguia fingir: estava com quinze anos, não queria morrer, queria continuar viva e ao lado de Takeo.

O dia sufocante ia chegando ao fim, o sol fraco lançava uma estranha luz avermelhada sobre a cidade. Kaede estava exausta e inquieta, ansiosa por despir as camadas de trajes que usava, ansiosa pelo frescor e pela escuridão da noite, no entanto temia o dia seguinte e o outro.

— Os senhores Otori vieram ao castelo hoje, não vieram? — perguntou, tentando eliminar a emoção da voz.

— É, o Senhor Iida os recebeu.

Shizuka hesitou. Kaede sentiu o olhar da garota voltado para ela e percebeu sua compaixão.

— Senhorita... — ela não prosseguiu.

— O que foi?

Shizuka começou a falar animada a respeito dos trajes do casamento, enquanto duas criadas passavam lá fora, com os pés fazendo o piso cantar.

— O que você ia me dizer? — perguntou Kaede, quando o som acabou por desaparecer.

— Lembra-se de quando eu lhe disse que se podia matar alguém com uma agulha? Vou lhe mostrar como se faz. Nunca se sabe, talvez a senhorita precise.

Ela apanhou o que parecia ser uma agulha comum. Mas, quando Kaede a segurou, percebeu que era mais forte e mais pesada, uma arma em miniatura. Shizuka demonstrou como enfiá-la no olho ou no pescoço.

— Agora trate de escondê-la na bainha da manga. Tenha cuidado, não vá se espetar com ela.

Kaede estremeceu, meio estarecada, meio fascinada.

— Não sei se conseguiria.

— Movida pela raiva, a senhorita apunhalou um homem — disse Shizuka.

— Você sabe disso?

— Arai me contou. As pessoas não sabem do que são capazes de fazer na hora da raiva ou do medo. Esteja sempre com seu punhal à mão. Seria bom se pudéssemos carregar espadas, mas é muito difícil ocultá-las. Se acabar ocorrendo uma luta, o melhor é matar um homem o mais rápido possível e tirar-lhe a espada.

— O que vai acontecer? — murmurou Kaede.

— Eu gostaria de poder contar-lhe tudo, mas é muito perigoso. Só quero que a senhorita esteja preparada.

Kaede abriu a boca para fazer mais perguntas, porém Shizuka a interrompeu.

— Deve manter-se calada. Não me pergunte nada e não diga nada a ninguém. Quanto menos souber, mais segura estará.

Tinham destinado a Kaede um pequeno quarto no final da residência, ao lado do quarto maior, onde estavam as mulheres Iida, com a Senhora Maruyama e a filha. Os dois quartos davam para o jardim que se estendia ao longo do lado sul da residência, e ela ouvia o barulho da água e o leve farfalhar das árvores. Kaede percebeu que Shizuka manteve-se alerta a noite toda. Uma vez sentou-se e viu a garota de pernas cruzadas, à porta, quase invisível diante do céu sem estrelas. Corujas piavam na escuridão, e, ao amanhecer, veio do rio o grasnar das aves aquáticas. Começou a chover.

Ela adormeceu escutando-as e foi despertada pelos gritos estridentes dos corvos. Tinha parado de chover e fazia calor. Shizuka estava vestida. Quando viu Kaede acordada, ajoelhou-se a seu lado.

— Senhorita, preciso falar com o Senhor Otori — sussurrou. — Poderia fazer o favor de se levantar e escrever uma carta para ele, um poema ou qualquer coisa? Preciso de um pretexto para voltar a vê-lo.

— O que aconteceu? — perguntou Kaede, assustada com a expressão contraída da garota.

— Não sei. Ontem à noite, fiquei esperando algo... que não aconteceu. Preciso saber qual o motivo.

Prosseguiu, então, com a voz mais alta.

— Vou preparar a tinta, mas a senhorita não deveria ser tão impaciente. Terá o dia inteiro para escrever poemas.

— E o que devo escrever? — murmurou Kaede. — Não sei escrever poesia. Nunca aprendi.

— Não importa, alguma coisa sobre o amor no matrimônio, patos mandarins, a clêmatis e a muralha.

Por um momento, Kaede quase achou que Shizuka estivesse brincando, mas a expressão da moça era de uma seriedade mortal.

— Ajude-me a me vestir — disse em tom autoritário. — É, eu sei que é cedo, mas pare de se queixar. Preciso escrever imediatamente ao Senhor Otori.

Para incentivá-la, Shizuka forçou um sorriso no rosto lívido.

Kaede escreveu alguma coisa, sem saber direito o quê, e levantando a voz o mais possível mandou Shizuka ir correndo até a casa onde os Otori estavam hospedados. Shizuka saiu, fingindo relutância, e Kaede a ouviu queixar-se baixinho com os guardas. Ouviu as risadas deles em resposta.

Chamou as criadas para que lhe trouxessem chá e, depois de tomá-lo, ficou sentada contemplando o jardim, procurando acalmar seus medos, tentando ser tão corajosa quanto Shizuka. De vez em quando, seus dedos apalpavam a agulha na manga ou tocavam o cabo liso e fresco do punhal por baixo do seu traje. Pensou na Senhora Maruyama e em Shizuka que a tinham ensinado a lutar. O que estariam prevendo? Ela se sentira uma peça do jogo que estava sendo disputado ao seu redor, mas pelo menos tinham tentado prepará-la, e lhe forneceram armas.

Em menos de uma hora, Shizuka estava de volta, trazendo uma carta do Senhor Otori, um poema escrito com talento e leveza. Kaede examinou-o com atenção.

— O que significa?

— É só um pretexto. Ele precisava escrever algo em resposta.

— O Senhor Otori está bem? — perguntou, em tom formal.

— Está, sim, e espera pela senhorita com todo o coração.

— Diga-me a verdade — murmurou Kaede. Olhou para o rosto de Shizuka, viu a hesitação nos seus olhos. — O Senhor Takeo... ele morreu?

— Não sabemos — Shizuka suspirou fundo. — Preciso lhe dizer. Ele desapareceu com Kenji. O Senhor Otori acredita que a Tribo o tenha levado.

— O que isso quer dizer? — ela sentiu o chá que tinha tomado dar voltas em seu estômago e por um instante achou que fosse vomitar.

— Vamos andar no jardim enquanto ainda está fresco — disse Shizuka, com calma.

Kaede levantou-se e pensou que fosse desmaiar. Sentiu gotas de suor formarem-se em sua testa, frias e viscosas. Shizuka segurou-a pelo cotovelo e a conduziu até a varanda, ajoelhou-se diante dela e a ajudou a calçar as sandálias.

Enquanto seguiam devagar pelo caminho entre as árvores e arbustos, o marulho da água do córrego encobria-lhes a voz. Shizuka sussurrou rápido e em tom de urgência ao ouvido de Kaede.

— Ontem à noite ia ocorrer um atentado à vida de Iida. Arai está a menos de cinquenta quilômetros daqui com um exército enorme. Os monges guerreiros de Terayama estão a postos para tomar a cidade de Yamagata. Os Tohan poderiam ser derrubados.

— E o que isso tem a ver com o Senhor Takeo?

— Ele seria o assassino. Deveria ter entrado no castelo ontem à noite, escalando as muralhas. Mas a Tribo o levou.

— Takeo? Assassino? — Kaede teve vontade de rir diante daquela idéia tão inverossímil. Lembrou-se então da escuridão em que ele se recolhia, de como sempre ocultava sua destreza. Deu-se conta de que nunca sabia o que havia por baixo da superfície, mas sempre tinha a sensação de que havia algo mais. Respirou fundo, tentando se controlar.

— Quem é a Tribo?

— O pai de Takeo era da Tribo, e ele nasceu com talentos extraordinários.

— Como os seus — disse Kaede, sem rodeios. — E os do seu tio.

— Muitíssimo maiores do que os de qualquer um de nós — disse Shizuka. — Mas a senhorita tem razão: também somos da Tribo.

— Você é uma espã? Uma assassina? É por isso que finge ser minha criada?

— Não finjo ser sua amiga — respondeu Shizuka, sem pestanejar. — Já lhe disse que a senhorita pode confiar em mim. Na realidade, o próprio Arai confiou a senhorita aos meus cuidados.

— Como posso acreditar nisso, se já me contaram tantas mentiras? — perguntou Kaede, sentindo arderem-lhe os cantos dos olhos.

— Estou lhe dizendo a verdade agora — respondeu Shizuka, séria.

Kaede sentiu a lividez do choque ceder um pouco, deixando-a calma e lúcida.

— Meu casamento com o Senhor Otori... foi combinado para dar-lhe um motivo para vir a Inuyama?

— Não por ele. Para o Senhor Otori, o casamento foi uma condição para a adoção de Takeo. No entanto, depois de ter concordado com o casamento, ele viu que a cerimônia lhe proporcionava um motivo para trazer Takeo até a fortaleza dos Tohan — Shizuka fez uma pausa e depois prosseguiu em voz muito baixa: — Iida e os senhores Otori podem usar o casamento com a senhorita como um disfarce para a morte de Shigeru. Por isso fui enviada à senhorita, para que eu protegesse os dois.

— Minha reputação sempre será útil — disse Kaede, amargurada, tomando consciência do poder que os homens tinham sobre ela e de como o usavam, sem nenhuma consideração. A fraqueza dominou-a mais uma vez.

— Precisa sentar-se um pouco — disse Shizuka.

Os arbustos tinham dado lugar a um jardim mais aberto, de onde se avistava, por cima do fosso e do rio, as montanhas ao longe. Um pavilhão fora construído do outro lado do córrego, localizado de modo que recebesse até o mais leve sopro de brisa. Encaminharam-se para lá, pisando nas pedras com cuidado. Almofadas estavam dispostas no piso, e ali elas se sentaram. A água corrente dava uma sensação de frescor, e os martins-pescadores e andorinhas atravessavam em vôo o pavilhão, com súbitos lampejos de cor. Nos laguinhos mais adiante, lótus erguiam suas flores cor-de-maravilha, e alguns íris de um tom forte de azul ainda estavam em flor à margem da água, com suas pétalas de cor quase igual à das almofadas.

— O que significa ser levado pela Tribo? — perguntou Kaede, com os dedos inquietos esfregando o tecido debaixo dela.

— Os Kikuta, a família a que Takeo pertence, acharam que o atentado iria fracassar. Não queriam perdê-lo e decidiram intervir para impedir a tentativa de assassinato. Meu tio desempenhou um papel nisso tudo.

— E você?

— Não, na minha opinião a tentativa deveria ser empreendida. Eu considerava que Takeo tinha toda a chance de ser bem-sucedido; e nenhuma revolta contra os Tohan acontecerá enquanto Iida estiver vivo.

"Não posso acreditar que eu esteja ouvindo essas palavras", pensou Kaede. "Que esteja enredada em tanta traição. Ela fala no assassinato de Iida com tanta naturalidade como se ele fosse um camponês ou um pária. Se alguém nos ouvisse, seríamos torturadas até a morte." Apesar do calor crescente, ela estremeceu.

— O que farão com ele?

— Ele se tornará um deles, e sua vida passará a ser um segredo para nós e para todo o mundo.

'Quer dizer que nunca mais o verei", pensou ela.

Ouviram vozes provenientes do caminho; e daí a alguns instantes a Senhora Maruyama, sua filha, Mariko, e sua acompanhante, Sachie, atravessaram o córrego e sentaram-se com elas. A Senhora Maruyama estava tão pálida quanto Shizuka se mostrara antes, e em seu comportamento algo indefinível se transformara. Perdera um pouco de seu rígido autocontrole. Mandou Mariko e Sachie brincarem um pouco afastadas, com a peteca que a menina trouxera.

Kaede tentou iniciar uma conversa normal.

— A Senhorita Mariko é uma menina adorável.

— Não tem grande beleza, mas é inteligente e bondosa — respondeu a mãe. — Saiu mais ao pai. Talvez seja sorte dela. A beleza pode ser perigosa para uma mulher. É melhor não ser desejada pelos homens — ela deu um sorriso amargo e, sussurrando, dirigiu a palavra a Shizuka: — Temos pouquíssimo tempo. Espero poder confiar na Senhorita Shirakawa.

— Não direi nada que a denuncie — disse Kaede, em voz baixa.

— Shizuka, diga-me o que houve.

— Takeo foi levado pela Tribo. É só isso o que o Senhor Shigeru sabe.

— Nunca imaginei que Kenji fosse traí-lo. Deve ter sido um golpe terrível.

— Ele disse que sempre foi um jogo arriscado. Não culpa ninguém. A principal preocupação dele, agora, é com a sua segurança. A sua e a da criança.

Primeiro Kaede pensou que Shizuka estivesse falando da filha, Mariko, mas viu o leve rubor no rosto da Senhora Maruyama. Ela contraiu os lábios, sem dizer nada.

— O que deveríamos fazer? Deveríamos tentar fugir? — a Senhora Maruyama torcia a manga do seu traje com os dedos muito brancos.

— A senhora não deve fazer nada que desperte suspeitas em Iida.

— Shigeru não quer fugir? — a voz da dama saiu fraca e aguda.

— Isso eu sugeri, mas ele diz que não. Está sendo vigiado muito de perto e, além disso, tem a impressão de que somente poderá sobreviver se não demonstrar medo algum. Precisa agir como se confiasse totalmente nos Tohan e na aliança proposta.

— Então o casamento será realizado? — sua voz se tornou mais forte.

— Ele agirá como se fosse essa sua intenção — disse Shizuka. — Precisaremos agir da mesma forma se quisermos salvar sua vida.

— Iida enviou-me mensagens insistindo para que o aceitasse — disse a Senhora Maruyama. — Sempre o recusei por causa de Shigeru. — Abalada, ela fixou o olhar no rosto de Shizuka.

— Senhora — disse Shizuka —, não toque nesses assuntos. Tenha paciência. Tenha coragem. Só nos resta esperar. Devemos fingir que não aconteceu nada fora do normal e precisamos nos preparar para o casamento da Senhorita Kaede.

— Eles usarão o casamento como um pretexto para matá-lo — disse a Senhora Maruyama. — Ela é tão linda e tão fatal...

— Não quero provocar a morte de ninguém — exclamou Kaede —, muito menos a do Senhor Otori — seus olhos de repente se encheram de lágrimas e ela virou o rosto para o outro lado.

— Pena que você não possa se casar com o Senhor Iida, e causar a morte *dele* — lamentou-se a Senhora Maruyama.

Kaede encolheu-se como se tivesse levado um tapa.

— Perdoe-me — murmurou a Senhora Maruyama. — Estou fora de mim. Mal consegui dormir. Estou enlouquecida de medo: por ele, por minha filha, por mim mesma, por nosso filho. Você não merece minha grosseria. Acabou sendo enredada nos nossos assuntos sem nenhuma culpa. Espero que não pense mal de mim.

Ela segurou a mão de Kaede e a apertou.

— Se minha filha e eu morrermos, você será minha herdeira. Confio minhas terras e meu povo a você. Cuide bem deles.

Ela olhou para longe, para o outro lado do rio, com os olhos brilhantes de lágrimas.

— Se é a única forma de salvar sua vida, ele deve se casar com você. Mas depois vão matá-lo, de qualquer modo.

No final do jardim, havia sido entalhada na muralha uma escada que descia até o fosso, onde dois barcos de recreio estavam atracados. De um lado a outro da escada havia um portão, que Kaede imaginou ser fechado ao anoitecer, mas que agora estava aberto. Por ele viam-se o fosso e o rio. Dois guardas estavam sentados, indolentes, junto à muralha, parecendo entorpecidos pelo calor.

— Hoje estará fresco lá fora, na água — disse a Senhora Maruyama. — Poderíamos subornar os barqueiros...

— Eu não recomendaria, senhora — disse Shizuka, com veemência. — Se a senhora tentar escapar, irá despertar as suspeitas de Iida. O melhor que temos a fazer é apaziguá-lo até que Arai chegue mais perto.

— Arai não atacará Inuyama enquanto Iida estiver vivo — disse a Senhora Maruyama. — Ele não se empenhará em sitiá-lo. Sempre consideramos este castelo inexpugnável. Só poderá cair se for de dentro para fora.

Ela passou o olhar novamente da água até a torre.

— É uma armadilha — disse ela. — E nos prende nas suas garras. Mesmo assim, preciso escapar.

— Não tente nada que seja precipitado — implorou Shizuka.

Mariko voltou, acompanhada por Sachie, queixando-se de que estava quente demais para brincar.

— Vou levá-la para dentro — disse a Senhora Maruyama. — Afinal de contas, ela tem aulas... — sua voz foi sumindo, e lágrimas voltaram a brotar em seus olhos. — Coitada da minha filha. Coitados dos meus filhos — disse, apertando o ventre com as mãos.

— Venha, senhora — disse Sachie. — A senhora precisa deitar-se.

Kaede sentiu lágrimas de compaixão subirem-lhe aos olhos. As pedras da torre e das muralhas ao seu redor pareciam fazer pressão sobre ela. O canto dos grilos era fortíssimo e entorpecia-lhe o cérebro. O calor parecia reverberar do chão. A Senhora Maruyama tinha razão: eles todos tinham caído na armadilha, e não havia como escapar.

— A senhorita quer voltar para a casa? — perguntou-lhe Shizuka.

— Vamos ficar aqui um pouco mais — ocorrera a Kaede que havia mais um assunto sobre o qual precisava falar. — Shizuka, você dá a impressão de poder ir e vir. Os guardas confiam em você.

Shizuka fez que sim.

— Sob esse aspecto, tenho alguns dos talentos da Tribo.

— De todas as mulheres daqui, você é a única que poderia fugir — Kaede hesitou, sem ter certeza de como pôr em palavras o que achava que deveria dizer. Acabou falando, de modo abrupto: — Se quiser ir embora, deve ir. Não quero que fique por minha causa.

Ao dizer isso, mordeu o lábio e virou o rosto, pois não sabia como sobreviveria sem a garota, de quem passara a depender.

— Estaremos em maior segurança se nenhum de nós tentar sair — murmurou Shizuka. — Além disso, essa idéia está fora de cogitação. A menos que a senhorita me ordene que vá, eu nunca a abandonarei. Sua vida e a minha estão unidas agora — e acrescentou, como se falasse consigo mesma: — Não são só os homens que têm honra.

— O Senhor Arai enviou-a a mim — disse Kaede — e você me diz que pertence à Tribo, que fez valer seu poder sobre o Senhor Takeo. Será que realmente é livre para tomar esse tipo de decisão? Tem direito a escolher a atitude honrada?

— Para alguém que não recebeu nenhuma instrução, a Senhorita Shirakawa tem grande conhecimento — disse Shizuka, sorrindo, e por um instante Kaede sentiu um alívio no coração.

Permaneceu junto da água a maior parte do dia, só comendo muito pouco. As damas da casa vieram fazer-lhe companhia por algumas horas; e falaram sobre a beleza do jardim e dos preparativos para o casamento. Uma delas estivera em Hagi e descreveu a cidade com admiração, contando a Kaede algumas das lendas do clã Otori e comentando aos sussurros sua antiga inimizade com os Tohan. Todas manifestaram sua alegria por Kaede vir dar um fim àquela inimizade, e lhe disseram que o Senhor Iida estava encantado com a aliança.

Sem saber o que responder, e sabendo da traição que estava por trás dos planos do casamento, Kaede refugiou-se na timidez, sorriu até seu rosto doer, mas quase não falou.

Estava olhando para longe quando viu o Senhor Iida atravessar o jardim, vindo na direção do pavilhão, acompanhado por três ou quatro dos seus súditos.

As damas calaram-se imediatamente. Kaede chamou Shizuka.

— Acho que vou entrar. Estou com dor de cabeça.

— Vou soltar seu cabelo e massagear sua cabeça — disse Shizuka.

E na verdade o peso do cabelo parecia intolerável para Kaede. Seu corpo estava pegajoso e a pele irritada por baixo dos trajes. Ansiava pelo frescor, pela noite.

Entretanto, quando iam se afastando do pavilhão, o Senhor Abe deixou o grupo de homens e veio na direção delas. Shizuka ajoelhou-se imediatamente, e Kaede fez-lhe uma reverência, embora não muito profunda.

— Senhorita Shirakawa — disse ele — o Senhor Iida deseja lhe falar.

Procurando ocultar sua relutância, ela voltou ao pavilhão, onde Iida já estava sentado nas almofadas. As mulheres tinham se retirado e apreciavam o rio.

Kaede ajoelhou-se no piso de madeira, abaixando a cabeça até o chão, consciente de que estava sendo examinada pelos olhos profundos de Iida, poços de ferro fundido.

— Pode sentar-se — ele disse, lacônico. Sua voz era rude, e as fórmulas de cortesia pareciam constrangidas na sua boca.

Kaede sentiu o olhar dos homens, o pesado silêncio que já se tornara seu conhecido, a mistura de desejo e admiração.

— Shigeru é um homem de sorte — disse Iida, e ela percebeu ameaça e malevolência no riso dos homens.

Kaede pensou que ele fosse lhe falar do casamento ou do seu pai, que já tinha enviado mensagens com a informação de que não poderia comparecer, em razão da enfermidade da mulher. As palavras seguintes de Iida a surpreenderam.

— Creio que Arai é um velho conhecido seu, não?

— Eu o conheci quando ele servia ao Senhor Noguchi — respondeu ela, cautelosa.

— Foi por sua causa que Noguchi o exilou — disse Iida. — Cometeu um grave erro, e pagou caro por ele. Agora parece que vou ter de lidar com Arai na porta da minha casa — ele deu um suspiro. — Seu casamento com o Senhor Otori é muito oportuno.

Kaede pensou: "Sou uma garota ignorante, criada pelos Noguchi, leal e sem inteligência. Nada sei das intrigas entre os clãs." Assumiu feições de boneca e voz de criança.

— Só farei o que o Senhor Iida e meu pai desejarem de mim.

— Na sua viagem, você não ouviu nada das movimentações de Arai? Shigeru não as mencionou em nenhuma ocasião?

— Nada ouvi falar do Senhor Arai desde que ele deixou o Senhor Noguchi — respondeu ela.

— E, no entanto, dizem que ele era um grande defensor seu.

Ela ousou olhar para ele através dos cílios.

— Não tenho culpa pelo que os homens sentem por mim, senhor.

Seus olhares cruzaram-se por um instante. A expressão dele era penetrante, predadora. Kaede percebeu que ele também a desejava, como todos os outros, instigado e fascinado pela idéia de que o envolvimento com ela provocava a morte.

A repugnância subiu-lhe à garganta. Ela pensou na agulha oculta na sua manga, imaginou-se enfiando-a na carne de Iida.

— Não — concordou ele —, nem podemos culpar nenhum homem por admirá-la — ele falou olhando para trás, dirigindo-se a Abe: — Você tinha razão. Ela é belíssima — era como se estivesse falando sobre uma obra de arte inanimada. — Estava voltando para dentro de casa? Não vou detê-la mais. Creio que sua saúde é delicada.

— Senhor Iida — ela se abaixou novamente até o chão e recuou, arrastando-se, até a borda do pavilhão. Shizuka ajudou-a a ficar em pé, e as duas foram embora.

Nenhuma das duas falou até se encontrarem de novo dentro do quarto.

— Ele sabe de tudo — murmurou Kaede, então.

— Não — disse Shizuka, apanhando o pente e começando a trabalhar no cabelo de Kaede. — Ele não tem certeza. Não tem prova de nada. A senhorita saiu-se bem.

Seus dedos massagearam as têmporas e o couro cabeludo de Kaede. Parte da tensão começou a ceder. Kaede recostou-se nela.

— Gostaria de ir para Hagi. Quer vir comigo?

— Se isso vier a acontecer, a senhorita não precisará de mim — respondeu Shizuka, com um sorriso.

— Acho que sempre vou precisar de você — disse Kaede. Um tom melancólico tomou conta de sua voz: — Talvez eu fosse feliz com o Senhor Shigeru. Se eu não tivesse conhecido Takeo, se ele não amasse...

— Ch, ch — fez Shizuka, suspirando, enquanto seus dedos trabalhavam e afagavam.

— Poderíamos ter filhos — prosseguiu Kaede, com a voz lenta e sonhadora. — Nada disso vai acontecer agora, mesmo assim preciso fingir que vai.

— Estamos a um passo da guerra — murmurou Shizuka. — Não sabemos o que vai acontecer nos próximos dias, muito menos num futuro mais distante.

— E onde estará agora o Senhor Takeo? Você sabe?

— Se ainda estiver na capital, numa das casas secretas da Tribo. Mas pode ser que já o tenham levado para fora do feudo.

— Será que voltarei a vê-lo um dia? — disse Kaede, mas sem esperar uma resposta. E Shizuka não lhe respondeu. Seus dedos continuavam a trabalhar. Para além das portas abertas, o jardim tremeluzia no calor, o canto dos grilos era mais estridente que nunca.

Lentamente o dia foi perdendo a cor, e as sombras começaram a se alongar.

Perdi os sentidos apenas por alguns instantes. Ao voltar a mim, estava no escuro e adivinhei imediatamente que me encontrava no interior da carroça. Havia pelo menos duas pessoas ali dentro comigo. Uma, pela respiração, eu podia dizer que era Kenji; a outra, pelo perfume, era uma das garotas. Mantinham-me imobilizado, cada um me segurando por um braço.

Eu sentia um enjôo terrível, como se tivesse levado um golpe na cabeça. O movimento da carroça não ajudava a melhorá-lo.

— Vou vomitar — disse eu, e Kenji soltou-me um braço. Quando me sentei, a náusea como que me subiu à garganta. Dei-me conta de que a garota havia soltado meu outro braço. No desejo desesperado de escapar, esqueci-me da vontade de vomitar. Com os braços protegendo a cabeça, joguei-me contra a porta da carroça.

Ela estava firmemente trancada por fora. Senti a pele de uma das mãos rasgar-se num prego. Kenji e a garota me agarraram, forçando-me a me deitar, enquanto eu lutava e me debatia. Alguém lá de fora gritou, um aviso ríspido e irado. Kenji esbravejou comigo.

— Cale a boca! Fique quieto! Se os Tohan o encontrarem agora, você será um homem morto!

Mas eu já não raciocinava. Quando era menino, costumava trazer para casa animais silvestres, filhotes de raposa, arminhos, coelhinhos. Jamais consegui domesticá-los. Tudo o que queriam, às cegas, irracionalmente, era fugir. Agora eu pensava naquele ímpeto insensato. Nada me importava, desde que Shigeru não achasse que eu o traíra. Eu nunca permaneceria com a Tribo. Jamais conseguiriam me reter.

— Faça-o calar-se — murmurou Kenji para a garota, esforçando-se para me manter imóvel. E, sob o efeito das suas mãos, o mundo tornou-se vertiginoso e negro mais uma vez.

Ao voltar a mim novamente, achei de fato que tinha morrido e estava no outro mundo. Não conseguia enxergar nem ouvir. Estava escuro como breu, e tudo se tornara totalmente silencioso. Então começaram a me voltar sensações. Sentia dor demais para estar morto. Minha garganta estava irritada, uma mão latejava, o pulso da outra doía onde fora torcido para trás. Tentei me sentar, mas estava amarrado, com faixas moles e meio frouxas, apenas o suficiente para me conter. Virei a cabeça, balançando-a. Uma venda me cobria os olhos, mas o que me parecia pior era a surdez. Daí a alguns instantes, percebi que meus ouvidos tinham sido tapados. Senti um enorme alívio por não ter perdido a audição.

Uma mão encostada no meu rosto me fez dar um pulo. A venda foi retirada, e vi Kenji ajoelhado ao meu lado. Um lanterna de óleo estava acesa no piso junto dele, iluminando-lhe o rosto. Pensei fugazmente em como ele era perigoso. No passado jurara proteger-me com a própria vida. A última coisa que eu queria agora era sua proteção.

Sua boca mexeu-se quando ele falou.

— Não estou ouvindo nada — disse eu. — Tire os tampões dos meus ouvidos!

Ele tirou, e meu mundo retornou a mim. Fiquei sem falar por uns instantes, localizando-me novamente. Eu ouvia o rio ao longe. Portanto, ainda estava em Inuyama. A casa em que eu me encontrava estava em silêncio: todos dormiam, menos os guardas. Eu podia ouvi-los sussurrando dentro do portão. Imaginei que fosse tarde da noite e naquele momento ouvi o sino de um templo distante tocar meia-noite.

Naquela hora, eu deveria estar dentro do castelo.

— Desculpe se o machucamos — disse Kenji. — Mas, também, você não precisava lutar tanto.

Eu sentia a ira amarga prestes a irromper dentro de mim novamente. Procurei controlá-la.

— Onde estou?

— Numa das casas da Tribo. Vamos tirá-lo da capital em um dia ou dois.

Sua voz calma e prática deixou-me ainda mais furioso.

— Na noite da minha adoção, você disse que nunca o trairia. Está lembrado?

Kenji suspirou.

— Aquela noite nós dois falamos de obrigações conflitantes. Shigeru sabe que, em primeiro lugar, sirvo à Tribo. Naquela ocasião eu lhe avisei, como fiz muitas vezes desde então, que a Tribo tinha mais direito a você, e que cedo ou tarde faria valer esse direito.

— Por que agora? — perguntei, revoltado. — Poderiam ter me deixado ficar mais uma noite.

— Talvez eu, particularmente, tivesse lhe dado essa oportunidade. Mas o incidente em Yamagata tirou as coisas do meu controle. Seja como for, a esta altura você já estaria morto, e não seria de utilidade para ninguém.

— Eu poderia ter matado Iida primeiro — resmunguei.

— As conseqüências disso foram examinadas — disse Kenji —, e considerou-se que não seriam do interesse da Tribo.

— Suponho que a maioria de vocês trabalha para ele.

— Trabalhamos para quem nos paga mais. Gostamos de uma sociedade estável. A guerra deflagrada dificulta nossas operações. O governo de Iida é cruel porém estável. Isso nos é conveniente.

— Quer dizer que você estava enganando Shigeru o tempo todo?

— Tal como decerto ele me enganou muitas vezes — por alguns instantes, Kenji se calou, e então prosseguiu: — Shigeru estava condenado desde o início. O número de poderosos que querem livrar-se dele é imenso. Ele foi muito hábil para sobreviver até agora.

Fui tomado por um calafrio.

— Ele não pode morrer — murmurei.

— Iida com certeza irá se valer de algum pretexto para matá-lo — disse Kenji, mansamente. — Shigeru tornou-se perigoso demais para continuar vivo. Além do fato de ele ter ofendido Iida pessoalmente, com o caso com a Senhora Maruyama e com sua adoção, as cenas em Yamagata alarmaram os Tohan profundamente — a chama da lanterna tremulou, soltando fumaça. Kenji acrescentou, baixinho: — O problema com Shigeru é que o povo o ama.

— Não podemos abandoná-lo! Deixe-me voltar até ele.

— A decisão não é minha — respondeu Kenji. — Mesmo que fosse, agora eu não poderia fazer o que me pede. Iida sabe que você pertence aos Ocultos. Ele o entregaria a Ando como prometeu. Shigeru, sem dúvida, terá uma morte de guerreiro, rápida e honrosa. Você seria torturado, bem sabe o que eles fazem.

Calei-me. Minha cabeça doía, e uma insuportável sensação de fracasso me invadia. Até então, tudo em mim mirava um objetivo, como uma lança apontada para um alvo. Agora, a mão que me segurara havia desaparecido, e eu caíra por terra, inútil.

— Desista, Takeo — disse Kenji, observando meu rosto. — Acabou.

Fiz que sim, devagar. Era melhor eu fingir que concordava.

— Estou com uma sede terrível.

— Vou lhe fazer um pouco de chá. Vai ajudá-lo a dormir. Quer comer alguma coisa?

— Não. Poderia me desamarrar?

— Hoje não — respondeu Kenji.

Ao mesmo tempo que eu oscilava entre o sono e o despertar, tentando encontrar uma posição confortável para ficar deitado de mãos e pés amarrados, pensava na resposta de Kenji. Concluí que ele achava que eu poderia fugir uma vez que estivesse desamarrado. E, se meu

professor achava isso, provavelmente era verdade. Era o único pensamento reconfortante que eu tinha, mas não me consolou por muito tempo.

Quando estava quase amanhecendo, começou a chover. Ouvi as calhas se enchendo, os beirais gotejando. Então os galos começaram a cantar, e a cidade despertou. Ouvi os criados iniciando suas atividades na casa, senti o cheiro da fumaça quando acenderam o fogo na cozinha. Escutei as vozes e os passos e os contei, fazendo um mapa da casa, da sua localização na rua, do que ficava de cada lado. Pelos cheiros e sons, adivinhei que estava escondido no interior de uma adega, uma das grandes casas de comércio na periferia da cidade encastelada. O recinto em que eu estava não tinha nenhuma janela para fora. Era estreito como uma cama de enguia e permanecia escuro, mesmo muito depois do nascer do sol.

O casamento deveria realizar-se dali a dois dias. Shigeru sobreviveria até lá? E, se fosse assassinado antes, o que aconteceria com Kaede? Meus pensamentos me atormentavam. Como Shigeru passaria aqueles dois dias? O que estaria fazendo agora? O que estaria pensando de mim? A idéia de que ele poderia imaginar que eu tinha fugido por livre e espontânea vontade me atormentava. E qual seria a opinião dos homens Otori? Eles me desprezariam.

Avisei a Kenji que precisava usar a latrina. Ele desamarrou meus pés e me levou até lá. Saímos para um cômodo maior e depois descemos para o pátio dos fundos. Uma criada trouxe uma bacia de água e me ajudou a lavar as mãos. Havia muito sangue em mim, provavelmente mais do que teria resultado apenas do machucado com o prego. Decerto eu tinha apunhalado alguém. Perguntei-me onde meu punhal estaria agora.

Quando voltamos para o quarto secreto, Kenji deixou meus pés desamarrados.

— O que vai acontecer agora? — perguntei.

— Tente dormir. Hoje não vai acontecer nada.

— Dormir! Tenho a sensação de que nunca mais vou conseguir dormir!

Por um instante, Kenji ficou olhando para mim, muito atento.

— Tudo isso vai passar — ele disse então, lacônico.

Se eu estivesse com as mãos livres, eu o teria matado. Investi contra ele como estava, com as mãos atadas, para atingi-lo no lado do corpo. Apanhei-o de surpresa, e nós dois nos lançamos no ar, mas ele se retorceu, saiu de baixo de mim, rápido como uma cobra, e me imobilizou no chão. Se eu estava possesso, agora ele também estava. Eu já o vira exasperado comigo, mas agora estava furioso. Deu-me dois cruzados no rosto, dois socos de verdade, que me abalaram os dentes e me deixaram zozzo.

— Desista! — gritou ele. — Se for preciso, vou espancá-lo até você desistir. É isso que está querendo?

— É! — gritei em resposta. — Pode me matar. É o único jeito de me manter preso aqui.

Arqueei as costas e rolei de lado, livrando-me do seu peso, tentando dar chutes e mordidas. Ele voltou a bater em mim, mas eu escapei e, enfurecido, xingando, joguei-me contra ele.

Ouvi passos apressados lá fora, e as portas de correr se abriram. A garota de Yamagata e um dos rapazes irromperam no quarto. Os três acabaram me dominando, mas eu estava quase louco de fúria, e levou algum tempo até conseguirem voltar a amarrar meus pés.

Kenji estava espumando de raiva. A garota e o rapaz olhavam alternadamente para ele e para mim.

— Mestre — disse a garota —, deixe-o conosco. Nós o vigiaremos por um tempo. O senhor precisa repousar.

Estavam obviamente surpresos e perplexos com seu descontrole.

Tínhamos convivido meses a fio, como mestre e discípulo. Ele me ensinara quase tudo o que eu sabia. Eu lhe obedecera sem fazer perguntas. Suportara suas reclamações, seu sarcasmo e seus castigos. Deixara de lado minhas suspeitas iniciais e chegara a confiar nele. Para mim, tudo aquilo estava destruído, irremediavelmente.

Kenji então ajoelhou-se diante de mim, segurou minha cabeça e me forçou a olhar para ele.

— Estou tentando salvar sua vida! — gritou ele. — Será que não consegue enfiar isso nessa sua cabeça dura?

Cuspi nele e me preparei para mais um golpe, mas o rapaz o segurou.

— Vá embora, mestre — ele aconselhou. Kenji soltou-me e se levantou.

— Que maluquice, que teimosia é essa que você herdou de sua mãe? — perguntou. Ao chegar à porta, voltou-se e dirigiu-se aos outros.

— Vigiem-no o tempo todo. Não o desamarrem.

Quando ele saiu, tive vontade de gritar e soluçar como uma criança, num acesso de raiva. Lágrimas de ódio e desespero faziam tremer minhas pálpebras. Fiquei deitado no colchão, com o rosto virado para a parede.

A garota saiu do quarto pouco depois e voltou com água fria e um pano. Fez com que eu me sentasse e limpou meu rosto. Meu lábio estava cortado, e eu sentia o hematoma em torno de um olho e de um lado a outro do malar. Sua delicadeza me fez perceber que ela era solidária comigo, embora não dissesse nada.

O rapaz observava, também sem falar.

Mais tarde, ela trouxe chá e um pouco de comida. Tomei o chá mas me recusei a comer.

— Meu punhal, onde está? — perguntei.

— Está conosco — respondeu ela.

— Foi você que eu feri?

— Não, foi Keiko. Ela e Akio foram feridos na mão, mas sem gravidade.

— Eu queria ter matado vocês todos.

— Eu sei — respondeu ela. — Ninguém pode dizer que você não lutou. Mas seus adversários eram cinco membros da Tribo. Não há por que se envergonhar.

Era vergonha, sim, o que eu sentia infiltrar-se em mim como se estivesse tingindo meus ossos brancos de preto.

O longo dia passou, lento e opressivo. O sino do entardecer acabava de soar no templo do final da rua quando Keiko veio à porta e falou, sussurrando, com meus dois guardas. Ouvi perfeitamente o que ela disse, embora por força do hábito fingisse não ouvir. Alguém viera me ver, alguém chamado Kikuta.

Dáí a alguns minutos, um homem esguio, de altura mediana, entrou no quarto, acompanhado por Kenji. Havia entre eles uma semelhança, a mesma aparência mutante que fazia com que não chamassem a atenção. A pele do outro homem era mais morena, sua cor era mais próxima da minha. Ainda tinha os cabelos bem pretos, embora talvez já estivesse com quase quarenta anos.

Ele parou e olhou para mim por alguns instantes, depois atravessou o quarto, ajoelhou-se ao meu lado e, como Kenji fizera ao me conhecer, segurou minhas mãos com as palmas voltadas para cima.

— Por que ele está amarrado? — perguntou. Sua voz também era comum, apesar do sotaque do norte.

— Está tentando fugir, mestre — disse a garota. — Agora está mais calmo, mas estava incontrolável.

— Por que quer fugir? — perguntou-me ele. — Afinal, está no seu lugar.

— Aqui não é meu lugar — respondi. — Antes mesmo de ter ouvido falar na Tribo, jurei lealdade ao Senhor Otori. Pertença ao clã Otori por adoção formal.

— Hã — resmungou ele. — Soube que os Otori o chamam Takeo. Qual é seu nome verdadeiro?

Não respondi

— Ele foi criado entre os Ocultos — disse Kenji, baixinho. — O nome que lhe deram ao nascer foi Tomasu.

Kikuta assobiou entre os dentes.

— Esse é melhor esquecer. Takeo servirá por enquanto, apesar de nunca ter sido um nome da Tribo. Sabe quem eu sou?

— Não — disse eu, embora fizesse idéia.

— Não, *mestre* — o jovem guarda não pôde deixar de me corrigir, num sussurro.

Kikuta sorriu.

— Não lhe ensinou boas maneiras, Kenji?

— Uso cortesia com quem merece — disse eu.

— Ainda vai aprender que eu mereço. Sou o chefe da sua família, Kikuta Kotaro, primo em primeiro grau do seu pai.

— Não conheci meu pai e nunca usei o nome dele.

— Mas os traços Kikuta estão gravados em você: a audição aguçada, o dom artístico, todos os outros talentos que sabemos que você tem de sobra, bem como a linha na palma das mãos. São coisas que você não pode negar.

De muito longe veio um som tênue, uma batidinha na porta da frente da loja, no andar inferior. Ouvi alguém abrir a porta e falar, algo sem importância, a respeito de vinho. A cabeça de Kikuta também se virou levemente. Senti um início de identificação.

— O senhor ouviu tudo? — perguntei.

— Não tanto quanto você. Diminuí com a idade. Mas praticamente tudo.

— Em Terayama, o rapaz, o monge, disse: "Como um cão." — um tom amargo se impôs à minha voz. — "Útil para seus donos." Foi isso que ele disse. Por isso vocês me raptaram? Porque lhes serei útil?

— Não é uma questão de ser útil — respondeu ele. — Trata-se de ter nascido na Tribo. Aqui é o seu lugar. Seria seu lugar mesmo que você não tivesse absolutamente nenhum talento. E, se tivesse todos os talentos do mundo mas não tivesse o sangue da Tribo, este nunca seria seu lugar e não teríamos nenhum interesse por você. O que acontece é que seu pai era Kikuta: você é Kikuta.

— Não tenho escolha? Ele voltou a sorrir.

— Isso não se escolhe, assim como você não escolheu ter uma audição aguçada.

Aquele homem estava me acalmando do mesmo modo como eu já acalmara cavalos: compreendendo minha natureza. Eu nunca encontrara ninguém que soubesse como era ser Kikuta. Eu sentia que aquilo me atraía. — Suponhamos que eu aceite. O que farão comigo?

— Vamos procurar um lugar seguro, em outro feudo, longe dos Tohan, para você ficar enquanto termina sua formação.

— Não quero mais formação nenhuma. Estou farto de professores!

— Muto Kenji foi enviado a Hagi em razão da sua amizade de longa data com Shigeru. Ele lhe ensinou muito, mas Kikuta deve aprender com Kikuta.

Eu já não estava escutando.

— Amizade? Ele o enganou e traiu! Kikuta baixou a voz.

— Você tem enorme talento, Takeo, e ninguém duvida da sua coragem ou do seu coração. É só sua cabeça que precisa se organizar. Você tem de aprender a controlar as emoções.

— Para poder trair velhos amigos com tanta facilidade quanto Muto Kenji? — o breve momento de calma passara. Eu sentia a cólera prestes a brotar de novo. Queria entregar-me a ela, porque só a cólera eliminava a vergonha. Os dois jovens avançaram, prontos para me conter; mas Kikuta fez um gesto para que se afastassem. Ele próprio tomou minhas mãos amarradas e as segurou com firmeza.

— Olhe para mim — disse ele.

A contragosto, encarei-o. Senti-me afundar no turbilhão das minhas emoções, e somente os olhos dele me impediam de submergir. Aos poucos, a raiva cedeu. Um cansaço imenso tomou seu lugar. Eu não conseguia lutar contra o sono que flutuava ao meu encontro como nuvens ao encontro de uma montanha. Kikuta manteve os olhos em mim até meus próprios olhos se fecharem e o nevoeiro me engolir.

Quando acordei, era dia. O sol entrava obliquamente no quarto além da câmara secreta e lançava uma luz alaranjada e baça onde eu estava deitado. Não pude acreditar que já fosse de tarde outra vez. Eu devia ter dormido quase um dia inteiro. A garota estava sentada no chão, a pouca distância de mim. Dei-me conta de que a porta acabava de se fechar, o som me acordara. O outro guarda devia ter acabado de sair.

— Como você se chama? — perguntei, com voz gutural, pois a garganta ainda me doía.

— Yuki.

— E ele?

— Akio.

Era ele que eu havia ferido, segundo ela me dissera.

— O que aquele homem fez comigo?

— Mestre Kikuta? Só fez você dormir. É algo que os Kikuta sabem fazer.

Lembrei-me dos cães em Hagi. Algo que os Kikuta sabem fazer...

— Que horas são? — perguntei.

— Primeira metade da hora do Galo.

— Alguma notícia?

— Do Senhor Otori? Nada. — Ela se aproximou um pouco mais e murmurou. — Quer que eu leve algum recado para ele?

Olhei-a espantado.

— E você pode?

— Trabalhei como criada no lugar em que ele está hospedado, e também trabalhei em Yamagata. — Ela me lançou um olhar significativo. — Posso tentar falar com ele hoje à noite ou amanhã de manhã.

— Diga-lhe que não fui embora por minha vontade. Peça-lhe que me perdoe... — o que eu tinha a dizer era demais para se expressar em palavras. Interrompi o que estava dizendo. — Por que faria isso por mim?

Ela balançou a cabeça, sorriu e fez sinal de que não deveríamos dizer mais nada. Akio voltou ao quarto. Uma das suas mãos estava enfaixada, e ele me tratou com frieza.

Mais tarde, desamarraram meus pés e me levaram ao banho; despiram-me e me ajudaram a entrar na água quente. Eu me movimentava como um inválido, e cada músculo do meu corpo doía.

— É isso que se faz consigo mesmo quando se enlouquece de raiva — disse Yuki. — Você não faz idéia de como pode se ferir com sua própria força.

— Por isso é preciso aprender autocontrole — acrescentou Akio. — Senão você se torna um perigo para si mesmo e para os outros.

Quando me levaram de volta para o quarto, ele conversou comigo.

— Você desrespeitou todas as normas da Tribo com sua desobediência. Que isso lhe sirva de punição.

Percebi que não se tratava apenas de ressentimento por eu tê-lo ferido. Não gostava de mim e também estava com inveja. Eu não me importava nem com uma coisa nem com a outra. Estava com uma dor de cabeça lancinante; e, embora a raiva tivesse desaparecido, fora substituída por uma profunda tristeza.

Meus guardas pareceram admitir que tínhamos chegado a uma espécie de trégua e me deixaram desamarrado. Eu não estava em condições de ir a lugar nenhum. Mal conseguia andar, muito menos sair por janelas altas e escalar telhados. Comi um pouco, o primeiro alimento em dois dias. Yuki e Akio saíram, sendo substituídos por Keiko e pelo outro rapaz, que se chamava Yoshinori. As mãos de Keiko também estavam enfaixadas. Os dois demonstravam tanta hostilidade por mim quanto Akio. Não trocamos uma palavra.

Eu pensava em Shigeru e, em preces, pedia que Yuki conseguisse falar com ele. Então peguei-me orando à maneira dos Ocultos, as palavras chegando involuntariamente à minha língua. Afinal de contas, eu as absorvera com o leite da minha mãe. Como uma criança, murmurei-as para mim mesmo, e elas talvez tenham me trazido consolo, pois dali a algum tempo adormeci de novo, profundamente.

O sono me revigorou. Quando acordei, já era de manhã. Meu corpo tinha se recuperado um pouco, e eu podia me movimentar sem dor. Yuki voltara e, ao ver que eu estava acordado, mandou Akio cumprir alguma tarefa. Ela parecia mais velha que os outros, e tinha alguma autoridade sobre eles.

Disse-me imediatamente o que eu ansiava por ouvir.

— Ontem à noite, consegui falar com o Senhor Otori. Ele sentiu um alívio imenso ao saber que você não estava ferido. Seu principal temor era que você tivesse sido capturado ou assassinado pelos Tohan. Ontem, ele lhe escreveu, na esperança de que um dia você pudesse ter acesso à carta.

— Você está com ela? Ela fez que sim.

— Ele me deu mais uma coisa para você, que eu escondi no armário.

Ela abriu a porta do armário onde se guardava a roupa de cama e, de baixo de uma pilha de acolchoados, tirou algo comprido, embrulhado em pano. Reconheci o tecido: era um velho traje de viagem de Shigeru, talvez o mesmo que ele estivesse usando ao salvar minha vida, em Mino. Ela o colocou nas minhas mãos, e eu o levantei até a altura do rosto. Havia algo rígido embrulhado no traje. Imediatamente adivinhei o que era. Desdobrei o pano e tirei Jato.

Achei que ia morrer de pesar. Então as lágrimas caíram. Não pude evitá-las.

— Eles deverão ir desarmados até o castelo, para o casamento — disse Yuki, com delicadeza. — O cavaleiro não quer que a espada se perca, caso ele não volte.

— Ele não voltará — disse eu, as lágrimas escorrendo como um rio.

Yuki apanhou a espada da minha mão e voltou a embrulhá-la, escondendo-a de novo no armário.

— Por que você fez isso por mim? — perguntei. — Decerto está desobedecendo à Tribo.

— Sou de Yamagata — respondeu ela. — Eu estava lá quando assassinaram Takeshi. A família que morreu com ele... fui criada com a filha deles. Você viu como foi em Yamagata como o povo ama Shigeru. Faça parte desse povo. E, para mim, Kenji, o mestre Muto, agiu mal com vocês dois.

Havia um tom de desafio em sua voz, que a tornava semelhante à de uma criança indignada... e desobediente. Não quis lhe fazer mais perguntas. Estava simplesmente sentindo uma gratidão imensa pelo que ela fizera por mim.

— Então me dê a carta — eu disse, depois de algum tempo.

Ele havia estudado com Ichiro, e sua caligrafia era tudo o que a minha deveria ser mas não era: segura e fluente:

"Takeo, estou felicíssimo por você estar em segurança. Não há nada a perder. Sei que você não me trairia, e sempre soube que a Tribo tentaria levá-lo. Pense em mim amanhã."

E a carta continuava:

"Takeo, seja por que for, não pudemos prosseguir nossa aventura arriscada. Tenho muitas razões para me entristecer, mas fui poupado do remorso de mandá-lo para a morte. Imagino que você esteja com a Tribo. Seu destino está, portanto, fora das minhas mãos. No entanto, você é meu filho adotivo e meu único herdeiro legítimo. Espero que um dia consiga assumir sua herança Otori. Se eu morrer nas mãos de Iida, você está encarregado de vingar minha morte, mas sem chorar por ela, pois creio que morto realizarei mais do que em vida. Seja paciente. Também lhe peço que cuide da Senhorita Shirakawa.

Algum vínculo de uma vida passada deve ter determinado a força dos nossos sentimentos. Estou feliz por termos nos encontrado em Mino. Receba meu abraço.

Seu pai adotivo, Shigeru."

Estava lacrada com seu selo.

— Os homens Otori acham que você e o mestre Muto foram assassinados — disse Yuki.
— Não passa pela cabeça de ninguém que você tenha ido embora por sua própria vontade. Achei que gostaria de saber.

Pensei em todos eles, nos homens que implicaram comigo e cuidaram de mim, que me ensinaram e me agüentaram, que se orgulharam de mim e ainda pensavam o melhor de mim. Iam enfrentar a morte certa, mas eu os invejava, pois morreriam com Shigeru, ao passo que eu, a partir desse dia terrível, estava condenado a viver.

Cada som que vinha de fora me causava um sobressalto. Num certo momento, logo depois do meio-dia, achei estar ouvindo muito ao longe o fragor de espadas e gritos de homens, mas ninguém veio me dizer nada. Um silêncio sufocante e anormal abateu-se sobre a cidade.

Meu único consolo era pensar em Jato, escondida ao alcance da minha mão. Muitas vezes estive prestes a pegar a espada para lutar e abrir caminho para sair da casa, mas a última recomendação de Shigeru era para que eu fosse paciente. A fúria dera lugar ao pesar, mas agora que minhas lágrimas haviam secado o pesar dera lugar à determinação. Eu não jogaria fora minha vida, a menos que levasse Iida comigo.

Por volta da hora do Macaco, ouvi uma voz na loja, lá embaixo. Meu coração parou, porque eu sabia que era alguma notícia. Keiko e Yoshinori estavam comigo, mas dali a uns dez minutos Yuki chegou e mandou que saíssem.

Ela se ajoelhou ao meu lado e pôs a mão no meu braço.

— Muto Shizuka enviou uma mensagem lá do castelo. Os mestres estão chegando para conversar com você.

— Ele morreu?

— Não, pior: foi capturado. Eles lhe contarão.

— Ele deverá se matar?

Yuki hesitou. Então falou rápido, sem olhar para mim.

— Iida acusou-o de abrigar um dos Ocultos... de também ser um deles. Ando tem um ódio pessoal contra ele e está exigindo punição. Privaram o Senhor Otori dos privilégios da classe dos guerreiros, e ele deverá ser tratado como um criminoso comum.

— Iida não ousaria — disse eu. — Já o fez.

Ouvi passos que se aproximavam provenientes do quarto de fora, enquanto a abominação e a ofensa faziam a energia fluir através de mim. Saltei até o armário e peguei a espada, sacando-a da bainha no mesmo movimento. Senti que ela se grudava às minhas mãos. Brandi-a acima da cabeça.

Kenji e Kikuta entraram no quarto. Ficaram imóveis ao verem Jato nas minhas mãos. Kikuta enfiou a mão nos trajas para apanhar um punhal, mas Kenji não se mexeu.

— Não vou atacá-los, embora merecessem morrer — disse eu. — Mas vou me matar...

Kenji revirou os olhos.

— Esperamos que não seja obrigado a recorrer a isso — disse Kikuta com serenidade. E então, depois de um instante, estalou a língua e prosseguiu, quase impaciente. — Sente-se, Takeo. Você deixou clara sua posição.

Todos nos acomodamos no chão. Pus a espada na esteira ao meu lado.

— Quer dizer que Jato o encontrou — disse Kenji. — Eu deveria ter imaginado.

— Eu a trouxe, Mestre — disse Yuki.

— Não, a espada valeu-se de você. É assim que ela vai de uma mão para a outra. Eu devia saber: ela me usou para encontrar Shigeru depois de Yaegahara.

— Onde está Shizuka? — perguntei.

— Ainda no castelo. Ela não veio pessoalmente. Só mandar uma mensagem já foi muito perigoso, mas ela queria que soubéssemos o que aconteceu e perguntou o que pretendíamos fazer.

— Falem!

— Ontem, a Senhora Maruyama tentou fugir do castelo, com a filha — a voz de Kikuta era neutra e desapaixonada. — Ela subornou uns barqueiros para levá-la até a outra margem do rio. Foram traídas e interceptadas. As três mulheres jogaram-se na água. A dama e sua filha morreram afogadas, mas a criada, Sachie, foi salva. Antes tivesse morrido, pois foi torturada até revelar a relação com Shigeru, a aliança com Arai e a ligação da dama com os Ocultos.

— Manteve-se a simulação de que o casamento seria realizado até Shigeru entrar no castelo — disse Kenji. — Então, os homens Otori foram chacinados, e Shigeru foi acusado de traição — ele fez uma breve pausa e continuou, baixinho: — Ele já está pendurado na muralha do castelo.

— Crucificado? — murmurei.

— Suspenso pelos braços.

Fechei os olhos por um instante, imaginando a dor, o deslocamento dos ombros, o lento sufocamento, a terrível humilhação.

— Uma morte de guerreiro, rápida e honrosa? — disse eu a Kenji, em tom de acusação.

Ele não respondeu. Seu rosto, geralmente tão volúvel, estava imóvel; sua pele clara estava branca. Estendi a mão e toquei em Jato.

— Tenho uma proposta a fazer à Tribo — disse eu a Kikuta. — Creio que vocês trabalham para quem paga mais. Vou comprar seus serviços para mim com algo a que vocês parecem dar valor, ou seja, minha vida e minha obediência. Deixem-me ir hoje à noite para tirá-lo de lá. Em troca, renuncio ao nome de Otori e entro para a Tribo. Se não concordarem, darei um fim à minha vida aqui mesmo. Nunca sairei deste quarto.

Os dois mestres trocaram um olhar. Kenji fez que sim, de modo quase imperceptível.

— Devo reconhecer que a situação mudou — disse Kikuta — e que chegamos a um impasse.

Houve uma súbita comoção na rua, correria e gritos. Nós dois escutamos de idêntico modo Kikuta. Os sons desapareceram, e ele prosseguiu.

— Aceito sua proposta. Tem minha permissão para entrar no castelo hoje à noite.

— Irei com ele — disse Yuki — e organizarei tudo o que nos possa ser necessário.

— Se o mestre Muto concordar.

— Concordo — disse Kenji. — E irei junto.

— Não precisa ir — disse eu.

— Vou com vocês de qualquer jeito.

— Sabemos onde está Arai? — perguntei.

— Mesmo que marchasse a noite inteira, não chegaria aqui antes do amanhecer — disse Kenji.

— Mas ele está a caminho?

— Segundo Shizuka, ele não atacará o castelo. Sua única esperança é provocar Iida a vir combatê-lo na fronteira.

— E Terayama?

— Eles se insurgirão quando souberem dessa afronta — disse Yuki. — A cidade de Yamagata também.

— Nenhuma revolta terá êxito enquanto Iida estiver vivo; e, seja como for, essas questões mais amplas não nos dizem respeito — interrompeu Kikuta, com súbita irritação. — Você pode tirar lá de cima o corpo de Shigeru. Nosso acordo não cobre nada além disso.

Eu não disse nada. "Enquanto Iida estiver vivo.

A chuva caía novamente, envolvia a cidade com seu chiado, lavava os telhados e as pedras dos calçamentos, refrescava o ar parado.

— E a Senhorita Shirakawa? — perguntei.

— Shizuka diz que ela está em estado de choque, mas calma. Nenhuma suspeita recaiu sobre ela, além da culpa que acarreta sua infeliz reputação. As pessoas dizem que ela é amaldiçoada, mas não há suspeitas de que tenha participado da conspiração. Sachie, a criada, era mais fraca do que os Tohan imaginavam, e escapou da tortura para a morte, ao que parece antes de incriminar Shizuka.

— Ela fez alguma revelação sobre mim? Kenji suspirou.

— Ela não sabia nada além de que você pertencia aos Ocultos e foi salvo por Shigeru, o que já era do conhecimento de Iida. Ele e Ando acham que Shigeru o adotou exclusivamente para insultá-los; e que você fugiu ao ser reconhecido. Não fazem idéia de que você seja da Tribo, nem têm conhecimento das suas habilidades.

Essa era uma vantagem. Outra era o tempo e a noite. A chuva diminuía, transformando-se numa neblina com chuvisco; o manto de nuvens era denso e baixo, encobrindo totalmente a lua e as estrelas. E a terceira vantagem era a mudança que ocorrera em mim. Alguma coisa dentro de mim, até então apenas parcialmente constituída, agora havia adquirido sua plena forma. Minha explosão de raiva, seguida pelo profundo sono Kikuta, eliminara de minha natureza a escória, deixando um núcleo de aço. Reconheci em mim os vislumbres que tivera do verdadeiro eu de Kenji, como se Jato tivesse adquirido vida.

Nós três estudamos meticulosamente os equipamentos e os trajes. Depois disso, passei uma hora me exercitando. Meus músculos ainda estavam rígidos, embora doessem menos. O que mais me incomodava era o pulso da mão direita. Antes, quando eu havia erguido Jato, a dor fisgava até o cotovelo. Yuki acabou enfaixando-o com uma munhequeira de couro.

Na segunda metade da hora do Cachorro, fizemos uma refeição leve e nos sentamos em silêncio, desacelerando a respiração e o sangue. Escurecemos o quarto para aumentar nossa visão noturna. O toque de recolher tinha sido antecipado. E, depois que os cavaleiros patrulharam as vias públicas, obrigando as pessoas a entrar em casa, as ruas ficaram em silêncio. Ao nosso redor, a casa cantava sua melodia vespertina: pratos eram retirados, os cachorros eram alimentados, os guardas se acomodavam para a vigília noturna. Ouvi os passos das criadas que iam estender as camas, o estalido do ábaco na sala da frente ao se fazerem as contas do dia. Aos poucos, a canção reduziu-se a algumas notas constantes: a respiração profunda dos adormecidos, roncoss eventuais, o grito de um homem no momento da paixão física. Esses sons humanos corriqueiros tocavam minha alma. Eu me descobria pensando no meu pai, no seu anseio por levar uma vida humana normal. Teria ele dado um grito como aquele quando fui concebido?

Depois de algum tempo, Kenji disse a Yuki que nos deixasse a sós por alguns minutos e veio sentar-se ao meu lado.

— A acusação de ligações com os Ocultos... até onde isso é verdade? — perguntou ele, em voz baixa.

— Isso ele jamais comentou comigo. Apenas mudou meu nome, deixando de lado o de Tomasu, e me avisou para não fazer orações.

— Estão dizendo que ele não quis renegar a fé, que se recusou a profanar as imagens — Kenji mostrava-se intrigado, quase irritado.

— Quando conheci a Senhora Maruyama, ela traçou na minha mão o sinal dos Ocultos — disse eu, lentamente.

— Ele escondeu tanta coisa de mim — disse Kenji. — Eu achava que o conhecia!

— Ele soube da morte da dama?

— Parece que Iida lhe contou, deleitando-se. Refleti por algum tempo. Eu sabia que Shigeru teria se recusado a negar as crenças que a Senhora Maruyama nutria com fé tão profunda. Quer as adotasse ou não, ele jamais se submeteria às provocações de Iida. E agora estava cumprindo a promessa que lhe fizera em Chigawa. Ele não se casaria com nenhuma outra mulher e não viveria sem ela.

— Eu não tinha como saber que Iida o trataria dessa forma — disse Kenji.

Tive a impressão de que ele estava como que pedindo desculpas, mas a traição era monstruosa demais para eu perdoar. Estava satisfeito por ele vir comigo e grato por suas habilidades, mas depois daquela noite não queria vê-lo nunca mais.

— Vamos tirá-lo de lá — disse eu.

Levantei-me e chamei Yuki, baixinho. Ela voltou ao quarto, e nós três vestimos o escuro uniforme noturno da Tribo, cobrindo o rosto e as mãos para não deixar aparecer um centímetro de pele que fosse. Apanhamos garrotes, cordas e ganchos, punhais curtos e longos, além de cápsulas de veneno que nos dariam uma morte rápida.

Apanhei Jato.

— Deixe-a aqui — disse Kenji. — Não se consegue escalar com uma espada longa.

Não tomei conhecimento. Eu sabia para que precisaria dela.

A casa em que eu havia sido escondido ficava bem para o oeste da cidade encastelada, em meio às casas dos comerciantes ao sul do rio. A área era recortada por muitos becos e vielas estreitas, facilitando nosso deslocamento sem que fôssemos vistos. No final da rua, passamos pelo templo, onde ainda ardiam lanternas, enquanto os sacerdotes se preparavam para

os rituais da meia-noite. Um gato estava sentado junto a uma lanterna. Ele não se mexeu quando passamos, sorrateiramente.

Estávamos nos aproximando do rio quando ouvi o tinido do aço e passadas pesadas. Kenji tornou-se invisível, num portal. Yuki e eu saltamos sem ruído para o telhado do muro e nos escondemos sob as telhas.

A patrulha era composta por um homem a cavalo e seis soldados a pé. Dois deles carregavam archotes. Avançaram ao longo da estrada que margeava o rio, iluminando e examinando cada viela. Faziam um barulho enorme, e por isso não me assustaram nem um pouco.

As telhas encostadas ao meu rosto estavam úmidas e escorregadias. O chuvisco leve continuava, abafando os sons.

A chuva devia estar caindo no rosto de Shigeru...

Saltei do muro e seguimos na direção do rio.

Um pequeno canal corria ao longo do beco. Yuki nos guiou por esse canal, que desaparecia para dentro de um bueiro por baixo da estrada. Engatinhamos por ele, perturbando os peixes adormecidos, e saímos no lugar em que desaguava no rio, com a água encobrendo nossos passos. O vulto escuro do castelo erguia-se diante de nós. O manto de nuvens era tão baixo que eu mal conseguia discernir as torres mais altas. Entre nós e a muralha da fortificação estava primeiro o rio e depois o fosso.

— Onde ele está? — murmurei para Kenji.

— No lado leste, abaixo do palácio de Iida. Onde vimos os aros de ferros.

A bile subiu-me à garganta. Forcei-a a voltar.

— Guardas? — perguntei.

— No corredor, imediatamente acima, estacionados. No térreo, abaixo, patrulhas.

Tal como fizera em Yamagata, sentei-me e fiquei por um bom tempo olhando para o castelo. Nenhum de nós falava. Eu sentia o despertar do sinistro eu Kikuta, que invadia minhas veias e músculos. Do mesmo modo, eu invadiria o castelo e o forçaria a me entregar o que ele encerrava.

Tirei Jato do cinto e a depus na margem, escondendo-a no capim alto.

— Espere aqui — eu disse, baixinho. — Trarei seu dono até você.

Um a um, entramos no rio, sem fazer ruído, e nadamos por baixo da água até a margem oposta. Ouvi a primeira patrulha nos jardins, do outro lado do fosso. Permanecemos nos juncos até ela passar. Depois, cruzamos correndo o estreito trecho pantanoso e atravessamos o fosso, nadando do mesmo modo.

A primeira muralha da fortificação erguia-se verticalmente, perpendicular ao fosso. No alto, havia um pequeno muro com telhado que cercava todo o jardim, na frente da residência, e a estreita faixa de terra de trás, entre os muros da residência e a muralha da fortificação. Kenji deixou-se cair no chão para vigiar as patrulhas enquanto Yuki e eu nos arrastávamos pelo telhado do muro até o canto sudeste. Duas vezes ouvimos o cantar de grilo que era o aviso de Kenji, e nos tornamos invisíveis no alto do muro enquanto a patrulha passava abaixo de nós.

Ajoelhei-me e olhei para o alto. Acima de mim ficava a fileira de janelas do corredor, nos fundos da residência. Estavam todas fechadas e trancadas, menos uma, a mais próxima dos aros de ferro em que Shigeru estava pendurado, com uma corda em cada pulso. Estava com a cabeça caída para a frente, sobre o tórax, e achei que já estivesse morto, mas depois notei que seus pés estavam ligeiramente encostados na parede, para aliviar um pouco de peso dos braços. Eu ouvia o lento ruído de sua respiração. Ainda estava vivo.

O piso-rouxinol cantou. Voltei a me grudar nas telhas. Ouvi alguém se debruçar na janela e, depois, um grito de dor de Shigeru, quando a corda foi puxada e seus pés escorregaram.

— Dance, Shigeru, é o dia do seu casamento! — escarneceu o guarda.

Senti em mim o fogo lento da ira. Yuki pôs uma mão no meu braço, mas eu não ia explodir. Minha ira agora era fria e, por isso, ainda mais poderosa.

Esperamos ali muito tempo. Abaixo de nós, não passou mais nenhuma patrulha. Kenji teria silenciado todas elas? A lanterna na janela bruxuleou e lançou fumaça. Mais ou menos a cada dez minutos, alguém aparecia. Sempre que o homem torturado encontrava um apoio para o pé, um dos guardas vinha e o sacudia, para soltá-lo do apoio. O grito de dor era cada vez mais fraco, e cada vez Shigeru demorava mais para se recuperar.

A janela continuava aberta.

— Precisamos subir — murmurei para Yuki. — Se você conseguir matá-los quando estiverem voltando, poderei descer pela corda. Corte as cordas dos pulsos quando ouvir um berro de cervo. Então eu desço com ele.

— Encontro-me com você no canal — disse ela, apenas movendo os lábios.

Imediatamente depois da visita seguinte dos torturadores, descemos ao chão, atravessamos a faixa estreita de terra e começamos a escalar a parede da residência. Yuki entrou pela janela enquanto eu, agarrado à saliência debaixo dela, peguei a corda da minha cintura e lacei com ela um dos aros de ferro.

Os rouxinóis cantaram. Invisível, grudei-me à parede. Ouvi alguém debruçar-se; acima de mim, ouvi um arquejo levíssimo, o baque dos pés que se debatiam em vão para se livrar do garrote. Depois, o silêncio.

— Pode ir! — murmurou Yuki.

Comecei a descer pela muralha na direção de Shigeru, com a corda cedendo à medida que eu avançava. Estava quase chegando quando ouvi o canto do grilo. Tornei-me invisível novamente, torcendo para que o nevoeiro escondesse minha corda. Ouvi a patrulha passar abaixo de mim. Veio um ruído do fosso, uma súbita pancada na água, que distraiu a atenção da patrulha. Um dos homens foi até a borda da muralha, iluminando a água com seu archote. A luz refletiu-se, opaca, numa parede branca de névoa.

— É só um rato-d'água — avisou ele. Os homens desapareceram, e eu ouvi seus passos se afastarem devagar.

Agora o tempo se acelerava. Eu sabia que outro guarda logo apareceria acima de mim. Por quanto tempo mais Yuki conseguiria eliminá-los um a um? As paredes eram escorregadias; a corda ainda mais. Deslizei os últimos palmos até me encontrar no mesmo nível que Shigeru.

Seus olhos estavam fechados, mas ele ouviu ou sentiu minha presença. Abriu-os, murmurou meu nome sem surpresa e esboçou aquele seu sorriso franco, mais uma vez cortando meu coração.

— Vai doer. Não faça nenhum ruído — disse eu.

Ele voltou a fechar os olhos e firmou os pés contra a parede.

Prendi-o a mim o mais firmemente possível e dei o berro de cervo para Yuki. Ela cortou as cordas que seguravam Shigeru. Ele não conseguiu deixar de arquejar quando seus braços foram soltos. O peso me afastou da superfície escorregadia da parede, e nós dois caímos, enquanto eu rezava para que minha corda agüentasse. Com um tranco, ela nos segurou a cerca de um metro do chão.

Kenji saiu da escuridão, e, juntos, desamarramos Shigeru e o carregamos até a muralha.

Kenji lançou o gancho, e conseguimos içá-lo. Depois voltamos a amarrá-lo com a corda, e Kenji o baixou pela muralha enquanto eu ia ao lado, procurando facilitar um pouco a descida.

Não podíamos parar lá embaixo, tivemos de atravessar imediatamente o fosso, a nado, com seu rosto coberto por um capuz. Se não fosse o nevoeiro, teríamos sido descobertos, pois não podíamos levá-lo por baixo d'água. Depois atravessamos a última faixa de terra do castelo até a margem do rio, carregando-o. Àquela altura, ele estava quase inconsciente, suando de dor, os lábios em carne viva, pois ele os mordera para se impedir de gritar. Os dois ombros estavam deslocados, como eu imaginara, e ele tossia cuspidando sangue, devido a alguma lesão interna.

A chuva caía mais pesada. Um cervo de verdade berrou de susto ao nos ver e fugiu aos saltos, mas não veio nenhum outro som do castelo. Entramos com Shigeru no rio e nadamos devagar e com movimentos delicados até a outra margem. Era uma chuva abençoada, pois ela nos escondia e abafava os ruídos. Contudo, quando me virei e olhei para o castelo, também não vi nenhum sinal de Yuki.

Ao chegarmos à margem, nós o deitamos no capim alto de verão. Kenji ajoelhou-se ao seu lado e lhe tirou o capuz, enxugando-lhe o rosto.

— Perdão, Shigeru — disse ele.

Shigeru sorriu mas não falou. Juntando todas as forças, murmurou meu nome.

— Estou aqui.

— Trouxe Jato?

— Trouxe, Senhor Shigeru.

— Use-a agora. Leve minha cabeça para Terayama e me enterre ao lado de Takeshi — ele fez uma pausa, quando mais um espasmo de dor o dominou. — E leve-me também a cabeça de Iida.

Enquanto Kenji o ajudava a se ajoelhar, ele falou baixinho.

— Takeo nunca me faltou.

Tirei Jato da bacia. Shigeru esticou o pescoço e murmurou algumas palavras: as preces que os Ocultos fazem no instante da morte, seguidas do nome do Iluminado. Também rezei, pedindo para não o decepcionar *agora*. Estava mais escuro do que no momento em que Jato, na mão dele, salvara minha vida.

Ergui a espada, senti a dor surda no pulso e pedi perdão a Shigeru. A espada-serpente saltou e picou. E, no último serviço prestado a seu dono, liberou-o para o outro mundo.

O silêncio da noite era absoluto. O jorro de sangue parecia monstruosamente alto. Apanhamos a cabeça para banhá-la no rio e a embrulhamos no capuz, nós dois com os olhos secos, para além da dor ou do remorso.

Houve um movimento por baixo da superfície da água; em alguns segundos, Yuki veio à tona, como uma lontra. Com sua aguçada visão noturna, ela compreendeu a cena, ajoelhou-se ao lado do corpo e fez uma breve oração. Levantei a cabeça, como era pesada!, e a entreguei em suas mãos.

— Leve-a para Terayama — disse eu. — Encontro-me lá com você.

Ela fez que sim, e vi o leve clarão dos seus dentes quando ela sorriu.

— Agora precisamos ir embora — disse Kenji, entre dentes. — Foi um trabalho bem feito, mas está encerrado.

— Antes preciso entregar o corpo ao rio.

Não podia suportar a idéia de deixá-lo insepulto na margem. Apanhei pedras da foz do canal e as amarrei na tanga que era seu único traje. Os outros me ajudaram a carregá-lo para dentro da água.

Fui nadando até a parte mais funda do rio e o soltei, sentindo o puxão e o redemoinho quando o corpo afundou. O sangue subiu à tona, escuro em contraste com o nevoeiro branco, mas o rio o levou embora.

Pensei na casa em Hagi, onde o rio estava sempre à porta, e na garça que vinha ao jardim todo final de tarde. Agora Otori Shigeru estava morto. Derramei minhas lágrimas, e o rio também as levou embora.

Para mim, porém, o trabalho da noite não estava encerrado. Voltei nadando até a margem e apanhei Jato. Quase não havia vestígios de sangue na lâmina. Limpei-a e a devolvi à bainha. Sabia que Kenji tinha razão, ela atrapalharia minha escalada, mas agora eu precisava de Jato. Não disse uma palavra a Kenji; a Yuki só disse que nos veríamos em Terayama.

— Takeo — murmurou Kenji, mas sem convicção.

Decerto ele sabia que nada iria me deter. Deu um rápido abraço em Yuki. Só então eu me dei conta de que, obviamente, ela era sua filha. Ele me acompanhou quando entrei de novo no rio.

Kaede esperou a chegada da noite. Sabia que não tinha escolha, teria de se matar. Pensava na morte com a mesma força que aplicava a tudo. A honra de sua família dependia do casamento, seu pai o dissera. Agora, com a confusão e o tumulto que a cercaram o dia inteiro, ela se agarrava à convicção de que a única maneira de proteger o nome da família era ela própria agir com honra.

Era o entardecer do dia em que deveria ter se casado. Ainda estava vestida com os trajes que as damas Tohan tinham preparado para ela. Eram mais suntuosos e elegantes do que qualquer outra roupa que usara antes, e com eles sentia-se minúscula e frágil como uma boneca. Os olhos das mulheres estavam vermelhos de chorar pela morte da Senhora Maruyama, mas Kaede só recebera a notícia depois do massacre dos homens Otori. Revelaram-lhe então um horror atrás do outro, a ponto de ela achar que enlouqueceria de dor e indignação.

A residência, com seus aposentos elegantes, seus tesouros de arte, seus belos jardins, tornara-se um lugar de violência e tortura. Na parte externa de seus muros, do outro lado do piso-rouxinol, estava pendurado o homem com quem deveria ter se casado. A tarde toda ouvira os guardas, suas provocações e suas risadas imundas. Seu coração inchava de dor, até quase arrebentar, e ela não parava de chorar. Às vezes ouvia menção a seu nome e sabia que sua reputação piorara ainda mais. Sentia que tinha causado a derrocada do Senhor Otori. Chorava por ele, pela humilhação que ele sofrera nas mãos de Iida. Chorava pelos pais e pela vergonha que lhes causava.

Quando achava que seus olhos já tinham secado de tanto chorar, as lágrimas voltavam a lhe escorrer pelo rosto. A Senhora Maruyama, Mariko, Sachie... todas tinham ido embora, carregadas pela enxurrada de violência dos Tohan. Todas as pessoas que lhe eram caras tinham morrido ou desaparecido.

E também chorava por si mesma, pois tinha quinze anos e sua vida estava acabada antes de ter começado. Chorava pelo marido que jamais conheceria, pelos filhos que não teria, pelo futuro que o punhal encerraria. Sua única fonte de consolo era a pintura que Takeo lhe dera. Ela a segurava e a contemplava constantemente. Logo estaria livre, como o passarinho da montanha.

Shizuka foi à cozinha para pedir que trouxessem comida, juntando-se às brincadeiras dos guardas com aparente crueldade enquanto passava. Ao voltar, a máscara caiu e seu rosto se contraiu de dor.

— Senhorita — disse, com a voz animada, disfarçando seus verdadeiros sentimentos —, preciso pentear seu cabelo. Está todo desarrumado. E precisa trocar de roupa.

Ajudou Kaede a se despir e chamou as criadas para que levassem dali os pesados trajes de casamento.

— Já vou vestir minha roupa de dormir — disse Kaede. — Não vou ver mais ninguém hoje.

Com a leve roupa de algodão, ela se sentou no chão, junto da janela aberta. Caía uma chuva suave, e estava um pouco mais fresco. O jardim gotejava umidade, como se também estivesse em luto profundo.

Shizuka ajoelhou-se atrás dela, apanhando sua cabeleira pesada e penteando-a com os dedos.

— Mandei uma mensagem à residência Muto, na cidade — murmurou no ouvido de Kaede. — Acabo de receber a resposta. Takeo estava escondido lá, conforme imaginei. Ele terá permissão para vir resgatar o corpo do Senhor Otori.

— O Senhor Otori morreu?

— Não, ainda não — e Shizuka ficou sem voz. Ela tremia de emoção. Então voltou a murmurar: — A afronta, a vergonha... Ele não pode ser deixado ali. Takeo precisa vir pegá-lo.

— Então, Takeo também vai morrer hoje — disse Kaede.

— Meu mensageiro também vai tentar alcançar Arai — murmurou Shizuka. — Mas não sei se Arai conseguirá chegar a tempo de nos ajudar.

— Nunca acreditei que existisse alguém capaz de desafiar os Tohan — disse Kaede. — O Senhor Iida é invencível. Sua crueldade lhe dá poder — pela janela, ela contemplava a chuva que caía, o nevoeiro cinzento que envolvia as montanhas, como se fosse uma mortalha. — Por que os homens criaram um mundo tão brutal? — disse em voz baixa.

Uma fileira de gansos selvagens passou voando, com seus gritos tristes. Ao longe, para além das muralhas, um cervo berrou.

Kaede levou a mão à cabeça. Seu cabelo estava molhado das lágrimas de Shizuka.

— Quando Takeo virá?

— Tarde da noite, se vier — fez-se um longo silêncio, e então Shizuka prosseguiu: — É uma empreitada arriscada e sem esperanças.

Kaede não respondeu. "Esperarei por ele", prometeu a si mesma. "Eu o verei mais uma vez."

Apalpou o cabo frio do punhal, por baixo da roupa. Shizuka percebeu o movimento, puxou-a mais para perto e lhe deu um abraço.

— Não tenha medo. Seja o que for que a senhorita faça, estarei a seu lado. Hei de acompanhá-la até o outro mundo.

As duas ficaram abraçadas por muito tempo. Exausta de tanta emoção, Kaede foi caindo no estado de perplexidade que acompanha a dor. Tinha a impressão de estar sonhando e ter entrado em outro mundo, um mundo no qual estava nos braços de Takeo, sem medo. "Só ele pode me salvar", viu-se pensando. "Só ele pode me levar de volta à vida."

Mais tarde ela disse a Shizuka que queria tomar banho e pediu-lhe que lhe tirasse as sobancelhas e esfregasse bem seus pés e suas pernas. Comeu um pouco e, depois, se sentou num silêncio que deixava transparecer tranqüilidade, meditando sobre o que lhe fora ensinado quando era criança, lembrando-se da expressão serena do Iluminado em Terayama.

— Tenha compaixão por mim — rezou. — Ajude-me a ter coragem.

As criadas vieram estender as camas. Kaede se preparava para deitar e colocara o punhal embaixo do colchão. A hora do Rato já ia avançada, e a residência já emudecera, com exceção do riso distante dos guardas, quando elas ouviram passos que fizeram o piso gorgear. Ouviu-se uma leve batida na porta. Shizuka foi abrir e imediatamente lançou-se ao chão. Kaede ouviu a voz do Senhor Abe.

"Veio prender Shizuka", pensou, aterrorizada.

— É muito tarde, senhor. A Senhorita Shirakawa está exausta — disse Shizuka, mas a voz de Abe era insistente.

Seus passos recuaram. Shizuka voltou-se para Kaede e, antes que o piso cantasse novamente, teve tempo apenas para dizer baixinho que o Senhor Iida desejava visitá-la.

Iida entrou no quarto, acompanhado de Abe e do homem de um braço só, cujo nome ela soubera que era Ando.

Kaede olhou de relance para os rostos deles, corados pelo vinho e por sua vingança triunfal. Lançou-se ao chão, apertando a cabeça contra a esteira, com o coração disparado.

Iida acomodou-se no chão, com as pernas cruzadas.

— Sente-se, Senhorita Shirakawa.

Kaede levantou a cabeça a contragosto e olhou para ele. Estava com trajes informais, de dormir, mas trazia a espada na cintura. Os dois homens que se ajoelharam atrás dele estavam igualmente armados. Também se sentaram, examinando Kaede com uma curiosidade insultante.

— Perdoe-me pela hora dessa intromissão — disse Iida —, mas achei que o dia não deveria se encerrar sem que eu expressasse minhas condolências por sua infeliz situação — ele sorriu, mostrando os dentes grandes, e disse para Shizuka, que estava mais atrás: — Saia!

Os olhos de Kaede se arregalaram, e ela respirou mais forte, sem ousar virar a cabeça para olhar para Shizuka. Ouviu a porta se fechar e imaginou que a garota permaneceria por perto, do outro lado. Sentou-se sem sair do lugar, cabisbaixa, esperando que Iida continuasse.

— Seu casamento, que para mim deveria representar uma aliança com os Otori, parece ter sido pretexto para víboras tentarem me picar. Creio, porém, que exterminei o ninho — seus olhos fixavam-se no rosto de Kaede. — Passou algumas semanas em viagem com Otori Shigeru e Maruyama Naomi. Nunca suspeitou que estivessem tramando algo contra mim?

— Eu não sabia de nada, senhor — disse ela, e acrescentou em voz baixa: — Se havia algum complô, a condição para seu sucesso era que eu o ignorasse.

— Hã — resmungou ele. Depois de um longo silêncio, perguntou: — Onde está o rapaz?

Ela não imaginara que seu coração fosse capaz de bater mais depressa ainda, mas foi. Suas têmporas latejavam, e ela se sentia prestes a desfalecer.

— Que rapaz, Senhor Iida?

— O suposto filho adotivo, Takeo.

— Nada sei dele — respondeu ela, com ar intrigado. — Por que deveria saber?

— Que tipo de pessoa diria que ele era?

— Era jovem, muito calado. Parecia gostar de livros. Gostava de pintar e desenhar — ela se forçou a dar um sorriso: — Era desajeitado... e talvez não fosse muito corajoso.

— Foi o que o Senhor Abe concluiu. Agora sabemos que ele pertencia aos Ocultos. Escapou à execução há um ano. Por que Shigeru iria abrigar e, além do mais, adotar um criminoso desse tipo, a não ser para me afrontar e me insultar?

Kaede não conseguiu responder. As tramas da intriga lhe pareciam insondáveis.

— O Senhor Abe acredita que o rapaz tenha fugido quando Ando o reconheceu. Parece que se trata de um covarde. Vamos apanhá-lo mais cedo ou mais tarde, e eu o pendurarei ao lado do pai adotivo — os olhos de Iida soltaram chispas sobre Kaede, mas ela não deu resposta.

— Então minha vingança contra Shigeru estará completa

— seus dentes reluziram quando ele sorriu. — No entanto, há uma questão mais premente: o que fazer da senhorita. Aproxime-se.

Kaede inclinou-se e avançou. Seu coração se desacelerou, parecia prestes a parar. O tempo também passava mais devagar. A noite tornou-se mais silenciosa. A chuva era um chido suave. Um grilo cantou.

Iida inclinou-se para a frente e a examinou. A luz da lanterna iluminava o rosto dele. E, ao olhar para cima, Kaede constatou que o desejo descontrairá suas feições de predador.

— Não sei o que fazer, Senhorita Shirakawa. Está irremediavelmente contaminada por esses acontecimentos. No entanto, seu pai sempre me foi leal, e até certo ponto sinto-me responsável pela senhorita. O que devo fazer?

— Meu único desejo é morrer — respondeu ela. — Permita-me fazê-lo com honra. Meu pai há de ficar satisfeito com isso.

— Há também a questão da herança Maruyama — disse ele. — Pensei em casar-me com a senhorita. Isso resolveria o problema da destinação do território e acabaria com esses rumores sobre o perigoso efeito que tem sobre os homens.

— Seria demasiada honra para mim — respondeu ela. Ele sorriu e passou a unha comprida pelos dentes incisivos.

— Sei que tem duas irmãs. Posso me casar com a mais velha. No fundo, acho preferível que dê cabo da própria vida.

— Senhor Iida — ela abaixou a cabeça até o chão.

— É uma garota maravilhosa, não é? — disse ele para os homens que estavam atrás. — Linda, inteligente, corajosa. E tudo isso será jogado fora.

Ela voltou a se sentar ereta, com o rosto de lado, decidida a não lhe revelar nada.

— Suponho que seja virgem.

Ele estendeu a mão e tocou no seu cabelo. Kaede percebeu que estava muito mais bêbado do que aparentara. Quando ele se inclinou, sentiu-lhe o hálito de vinho. Ficou furiosa por ter tremido ao ser tocada. Ele percebeu e riu.

— Seria uma tragédia que morresse virgem. Deveria ter pelo menos uma noite de amor.

Kaede olhou-o, espantada, sem acreditar. Enxergou então toda a dimensão de sua depravação, o quanto ele se aprofundara no poço da crueldade e da devassidão. Seu poder imenso o tornara arrogante e depravado. Kaede tinha a impressão de estar num sonho, no qual podia ver o que estava por acontecer mas nada podia fazer para evitá-lo. Não conseguia acreditar nas intenções de Iida.

Ele segurou sua cabeça com as mãos e se debruçou sobre ela. Kaede virou o rosto para o lado, e os lábios de Iida roçaram-lhe o pescoço.

— Não — disse ela. — Não, senhor. Não me envergonhe. Deixe-me morrer simplesmente!

— Não há vergonha em me agradar — disse ele.

— Eu lhe imploro, não diante desses homens — pediu ela, relaxando o corpo como se estivesse se entregando a ele. Sua cabeleira caiu para a frente e a cobriu.

— Saíam — disse-lhes ele, sem rodeios. — Que ninguém me perturbe até o amanhecer.

Ela ouviu os dois homens saírem, ouviu Shizuka falar com eles, teve vontade de gritar por socorro, mas não teve coragem. Iida ajoelhou-se a seu lado, pegou-a no colo e a carregou até o colchão. Desamarrou sua faixa, e o traje de Kaede se abriu. Afrouxando seus próprios trajes, ele se deitou ao lado dela. Ela sentia na pele calafrios de medo e repugnância.

— Temos a noite inteira — disse ele. Foram as últimas palavras que proferiu.

A sensação do corpo de Iida forçando-se contra o dela trouxe a Kaede a nítida lembrança do guarda no Castelo Noguchi. Sua boca na dela quase a enlouqueceu de nojo. Ela jogou os braços para trás, por cima da cabeça, e ele gemeu de satisfação por sentir o corpo dela se arquear contra o dele. Com a mão esquerda, ela encontrou a agulha na manga direita. Quando Iida se deitou sobre Kaede, ela enfiou-lhe a agulha no olho. Ele deu um grito, idêntico a um gemido de prazer. Ela tirou o punhal que estava debaixo do colchão e, com a mão direita, o ergueu. O próprio peso de Iida, ao cair para a frente, fez o punhal cravar-se em seu coração.

Eu estava encharcado do rio e da chuva, com água no cabelo e nos cílios, que gotejavam como os juncos, o bambu e o salgueiro. E, embora as marcas não aparecessem na minha roupa escura, eu estava encharcado também de sangue. O nevoeiro se tornara mais denso. Kenji e eu nos movíamos num mundo fantasmagórico, imaterial e invisível. Surpreendi-me imaginando que talvez eu tivesse morrido sem saber e voltara como um anjo vingador. Ao terminar o trabalho daquela noite, eu desapareceria, retornando ao reino dos mortos. E constantemente a dor da perda ameaçava entoar sua terrível cantilena no meu coração, mas eu ainda não podia lhe dar ouvidos.

Saímos do fosso para escalar a muralha. Eu sentia o peso de Jato no meu flanco. Era como se estivesse carregando Shigeru comigo. Tinha a sensação de que seu espírito penetrara em mim e se impregnara nos meus ossos. Do alto do muro do jardim, ouvi os passos de uma patrulha. As vozes eram ansiosas. Suspeitavam da presença de intrusos e, quando viram as cordas que Yuki cortara, pararam, com exclamações de surpresa, e olharam para o alto, para os aros de ferro em que Shigeru estivera suspenso.

Cada um de nós atacou dois deles. Morreram em quatro golpes, antes que voltassem a olhar para baixo. Shigeru tinha razão. A espada saltava em minha mão como se tivesse vontade própria, como se fosse a mão dele que a estivesse empunhando. Não haveria compaixão ou brandura da minha parte que pudesse detê-la.

A janela acima de nós ainda estava aberta, e a lanterna ardia debilmente. O palácio parecia tranqüilo, envolto no sono da hora do Boi. Ao entrar, quase tropeçamos nos corpos dos guardas que Yuki matara antes. Kenji emitiu um leve ruído de aprovação. Fui à porta entre o corredor e a sala da guarda. Eu sabia que havia quatro dessas pequenas salas ao longo do corredor. A primeira estava aberta e dava para a antecâmara em que eu esperara com Shigeru e onde tínhamos apreciado as pinturas dos grou. As outras três ficavam ocultas por trás das paredes dos aposentos de Iida.

O piso-rouxinol cercava toda a residência e a cortava ao meio, ficando os aposentos dos homens de um lado e os das mulheres de outro. Estava ali, diante de mim, reluzindo ligeiramente à chama da lanterna, mudo.

Agachei-me nas sombras. De muito longe, quase do fim da construção, me chegavam vozes: dois homens, pelo menos, e uma mulher.

Shizuka.

Daí a alguns instantes, percebi que os homens eram Abe e Ando; quanto aos guardas, eu não tinha certeza de seu número, talvez fossem dois com os cavalheiros e cerca de dez escondidos nos compartimentos secretos. Localizei as vozes no último quarto, o de Iida. Provavelmente os cavalheiros estavam lá à sua espera. Mas onde ele estaria? E por que Shizuka estava com eles?

A voz dela era leviana, quase insinuante. A deles parecia cansada, entremeada por bocejos, como se estivessem um pouco embriagados.

— Vou pegar mais vinho — ouvi-a dizer.

— É, parece que vai ser uma longa noite — respondeu Abe.

— Nossa última noite nesta terra é sempre curta demais — retrucou Shizuka, com a voz levemente embargada.

— Não será necessariamente sua última noite, se você souber se comportar — disse Abe, com um forte tom de admiração colorindo sua voz. — Você é uma mulher atraente e tem experiência de vida. Vou dar um jeito de cuidarem bem de você.

— Senhor Abe! — Shizuka riu, baixinho. — Posso confiar no senhor?

— Traga mais vinho que eu lhe mostro o quanto pode confiar em mim.

Ouvi o piso cantar quando ela saiu do quarto e foi andando por ele. Passos mais pesados a acompanharam.

— Vou ver Shigeru dançar mais uma vez. — disse Ando.

— Esperei um ano por isso.

Enquanto eles passavam pelo meio da residência, corri pelo piso, contornando a lateral, e me agachei junto à porta da antecâmara. O piso permanecera mudo sob meus pés. Shizuka passou por mim, e Kenji deu o canto do grilo. Ela desapareceu nas sombras.

Ando entrou na antecâmara e se dirigiu à sala da guarda. Gritou furioso, mandando os homens acordarem, e então Kenji o agarrou como uma tenaz de ferro. Entrei, tirei o capuz e ergui a lanterna, para que ele visse meu rosto.

— Está me vendo? — murmurei. — Sabe quem sou? Sou o garoto de Mino. Isto é por meu povo. E pelo Senhor Otori.

Sua expressão era de impiedade e fúria. Para ele eu não ia usar Jato. Apanhei o garrote e o matei, enquanto Kenji o segurava e Shizuka vigiava.

— Onde está Iida? — perguntei baixinho a Shizuka.

— Com Kaede. No último quarto, no lado das mulheres. Eu cuido de entreter Abe enquanto você vai até lá. Iida está sozinho com ela. Se houver algum problema por aqui, darei um jeito, junto com Kenji.

Mal captei o sentido de suas palavras. Meu sangue, que até então estivera frio, agora se transformara em gelo. Respirei fundo, deixei a escuridão dos Kikuta brotar em mim e me tomar completamente; então saí correndo pelo piso-rouxinol.

Do outro lado, no jardim, ouvia-se o chiado suave da chuva. As rãs coaxavam nos laguinhos e no charco. As mulheres dormiam, respirando fundo. Senti o perfume de flores, da lenha de cipreste dos banhos, o fedor acre das latrinas. Passei pelo piso flutuando, com a leveza de um fantasma. Atrás de mim, avultava-se o castelo; à minha frente, corria o rio. Iida estava à minha espera.

No último quartinho, uma lanterna ardia. As portas de madeira estavam abertas, mas as de papel estavam fechadas; e, contra o brilho alaranjado da lanterna, vi a sombra de uma mulher sentada, imóvel, envolvida por seus cabelos soltos.

Com Jato pronta, abri a porta e entrei de um salto no quarto.

Kaede, com a espada na mão, pôs-se de pé no mesmo instante. Estava coberta de sangue.

Iida jazia de bruços no colchão.

— O melhor é matar um homem e tirar-lhe a espada — disse Kaede. — Foi o que Shizuka recomendou.

Seus olhos estavam dilatados com o choque, e ela tremia. Havia algo de quase sobrenatural naquela cena: a garota jovem e frágil, o homem sólido e poderoso até mesmo na morte, o chiado da chuva, o silêncio da noite.

Larguei Jato no chão. Ela baixou a espada de Iida e veio ao meu encontro.

— Takeo — disse ela, como se estivesse despertando de um sonho. — Ele tentou... eu o matei...

E então caiu nos meus braços. Abracei-a até ela parar de tremer.

— Você está encharcado — murmurou ela. — Não está sentindo frio?

Antes não, mas agora eu tremia quase tanto quanto ela. Iida estava morto, mas eu não o matara. Senti-me frustrado na minha vingança, mas não podia contestar o Destino, que se encarregara dele pelas mãos de Kaede. Eu estava tão decepcionado quanto loucamente aliviado. E estava abraçando Kaede, tal como vinha desejando havia semanas.

Quando penso no que aconteceu depois, só posso achar que estávamos enfeitados, como desde Tsuwano.

— Eu imaginava que fosse morrer esta noite — disse ela.

— E acho que vamos, mesmo — disse eu.

— Mas estaremos juntos — sussurrou ela ao meu ouvido. — Ninguém virá aqui antes do amanhecer.

Sua voz, o contato com ela, tudo me deixou louco de amor e desejo.

— Você me quer? — perguntou ela.

— Bem sabe que sim — e, ainda abraçados, nos ajoelhamos.

— Não tem medo de mim? Do que acontece com os homens por minha causa?

— Não. Para mim, você nunca será perigosa. Está com medo?

— Não — disse ela, com uma espécie de encantamento na voz. — Quero ficar com você antes de morrermos.

Sua boca encontrou a minha. Ela desatou a faixa e seu traje se abriu. Tirei minha roupa molhada e senti a pele que eu tanto desejara. Nossos corpos se precipitaram um sobre o outro com a premência e loucura da juventude.

Depois disso, eu poderia morrer feliz; mas, como o rio, a vida continuou a nos arrastar. Parecia que havia se passado uma eternidade, mas não devem ter sido mais de quinze minutos, pois ouvi o piso cantar com a volta de Shizuka até Abe. No quarto ao nosso lado, uma mulher falou no sono, e depois deu uma risada amarga que me arrepiou os pêlos na nuca.

— O que Ando está fazendo? — perguntou Abe.

— Caiu no sono — respondeu Shizuka, com um risinho. — Não sabe beber como o Senhor Abe.

O líquido gorgolejou, ao ser despejado na tigela. Ouvi Abe engolir. Toquei com os lábios as pálpebras e o cabelo de Kaede.

— Preciso voltar para Kenji — murmurei. — Não posso deixá-lo desprotegido, nem Shizuka.

— Por que não podemos simplesmente morrer juntos agora — disse ela —, enquanto estamos felizes?

— Ele veio por minha causa — respondi. — Se eu puder salvar sua vida, deverei fazê-lo.

— Vou com você — ela se levantou, ligeira, voltou a atar a faixa de seu traje e empunhou a espada. A chama da lanterna tremeluziu, quase se apagando. Ao longe, dos lados da cidade, ouvi o primeiro canto de galo.

— Não. Fique aqui enquanto volto para buscar Kenji. Viremos encontrá-la para fugir pelo jardim. Você sabe nadar?

Ela fez que não.

— Nunca aprendi. Mas há barcos no fosso. Talvez possamos usar um deles.

Vesti de novo minha roupa molhada, estremecendo ao sentir o frio úmido na pele. Quando apanhei Jato, senti a dor no pulso. Um dos golpes da noite decerto o ferira de novo. Eu sabia que precisava levar a cabeça de Iida agora, e pedi a Kaede que lhe esticasse o pescoço segurando-o pelo cabelo. Ela obedeceu, um pouco relutante.

— Por Shigeru — murmurei, enquanto Jato lhe cortava o pescoço. Ele já havia sangrado muito, por isso, o jorro de sangue não foi tão forte. Cortei seu traje e embrulhei a cabeça nele. Era pesada, como a de Shigeru, quando a entreguei a Yuki. Mal podia acreditar que ainda fosse a mesma noite. Deixei a cabeça no chão, abracei Kaede mais uma vez e voltei por onde viera.

Kenji ainda estava na sala da guarda, e eu ouvia os risinhos de Shizuka com Abe.

— A próxima patrulha deve chegar a qualquer instante — murmurou ele. — Vão encontrar os corpos.

— Missão cumprida — disse eu. — Iida está morto.

— Então, vamos embora.

— Preciso acabar com Abe.

— Deixe-o para Shizuka.

— E precisamos levar Kaede conosco. Na penumbra, ele me olhou espantado..

— A Senhorita Shirakawa? Você enlouqueceu? Provavelmente sim. Não lhe dei resposta. Em vez disso, saí andando pelo piso-rouxinol, com passos pesados e resolutos.

O piso gritou imediatamente.

— Quem está aí? — gritou Abe.

Saiu apressado do quarto, com as roupas abertas, a espada em punho. Atrás dele vieram dois guardas, um segurando um archote. À sua luz, Abe me viu e me reconheceu. Sua expressão foi inicialmente de espanto, depois de desdém. Veio na minha direção a passos largos, fazendo o piso cantar alto. Às suas costas, Shizuka investiu contra um dos guardas e lhe cortou o pescoço. O outro virou-se assombrado, deixando cair o archote enquanto sacava a espada.

Abe gritava, pedindo ajuda. Avançou para mim como louco, com a espada enorme na mão. Atacou-me e eu me defendi, mas sua força era descomunal, e meu braço estava enfraquecido pela dor. Abaixei-me para me desviar do seu segundo golpe e fiquei invisível por um instante. Fiquei pasmo com sua ferocidade e perícia.

Kenji estava ao meu lado, mas agora os outros guardas saíram em enxurrada dos seus esconderijos. Shizuka acabou com dois deles. Kenji deixou seu segundo eu debaixo da espada de um e o esfaqueou nas costas. Minha atenção estava totalmente voltada para Abe, que me

empurrava pelo piso-rouxinol para a extremidade da residência. As mulheres tinham acordado e saíram correndo, aos gritos, atrapalhando Abe ao passarem por ele e me dando um tempo para recuperar o fôlego. Eu sabia que conseguiríamos dar conta dos guardas, desde que eu eliminasse Abe. Mas também sabia que ele era muitíssimo mais hábil e experiente que eu.

Ele estava me levando para um canto, onde não haveria espaço para eu lhe escapar. Tornei-me invisível de novo, contudo ele sabia que eu não tinha para onde ir. Quer eu estivesse invisível ou não, sua espada podia me cortar ao meio.

Então, quando parecia que eu estava perdido, ele vacilou e ficou boquiaberto. Olhava horrorizado por cima do meu ombro.

Não acompanhei seu olhar, mas naquele momento de desatenção dei um golpe com Jato de cima para baixo. Meu braço direito não agüentou, e a espada caiu das minhas mãos. Abe cambaleou para a frente, com os miolos saindo pela grande fenda aberta em seu crânio. Esquivei-me de sua frente e, ao me virar, vi Kaede em pé à porta, iluminada por uma lanterna que havia atrás dela. Numa das mãos segurava a espada de Iida; na outra, sua cabeça.

Lado a lado, fomos voltando, abrindo caminho pelo piso-rouxinol. A cada golpe, eu me encolhia de dor. Se eu não tivesse Kaede à minha esquerda, certamente teria morrido.

Diante de meus olhos tudo se turvava e se embaralhava. Achei que a névoa do rio tivesse entrado na residência, mas então ouvi um crepitar e senti cheiro de fumaça. O archote que o guarda deixara cair tinha posto fogo nas divisórias de madeira.

Havia gritos de medo e susto. As mulheres e a criadagem corriam para escapar do incêndio, saindo da residência para o castelo, enquanto os guardas do castelo tentavam passar pelo portão estreito para entrar na residência. Em meio à confusão e à fumaça, nós quatro conseguimos abrir caminho até o jardim.

Àquela altura, a residência estava toda em chamas. Ninguém sabia onde estava Iida, se estava vivo ou morto. Ninguém sabia quem atacara o castelo, supostamente invulnerável. Teriam sido homens ou demônios? Shigeru fora levado embora. Por homens ou anjos?

A chuva diminuiria, no entanto o nevoeiro se tornava mais denso à medida que se aproximava o amanhecer. Shizuka levou-nos pelo jardim até o portão e a escada que descia ao fosso. Os guardas já começavam a subir, encaminhando-se para a residência. Perturbados e confusos como estavam, quase não ofereceram resistência. Foi fácil destrancarmos o portão pelo lado de dentro, e entramos num dos barcos, soltando a corda.

O fosso era ligado ao rio pelo charco que tínhamos atravessado antes. Atrás de nós, o castelo se destacava, lúgubre, em contraste com as chamas. Cinzas flutuavam até nós, caindo em nosso cabelo. O rio estava encapelado, as ondas balançavam o barco de madeira e a correnteza nos arrastava. Era pouco mais que um bote, de fundo chato, e eu temia que ele virasse se as águas se tornassem mais violentas. De repente surgiram à nossa frente os pilares da

ponte. Por um instante, achei que seríamos jogados contra eles, mas o barco passou, com a proa baixa, e o rio continuou a nos carregar, para além da cidade.

Nenhum de nós falava muito. Estávamos todos ofegantes, emocionados por termos chegado tão perto da morte, abatidos talvez pela lembrança daqueles que tínhamos mandado para o outro mundo, porém profundamente alegres por não estarmos entre eles. Pelo menos, era assim que eu me sentia.

Fui à popa do barco e peguei o remo, mas a correnteza era forte demais para eu conseguir vencê-la. Tínhamos de ir aonde ela nos levasse. Ao amanhecer, o nevoeiro tornou-se branco, mas através dele não enxergávamos mais do que quando estava escuro. Além do fulgor das chamas do castelo, tudo o mais havia desaparecido.

No entanto, dei-me conta de um ruído estranho, mais alto que a canção do rio. Era como um imenso zumbido, como se um gigantesco enxame de insetos estivesse se abatendo sobre a cidade.

— Está ouvindo isso? — perguntei a Shizuka. Ela franziu o cenho.

— O que é?

— Não sei.

O sol clareou, dissipando o nevoeiro. O zumbido e a vibração que vinham da margem aumentaram, até que o som se dissolveu em algo que de repente reconheci: as pisadas de milhares de homens e cavalos, o retinir dos arreios, o fragor do aço. Víamos lampejos de cores através dos farrapos esparsos do nevoeiro, os emblemas e estandartes dos clãs ocidentais.

— Arai chegou! — exclamou Shizuka.

Há uma grande quantidade de crônicas sobre a queda de Inuyama, e eu já não participei dela. Portanto, não me cabe descrevê-la aqui.

Eu não esperara sobreviver àquela noite. Não tinha idéia do que fazer depois. Entregara minha vida à Tribo, isso estava claro para mim, no entanto ainda estava em dívida com Shigeru.

Kaede nada sabia da minha barganha com os Kikuta. Se eu fosse Otori, herdeiro de Shigeru, teria o dever de me casar com ela, e de fato não havia nada que eu mais desejasse. Se eu fosse me tornar Kikuta, a Senhorita Shirakawa seria tão inatingível quanto a lua. O que acontecera entre nós parecia um sonho. Quando pensava a respeito, sentia que deveria me envergonhar do que fizera. E assim, como um covarde, tirei o assunto da cabeça.

Fomos primeiro à residência Muto, onde eu estivera escondido. Trocamos de roupa e comemos alguma coisa. Shizuka saiu imediatamente para falar com Arai, deixando Kaede aos cuidados das mulheres da casa.

Eu não queria falar com Kenji nem com ninguém. Queria chegar a Terayama, enterrar Shigeru e pôr a cabeça de Iida no túmulo. Sabia que precisava fazer isso depressa, antes que os Kikuta passassem a me controlar totalmente. Eu tinha consciência de que desobedecera ao mestre da minha família ao voltar ao castelo. Embora eu não tivesse matado Iida, todos suporiam que eu o fizera, contrariando os desejos expressos da Tribo. E eu não o poderia negar sem causar um mal imenso a Kaede. Eu não pretendia desobedecer para sempre. Só precisava de um pouco mais de tempo.

Foi bem fácil escapulir da casa durante a confusão daquele dia. Fui ao alojamento onde ficara com Shigeru. Os proprietários tinham fugido diante do exército de Arai, levando consigo a maior parte dos seus pertences, mas muitas das nossas coisas ainda estavam nos quartos, até mesmo os esboços que eu fizera em Terayama e o escrínio em que Shigeru escrevera sua última carta para mim. Olhei aqueles objetos, com tristeza. O clamor do pesar era cada vez mais forte dentro de mim, exigindo minha atenção. Tinha a impressão de sentir a presença de Shigeru no quarto, de vê-lo sentado à porta aberta enquanto caía a noite e eu não voltava.

Não peguei muita coisa, uma muda de roupa, um pouco de dinheiro, e fui buscar meu cavalo, Raku, na estrebaria. Kyu, o cavalo preto de Shigeru, tinha desaparecido, assim como a maioria dos cavalos dos Otori, mas Raku ainda estava lá, indócil e agitado, enquanto o cheiro de fogo se espalhava pela cidade. Ficou aliviado ao me ver. Selei-o, amarrei ao arção da sela a cesta com a cabeça de Iida e saí cavalgando pela cidade, juntando-me na estrada às multidões de pessoas que fugiam dos exércitos que se aproximavam.

Avancei a toda velocidade, só dormindo um pouco à noite. O tempo tinha melhorado, e o ar estava fresco, já lembrando o clima de outono. A cada dia, as montanhas erguiam-se com contornos nítidos contra o céu azul-brilhante. Algumas árvores já mostravam folhas douradas. A araruta e o trevo de arbusto começavam a florir. Decerto era lindo, mas eu não enxergava beleza em nada. Sabia que precisava refletir sobre o que faria, contudo não suportava contemplar o que já havia feito. Encontrava-me naquela fase do luto em que não se consegue tolerar a idéia de seguir em frente. Só queria voltar, retornar à casa de Hagi, recuar no tempo até a época em que Shigeru estava vivo, antes de partirmos para Inuyama.

Na tarde do quarto dia, logo depois de passar por Kushimoto, notei que os viajantes fluíam pela estrada em sentido oposto a mim

— O que houve lá adiante? — gritei para um lavrador que conduzia uma besta de carga.

— Monges! Guerreiros! — gritou ele em resposta. — Yamagata caiu nas mãos deles. Os Tohan estão fugindo. Dizem que o Senhor Iida morreu!

Dei um sorriso, perguntando-me o que ele faria se visse a medonha bagagem que eu trazia na sela. Eu estava em trajes de viagem, sem nenhum emblema que me identificasse. Ninguém sabia quem eu era, e eu não sabia que meu nome já se tornara famoso.

Pouco depois, ouvi o som de homens armados na estrada, à minha frente, e guiei Raku para dentro da floresta. Não queria perdê-lo, nem me envolver em disputas mesquinhas com os Tohan que batiam em retirada. Eles caminhavam rápido, claramente na esperança de chegar a Inuyama antes que os monges os alcançassem. Mas eu tinha a impressão de que seriam impedidos de prosseguir na passagem por Kushimoto e provavelmente seriam obrigados a se deter lá.

Quase o dia todo continuaram passando dispersamente, enquanto eu seguia para o norte, pela floresta, evitando-os sempre que possível. Apesar disso, duas vezes tive de usar Jato para defender a mim e a meu cavalo. Meu pulso ainda me incomodava; e, quando o sol se pôs, fiquei mais inquieto, não porque temesse por minha segurança, mas por recear que minha missão não se realizasse. Achei que tentar dormir poderia ser perigoso. A luz do luar era intensa, e viajei a noite inteira iluminado por ela. Raku prosseguia em seu passo tranqüilo, uma orelha para a frente, a outra para trás.

Amanheceu, e avistei ao longe o vulto das montanhas que cercavam Terayama. Eu chegaria antes do final do dia. Vi um pequeno lago abaixo da estrada e parei, para que Raku bebesse. O sol subiu, e, com o calor, de repente tive sono. Amarrei o cavalo a uma árvore e tirei a sela para fazê-la de travesseiro. Deitei-me e adormeci na mesma hora.

Fui despertado pela terra que tremia embaixo de mim. Continuei deitado um instante, olhando o jogo de luz e sombra sobre o lago, ouvindo o murmúrio da água e a marcha de centenas de pés que se aproximavam pela estrada. Levantei-me, com a intenção de levar Raku para dentro da floresta, para escondê-lo. Mas, ao levantar os olhos, vi que não se tratava do último contingente dos Tohan. Os homens usavam armadura e portavam armas, mas os estandartes eram dos Otori e do templo em Terayama. Os que não usavam elmos estavam com a cabeça raspada; e, na primeira fileira, reconheci o rapaz que nos mostrara as pinturas.

— Makoto! — gritei, subindo a ribanceira a seu encontro. Ele se voltou para mim, com uma expressão de alegria e espanto no rosto.

— Senhor Otori? É o senhor mesmo? Temíamos que também estivesse morto. Vamos vingar a morte do Senhor Shigeru.

— Estou a caminho de Terayama — disse eu. — Trago a cabeça de Iida para Shigeru, conforme ele me ordenou.

Ele arregalou os olhos.

— Iida já morreu?

— Morreu, e Inuyama foi tomada por Arai. Vocês alcançarão os Tohan em Kushimoto.

— Não quer vir conosco?

Olhei fixamente para ele. Suas palavras não faziam sentido para mim. Minha tarefa estava quase terminada. Precisava saldar minha última dívida com Shigeru, e depois

submergiria no mundo secreto da Tribo. No entanto, era óbvio que Makoto não poderia saber das decisões que eu tomara.

— Você está bem? — perguntou ele. — Não está ferido? Fiz que não.

— Tenho de pôr a cabeça no túmulo de Shigeru.

— Mostre-a para nós! — disse Makoto, com um lampejo no olhar.

Apanhei a cesta e a abri. O cheiro estava se tornando forte, e moscas se juntavam sobre o sangue. A pele cinzenta parecia de cera e os olhos estavam injetados e opacos.

Makoto segurou-a pelo cocuruto, subiu num rochedo ao lado da estrada e a exibiu para os monges, que se aglomeraram ao redor.

— Vejam agora o que o Senhor Otori fez! — gritou ele, e os homens responderam com vivas. Uma onda de emoção percorreu a multidão. Ouvi meu nome repetido muitas vezes enquanto, de início um a um, depois como se fosse pela vontade de uma cabeça única, eles se ajoelharam diante de mim, levando a testa ao chão.

Kenji tinha razão, o povo amava Shigeru: os monges, os lavradores, a maioria dos membros do clã Otori. E, como eu executara a vingança, aquele amor se transferira para mim.

Aquilo pareceu aumentar o fardo sobre meus ombros. Eu não queria essa adulação. Não a merecia, e não tinha condições de me colocar à sua altura. Despedi-me dos monges, desejei-lhes sucesso e segui em frente, levando a cabeça de Iida na cesta.

Não quiseram que eu fosse sozinho, e Makoto me acompanhou. Contou-me que Yuki chegara a Terayama com a cabeça de Shigeru, e que estavam preparando os rituais do sepultamento. Yuki decerto viajara noite e dia para chegar lá tão depressa, e pensei nela com uma gratidão enorme.

Ao entardecer, chegamos ao templo. Sob o comando do velho sacerdote, os monges que permaneciam lá estavam entoando os sutras por Shigeru, e a lápide já estava instalada sobre o local em que a cabeça fora enterrada. Ajoelhei-me e coloquei a cabeça de seu inimigo diante dele. A lua estava quase cheia. À sua luz etérea, as rochas no jardim de Sesshu pareciam homens em prece. O som da queda d'água parecia mais alto que durante o dia. Por trás dele, eu ouvia o suspiro dos cedros ao serem agitados pela brisa noturna. Grilos cantavam e rãs coaxavam nos laguinhos que se formavam abaixo da cascata. Ouvi um bater de asas e vi a tímida coruja passar em vôo rasante pelo cemitério. Logo ela voltaria a migrar. Logo o verão terminaria.

Achei que era um belo lugar para o espírito de Shigeru repousar. Fiquei junto do túmulo por um bom tempo, vertendo lágrimas em silêncio. Ele me dissera que só as crianças choravam. Os homens resistiam, dissera, mas o que me parecia inconcebível era que eu fosse o homem que tomaria seu lugar. Atormentava-me a convicção de que não deveria ter dado o

golpe de misericórdia. Eu o decapitara com sua própria espada. Eu não era seu herdeiro. Era seu assassino.

Senti saudade da casa de Hagi, com sua melodia do rio e do mundo. Queria que ela cantasse aquela melodia para meus filhos. Queria que eles crescessem abrigados por sua delicadeza. Sonhava de olhos abertos com Kaede preparando o chá na sala construída por Shigeru, e nossos filhos tentando vencer o piso-rouxinol. Ao entardecer, apreciaríamos a chegada da garça ao jardim, e depois seu grande vulto cinzento parado na água, pacientemente.

No fundo do jardim, alguém estava tocando flauta. As notas suaves partiam meu coração. Pensei que nunca me recuperaria da minha dor.

Os dias passavam, e eu não conseguia deixar o templo. Sabia que devia tomar uma decisão e ir embora, mas sempre a adiava. Percebia que o velho sacerdote e Makoto estavam preocupados comigo, mas eles me deixavam em paz, só cuidando de mim no aspecto prático, lembrando-me de comer, tomar banho, dormir.

Todos os dias vinha gente rezar junto ao túmulo de Shigeru. No início eram apenas alguns, depois formava-se uma enxurrada de soldados de volta para casa, monges, lavradores e camponeses. Passavam pela lápide em fila, reverentes, prostrando-se diante dela, com o rosto molhado de lágrimas. Shigeru tinha razão: ele era mais poderoso e mais amado depois de morto do que em vida.

— Ele se tornará um deus — previu o velho sacerdote. — Irá juntar-se aos outros no santuário.

Noite após noite, eu sonhava com Shigeru, conforme o tinha visto pela última vez, com as feições rajadas de água e sangue; e, ao acordar com o coração disparado de horror, eu ouvia a flauta. Passei a esperar ansioso pelas notas melancólicas enquanto ficava ali deitado, insone. Para mim sua música era ao mesmo tempo dolorosa e consoladora.

A lua minguou; as noites tornaram-se mais escuras. Pelos monges que voltavam, soubemos da vitória em Kushimoto. A vida no templo começava a se normalizar, os antigos rituais fechando-se como a água sobre a cabeça dos mortos. Chegou então a notícia de que o Senhor Arai, que agora era o senhor da maior parte dos Três Países, estava a caminho de Terayama para prestar homenagem a Shigeru em seu túmulo.

Aquela noite, quando ouvi a melodia da flauta, fui falar com quem a tocava. Conforme eu já suspeitava, era Makoto. Fiquei profundamente emocionado por ele ter cuidado de mim, acompanhando-me na minha tristeza.

Estava sentado junto ao laguinho, onde às vezes, durante o dia, eu o via alimentar as carpas douradas. Ele terminou a frase e pôs a flauta de lado.

— Quando Arai estiver aqui, você terá de tomar uma decisão — disse ele. — O que vai fazer?

Sentei-me a seu lado. O orvalho caía, e as pedras estavam úmidas.

— O que devo fazer?

— Você é o herdeiro de Shigeru. Deve assumir sua herança — fez uma pausa e prosseguiu: — Mas não é tão simples assim, não é mesmo? Há mais uma coisa que o chama.

— Não é exatamente um chamado. É uma ordem. Estou preso a uma obrigação... É difícil explicar..

— Experimente comigo — disse ele.

— Você sabe que minha audição é aguçada. Como a de um cão, conforme você disse certa vez.

— Eu não deveria ter dito isso. Você ficou magoado. Perdoe-me.

— Não, você estava com a razão. Útil para meus donos, você disse. Bem, eu sou útil para meus donos, e eles não são os Otori.

— A Tribo?

— Você sabe algo sobre eles?

— Muito pouco — disse ele. — Nosso abade os mencionou.

Por um instante pensei que ele fosse dizer mais alguma coisa, que estivesse esperando por uma pergunta minha. Mas naquele momento eu não sabia qual a pergunta certa a fazer, e estava muito absorvido por meus pensamentos e por minha necessidade de explicá-los.

— Meu pai pertencia à Tribo, e os talentos que tenho provêm dele. Eles afirmam que lhes pertença, que têm direito a isso. Fizemos um acordo, pelo qual eles me permitiriam salvar o Senhor Shigeru da tortura e, em troca, depois eu me uniria a eles.

— Que direito eles têm de exigir isso, se você é o legítimo herdeiro de Shigeru? — perguntou ele, indignado.

— Se eu tentar escapar, eles me matarão — respondi.

— Acham que têm esse direito e, como fiz o acordo, também acho isso. Minha vida lhes pertence.

— Decerto você fez o acordo sob coação — disse ele.

— Ninguém vai esperar que o cumpra. Você é Otori Takeo. Acho que ainda não se deu conta do quanto se tornou famoso, de tudo o que seu nome representa.

— Eu o matei — disse eu, e, para minha vergonha, minhas lágrimas começaram a escorrer novamente. — Nunca me perdoarei. Não posso assumir seu nome e sua vida. Ele morreu pelas minhas mãos.

— Você lhe deu uma morte honrosa — murmurou Makoto, segurando minhas mãos. — Cumpriu todos os deveres de um filho em relação ao pai. Por toda parte você é admirado e elogiado pelo que fez. E também por matar Iida. É assim que se constituem as lendas.

— Não cumpro todos os deveres — respondi. — Os tios dele tramaram sua morte com Iida e continuam impunes. E ele me encarregou de cuidar da Senhorita Shirakawa, que passou por um sofrimento terrível sem ter nenhuma culpa.

— Na verdade, não seria uma responsabilidade muito pesada — disse ele, com um olhar irônico, e eu senti o sangue subir-me ao rosto. — Percebi as mãos de vocês se tocando — disse ele, e logo conclui: — Percebo tudo sobre vocês dois.

— Quero cumprir a vontade dele, mas não me sinto digno. E, seja como for, estou preso ao meu juramento à Tribo.

— Que você poderia renegar, se quisesse.

Talvez Makoto tivesse razão. Por outro lado, talvez a Tribo não me permitisse viver. E, além disso, eu não podia esconder de mim mesmo: havia algo em mim que me atraía para eles. Lembrava-me constantemente de como Kikuta compreendia minha natureza, e como essa natureza era sensível aos sinistros talentos da Tribo. Eu percebia muito bem as profundas divisões dentro de mim. Queria abrir meu coração para Makoto, mas fazer isso significaria contar-lhe tudo, e eu não podia falar que tinha nascido entre os Ocultos a um monge que era seguidor do Iluminado. Pensei em como eu infringira todos os mandamentos. Tinha matado muitas vezes.

Enquanto conversávamos aos sussurros na penumbra do jardim, o silêncio interrompido apenas pela súbita agitação de um peixe ou pelo pio distante de uma coruja, o sentimento entre nós tornara-se mais intenso. Makoto agora me puxou e me abraçou forte.

— Seja o que for que você escolha, precisa deixar para trás a tristeza — disse ele. — Você fez o melhor que pôde.

Shigeru teria tido orgulho de você. Agora você precisa se perdoar e sentir orgulho de si mesmo.

Suas palavras afetuosas, seu carinho fizeram-me verter lágrimas outra vez. Através das suas mãos, senti meu corpo voltar à vida. Ele me recolheu do abismo e me fez querer voltar a viver. Depois, dormi um sono profundo e não sonhei.

Arai chegou com alguns escudeiros e cerca de vinte homens, deixando o grosso do exército no leste para manter a paz. Pretendia seguir viagem e consolidar as fronteiras antes da chegada do inverno. Nunca tinha sido paciente; agora era compelido. Era mais novo que

Shigeru, devia estar com uns vinte e seis anos, no apogeu da virilidade, homem imenso, de temperamento explosivo e vontade de ferro. Eu não o queria como inimigo, e ele não disfarçava seu desejo de que eu fosse seu aliado nem sua disposição de me apoiar contra os senhores Otori. Além disso, Arai já tinha decidido que eu deveria me casar com Kaede.

Arai trouxera Kaede junto com ele, pois os costumes ditavam que ela deveria visitar o túmulo de Shigeru. Ele achava que nós dois deveríamos ficar no templo enquanto eram tomadas as providências para o casamento. Naturalmente Shizuka a acompanhava, e encontrou uma oportunidade para falar comigo em particular.

— Eu sabia que o encontraríamos aqui — disse ela. — Os Kikuta estão furiosos, mas meu tio os convenceu a lhe dar um pouco mais de liberdade de ação. No entanto, seu tempo está se esgotando.

— Estou pronto para ir até eles — respondi.

— Virão apanhá-lo hoje à noite.

— E a Senhorita Shirakawa sabe?

— Tentei avisá-la e tentei avisar Arai. — a voz de Shizuka era carregada de frustração.

É que Arai tinha planos muito diferentes.

— Você é o legítimo herdeiro de Shigeru — disse Arai, quando estávamos sentados na sala de hóspedes do templo, depois que ele prestara homenagem a Shigeru, em seu túmulo. — É perfeitamente conveniente que você se case com a Senhorita Shirakawa. Garantiremos Maruyama para ela e depois voltaremos a atenção para os Otori, na próxima primavera. Preciso de um aliado em Hagi — ele examinava meu rosto atentamente. — Não me incomode de lhe dizer que sua reputação o torna um aliado desejável.

— O Senhor Arai é muito generoso — respondi. — Existem, porém, outras considerações que podem me impedir de atender aos seus desejos.

— Não seja tolo — disse ele, sem rodeios. — Creio que meus desejos e os seus combinam muito bem.

Minha cabeça tinha se esvaziado, todos os meus pensamentos tinham levantado vôo, como os pássaros de Sesshu. Eu sabia que Shizuka estava ouvindo lá fora. Arai fora aliado de Shigeru; ele protegera Kaede; e agora conquistara a maior parte dos Três Países. Se havia alguém a quem eu devia lealdade, esse alguém era ele. Achei que não poderia simplesmente desaparecer sem lhe dar alguma explicação.

— Tudo o que consegui foi com o auxílio da Tribo — disse eu, devagar.

Um lampejo de raiva passou pelo seu rosto, mas ele não falou.

— Fiz um pacto com eles e, para cumprir minha parte, preciso renunciar ao nome Otori e acompanhá-los.

— Quem é a Tribo? — explodiu ele. — Para qualquer lado que eu me volte, dou com um deles. São como ratos no celeiro. Até os que me são mais próximos...!

— Não poderíamos ter derrotado Iida sem a ajuda deles — disse eu.

Ele balançou a cabeçorra e deu um suspiro.

— Não quero mais ouvir falar dessa tolice. Você foi adotado por Shigeru, você é Otori e vai se casar com a Senhorita Shirakawa. É uma ordem minha.

— Senhor Arai — fiz uma reverência até o chão, com plena consciência de que não poderia lhe obedecer.

Depois de visitar o túmulo, Kaede voltara ao alojamento das mulheres, sem que eu tivesse oportunidade de falar com ela. Ansiava por vê-la, mas também temia o encontro. Tinha medo de seu poder sobre mim, e do meu sobre ela. Receava feri-la e, o que era pior, receava não ousar feri-la. Naquela noite, sem conseguir dormir, fui de novo sentar no jardim, ansiando pelo silêncio mas sempre à escuta. Eu sabia que iria com Kikuta quando ele viesse me buscar, contudo não conseguia me livrar da imagem e da lembrança de Kaede, da visão dela ao lado do corpo de Iida, do toque da sua pele na minha, da sua fragilidade quando eu a penetrara. A idéia de nunca mais ter aquela sensação doía tanto que sufocava meus pulmões.

Ouvi passos suaves de mulher. Shizuka pôs a mão no meu ombro, aquela mão tão parecida com a minha, e sussurrou:

— A Senhorita Shirakawa deseja vê-lo.

— Não devo — respondi.

— Eles estarão aqui antes do amanhecer — disse Shizuka. — Já contei a ela que eles nunca desistirão do direito ao senhor. Na realidade, por causa da sua desobediência em Inuyama, o mestre já decidiu que, se não os acompanhar hoje, o senhor morrerá. Ela quer se despedir.

Eu a acompanhei. Kaede estava sentada na outra extremidade da varanda, com a silhueta levemente iluminada pela lua que se punha. Achei que reconheceria sua silhueta em qualquer lugar: a forma da cabeça, a disposição dos ombros, o movimento característico quando voltou o rosto para mim.

O luar refletia-se em seus olhos, tornando-os semelhantes a lagos da água escura da montanha quando a neve cobre a terra e o mundo se torna todo branco e cinza. Ajoelhei-me diante dela. A madeira prateada tinha o cheiro da floresta e do santuário, de seiva e incenso.

— Shizuka diz que você precisa me abandonar, que não podemos nos casar — sua voz estava baixa e desconcertada.

— A Tribo não me permitirá levar essa vida. Não sou... nunca poderei ser... um senhor do clã Otori.

— Mas Arai irá protegê-lo. É o que ele quer. Nada deverá nos atrapalhar.

— Fiz um acordo com o homem que é o mestre da minha família — disse eu. — A partir de agora, minha vida pertence a ele.

Naquele momento, no silêncio da noite, pensei em meu pai, que tentara escapar ao destino sangrento e fora assassinado por isso. Eu achava que minha tristeza não poderia ser mais profunda, no entanto aquela lembrança ajudou a aprofundá-la ainda mais.

— Em oito anos como refém — disse Kaede —, nunca pedi nada a ninguém. Iida Sadamu ordenou-me que eu me matasse. Não lhe fiz súplicas. Ele ia me estuprar. Não imploréi misericórdia. Mas estou lhe pedindo agora: não me deixe. Estou lhe implorando que se case comigo. Nunca mais pedirei nada a ninguém.

Ela se jogou ao chão diante de mim, com o cabelo e os trajes tocando o piso com um farfalhar de seda. Eu sentia seu perfume. Seu cabelo estava tão perto de mim que me roçava nas mãos.

— Tenho medo — murmurou ela. — Tenho medo de mim mesma. Só me sinto segura com você.

Era mais doloroso do que eu previra. E o pior era saber que, se ao menos pudéssemos nos deitar juntos, de corpo colado, toda a dor desapareceria.

— A Tribo irá me matar — disse eu, afinal.

— Há coisas piores que a morte! Se matarem você, vou me suicidar e acompanhá-lo — ela tomou minhas mãos e se inclinou para mim. Seus olhos estavam inflamados, suas mãos, secas e quentes; ela tinha os ossos frágeis como os de um passarinho. Eu sentia-lhe o sangue correr por baixo da pele. — Já que não podemos viver juntos, deveríamos morrer juntos.

Havia premência e emoção na sua voz. De repente o ar da noite pareceu gelado. Em canções e aventuras romanescas, casais morriam juntos por amor. Lembrei-me das palavras de Kenji a Shigeru: "Você é apaixonado pela morte, como toda a sua classe." Kaede era da mesma classe, da mesma origem, mas eu não. Eu não queria morrer. Ainda não tinha dezoito anos.

Meu silêncio lhe bastou como resposta. Seus olhos esquadrihavam meu rosto.

— Nunca vou amar ninguém senão você — disse ela. Parecia que nunca tínhamos olhado de frente um para o outro. Nossos olhares tinham sempre sido furtivos e dissimulados.

Agora que estávamos nos despedindo, podíamos olhar fundo nos olhos um do outro, sem recato ou vergonha. Eu podia sentir sua dor e seu desespero. Queria abrandar seu sofrimento, mas não podia fazer o que ela me pedia. Do meio da minha confusão, enquanto eu lhe segurava as mãos e mergulhava fundo nos seus olhos, brotou como que uma força. Seu olhar se tornou mais expressivo, como se ela estivesse se afogando. E então ela deu um suspiro e fechou os olhos. Seu corpo oscilou. Shizuka saltou à frente, saindo das sombras, e a segurou. Juntos nós a deitamos com cuidado no chão. Estava num sono profundo, como eu estivera sob o efeito do olhar de Kikuta no quarto secreto.

Estremeci, sentindo de repente um frio terrível.

— Não devia ter feito isso — murmurou Shizuka.

Eu sabia que minha prima tinha razão.

— Não foi de propósito — disse eu. — Nunca fiz isso com um ser humano. Só com cachorros.

Ela me deu um tapa no braço.

— Vá com os Kikuta. Veja se aprende a controlar seus dons. Talvez lá você amadureça.

— Ela vai voltar ao normal?

— Não sei nada sobre esses assuntos de Kikuta — respondeu Shizuka.

— Eu dormi vinte e quatro horas.

— Quem o fez dormir devia saber o que estava fazendo — retrucou ela.

De muito longe, da trilha da montanha, ouvi pessoas que se aproximavam: dois homens caminhando sem ruído, mas não o suficiente para que eu não ouvisse.

— Estão chegando — disse eu.

Shizuka ajoelhou-se ao lado de Kaede e a levantou sem grande esforço.

— Até a vista, primo — disse ela, ainda com raiva na voz.

— Shizuka — comecei a falar, enquanto ela caminhava para o quarto. Ela parou por um instante, mas não se voltou.

— Meu cavalo, Raku, você cuida para que a Senhorita Shirakawa fique com ele? — eu não tinha mais nada para dar a ela.

Shizuka fez que sim e entrou na sombra, fora do alcance da minha visão. Ouvi a porta correr, seus passos na esteira, o leve estalido do piso quando ela deitou Kaede.

Voltei ao meu quarto e recolhi meus pertences. No fundo, eu não possuía nada: a carta de Shigeru, meu punhal e Jato. Então fui até o templo, onde encontrei Makoto ajoelhado, em meditação. Toquei em seu ombro, e ele se levantou para vir para fora comigo.

— Estou indo embora — murmurei. — Só conte às pessoas depois que amanhecer.

— Você poderia ficar aqui.

— Não é possível.

— Então volte quando puder. Temos como escondê-lo. Há muitos locais secretos nas montanhas. Ninguém jamais o encontraria.

— Talvez um dia eu precise disso — respondi. — Quero que guarde esta espada para mim.

Ele pegou Jato.

— Agora sei que você voltará — ele estendeu a mão e desenhou o contorno da minha boca, a aresta do osso abaixo da face, minha nuca.

Eu estava zozzo de falta de sono, de tristeza e desejo. Queria me deitar e ser abraçado por alguém, mas os passos agora atravessavam o cascalho.

— Quem está aí? — perguntou Makoto, dando meia-volta, com a espada em riste. — Devo despertar o templo?

— Não! São as pessoas com quem preciso ir. O Senhor Arai não pode saber.

Os dois, meu ex-professor Muto Kenji e o mestre Kikuta, esperavam ao luar. Vestiam trajes de viagem, comuns, pareciam pobres, talvez dois irmãos, eruditos ou comerciantes fracassados. Era preciso conhecê-los como eu para notar a postura alerta, o rígido contorno da musculatura que denunciava sua enorme força física, os olhos e ouvidos que nada deixavam passar, a extrema inteligência que fazia comandantes guerreiros como Iida e Arai parecerem desajeitados e rudes.

Joguei-me ao chão diante do mestre Kikuta e toquei a terra com a cabeça.

— Levante-se, Takeo — disse ele. E, para minha surpresa, tanto ele como Kenji me abraçaram.

Makoto apertou-me as mãos.

— Adeus. Sei que nos veremos outra vez. Nossas vidas estão entrelaçadas.

— Mostre-me o túmulo do Senhor Shigeru — disse-me Kikuta, com delicadeza, daquele jeito que eu lembrava, o jeito de alguém que compreendia minha verdadeira natureza.

"Se não fosse você, ele não estaria ali", pensei, mas não falei. Na paz da noite, eu começava a aceitar que o destino de Shigeru era morrer como morreu, assim como agora seu destino era tornar-se um deus, um herói para muita gente, que viria ao santuário rezar diante dele, pedir sua ajuda, por séculos a fio... enquanto Terayama existisse, talvez para sempre.

Ficamos ali parados, cabisbaixos, diante da lápide recém-gravada. Quem sabe o que Kenji e Kikuta diziam em seu íntimo? Pedi perdão a Shigeru, agradeci-lhe novamente por ter salvado minha vida em Mino e me despedi dele. Tive a impressão de ouvir sua voz e ver seu sorriso franco.

O vento agitava os velhos cedros. Os insetos noturnos mantinham sua música insistente. Pensei que sempre seria assim, um verão após o outro, um inverno após o outro, a lua mergulhando no oeste, devolvendo a noite às estrelas. E estas, dentro de uma hora ou duas, entregando as trevas ao brilho do sol.

O sol passaria sobre as montanhas, puxando atrás de si as sombras dos cedros, até descer novamente pela borda dos morros. Assim seguia o mundo, e a humanidade vivia nele da melhor maneira possível, entre a escuridão e a luz.



CLÀ
OTORI



CLÀ
MARUYAMA



CLÀ
SEISHŪ



CLÀ
SHIRAKAWA



CLÀ
TOHAN

Agradecimentos

As personagens principais, Takeo e Kaede, surgiram em minha cabeça na minha primeira viagem ao Japão, em 1993. Muitas pessoas ajudaram a pesquisar e a desenvolver sua história. Gostaria de agradecer à Asialink Foundation, que me concedeu em 1999 uma bolsa para passar três meses no Japão, ao Conselho da Austrália, ao Ministério do Comércio e Relações Exteriores e à embaixada australiana em Tóquio, bem como ao ArtsSA, Departamento das Artes do Governo do Sul da Austrália. No Japão, tive o patrocínio da Aldeia de Artes Internacionais Akiyoshidai da Prefeitura de Yamaguchi, cuja equipe me forneceu auxílio inestimável no estudo da paisagem e da história de Honshuu Ocidental. Gostaria de agradecer especialmente ao sr. Kori Yoshinori, à sra. Matsunaga Yayoi e à sra. Matsubara Manami. Minha particular gratidão à sra. Tokorigi Masako, por me mostrar os jardins e pinturas de Sesshu, bem como a seu marido, prof. Tokorigi Miki, pelas informações sobre cavalos no período medieval.

O tempo que passei no Japão com duas companhias teatrais forneceu-me muitas revelações — profundos agradecimentos à Kazenoko em Tóquio e Kyushuu, e à Gekidan Urinko em Nagóia, bem como à sra. Kimura Miyo, maravilhosa companheira de viagem que me levou a Kanazawa e a Nakasendo e respondeu a inúmeras perguntas minhas sobre língua e literatura.

Agradeço ao sr. Mogi Masaru e à sra. Mogi Akiko por sua ajuda nas pesquisas, suas sugestões para nomes e, acima de tudo, sua constante amizade.

Na Austrália, gostaria de agradecer a minhas duas professoras de japonês, sra. Thuy Coombes e sra. Etsuko Wilson, a Simon Higgins que me fez algumas sugestões inestimáveis, a minha agente, Jenny Darling, a meu filho Matt, primeiro leitor dos três livros, e aos outros membros da minha família, por tolerarem e também compartilharem minhas obsessões.

Gostaria também de registrar meu reconhecimento aos *insights* e aos profundos conhecimentos do arquivo da história dos samurais na *World wide web* bem como aos integrantes dos grupos de discussão.

A caligrafia foi desenhada para mim pelas sras. Sugiyama Kazuko e Etsuko Wilson. Sou-lhes imensamente grata.

O Autor

LIAN HEARN

Lian Hearn estudou línguas modernas na Oxford University e trabalhou como crítica de cinema e editora de arte em Londres, antes de fixar residência na Austrália.

Seu interesse constante pelo Japão a levou a fazer muitas viagens a esse país e a estudar o idioma japonês, culminando na criação de A saga Otori.

CAPA Rex Design, feita a partir de imagem cedida por Macmillan Children's Books. London.

Multibrasil Download - www.multibrasil.net